

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DA ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Neide Maria Carlos

A IMAGEM DA ATLETA FEMININA COM DEFICIÊNCIA PELO OLHAR
DA IMPRENSA BRASILEIRA NOS JOGOS PARALÍMPICOS RIO 2016

Bauru

2021

NEIDE MARIA CARLOS

A IMAGEM DA ATLETA FEMININA COM DEFICIÊNCIA PELO OLHAR
DA IMPRENSA BRASILEIRA NOS JOGOS PARALÍMPICOS RIO 2016

Tese de doutorado apresentada ao Programa de pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Bauru, como exigência parcial à obtenção do Título de Doutora em Comunicação, sob a orientação do Professor Doutor José Carlos Marques

Bauru

2021

C284i Carlos, Neide Maria
A IMAGEM DA ATLETA FEMININA COM
DEFICIÊNCIA PELO OLHAR DA IMPRENSA
BRASILEIRA NOS JOGOS PARALÍMPICOS RIO 2016
/ Neide Maria Carlos. -- Bauru, 2021
216 p. : tabs., fotos

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e
Design, Bauru
Orientadora: José Carlos Marques

1. fotojornalismo. 2. comunicação. 3. parolimpiadas. 4.
mulher. 5. fotografia. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. Dados
fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE NEIDE MARIA CARLOS, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 21 dias do mês de julho do ano de 2021, às 14:30 horas, via sistemas de videoconferência e outras ferramentas para comunicação a distância, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de NEIDE MARIA CARLOS, intitulada **A imagem da atleta feminina com deficiência pelo olhar da imprensa brasileira nos Jogos Paralímpicos Rio 2016**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Professor Associado JOSÉ CARLOS MARQUES (Orientador - Participação Virtual) do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação / Universidade Estadual Paulista, Professora Doutora CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO (Participação Virtual) do Departamento de Ciências Humanas / Unesp, Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru, Professor Associado MARCELO MAGALHAES BULHOES (Participação Virtual) do Departamento de Ciências Humanas / UNESP/Bauru, Professora Associada SILVANA APARECIDA MARIANO (Participação Virtual) do Departamento de Ciências Sociais / Universidade Estadual de Londrina, Professora Doutora TATIANE HILGEMBERG FIGUEIREDO (Participação Virtual) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação / Universidade Federal de Roraima. Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma virtual, a discente recebeu o conceito final APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo Presidente da Comissão Examinadora.

Professor Associado JOSÉ CARLOS MARQUES

CARLOS, Neide Maria Carlos. **A imagem da atleta feminina com deficiência pelo olhar da imprensa brasileira nos Jogos Paralímpicos Rio 2016**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, campus Bauru, como exigência parcial à obtenção do título de doutora em Comunicação, na área de Concentração em Comunicação Midiática, linha de pesquisa Produção de Sentido, sob orientação do Prof. Dr. José Carlos Marques.

Área de Concentração: Comunicação

Linha de Pesquisa: Produção de Sentido na Comunicação Midiática

Banca Examinadora:

Presidente/Orientador: Prof. Dr. José Carlos Marques

Instituição: Unesp Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

Prof. Dra. Caroline Kraus Luvizotto

Instituição: Unesp Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

Prof. Dra. Silvana Aparecida Mariano

Instituição: Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Marcelo Magalhães Bulhões

Instituição: Unesp Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

Prof. Dra. Tatiane Hilgemberg Figueiredo

Instituição: Universidade Federal de Roraima

Dedico a todos os professores que fazem parte da minha história.

AGRADECIMENTO ESPECIAL ÀS INSTITUIÇÕES

Universidade Estadual Paulista (Unesp) pelo acolhimento e confiança nessa longa jornada.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo
financiamento necessário à minha pesquisa e a tantas outras.

À Fundación Carolina pelo apoio humanizado que me ofereceram durante a minha estada na
Universidad de Granada. A Fundação é uma instituição que fomenta a pesquisa e coloca o ser
humano em primeiro lugar. Exemplo a ser seguido.

À Universidad de Granada pela acolhida em um momento de incerteza internacional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar por ter me conduzido até aqui, mesmo eu não sabendo onde poderia chegar.

Agradeço a minha família pelo suporte essencial. Minha mãe, minhas irmãs Nelma e Claudia por estarem sempre presentes. E aos meus sobrinhos especialmente por serem as pessoas mais especiais da minha vida e acreditarem tanto em mim.

Ao meu orientador José Carlos Marques por todo apoio, paciência e confiança no meu trabalho durante esses 8 anos de orientação.

Aos colegas Luís Enrique Cazani e Daniele Seridório pelo companheirismo nessa jornada.

Aos meus amigos que nunca deixaram de me incentivar.

Às amigas Marta Cafeo e Roberta Brondani por compartilharem com afeto de tantos momentos de incertezas e dúvidas.

Às professoras Eliza Casadei e Silvana Mariano por trazerem contribuições importantes para o meu trabalho de pesquisa.

À professora Caroline Kraus Luvizotto pela oportunidade e confiança na minha experiência com a docência.

À professora Ana Muñoz por ter me recebido em Granada e ter oferecido toda ajuda e apoio.

Aos amigos Silvio Decimone e Helder Gelonezi por sempre oferecerem o suporte necessário, por torcerem por nós alunos e tornarem essa jornada mais humanizada.

Ao professor Marcelo Bulhões que foi o primeiro a se dispor a me receber na Unesp. E que, com atenção e profissionalismo, me ajudou a descobrir possíveis caminhos para a pesquisa.

À professora Alexandra Bujokas de Siqueira, minha primeira orientadora.

Aos meus colegas do Jornal da Cidade por terem compartilhado 8 anos de trabalho e terem contribuído na minha formação como fotógrafa. O trabalho com o fotojornalismo foi um dos fatores que me trouxeram por esse caminho.

CARLOS, Neide Maria Carlos. **A imagem da atleta feminina com deficiência pelo olhar da imprensa brasileira nos Jogos Paralímpicos Rio 2016**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, campus Bauru, como exigência parcial à obtenção do título de doutora em Comunicação, na área de Concentração em Comunicação Midiática, linha de pesquisa Produção de Sentido, sob orientação do Prof. Dr. José Carlos Marques.

Resumo

Buscando revelar o olhar da comunicação sobre a questão da mulher com deficiência e sua participação no esporte adaptado de alto rendimento, esta pesquisa analisa a representação imagética da mulher paratleta veiculada por três jornais brasileiros durante os Jogos Paralímpicos de 2016, os quais tiveram lugar na cidade do Rio de Janeiro entre os dias 7 e 18 de setembro de 2016. A partir dos conceitos de interdiscursividade e intericonicidade buscamos analisar fotografias veiculadas por jornais brasileiros. Nosso ponto de observação são as representações fotográficas fornecidas pelos jornais O Estado de S. Paulo, Folha de São Paulo e O Globo. A partir de conceitos sobre fotografia, corpo, estudos de gênero e discurso jornalístico, pretendemos conduzir a discussão em torno da problemática que envolve as representações sobre a mulher, a questão do corpo na comunicação e, especialmente, do corpo com deficiência – além dos significados implicados no esporte paralímpico. Nossa questão central é analisar como são representadas as atletas paralímpicas nas questões de visibilidade como atleta, mulher e pessoa com deficiência. Considerando que estamos lidando com mais de um fator discriminatório, o modelo de articulação teórico que adotamos admite a interseccionalidade como forma para o entrecruzamento de diferentes eixos de opressão. Já nosso modelo analítico recorre a definições propostas pela Análise do Discurso em autores como Dominique Mainguénau, Patrick Charaudeau e Jean-Jacques Coutirne que trazem definições sobre as características dos discursos e da interdiscursividade dos textos e das imagens. Os discursos midiáticos são capazes de mover barreiras impostas às mulheres atletas do esporte adaptado, podendo influenciar opiniões e romper o senso comum responsável pela manutenção de estereótipos e formas discriminatórias.

Palavras-chave: fotojornalismo; comunicação; paralimpíadas; mulher; fotografia.

Abstract

Seeking to reveal the communication perspective on the issue of women with disabilities and their participation in high performance adapted sport, this research analyzes the imagery representation of the para-athlete woman published by three Brazilian newspapers during the 2016 Paralympic Games, which took place in the city of Rio de Janeiro between September 7th and 18th, 2016. From the concepts of interdiscursivity and intericonicity, we analyzed the photographs published in Brazilian newspapers. Our point of observation is the photographic representations provided by the newspapers O Estado de S. Paulo, Folha de São Paulo and O Globo. Based on concepts about photography, the body, gender studies and journalistic discourse, we intend to conduct the discussion around the issue that involves representations about women, the issue of the body in communication and, especially, the body with a disability - in addition to the meanings involved in Paralympic sport. Our central issue is to analyze how Paralympic women athletes are represented in terms of visibility as an athlete, woman and person with a disability. Considering that we are dealing with more than one discriminatory factor, the theoretical articulation model that we have adopted admits intersectionality as a way to intertwine different axes of oppression. Our analytical model, on the other hand, uses definitions proposed by Discourse Analysis in authors such as Dominique Mainguenu, Patrick Charaudeau and Jean-Jacques Coutirne, who bring definitions about the characteristics of discourses and the interdiscursiveness of texts and images. Media discourses are capable of moving barriers imposed on women athletes in the adapted sport, being able to influence opinions and break the common sense responsible for maintaining stereotypes and discriminatory forms.

Keywords: photojournalism; Communication; paralympics; women; photography.

SUMÁRIO

Resumo.....	09
Introdução.....	18
1. O ESPORTE PARALÍMPICO.....	27
2. CONSTRUÇÃO DO REFERENCIAL TEÓRICO.....	40
3. IMPRENSA, DISCURSO E ESPORTE.....	54
3.1. Imprensa e Esporte Paralímpico.....	55
3.2. Possíveis sentidos do Esporte.....	59
4. PROCESSOS DE EXCLUSÃO.....	64
4.1 Pessoa com deficiência.....	65
4.2. Mulher e sociedade.....	73
4.3. Representatividade e representações da Mulher no Esporte.....	91
5. QUESTÕES DO CORPO.....	108
5.1. Sociologia do corpo.....	109
5.2. Corpo e comunicação.....	114
6. A IMAGEM NO FOTOJORNALISMO.....	122
6.1. Conflitos éticos do fotojornalismo.....	123
6.2. A Imagem na fotografia de imprensa.....	128
6.3. A “gramática” do Discurso Fotojornalístico.....	134
7. ANÁLISE DO CORPUS.....	137
CONCLUSÕES	199
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	204

Lista de Figuras

Figura 1. Imagem da primeira edição dos Jogos Paraolímpicos, em Roma-1960. Foto: International Paralympic Committee (IPC).....	29
Figura 2. Cartaz de divulgação Jogos de Nova York 1984 - Fonte: National Paralympic Heritage.....	32
Figura 3. Cartaz de divulgação Jogos de Stoke Mandeville 1984 - Fonte: National Paralympic Heritage.....	32
Figura 4. Quadro do IBGE “Porcentagem da população, por tipo e grau de deficiência (Brasil 2010).....	68
Figura 5. Quadro do IBGE “Os índices gerais das pessoas com deficiência.....	70
Figura 6. Quadro CPB - Delegações brasileiras em números de homens e mulheres nos Jogos Paralímpicos de 1972 a 2016.....	91
Figura 7. Página do jornal <i>O Globo</i> , edição de 11 de setembro de 2016.....	93
Figura 8. Matéria do Portal <i>Lance!</i> , veiculada em 26/08/2016.....	100
Figura 9. Matéria do portal <i>Lance!</i> , veiculada em 12/09/2016.....	100
Figura 10. Detalhe de capa do jornal <i>O Globo</i> , edição de 8 de setembro de 2016.....	104
Figura 11. Gisele Bündchen na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016, segundo o no <i>Portal E!</i>	105
Figura 12. Portal <i>Ego</i> , imagem de Andy Parry em matéria sobre a abertura dos Jogos Paralímpicos 2016.....	106
Figura 13. Imagem do atleta Ntando Mahlangu, extraída do documentário <i>Rising Phoenix</i> (2020).....	117
Figura 14. Imagem da atleta Beatrice "Bebe" Vio, extraída do documentário <i>Rising Phoenix</i> (2020).....	117
Figura 15. Página 4 do caderno especial do <i>O Globo</i> - Edição de 07 de setembro de 2016.....	140
Figura 16. Página 5 do caderno especial do <i>O Globo</i> - Edição de 07 de setembro de 2016.....	140
Figura 17. Página 8 do caderno especial do <i>O Globo</i> - Edição de 07 de setembro de 2016.....	140

Figura 18. Página 37 do caderno especial do <i>O Globo</i> - Edição de 07 de setembro de 2016.....	140
Figura 19. Capa do caderno especial do <i>O Globo</i> - Edição de 07 de setembro de 2016.....	140
Figura 20. Capa do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 08 de setembro de 2016.....	143
Figura 21. Página 2 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 09 de setembro de 2016.....	144
Figura 22. Página 3 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 09 de setembro de 2016.....	144
Figura 23. Página 6 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 09 de setembro de 2016.....	144
Figura 24. Capa do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 10 de setembro de 2016.....	146
Figura 25. Página 3 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 10 de setembro de 2016.....	146
Figura 26. Página 4 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 10 de setembro de 2016.....	146
Figura 27. Página 6 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 10 de setembro de 2016.....	146
Figura 28. Capa do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 11 de setembro de 2016.....	149
Figura 29. Página 2 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 11 de setembro de 2016.....	149
Figura 30. Página 3 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 11 de setembro de 2016.....	149
Figura 31. Página 6 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 11 de setembro de 2016.....	149
Figura 32. Página 2 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 12 de setembro de 2016.....	152
Figura 33. Página 5 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 12 de setembro de 2016.....	152
Figura 34. Página 6 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 12 de setembro de 2016.....	152

Figura 35. Página 6 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 13 de setembro de 2016.....	154
Figura 36. Capa do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 14 de setembro de 2016.....	156
Figura 37. Página 3 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 14 de setembro de 2016.....	156
Figura 38. Página 6 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 14 de setembro de 2016.....	156
Figura 39. Capa do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 15 de setembro de 2016.....	159
Figura 40. Página 2 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 15 de setembro de 2016.....	159
Figura 41. Página 3 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 15 de setembro de 2016.....	159
Figura 42. Página 5 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 15 de setembro de 2016.....	159
Figura 43. Página 6 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 15 de setembro de 2016.....	159
Figura 44. Página 6 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 16 de setembro de 2016.....	164
Figura 45. Capa do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 17 de setembro de 2016.....	165
Figura 46. Página 1 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 17 de setembro de 2016.....	165
Figura 47. Página 2 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 17 de setembro de 2016.....	165
Figura 48. Página 5 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 18 de setembro de 2016.....	167
Figura 49. Página 3 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 19 de setembro de 2016.....	168
Figura 50. Página 4 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 19 de setembro de 2016.....	168
Figura 51. Página 1 do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> - Edição de 08 de setembro de 2016.....	171

Figura 52. Página B12 do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> - Edição de 09 de setembro de 2016.....	172
Figura 53. Página B11 do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> - Edição de 10 de setembro de 2016.....	173
Figura 54. Página B12 do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> - Edição de 11 de setembro de 2016.....	175
Figura 55. Página B11 do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> - Edição de 13 de setembro de 2016.....	176
Figura 56. Página 4 do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> - Edição de 14 de setembro de 2016.....	178
Figura 57. Página B11 do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> - Edição de 15 de setembro de 2016.....	179
Figura 58. Capa do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> - Edição de 17 de setembro de 2016.....	181
Figura 59. Página B13 do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> - Edição de 17 de setembro de 2016.....	181
Figura 60. Página B14 do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> - Edição de 17 de setembro de 2016.....	181
Figura 61. Página 2 do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> - Edição de 19 de setembro de 2016.....	183
Figura 62. Página 3 do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> - Edição de 19 de setembro de 2016.....	183
Figura 63. Página 4 do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> - Edição de 19 de setembro de 2016.....	183
Figura 64. Capa do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> - Edição de 11 de setembro de 2016.....	186
Figura 65. Jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> - Página D6, Edição de 12 de setembro de 2016.....	187
Figura 66. Jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> - Página A18, Edição de 13 de setembro de 2016.....	189
Figura 67. Jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> - Página A19, Edição de 13 de setembro de 2016.....	189
Figura 68. Jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> - Página A22, Edição de 15 de setembro de 2016.....	190

Figura 69. Jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> – Página, A21, Edição de 16 de setembro de 2016.....	192
Figura 70. Jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> - Página A22, Edição de 16 de setembro de 2016.....	192
Figura 71. Capa do Jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> - Edição de 17 de setembro de 2016.....	193
Figura 72. Jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> - Página A23, Edição de 17 de setembro de 2016.....	193
Figura 73. Capa do Jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> - Edição de 18 de setembro de 2016.....	195
Figuras 74. Jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> - Páginas D4 Edição de 18 de setembro de 2016	195
Figura 75. Jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> - Páginas D5, Edição de 18 de setembro de 2016.....	195
Figura 76. Jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> - Página D1, edição de 19 de setembro de 2016.....	197

Lista de Quadros

Quadro 1. Edições jornais <i>Folha de S.Paulo</i> , <i>Estado de S.Paulo</i> e <i>O Globo</i> na cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio 2016.....	18
Quadro 2. Número de atletas participantes dos Jogos Paralímpicos de verão, de 1960 a 2016, segundo o Comitê Paralímpico Internacional.....	30
Quadro 3. Dados da participação de atletas, países, voluntários e público presencial nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016.....	34
Quadro 4. Quadro sobre o número de circulação dos três jornais que compõem nosso corpus <i>Folha de S.Paulo</i> , <i>O Estado de S.Paulo</i> e <i>O Globo</i> , números de 2018 e 2020.....	52

Introdução

Nossa pesquisa tem como ponto central a representação imagética da mulher atleta com deficiência pelos canais midiáticos na cobertura das Paralimpíadas Rio 2016. Propomos uma análise interdiscursiva de fotografias veiculadas em três jornais impressos de circulação nacional. Construimos o *corpus* de análise a partir da coleta de páginas dos jornais *O Estado de S.Paulo*, *O Globo* e *Folha de S.Paulo*. Foram selecionadas as edições impressas veiculadas durante a edição dos Jogos Paralímpicos de 2016, período entre 07 e 19 de setembro de 2016. De um total de 221 páginas de cobertura esportiva, chegamos a 62 páginas que continham fotografias das mulheres paralímpicas. Sobre a escolha desses jornais, justificamos que *O Estado de S.Paulo* e *Folha de S.Paulo* são periódicos que circulam nacionalmente e tem ampla cobertura de eventos de relevância nacional. Quanto ao *O Globo*, além de ser um jornal de grande circulação, o ponto principal de sua relevância era a sua proximidade com os jogos, uma vez que a sede do jornal é a cidade do Rio de Janeiro, também local de realização das Paralimpíadas de 2016. A seguir, apresentamos um quadro com dados das edições selecionadas.

Quadro 1. Edições dos jornais *Folha de S.Paulo*, *Estado de S.Paulo* e *O Globo* na cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio 2016

TRÊS JORNAIS NACIONAIS NA COBERTURA DOS JOGOS PARALÍMPICOS RIO 2016						
Número de edições de cada jornal: 13						
Período de 7/9 a 19/9/2016						
Total de capas: 39						
Jornal	Nº Págs. de Esporte	Capas que mencionam os Jogos	Matérias sobre os Jogos	Matérias sobre Mulheres	Nº de fotos dos jogos	Nº fotos de Mulheres Paratletas
<i>O ESTADO DE S. PAULO</i>	55	8	43	6	73	13
<i>O GLOBO</i>	113	13	240	34	308	57
<i>Folha de S. Paulo</i>	53	10	42	3	71	21
TOTAL	221	31	325	43	452	91

Nossa pesquisa busca revelar o olhar da comunicação sobre a questão da mulher com deficiência e sua participação no esporte adaptado de alto rendimento. A partir das fotografias presentes nas páginas dos jornais, analisamos os significados envolvidos no discurso fotojornalístico para a condução das discussões em torno da problemática de gênero nas representações sobre a mulher no esporte, a questão do corpo na comunicação e, portanto, do corpo com deficiência, além dos significados implicados no esporte paralímpico. A

partir da hipótese de que imagens fotográficas são usadas na construção de sentidos sobre a participação das mulheres no esporte paralímpico, a nossa investigação percorre questões que demandam do próprio objeto. Ao longo desse percurso, se reforça a ideia de que as fotografias de imprensa concorrem para a expressão de opiniões sobre as mulheres com deficiência e o espaço que elas ocupam em diferentes espaços sociais, mas principalmente no campo do esporte paralímpico.

Buscamos definir o campo comunicacional como o lugar dos nossos questionamentos, campo esse atuante na construção de imaginários sobre a própria sociedade. Não seria um campo determinante no sentido de atribuir papéis, mas de mediar contradições que dão fundamento aos dilemas que a própria comunicação espelha. A sociedade produz seus processos interacionais e esses mesmos processos são fruto das relações e constituições sociais que num dado momento passam a dotar de informação o nosso imaginário.

Ao longo da nossa proposta de estudo e análise de fotografias de imprensa se coloca em jogo a questão do papel e do uso das imagens. Defendemos que, embora exista todo um arcabouço teórico dando conta do potencial discursivo do documento fotográfico, ainda persiste um modo superficial de utilização das composições fotográficas enquanto potência comunicativa. Descrever, discutir, teorizar, analisar, revisar teorias, confrontar as produções da imprensa, são alguns dos passos para se compreender como vem sendo tratadas as imagens nos diferentes meios de comunicação. Fotografias ainda são comumente usadas como ilustração da mensagem verbal.

Os dados a serem examinados e observados estão envoltos em uma penumbra de desconhecimento quando se trata dos potenciais dos corpos com deficiência e das categorias do esporte adaptado. Essa é uma das razões que justificam a relevância deste trabalho de investigação, sair das impressões de superfície, desenvolver debates que possam acrescentar outros dados também a serem futuramente desenvolvidos. Propomos também um processo dialético que não deve se deter com esse estudo, mas que possa passar pelos efeitos dessa proposta como algo que acrescente informações que caminhem para novas perspectivas.

Considerando que estamos lidando com mais de um fator discriminatório, o modelo de articulação teórico que adotamos tem um caráter interseccional por admitir o entrecruzamento de diferentes eixos de opressão. Criado pela professora estadunidense Kimberlé Williams Crenshaw, a interseccionalidade articula elementos que influenciam nas formas de desigualdade que se impõe sobre a mulher, também sobre a mulher com deficiência. Kimberlé Crenshaw defende, no âmbito das leis antidiscriminatórias, que há uma inseparabilidade entre

questões que permeiam as desigualdades de forma estrutural. A exemplo disso, o racismo, o capitalismo e o cisheteropatriarcado (AKOTIRENE, 2019).

A partir de Crenshaw, a interseccionalidade passa então a ser usada como uma ferramenta teórica e metodológica (AKOTIRENE, 2019). O ponto central para Crenshaw é a opressão de raça, principalmente aquela sofrida pelas mulheres negras. Apesar de admitirmos esse caráter interseccional da nossa pesquisa, para a nossa análise, outras questões serão centrais no nosso debate. São algumas das vias que se cruzam gerando processos discriminatórios ligados ao gênero feminino. Posturas capacitistas em relação ao corpo com algum tipo de impedimento, formas discriminatórias da condição biológica feminina, o preconceito de classe, o julgamento dos corpos considerados “diferentes”, a violência de gênero. Essas formas de opressão e discriminação se manifestam através dos discursos que circulam no meio social.

Já nosso modelo analítico recorre a definições propostas pela Análise do Discurso em autores como Dominique Mainguenu, Patrick Charaudeau e Jean-Jacques Courtine que trazem definições sobre as características dos discursos e da interdiscursividade dos textos e das imagens. Tais visões nos auxiliam a pensar pelo viés da linguagem. Nesse sentido, as fotografias enquanto discurso da imprensa ajudam a analisar as formas como se articulam as tramas da imagem e as relações que se estabelecem entre as mensagens verbais e visuais nos enunciados das páginas dos jornais.

Para chegar a um modelo metodológico capaz de analisar e interpretar as construções imagéticas que compõem nosso *corpus* foi necessário compreender que as imagens comportam tramas discursivas complexas. Segundo Boris Kossoy (2007, p. 34), fotografias são documentos que propiciam estudos a partir de “diferentes abordagens e distintas vertentes de investigação”.

Chegamos, então, ao debate proposto por Jean-Jacques Courtine de uma aproximação da imagem com o discurso, na forma como o autor propõe um modelo de interdiscursividade das imagens. Destacamos a seguinte formulação de Courtine exposta em entrevista a João Kogawa (2015): “toda imagem é uma relação de imagens, se inscreve em rede com outras imagens, quer se trate de imagens externas ou internas ao sujeito” (KOGAWA, 2015, p. 411). Tal processo de interdiscursividade das imagens, definido por Courtine (2013) como intericonicidade, ocupará o foco central do nosso olhar sobre as fotografias da imprensa aqui exportas.

A partir desses apontamentos, investigamos quais são os discursos que se entrelaçam nas representações sobre a mulher atleta com deficiência. Questionamos quais os

conhecimentos de mundo que são evocados para organizar os enunciados que compõem as narrativas sobre os feitos das mulheres no esporte paralímpico. Como hipóteses de possíveis formas argumentativas a serem verificadas nos enunciados das páginas dos jornais, destacamos: o discurso da superação na abordagem recorrente da história de vida das atletas e as causas de suas deficiências; diferentes manifestações de capacitismo pela ideia de limitação dos corpos com algum tipo de impedimento; narrativas que vitimizam as atletas diante dos desafios de sua condição, por serem mulheres e pessoas com deficiência; referência ao vínculo da figura feminina com o cuidado familiar e a maternidade; a ideia de fragilidade do corpo feminino; algum grau de sexualização. Alguns desses argumentos se inscrevem no controle e na vigilância dos corpos, em diferentes manifestações de biopoder.

Buscando verificar quais discursos foram evocados no momento de informar sobre as mulheres paratletas e o esporte paralímpico, recorreremos a algumas considerações sobre discurso para pontuar nosso percurso. Para Dominique Maingueneau (2004, p. 52), a noção de discurso se relaciona a uma forma de “conceber a linguagem”. Considerando que os discursos não podem ser pensados fora da prática social ou do contexto em que são produzidos, Maingueneau (2004, p. 52-55) descreve algumas características: “o discurso é uma organização para além da frase”, podendo ser composto por unidades transfrásticas que são regidas por formas de organização social; o discurso é orientado, construído em função de uma finalidade; o discurso é uma forma de ação que visa promover alguma modificação no seu destinatário; o discurso pode ser interativo e envolver uma troca entre dois locutores que dirigem suas formas de enunciação orientados pela resposta do outro; o discurso é contextualizado, não podendo adquirir significado fora de um contexto; o discurso é adquirido por um sujeito que se coloca como “fonte de referências pessoais, temporais, espaciais”; “o discurso é regido por normas” onde a atividade verbal implica uma instituição de fala; “o discurso é considerado no bojo de um interdiscurso” uma vez que é no universo de outros discursos que ele adquire sentido.

Estudamos, portanto, as questões envolvidas na relação estabelecida pelas formas discursivas das imagens veiculadas pela imprensa e o esporte, reconhecendo que os canais midiáticos tem papel relevante na relação do imaginário social sobre as modalidades esportivas do paradesporto. Patrick Charaudeau (2006, p. 110) discutindo sobre a linguagem audiovisual, defende que a imagem “é suscetível de produzir três tipos de efeito”: efeito de realidade na presunção de que imagens reportam o que está no mundo; um efeito de ficção onde reconstitui com impressão de semelhança algo passado; um efeito de verdade quando revela algo oculto.

Fotografias de imprensa se inserem dentro do universo da comunicação, nas práticas do discurso jornalístico, local onde delimitamos o campo discursivo de nosso interesse.

Maingueneau (2008, p. 36) descreve o campo discursivo como sendo “um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo”. Nesse sentido, o autor ressalta que essa “concorrência’ deve ser entendida da maneira mais ampla; inclui tanto o confronto aberto quanto a aliança, a neutralidade aparente etc...” (MAINGUENEAU, 2008, p. 36). Seriam as formas como se articulam os processos de argumentação no interior dos discursos.

Nossa abordagem seguiu ancorada por algumas definições da Análise do Discurso de linha francesa. Para a construção de um ponto de vista sobre os processos de interdiscursividade adotamos algumas formulações de Dominique Maingueneau (2008), autor filiado à AD. Sob o ponto de vista de Maingueneau (2008), as formações discursivas são observadas na maneira como se articulam, resgatam discursos anteriores, ecoam coisas já ditas. Também ocupa a nossa atenção a forma como os discursos do jornalismo impresso encontram condições a partir de determinados arranjos históricos e sociais para sua manifestação. Justifica-se que, como debate Maingueneau (2008), se uma sociedade pode ser vista como um imenso entrelaçamento de práticas discursivas, ao se acessar essas práticas, pode-se fazer um diagnóstico dos dilemas que estão em jogo em dado momento histórico. Ao longo do tempo, ocorre um processo de transformação discursiva que, se observado, conta sobre as mudanças de visão do homem sobre o mundo e sobre suas próprias ações. Nesse sentido, os próprios discursos concorrem para regular a vida social.

A partir da noção de que o discurso envolve uma relação entre ideológico e linguístico, Jean-Jacques Coutirne (2016, p. 15) alerta que é necessário evitar “reduzir o discurso à análise da língua ou lhe dissolver dentro da perspectiva histórica sobre a ideologia como ‘representação’”. A língua seria o lugar de realização dos sentidos. Courtine (2016, p. 16) observa: “há uma ordem do discurso, a qual designamos como materialidade discursiva, distinta da ordem da língua”. Portanto, se reforça que é na relação entre língua e ideologia que podemos acessar essa materialidade discursiva.

O universo do discurso, na perspectiva proposta por Maingueneau (2008), pode ser pensado por conjuntos de formações discursivas que circulam e “dialogam” em determinados contextos. Seriam, portanto, práticas adotadas nas dinâmicas de interação social. Ainda assim, o universo discursivo “define apenas uma extensão máxima, o horizonte a partir do qual serão construídos domínios suscetíveis de serem estudados”, aponta Maingueneau (2008, p. 34). A partir dessa primeira definição de universo discursivo, nos esforçamos por delimitar o campo discursivo que nos interessa como objeto para observação e análise.

Se por um lado seria necessário manter a análise linguística, em outro sentido, para se verificar o aparato ideológico que permite a produção e circulação de determinadas formações discursivas, é preciso buscar contribuições em campos teóricos específicos.

Nós precisaremos estas duas propostas - no espírito das formulações do M. Pêcheux (1975) – e avançaremos no sentido de que o discursivo materializa o contato entre o ideológico e o linguístico, na medida em que ele representa no interior da língua os efeitos das contradições ideológicas e onde, inversamente, manifesta a existência da materialidade linguística no interior da ideologia. (Coutine, 2016, p. 14)

Se as materialidades discursivas são observadas pelos efeitos que os discursos produzem, recorreremos a autores que debatem as questões que envolvem nosso objeto. Assim, pensamos as implicações das representações imagéticas a partir de conceitos e definições sobre fotografia e análise da imagem, a questão do esporte na comunicação pelas discussões a respeito dos significados implicados no esporte, a questão de gênero como geradora de conflitos no meio social, as definições teóricas a respeito do campo do jornalismo enquanto gênero do discurso e instituição de fala. Além disso, autores que apresentam conceitos sobre sociologia do corpo e o corpo na comunicação também constituem referências que devem ajudar a desvendar as relações interdiscursivas implicadas.

Nossa questão é como avançar o debate onde sobrevivem estereótipos e inquietações que interferem nas formas de comunicação sobre o corpo feminino com deficiência. Entendemos que existem formulações ainda pouco claras em relação aos códigos envolvidos no processo comunicacional que é objeto de nossa pesquisa. Este trabalho demanda um esforço investigativo com algumas frentes que consideramos relevantes para se pensar questões se entrecruzam e se impõem entre discurso e contexto. Como destaca Van Dijk em sua obra *Contexto e Discurso: uma abordagem sociocognitiva* (2017, p. 21): “a contextualização é um componente fundamental de nosso entendimento da conduta humana, em geral, e da literatura e outros textos e discursos, em particular”.

Nesse sentido, nossa construção teórica se constitui em ferramenta para investigar como os discursos se articulam contribuindo para a persistência e a manutenção do que entendemos por estereótipos de gênero e formas discriminatórias que também se sobre os corpos com deficiência. A exemplo disso, verificamos a ocorrência de discursos que recaem sobre a ideia de fragilidade feminina, construindo uma imagem de limitação para a competição esportiva ou mesmo de uma possível imagem de vitimização dessas mulheres com algum tipo de deficiência ancorados em posturas capacitistas.

Segundo Patrick Charaudeau (2017, p. 584), a palavra estereótipo sobrevive em uma classe semântica de termos que circulam em determinados grupos sociais e que são compartilhados entre os seus membros desempenhando, inclusive, “um papel de elo social”. Estereótipos, clichês, chavões, lugares comuns e preconceitos, ao mesmo tempo em que são partilhados, são também “portadores do traço da suspeita quanto à verdade do que é dito”, nos diz Charaudeau (2017, p. 572). Seguindo a discussão sobre as formas de compartilhamento de estereótipos, o autor nos coloca:

Estes termos possuem certo número de traços semânticos em comum, já que dizem respeito àquilo que é dito de maneira repetitiva e que, de tal forma, termina por se sedimentar (recorrência e imutabilidade), e descreve uma caracterização julgada simplificadora e generalizante (simplificação). (CHARAUDEAU, 2017, p. 572)

De forma contraditória, os estereótipos trazem essa possibilidade de criar elos sociais com ideias comuns e repetitivas que garantiriam os critérios de julgamento social e que, ao mesmo tempo, e por isso mesmo, podem mascarar ou “distorcer” certas noções de realidade social. Essa questão, segundo Charaudeau (2017, p. 572), não pode ser tomada como central dentro daquilo a que se propõe a análise do discurso, mas pode nos ajudar a assinalar as trocas discursivas “como característica de certos fatos de discursos reveladores tal ou tal sujeito, dentro tal ou tal contexto situacional”.

Há ainda outras questões que motivaram o presente Trabalho. Nesse sentido, a iniciativa do Comitê Paralímpico Brasileiro em formular um *Guia para a mídia: como cobrir os Jogos Paralímpicos* (2016) nos pareceu expressar o reconhecimento das dificuldades nos canais midiáticos em olhar as competições que envolvem pessoas com deficiência. Destacamos a recomendação do CPB que afirma em seu *Guia* (2016, p. 12) que “deve-se evitar a objetificação do corpo deficiente”. Ainda que o texto se utilize da expressão “corpo deficiente”, expressão em constante debate, o *Guia* ressalta que se deve focar “nos pontos fortes e nas capacidades dos atletas”.

Além das discussões acerca dos aspectos que envolvem o esporte para pessoas com deficiência, também debatemos sobre as condições de participação das mulheres nas categorias PCD. A pesquisadora mexicana Hortensia Manuela Moreno Esparza, na sua obra *Orden discursivo y tecnologías de género en el boxeo* (2011), nos empresta uma boa definição daquilo que repercute na tarefa de investigar os aspectos sociais do esporte e suas implicações quanto ao desafio de se pensar as questões de gênero. Assim nos coloca Esparza (2011, p.6): “una de las tareas principales de esta investigación es establecer los nexos que conectan la institución

deportiva con el orden simbólico, la vida política, la actividad económica y el mundo social, en su dimensión de género”.

Para cumprir com o objetivo de estabelecer os nexos das tramas que conectam a instituição do esporte com a ordem simbólica, o processo de pesquisa se abre em diferentes frentes de acordo com os pontos a serem desvendados. Trata-se de um processo dinâmico que reivindica a todo momento uma fundamentação para desmontagem e remontagem do objeto. Nosso desafio incluiu a necessidade de se trazer a temática dos estudos de gênero sob aspectos que pudessem contribuir com o objeto em estudo, considerando que as categorias esportivas em geral são organizadas sob uma visão binária de gênero.

Inicialmente, introduzimos o tema do esporte paralímpico a partir de seu desenvolvimento ao longo do tempo, seu processo de consolidação como grande evento esportivo e de caráter midiático. Também as possíveis implicações do esporte adaptado enquanto prática social, na forma como ele reverbera sobre o imaginário construído a respeito da pessoa com deficiência. Discutimos como esse caráter midiático pretende trazer algum grau de visibilidade da pessoa com deficiência que reivindica o seu reconhecimento como atleta de alto rendimento.

A seguir, pontuamos a nossa visão sobre a presente pesquisa descrevendo o referencial teórico que foi mobilizado para dar sustentação teórica para o desenvolvimento dos processos de investigação do nosso objeto. O referencial teórico foi introduzido na fase inicial deste trabalho com o propósito de expor a motivação para as nossas escolhas até procedermos a análise do nosso *corpus*.

Algumas questões de ordem discursiva se interseccionam em processos interdiscursivos, contribuindo para a construção de sistemas de significação. Para discutir essas problemáticas dos discursos envolvidos buscamos também alguns fundamentos da sociologia do corpo, considerando a presença do corpo na comunicação e o corpo feminino na maneira como ele afeta as sensibilidades. Investigamos o corpo enquanto comunicação e elemento central em narrativas visuais. Delimitamos também certos limites e propomos uma determinada tomada de posição em relação às formas como se manifestam diferentes fenômenos de exclusão.

Tratamos da discussão sobre os processos de exclusão que implicam numa definição de minoria. Mulheres e pessoas com deficiência são categorizadas como minoria mesmo que essa classificação não espelhe uma realidade numérica, não se define por porcentagens da população, mas são reflexo de processos de exclusão que atingem os grupos populacionais representados no recorte do nosso objeto. Introduzimos então a questão da pessoa com

deficiência e da mulher enquanto parcelas populacionais que buscam visibilidade e representatividade.

As questões entre imprensa, discurso e esporte a partir de dilemas éticos, sobre o peso das imagens fotográficas na criação de narrativas sobre o esporte e a mulher. Também como essa relação contribui para fixação de memórias que irão influenciar o imaginário social. A crença no caráter técnica da imagem como fiadora de uma aparência de verdade sobre fatos e ações humanas. Ponto central da nossa pesquisa, a questão da imagem fotográfica é debatida sob o ponto de vista da linguagem que constrói os sentidos sobre o mundo social.

Para, por fim, iniciaremos a análise onde reavaliaremos o uso da linguagem no discurso fotográfico, a complexa trama presente na imagem e que nos leva a questionar a sua contribuição para a reafirmação ou quebra de estereótipos sobre a mulher atleta com deficiência.

É relevante pontuar que a presente pesquisa é também um processo de construção discursiva que teve a influência de uma dupla filiação: a da pesquisadora e a da fotógrafa. Abandonar certos posicionamentos quanto às questões da técnica e da linguagem não é um movimento possível. Ao mesmo tempo, fixar horizontes conceituais são formas de buscar o rigor necessário para lidar com esse universo das imagens. A fotografia se refere ao que foi visto e ao que não foi visto e é esse o olhar que conduziu inicialmente as nossas inquietações. O desafio é justamente o de incorporar o rigor teórico a uma experiência adquirida no contato com algumas das questões que se colocam pelas imagens. Uma prática que conduziu a certos desafios éticos e que hoje se reapresentaram através do objeto desta pesquisa. Para então serem repensados não mais como dilemas éticos, mas como questões de ordem discursiva.

1. O ESPORTE PARALÍMPICO

A Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) é um marco para a história da sociedade ocidental. Ao seu final, muitas transformações foram impulsionadas em termos de direitos e rearranjos sociais. É nesse contexto que o esporte para pessoas com deficiência ganha força com a ideia de que era necessário reinserir socialmente pessoas que sofreram traumas físicos durante os conflitos.

Ainda que o ano de 1948 seja considerado um marco, o esporte adaptado teria surgido entre o final do século XIX e início do século XX. Inicialmente, teria sido pensado para pessoas com deficiência auditiva. Mais tarde, foram criadas categorias para inserir pessoas com algum nível de deficiência visual. Natação e atletismo são algumas das práticas que marcaram as primeiras iniciativas de inclusão de pessoas com deficiência no universo do esporte.

Existem registros de atividades esportivas sendo desenvolvidas para pessoas com deficiência antes de 1948, como atividades realizadas com alunos com deficiência visual no ano de 1838, em Boston, na Escola Perkins (WINNICK, 2004); o International Paralympic Committee (IPC) aponta registros de clubes de surdos em Berlim (IPC, 2015), em 1888, e, também, o International Committee of Sports for the Deaf (2015), com os registros dos Jogos para Surdos em sua primeira edição em 1924, em Paris. (BARRETO, 2016, p. 24)

Neste ponto, cabe uma breve observação a respeito dos jogos Surdolímpicos de Verão de 1924 realizados em Paris. As competições de 1924 ficaram conhecidas como I Jogos Internacionais em Silêncio e representam o início de uma trajetória que se desenvolveu de forma distinta dos Jogos Paralímpicos. Em 1955 é criado o International Committee of Sports for the Deaf, ICSD, que se tornaria responsável pela organização das competições para pessoas com deficiência auditiva. O ICSD é reconhecido pelo Comitê Olímpico Internacional a partir de 1955. Segundo informações fornecidas na página web¹ da Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS), em 1985 ocorreu um esforço entre comitês para organização de jogos paralímpicos. Por iniciativa do International Olympic Committee (IOC) houve um apelo para acordo entre o Comitê de Coordenação Internacional (IPC) e o ICSD na tentativa de estabelecer uma cooperação para estruturação das competições entre atletas com deficiência. Apesar dessa tentativa de aproximação, após anos entre acordos e discussões, os Jogos

¹ página web da Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS) - disponível em <https://site.cbds.org.br/eventos/deaflympics/paralimpiadas-e-surdolimpiadas/>, consultado em 24/06/2020

Paralímpicos e os Surdolímpicos se mantiveram separados. Por isso, as pessoas com deficiência auditiva não são elegíveis para as categorias paralímpicas.

Dito isso, retomando a trajetória dos Jogos Paralímpicos, no ano de 1944, por iniciativa do governo inglês, o médico neurologista Ludwig Guttmann (1899 – 1980) - alemão de origem judia- criou o centro de reabilitação para atendimento de pacientes com lesões medulares no Hospital de Stoke Mandeville, na cidade inglesa de Aylesbury. Nesse centro, civis e soldados que retornavam da Segunda Guerra deveriam ser tratados e reabilitados.

Em 1948 ocorreu o primeiro registro da realização de jogos disputados entre atletas com deficiência tratados em Stoke Mandeville. No dia 29 de julho de 1948 foi realizada a competição que ficou conhecida como Jogos Nacionais de Stoke Mandeville, era o dia de abertura das Olimpíadas de Londres daquele ano. Competiram na ocasião militares ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial. Guttmann trabalhava na reabilitação de vítimas de lesões na medula espinhal quando começou a inserir os indivíduos lesionados no esporte. O médico introduziu a prática esportiva como parte do tratamento médico e terapêutico e como forma de reintegração social. Guttmann declarou em entrevista disponível em arquivos da BBC (British Broadcasting Corporation):

Começamos com ex-soldados, ainda durante a Guerra, com jogos simples primeiro, como dardo, sinuca e uma espécie de boliche. E aí, vi como aqueles homens reagiam. Não apenas fisicamente, mas psicologicamente.
(entrevista Ludwig Guttmann BBC²)

Dentre as modalidades que foram sendo introduzidas estavam tiro ao alvo, que seria chamado posteriormente de tiro esportivo, arco e flecha, tênis de mesa e lançamento de dardo. Modalidades que puderam ser mais rapidamente adaptadas para a prática em cadeira de rodas. Para a prática em equipe, foi introduzido, inicialmente, o polo em cadeira de rodas e pouco depois o Netball, jogo similar ao basquetebol. No caso do basquete adaptado para cadeira de rodas, sua introdução ocorreu na Inglaterra a partir de 1947.

As novas modalidades foram se acrescentando aos Jogos de Stoke Mandeville. Em 1951, com a participação de atletas estrangeiros, as competições de Stoke Mandeville ganharam status de jogos internacionais. Já em 1952 foi realizada a segunda edição dos Jogos Internacionais de Stoke Mandeville com a participação de atletas ingleses e holandeses.

² entrevista Ludwig Guttmann BBC de 30 de agosto de 2012, acessível em https://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2012/08/120830_guttmann_rp

Nos Estados Unidos, o primeiro time de basquetebol em cadeira de rodas começa a se organizar a partir de 1945, anteriormente a chegada da modalidade na Inglaterra em 1947. O time foi chamado de The Flying Wheels, “As Rodas Voadoras”. Eram também veteranos da Segunda Guerra que, participando de programa de reinserção, deveriam ser reabilitados através da prática esportiva. Benjamin Lipton e Timothy Nugent eram os coordenadores das iniciativas do governo norte americano. Em 1949 foi realizado o primeiro torneio para participação dos atletas com deficiência nos EUA.

Já como Jogos Paralímpicos, as competições foram realizadas pela primeira vez em setembro de 1960, na cidade de Roma, Itália. Na ocasião, disputaram 400 atletas de 23 países, divididos em oito modalidades destinadas a pessoas com lesões medulares. Segundo uma das versões, os jogos ganharam o nome de paralímpicos por acontecerem paralelamente aos Jogos Olímpicos. O evento olímpico já vinha de uma tradição desde 1896 com a realização dos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, ocorridos na cidade de Atenas.

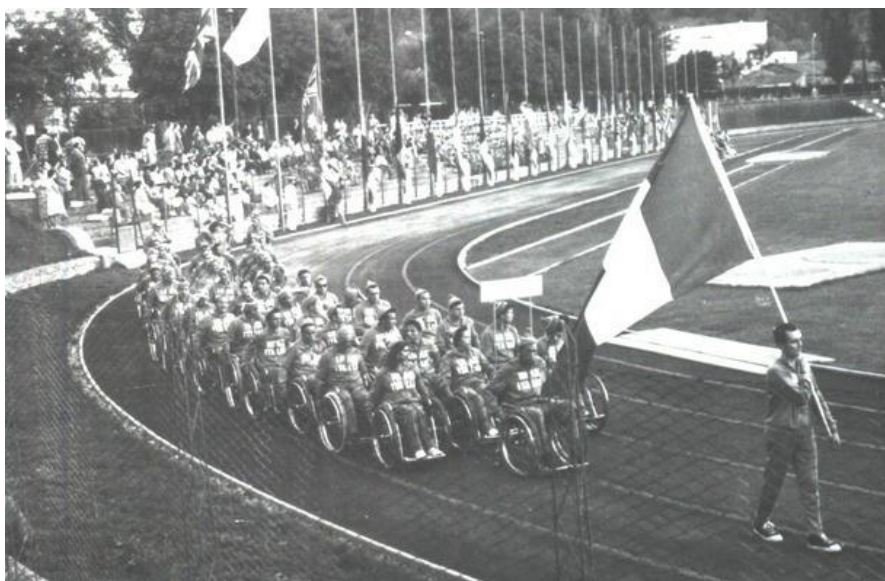


Figura 1. Imagem da primeira edição dos Jogos Paralímpicos, em Roma-1960.
Fonte: International Paralympic Committee (IPC)

Se os Jogos de Roma de 1960 contaram com 400 atletas, em 2016, a mais recente edição dos jogos, reuniu 4.328 paratletas. Para o escopo do nosso trabalho, nos interessa observar os dados sobre a participação feminina ao longo da história das Paralimpíadas. A partir de dados do Comitê Paralímpico Internacional, apresentamos abaixo o número total de atletas participantes de cada edição dos jogos paralímpicos desde 1960. Buscamos também dados que expressem a

participação de homens e mulheres ano a ano, mas o Comitê fornece em sua página web apenas os números a partir de 1984.

Quadro 2. Número de atletas participantes dos Jogos Paralímpicos de verão, de 1960 a 2016, segundo o Comitê Paralímpico Internacional.

JOGOS PARALÍMPICOS DE VERÃO						
Ano	Jogos	Total Atletas	Homens	Mulheres	Porc. de mulheres %	Países
1960	Jogos de Roma	400	*N.F.	*N.F.	*N.F.	23
1964	Jogos de Tokyo	378	*N.F.	*N.F.	*N.F.	21
1968	Jogos de Tel Aviv	350	*N.F.	*N.F.	*N.F.	29
1972	Jogos de Heidelberg	984	*N.F.	*N.F.	*N.F.	43
1976	Jogos de Toronto	1657	*N.F.	*N.F.	*N.F.	40
1980	Jogos de Arhem	1973	*N.F.	*N.F.	*N.F.	43
1984	Jogos de Stoke Mandeville	2105	1569	536	25,46	45
	Jogos de Nova York					
1988	Jogos de Seul	3041	2370	671	22,06	60
1992	Jogos de Barcelona	2999	2300	699	23,3	90
1996	Jogos de Atlanta	3808	2643	1165	30,6	104
2000	Jogos de Sidnei	3879	2889	990	25,5	123
2004	Jogos de Atenas	3808	2643	1165	30,6	135
2008	Jogos de Beijing	3951	2568	1383	35	146
2012	Jogos de Londres	4237	2736	1501	35,4	164
2016	Jogos do Rio	4328	2657	1671	38,6	159

*N.F. - Dados Não Fornecidos pelo CPI

Fonte: Site do Comitê Paralímpico Internacional³.

Os dados disponibilizados pelo Comitê Paralímpico Internacional, que constam a partir de 1984, confirmam uma participação de atletas femininas bastante inferior à participação masculina. Em quatro edições (1984, 1988, 1992, 2000) as mulheres chegaram a representar

³ Fonte: Site do Comitê Paralímpico Internacional, acesso em <https://www.paralympic.org/paralympic-games>, consultado em 12/06/2020.

um quarto ou menos do número total de atletas masculinos. Nas outras cinco edições com dados disponíveis - 1996, 2004, 2008, 2012 e 2016 – no site do IPC, há um aumento, em média, de 5 a 10% em relação aos outros jogos. A última edição dos jogos, Paralimpíadas Rio 2016, foi a que mais recebeu mulheres para as competições, 1.671 atletas eram mulheres de um total de 4.328. Ou seja, 38,6% do total de atletas eram atletas femininas.

Os Jogos Paralímpicos de verão, nos moldes atuais, são previstos para serem realizados sempre na sequência dos Jogos Olímpicos de verão. Atualmente, acontecem na mesma cidade sede e utilizam a mesma estrutura para realização das duas competições. Arenas e parques olímpicos devem ser também paralímpicos, portanto, precisam estar adaptados para público e atletas com deficiência. Ao longo da história das Paralimpíadas, das 15 edições realizadas, 5 edições ocorreram em cidades diferentes das sedes das Olimpíadas, o Jogos de 1968, 1972, 1976, 1980 e 1984. No caso da edição do Rio de Janeiro, Olimpíadas e Paralimpíadas 2016, ambas competições utilizaram os mesmos espaços, arenas, ginásios e instalações.

Podemos pontuar alguns momentos da história dos Jogos Paralímpicos que demonstram as dificuldades para a organização das competições. Como já destacamos, o primeiro ano de realização das Paralimpíadas paralelamente às Olimpíadas foi em 1960, em Roma. A partir desse ano, a ideia seria que os dois eventos pudessem contar com a mesma cidade sede. Em 1980, por exemplo, a Rússia se recusou a receber os Jogos para pessoas com deficiência e realizou apenas os Jogos Olímpicos de Moscou. Naquele ano, a Holanda se ofereceu para receber os Jogos Paralímpicos e a competição foi transferida para a cidade de Arnhem.

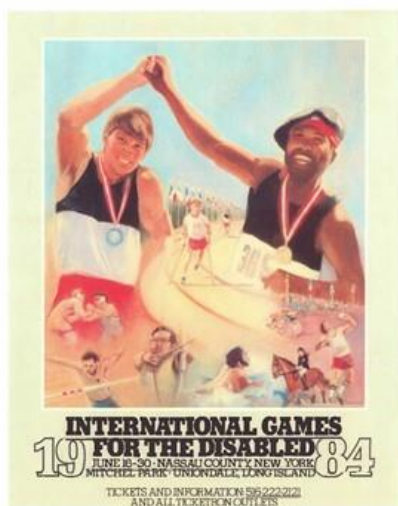
A edição seguinte, no ano de 1984, também foi realizada em sede diferente das Olimpíadas. A pesquisadora Michelle Aline Barreto (2015) em sua tese *Esporte Paralímpico Brasileiro: vozes, histórias e memórias de atletas medalhistas (1976 a 1992)* - apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, em 2015 – descreve os eventos que fizeram com que os Jogos Paralímpicos de 1984 não fossem sediados pela cidade de Los Angeles, local dos Jogos Olímpicos daquele ano. Segundo Barreto (2015), inicialmente os jogos em cadeira de rodas seriam sediados pela Universidade de Illinois. Mas em fevereiro de 1984 a universidade alegou dificuldades financeiras e cancelou o seu apoio às competições. Segundo a autora (2015), também houve um veto por parte do Comitê Olímpico Americano ao terno “Paralimpíada”. A alegação seria de que causaria conflito com o entendimento entre os Jogos Olímpicos e Paralímpicos.

Diante da situação, a American National Wheelchair Athletic Association, filiada à International Stoke Mandeville Games

Federation, anunciou que faria os jogos dos atletas em cadeira de rodas, separadamente, em Stoke Mandeville, na Inglaterra. E os jogos dos outros grupos de deficiência, após acordo das federações, foram realizados em Nova York, nos Estados Unidos (IPC, 2015). (BARRETO, 2015, p. 44)

Os Jogos Paralímpicos de 1984 foram realizados, portanto, em dois países, localizados em dois continentes diferentes. Entre os dias 16 e 30 de junho competiram em Nova York 1.800 atletas de 45 países em categorias adaptadas para amputados, pessoas com paralisia cerebral e pessoas com diferentes graus de deficiência visual. Logo após, entre 22 de julho e 1 de agosto de 1984, foram realizados em Stoke Mandeville os Jogos Mundiais de Cadeiras de Rodas. Competiram em terras britânicas 1.100 atletas, de 41 países.

Cartazes de Divulgação dos Jogos de Nova York e Stoke Mandeville de 1984



Summer Paralympic Games Posters
With thanks to Dr Ian Brittain for allowing us to reproduce images from his poster collection

Figura 2. Cartaz de divulgação Jogos de Nova York 1984

Fonte: National Paralympic Heritage⁴



Summer Paralympic Games Posters
With thanks to Dr Ian Brittain for allowing us to reproduce images from his poster collection

Figura 3. Cartaz de divulgação Jogos de Stoke Mandeville 1984

Fonte: National Paralympic Heritage⁵

É interessante observar que a delegação dos Estados Unidos obteve a melhor classificação nos Jogos de 1984.

⁴ Fonte: National Paralympic Heritage disponível em <https://www.paralympicheritage.org.uk/what-we-do> - acesso em 25/7/2020

⁵ Fonte: National Paralympic Heritage disponível em <https://www.paralympicheritage.org.uk/stoke-mandeville-1984-paralympic-summer-games> - acesso em 25/7/2020

De acordo com o International Paralympic Committee, os dois eventos juntos são considerados oficialmente como a 7.^a edição dos Jogos Paralímpicos, sendo a classificação final: Estados Unidos em primeiro lugar e, consecutivamente, Grã-Bretanha, Canadá, Alemanha Ocidental e França (IPC, 2015). (BARRETO, 2015, p. 44)

Apesar dos Estados Unidos ser reconhecido como um país onde o esporte se desenvolve desde as categorias de base, cujo êxito se deve ao fato de estarem inseridas no ambiente escolar, o documentário *Rising Phoenix*, de 2020, traz o depoimento da atleta Tatyana McFadden que faz um contraponto a essa noção. McFadden conta sobre a dificuldade de inclusão de atletas com deficiência nas modalidades praticadas nas competições escolares. Ou seja, mesmo em um país que aparentemente investe no esporte, as categorias adaptadas passam por dificuldades para seu desenvolvimento e visibilidade.

Apesar dos primeiros Jogos Paralímpicos terem ocorrido em 1960, após a tradição de Stoke Mandeville já ter se consolidado, é somente em 22 de setembro de 1989 é que se oficializou a criação do Comitê Paralímpico Internacional. O ICP foi fundado em Dusseldorf, Alemanha, para organização e manutenção a nível global do Movimento Paralímpico. Até então, diferentes entidades haviam sido criadas para organização do esporte adaptado a nível internacional. Em 1960 foi criado o Grupo de Trabalho Internacional sobre Esporte para Pessoas com Deficiência. Criada em 1964 a Organização Internacional do Esporte para Deficientes (ISOD) visava incluir atletas que não estavam filiados aos Jogos Internacionais de Stoke Mandeville, eram pessoas com deficiência visual, amputados, pessoas com paralisia cerebral e paraplégicos. Já em 1978 nasceria a Cerebral Palsy International Sports and Recreation Association (CPISRA) e em 1980 a International Blind Sports Federation (IBAS). Lembrando que a população constituída por pessoas com deficiência não é homogênea e cada órgão representa sempre uma parcela também diversa entre si, ainda que mantenham o objetivo de representar os anseios e necessidades de cada grupo.

O Comitê Paralímpico Brasileiro foi instituído em fevereiro de 1995. Em sua página web⁶, assim é descrita a missão do CPB: “promover o esporte Paralímpico da iniciação ao alto rendimento, e a inclusão da pessoa com deficiência na sociedade”. Entre os anos de 2013 e 2016 o Comitê Brasileiro empreendeu alguns esforços para fomento do esporte paralímpico no Brasil considerando a realização dos Jogos na cidade do Rio de Janeiro em 2016.

⁶Página web Comitê Paralímpico Brasileiro disponível em <https://www.cpb.org.br/ocomite/institucional>, consultada em 17/7/2020.

Em 2014, ano dos Jogos Paralímpicos de Inverno, uma iniciativa do Comitê Paralímpico Brasileiro lançava campanha com o objetivo de convocar as torcidas para as Paralimpíadas Rio 2016. A campanha descrevia os feitos do esporte paralímpico na tentativa de envolver a audiência. Assim era definido o sentido da competição paralímpica pelo CPB:

Mude o impossível, tem como conceito a capacidade dos atletas paralímpicos em transpor barreiras, romper limites e quebrar os paradigmas da sociedade, a nova fase da campanha institucional do CPB traz como tema principal a ideia de que os atletas paralímpicos mudam o impossível todos os dias, desde as atividades do dia a dia, até quando transformam o Brasil em potência paralímpica mundial.

Em seu *Libro Blanco del deporte de personas con discapacidad* (2018) o Comitê Paralímpico Espanhol traz alguns dados comparativos sobre os Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio 2016 que nos dão uma dimensão sobre a abrangência das competições:

Quadro 3. Dados da participação de atletas, países, voluntários e público presencial nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016.

	Nº de Países Participantes	Nº de Atletas	Nº de Voluntários	Ingressos Vendidos
Olimpíadas	207	11.200	45.000	7 milhões
Paralimpíadas	159	4.328	25.000	2,1 milhões

Informações disponibilizadas na página web⁷ do Comitê Paralímpico Brasileiro apontam um aumento da audiência nas Paralimpíadas do Rio em comparação a Londres (2012). Segundo a pesquisadora Tatiane Hilgemberg (2019), a edição de Londres bateu recorde de audiência, mas foi superada pelos jogos realizados na cidade do Rio de Janeiro. Hilgemberg (2019, p. 10) faz um levantamento desses índices e nos presta os seguintes dados: em Atenas 2004 foram 617 horas de programação transmitidas a 25 países; em Pequim 2008, houve um aumento de 200% em relação aos números da edição anterior quanto ao tempo de cobertura; na edição de Londres 2012, foi batido o recorde com 100 países transmitindo os jogos. Já a edição dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 bateram novo recorde chegando a 154 países. Os jogos

⁷ página web do Comitê Paralímpico Brasileiro - disponível em [https://www.cpb.org.br/noticia/detalhe/1524/jogos-paralimpicos-rio-2016-quebram-recordes-de-audiencia#:~:text=O%20Comit%C3%AA%20Paral%C3%ADmpico%20Internacional%20\(IPC,4%2C1%20bilh%C3%B5es%20de%20pessoas](https://www.cpb.org.br/noticia/detalhe/1524/jogos-paralimpicos-rio-2016-quebram-recordes-de-audiencia#:~:text=O%20Comit%C3%AA%20Paral%C3%ADmpico%20Internacional%20(IPC,4%2C1%20bilh%C3%B5es%20de%20pessoas). consultados em 10/07/2020.

de 2016 seriam considerados então pelos comitês brasileiro e internacional, CPB e o ICP, como os mais vistos na história das Paralimpíadas. A informação a seguir é do próprio CPB:

De acordo com números da empresa Nielsen Sports, publicados para marcar os seis meses do término dos Jogos Paralímpicos, o Rio 2016 contou com um crescimento de 7% de audiência em relação a Londres 2012, quando cerca de 3,8 bilhões de pessoas assistiram à Paralimpíada. (CPB)

De toda forma, ainda persiste um desconhecimento sobre as formas de competição entre pessoas com deficiência. O Comitê Paralímpico Internacional disponibiliza em sua página Web⁸ uma série de informações referentes às formas de classificação dos tipos de modalidades e os atletas que são elegíveis para cada uma. O documento *Explanatory guide to Paralympic classification*⁹ elenca dez tipos de deficiências elegíveis, descreve que os sistemas de classificação diferem por esporte e são definidos pela Federação Internacional, traz também os graus de deficiência visual elegíveis, explica que o enquadramento em classes esportivas de práticas individuais difere das classes indicadas para práticas em equipe. O documento também descreve cada uma das modalidades e detalha a classificação dos atletas elegíveis. Por fim, apresenta um glossário de termos médicos que definem as formas e o grau dos diferentes tipos de deficiência.

Classification provides a structure for competition. Athletes competing in para-sports have an impairment that leads to a competitive disadvantage. Consequently, a system has to be put in place to minimise the impact of impairments on sport performance and to ensure the success of an athlete is determined by skill, fitness, power, endurance, tactical ability and mental focus. This system is called classification. Classification determines who is eligible to compete in a para-sport and it groups the eligible athletes in sport classes according to their activity limitation in a certain sport. (Explanatory guide to Paralympic classification, 2015¹⁰)

⁸ página Web Comitê Paralímpico Internacional dispon[ível em <https://www.paralympic.org/classification>, consultado em 30/07/2020.

⁹ *Explanatory guide to Paralympic classification* - disponível em https://www.paralympic.org/sites/default/files/document/150915170806821_2015_09_15%2BExplanatory%2Bguide%2BClassification_summer%2BFINAL%2B_5.pdf, consultado em 30/7/2020.

¹⁰ *Explanatory guide to Paralympic classification*, 2015, disponível em https://www.paralympic.org/sites/default/files/document/150915170806821_2015_09_15%2BExplanatory%2Bguide%2BClassification_summer%2BFINAL%2B_5.pdf, consultado em 30/7/2020.

Ainda que o esporte paralímpico tenha na sua essência questões como inclusão, ao despontar junto aos grandes eventos esportivos, o paralimpismo se depara com a necessidade de maiores investimentos para a sua organização. Desde a formação de atletas, a realização de jogos em diferentes níveis de competição e a organização de entidades que garantam a gestão das diferentes modalidades do esporte adaptado, toda a estrutura demanda altos investimentos. Como destacam Gutierrez et al (2013, p. 584) torna-se necessário expandir o potencial mercadológico do esporte paralímpico, o que também justifica a necessidade de se pensar a relação da mídia com o paradesporto e sua relevância como “meio de proliferação de valores e símbolos específicos” das modalidades adaptadas.

Um exemplo das dificuldades enfrentadas pelo esporte paralímpico foram as próprias Paralimpíadas do Rio. Segundo os organizadores, a avaliação que se fazia era de que as duas edições anteriores, Pequim 2008 e Londres 2012, haviam se tornado referenciais de êxito. No caso do Rio, havia um único comitê organizador para as Olimpíadas e as Paralimpíadas de 2016, o Comitê Rio 2016. Os recursos foram gastos quase a totalidade com os Jogos Olímpicos. Faltava então recursos financeiros para a organização dos Jogos Paralímpicos e a adesão do público ainda era insuficiente. A 20 dias das competições paralímpicas ainda não se sabia se haveriam condições para realização dos jogos. Havia um déficit no orçamento da Rio 2016 e a proposta de cobrir o rombo com verbas públicas da União e da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro foi barrada pelo Tribunal Regional Eleitoral do Rio. A justiça brasileira impedia o repasse de verbas públicas para os jogos entendendo que era incompatível com o ano eleitoral. Ou seja, àquela altura, atletas, comitês paralímpicos e federações ainda aguardavam a resolução do impasse financeiro e burocrático.

Em uma apresentação¹¹ do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, datada de 30/06/2011, portanto cinco anos antes das competições, apontava como “partes interessadas” nos eventos o COI (Comitê Olímpico Internacional), o IPC (Comitê Paralímpico Internacional), o governo federal, governos estadual e municipal, federações internacionais, comitês olímpicos nacionais, emissoras de TV, patrocinadores e o próprio Comitê Rio 2016. Sobre essas “partes interessadas” podemos relacionar à proposta de Elcio Cornelsen (2006) sobre o que seriam eventos de mídia. A partir de elaborações de John Thompson, Cornelsen (2006, p. 38) descreve que eventos de mídia demandam “ensaio e

¹¹ Apresentação do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016- disponível em <http://portal.antaq.gov.br/wp-content/uploads/2016/12/Os-Eventos-Mundiais-de-Esporte-no-Brasil-e-o-Desenvolvimento-M%C3%A1rcio-Fortes.pdf> consultado em 20/05/2021.

planejamento estratégico prévios” a partir de uma organização que envolve instituições da mídia, instituições políticas, culturais, esportivas, etc.

Um informe¹² de apresentação do Comitê Organizador dos Jogos do Rio elaborado em 09/12/2015, sob o título *Jogos Rio 2016 e Gestão de Riscos* apontava 7.200 profissionais de mídia credenciados para a cobertura das Paralimpíadas, enquanto para os Jogos Olímpicos eram 25.100 profissionais credenciados dessa área. Ou seja, são dados que já forneciam um quadro sobre o interesse dos canais midiáticos em relação às duas competições. Élcio Cornelsen (2006, p. 38) em seu texto *Análise do Discurso e espetacularização em eventos de mídia: a Olimpíada de Berlim* descreve que os “eventos de mídia” seriam de interesse local e global, ou seja, “fenômenos mediáticos por excelência”. Cornelsen (2006) faz uma relação entre análise de discurso e mídia a partir dos estudos de Patrick Charaudeau e a teoria social da mídia de John Thompson.

No caso dos megaeventos esportivos, o comportamento dos produtores de mensagens seria, segundo Thompson (apud Cornelsen, 2006), influenciado pelos receptores que não estão fisicamente presentes, portanto, distantes da esfera de produção. Assim, os “eventos de mídia” envolveriam o ambiente próprio da ação, a dimensão da sua repercussão e a abrangência da sua transmissão. Daí seu caráter de excepcionalidade e de “importância extraordinária” (CORNELSEN. 2006, p. 38). Nesse ponto, Cornelsen (2006) descreve uma série de eventos de mídia como casamentos reais, posse de líderes de Estado, funeral de chefes de Estado ou líderes religiosos. Da mesma forma, os mundiais de futebol, os jogos olímpicos e paralímpicos, são todos demarcados por essa característica midiática por serem construídos de forma que possam ser amplamente transmitidos por diferentes canais midiáticos, como descrito a seguir pelo autor:

Neste sentido, também podemos entender os “eventos da mídia” como eventos e acontecimentos que se prestam à “espetacularização” e funcionam como uma espécie de vitrine para o mundo, que encerra em si um sentido de “fabricação”, pois pode ser “construída” a partir de estratégias que possibilitem uma “exposição” eficaz do evento ou acontecimento em termos de propaganda. (CORNELSEN. 2006, p. 38)

No caso do esporte paralímpico, atletas, comitês internacionais e federações contam com essa oportunidade de visibilidade. No documentário *Rising Phoenix*, de 2020, disponível

¹² informe de apresentação do Comitê Organizador dos Jogos do Rio elaborado em 09/12/2015, sob o título *Jogos Rio 2016 e Gestão de Riscos* - disponível em <file:///C:/Users/neide/Downloads/Apresentacao%20Comite%20Rio%202016%20-%20AP%20Seguranca%20Rio%202016.pdf> consultado em 15/05/2021.

na plataforma *Netflix*, Philip Craven, presidente do Comitê Paralímpico Internacional de 2001 a 2017, declara sobre as paralimpíadas: “os jogos são a vitrine do movimento, os jogos são o elemento principal para o movimento continuar adiante”. O esporte adaptado tem nesse momento a oportunidade de se fazer conhecer. Diferentemente das modalidades presentes nos jogos olímpicos que recebem uma cobertura mais ou menos relevante fora do período das olimpíadas, as modalidades do esporte adaptado têm no momento das Paralimpíadas a sua chance de se fazer ver. Para a pesquisadora Tatiane Hilgemberg (2019, p.10), “os meios de comunicação testemunham e nos dão provas da evolução dos Jogos Paralímpicos e das alterações na forma com que as pessoas com deficiência são vistas pela sociedade”

Investigando a relação da mídia com a visibilidade do esporte paralímpico e seu potencial de captação de recursos, em *Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro*, GUTIERREZ et al (2013, p. 583) concluem a partir dos elementos coletados em entrevistas com gestores paralímpicos:

Os dados apresentados permitem sugerir que o movimento paralímpico ainda não possui um capital simbólico que o legitime comercialmente do mesmo modo que o esporte olímpico, embora se encontre em processo de transformação de algumas de suas práticas sinalizando uma tentativa de se tornar mais adequado ao mercado esportivo. (GUTIERREZ et al, 2013, p. 593)

Trabalho realizado em 2013, portanto anterior aos Jogos do Rio, o estudo de GUTIERREZ et al (2013) nos coloca, através da análise de discursos de pessoas envolvidas na administração e organização do paradesporto, que a mídia, até então, pouco contribuía para um maior conhecimento sobre as modalidades esportivas para pessoas com deficiência. Tal postura da imprensa reflete na ausência de identificação do público com as competições. “Na sociedade contemporânea ainda existe certa resistência em associar os atletas com deficiência a marcas e produtos”, afirmam os autores (2013, p. 593) em suas análises finais. Algumas das causas apontadas seriam a persistência de padrões estéticos que limitariam as formas de representação do corpo, a ausência de identificação dos consumidores com as pessoas com deficiência e a falta de identificação com as imagens veiculadas dos atletas que não permitem uma aproximação com os valores de êxito do esporte.

A análise realizada em 2013 (GUTIERREZ et al, 2013) também aponta em suas considerações finais que, embora exista um processo de modificação para adequação do paradesporto a necessidades mercadológicas, os valores associados ao esporte paralímpico através da mídia ainda tendem para questões da inclusão e apresentação da pessoa com

deficiência para a sociedade. Por um lado, entendemos que a questão da inclusão estará sempre presente, ao mesmo tempo, resgatamos essas questões por serem relevantes ao nosso trabalho no sentido de pesarmos os valores que possam estar implicados no esporte para pessoas com deficiência a nível de alto rendimento. Nesse sentido, nos questionamos constantemente de que forma interferem os discursos atribuindo sentidos aos feitos do esporte paralímpico e como essas narrativas podem contribuir para questões como visibilidade e inclusão. O texto de Marques et al (2013) também nos fornece dados que ajudam a reafirmar que está em curso um processo de evolução do esporte paralímpico, ainda que os eventos paradesportivos continuem sem uma participação mercadológica que auxilie na captação de mais recursos para suas práticas.

Todo esse contexto incide de forma decisiva no espaço ocupado pelas mulheres atletas com deficiência. Desde a evolução do esporte adaptado, passando pelos discursos midiáticos, também os valores atribuídos ao paradesporto, todos esses fatores constituem tramas que formam uma estrutura complexa onde alguns fios ficam mais aparentes que outros. Alguns desses entrelaçamentos é que pretendemos desvendar. Como abordaremos nas próximas etapas deste trabalho, sobre as mulheres paratletas ainda pesam várias formas de opressão, resultado de relações sociais em uma sociedade dividida em classes e categorias ligadas a sexo, raça, idade, etnia etc. Todas essas circunstâncias devem refletir na visibilidade das mulheres paralímpicas.

2. CONSTRUÇÃO DO REFERENCIAL TEÓRICO

A partir da questão inicial sobre como foram representadas as mulheres atletas com deficiência através da linguagem visual em fotografias de imprensa durante as Paralimpíadas Rio 2016, buscamos quais as formas de representações e seus efeitos de sentido presentes nos discursos imagéticos em três jornais brasileiros, *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*. Para a construção do referencial teórico, reconhecendo a necessidade de estabelecer um diálogo entre diferentes questões, construímos até aqui um quadro de referência a respeito dos temas que incidem sobre nosso objeto. Debateremos os seguintes temas que se entrecruzam para a análise do nosso objeto: questões de gênero, baseadas nos estudos de gênero e feminismo, a sociologia do corpo como forma de debater a questão do corpo com deficiência e o corpo na comunicação e, também, os estudos da imagem na investigação do uso da linguagem fotográfica na construção dos discursos. A partir dessas formulações, nosso desafio é verificar como esses temas e as questões que eles suscitam se entrelaçam através dos discursos produzindo materialidades.

Na busca por possíveis sentidos implicados nas formações discursivas do jornalismo impresso e suas articulações a partir das imagens fotográficas, formulamos os seguintes questionamentos: quais são os discursos que se articulam e atravessam as formações discursivas que contam sobre os feitos das mulheres no esporte paralímpico? Como se dá o processo de interdiscursividade na articulação das imagens nas páginas dos jornais? Quais os conhecimentos de mundo que são evocados para organizar esses discursos? Questiona-se também como discursos já existentes podem se reorganizar em múltiplas redes de trocas através de operações regulares as quais podemos identificar e, posteriormente, investigar. Por fim, de forma a demarcar esse percurso, questionamos como é possível compreender a nossa história através dos discursos em torno das nossas relações com os corpos.

Também elencamos algumas hipóteses de possíveis sentidos a serem detectadas nos enunciados desses três jornais: o discurso da superação, da inclusão, diferentes manifestações de capacitismo, argumentos que levam a uma vitimização das mulheres e da pessoa com deficiência, a referência ao vínculo das mulheres com o cuidado e a maternidade, destaque para vínculos familiares, a ideia de fragilidade do corpo feminino. Alguns desses argumentos se inscrevem no controle e na vigilância dos corpos, em diferentes manifestações de biopoder. Além disso, envolvem a interdiscursividade ou a intericonicidade na forma como se articulam, resgatam discursos anteriores, ecoam coisas já ditas. A partir dessas hipóteses pontuamos que

as questões que envolvem gênero, capacidades, sociologia do corpo, corpo na comunicação serão debatidas para investigar os fatores que dão condições para a emergência de determinados discursos, sob quais arranjos históricos e sociais se revelam certos sistemas de significação.

A definição de discurso é fundamental a este estudo, é uma definição inicial necessária para pontuar os processos que vieram a partir do nosso posicionamento em relação aos discursos. A partir daí, são as relações entre as práticas discursivas que podem ser reveladoras de visões de mundo, de formas de viver e organizar os saberes sobre o mundo social. O esforço para acessar essas práticas é uma forma de tentar entender as mudanças que afetam a organização da sociedade. Um caminho para entender os conflitos que estão em jogo em dado momento histórico. Segundo Jean-Jacques Courtine (2016, p. 15), “a Análise do Discurso trabalha assim um objeto inscrito na relação da língua com a história”.

Em seu texto *Por uma metodologia do discurso: noções e métodos para uma análise discursiva*, Thiago Henrique Bragato Barros (2015, p.75) destaca que “na Análise do Discurso, este (o discurso) é entendido como um espaço aberto, que parte da língua, é atravessado pela ideologia e circunscrito por sua própria história”. Nesse sentido, as redes discursivas são definidas como conexões, mas, ainda assim, como entrelaçamentos com espaços que se encontram em aberto. Na dinâmica entre diferentes planos se processa essa rede de contatos através das quais concorrem os sentidos.

Discursos seriam, na verdade, atravessados por outros discursos, compostos pela necessidade de expressão de diferentes gêneros discursivos. Para Rodrigues Gomes (2019, p. 276), os discursos interagem por princípios comuns como tema e regularidade e, ainda assim, no interior de uma formação discursiva podem entrar em contradição, mas sem deixar de se relacionar em conjunto. Maingueneau (2008, p. 38) descreve o campo discursivo como sendo “um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo”. Sob esse ponto de vista, Maingueneau (2008, p. 36) ressalta que essa “concorrência” desse ser tomada “da maneira mais ampla”, incluindo tanto a forma do confronto aberto quanto da aliança.

Outro aspecto indispensável é a observação de que há uma relação entre as condições sócio-históricas e a emergência de determinadas formações discursivas. Assim, sob determinados fatores históricos e culturais se manifestam determinadas formações discursivas, compondo diferentes campos discursivos, onde se processam reinterpretações de discursos anteriores num processo interdiscursivo.

Para refletir sobre as indagações implicadas nas questões que nos envolvem, foi traçado o seguinte recorte: a partir da cobertura da imprensa durante os Jogos Paralímpicos Rio 2016,

verificamos a ocorrência de fotografias veiculadas nas matérias que cobriram a participação das mulheres atletas com deficiência nos eventos daquele ano.

O *corpus* a ser analisado foi construído a partir da coleta de páginas de três jornais impressos nacionais, *Folha de S.Paulo*, *Estado de S.Paulo* e *O Globo* - período de 7/9 a 19/9/2016 - reconhecendo que tais enunciados são compostos por elementos próprios da imprensa escrita. Em 221 páginas de esporte, foram encontradas 31 capas que mencionavam os jogos, 325 matérias com 452 fotografias cujo tema eram as paralimpíadas. Desse quadro inicial, verificamos quais as menções sobre atletas femininas e chegamos a 43 matérias e 91 fotografias que trazem mulheres paratletas como personagens em suas narrativas.

Nessa primeira leitura dos jornais para a construção do nosso *corpus*, foi possível verificar que havia uma sub-representação das mulheres paralímpicas, principalmente através das imagens. Tal constatação confirma um primeiro pressuposto de que as mulheres atletas recebem menor espaço em relação aos homens atletas na cobertura da mídia. Esse desequilíbrio é algo que se observa na vida em sociedade, dilema que se apresenta ao longo de nossas discussões, como no capítulo 4 onde debatemos processos de exclusão e a noção de minoria. A partir disso, o que se questiona é o que representam esses dados enquanto sintoma, dentro do contexto das relações sociais. Nosso ponto de partida seria, portanto, verificar quais as características das representações imagéticas que foram encontradas. O que se fala e como se fala sobre as mulheres que foram retratadas nas páginas dos jornais, como foram encenadas essas falas a respeito da participação das mulheres no esporte paralímpico.

Nossa metodologia parte da necessidade de se verificar os pressupostos descritos a respeito dos papéis atribuídos à mulher em sociedade, a presença do corpo na comunicação, o tratamento dado a respeito do que se entende por minorias, do valor atribuído ao esporte enquanto espaço de participação e inclusão social e a forma como o esporte reflete as desigualdades. Também verificamos o grau de contribuição da imprensa para a persistência de valores e estereótipos de gênero e também a respeito da pessoa com deficiência.

Quais os tipos de memórias são acionadas quando a expressão pessoa com deficiência é mencionada em diferentes cenários discursivos? Essa também é uma questão central que nos acompanha em todo o processo de discussão e análise. Na introdução do *Guia para a mídia: Como cobrir os Jogos Paralímpicos* (2016) elaborado com apoio do CPB, tanto Philip Craven, à época presidente do Comitê Paralímpico Internacional, como Andrew Parsons, presidente do Comitê Brasileiro naquela ocasião, destacaram a ideia de “inclusão” para a pessoa com deficiência. Parsons afirma: “os Jogos Paralímpicos sendo disputados pela primeira vez no Brasil e na América Latina têm um enorme poder de mudar a percepção da população em

relação às pessoas com deficiência” (PAPPOUS e SOUZA, 2016, P. 4). O texto introdutório do *Guia* (PAPPOUS e SOUZA, 2016, p. 4) também ressalta: “a mídia desempenha um papel fundamental na transmissão de valores culturais e na produção e reprodução de representações sociais”.

Nos questionamos se o que nos propõe o *Guia para a Imprensa* (2016) do CPB seria uma ruptura com saberes tradicionais cristalizados através das práticas discursivas. Uma visão que buscaria dispor das possibilidades de uso da linguagem para estabelecer rupturas nas formas de organizar as falas sobre mulheres e homens do esporte adaptado. Nesse sentido, o *Guia* do CPB propõe formas de regular as práticas discursivas através do aparato da linguagem em suas formas verbal e visual. O *Guia para Imprensa* (2016, p. 7, 9, 13) traz em seu texto uma série de recomendações sobre as escolhas de terminologia, apontando o que chamam de “termos apropriados” a serem usados nas matérias e textos informativos, além dos tipos de imagens que deveriam ser evitadas. Ao mesmo tempo, o *Guia* (PAPPOUS e SOUZA 2016, p. 13) descreve tipos de “retratos que promovem o empoderamento de atletas paralímpicos”.

Para Maingueneau (1997, p.113), a formação discursiva é o lugar onde atua o interdiscurso, “é um domínio ‘inconsistente’, aberto e instável e não uma projeção, a expressão estabilizada da ‘visão de mundo’ de um grupo social”. Portanto, sendo um fechamento instável, se inscreve entre fronteiras que se deslocam a partir de embates entre diferentes formas de lutas ideológicas. Nesse sentido, quando buscamos interpretar um discurso, estamos cientes de que os fechamentos são provisórios e que há outras relações que podem ser observadas.

Como ponto inicial, recorremos a algumas definições propostas por Dominique Maingueneau (2008), filiado à Análise do Discurso de linha francesa. Maingueneau (2008) traz três definições que permitem uma aproximação ao objeto discursivo: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. Dentro do universo discursivo, Maingueneau (2008, p. 34) designa “o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada”. Representa, segundo o autor (2008, p. 34), “um conjunto finito, mesmo que ele não possa ser apreendido em sua globalidade”. Sua relevância para este trabalho estaria no sentido de auxiliar na delimitação de um “horizonte” a partir do qual podemos estabelecer os campos discursivos de interesse, “domínios suscetíveis de serem estudados”, como define Maingueneau (2008, p. 34). Dentro de um campo discursivo estariam em concorrência certos conjuntos de formações discursivas que se delimitariam reciprocamente através de diferentes redes de trocas. Não se tratando de delimitações evidentes, mas de sistemas de dispersão por onde se percebe uma superfície, uma forma aparente, a qual, se investigada, pode revelar

diferentes tipos de ligações e como essas operam. Ou seja, a forma como se percebe a superfície de um texto ou de um enunciado está ligada a seu sistema de dispersão.

Para Dominique Maingueneau (2008), o que torna os discursos viáveis é a possibilidade de identificação de instituições discursivas que, a partir de determinadas competências, criam condições de produção e de circulação dos discursos. Ao mesmo tempo, tais instituições se sustentam a partir desses gêneros de discurso que elas próprias elaboram. No caso da imprensa, ela se constitui por redes de discursos que também lhe imprimem características.

Nesse sentido, a partir das definições de Maingueneau (2004) sobre diferentes tipos de competência, apreendemos a competência genérica que é do domínio dos gêneros de discurso. Segundo o autor, “o discurso jornalístico é de certa forma antecipadamente legitimado”, entendendo que os membros responsáveis por esse campo possuem a competência genérica necessária.

As leis que regem a atividade verbal são, então, adaptadas às especificidades de cada gênero do discurso. “O domínio das leis do discurso e dos gêneros de discurso (a competência genérica) são os componentes essenciais de nossa competência comunicativa”, assinala Maingueneau (2004, p. 41). O autor aponta também que há um certo número de leis do discurso, o que ele classifica como adaptações às especificidades “de cada gênero do discurso”. Dentro dessa noção de gênero, determinadas falas e formas de dizer podem ser admitidas em uma dada situação de comunicação e outras não. Há uma espécie de acordo entre os canais de comunicação e aqueles que consomem as informações, o que Charaudeau (2015) define como contrato de comunicação. Ao enunciador é dada a propriedade de organizar os sentidos que serão negociados com o enunciatário, sua audiência, onde se pressupõe a partilha de um quadro de referência.

Usando aqui os próprios apontamentos de Maingueneau (2004, p. 41), se para se comunicar é necessário certo domínio da língua e algum conhecimento de mundo, é no momento de “se inscrever no mundo por intermédio da língua” que incorporamos certas práticas discursivas. “O discurso só adquire sentido no interior de outros discursos”, aponta Maingueneau (2004, p. 58)

Em seu texto *As materialidades e seus discursos*, Mayra Rodrigues Gomes (2019, p. 278) aponta que discursos podem recorrer a reencenações de discursos anteriores em um processo de interdiscursividade. Segundo Rodrigues Gomes (2019, p. 278), a interdiscursividade nos leva a uma “constatação de que um discurso reencena elementos de discursos já dados, ou melhor, lança mão de significações culturalmente cristalizadas porque já estabilizadas em discursos/textos de produções que o antecedem”. Em seu artigo, a autora

(2019, p. 274) insere uma definição formulada por Michel Foucault em seu texto *As formações discursivas* - presente na obra *A arqueologia do Saber* (2012) - onde o autor conceitua certa natureza da formação discursiva “como processo e como instrumental de análise”.

[...] no caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2012, p. 47).

Jean Jacques Courtine (2013) define uma memória discursiva que se articula através das imagens. O autor busca uma forma de tratar os processos de interdiscursividade iconográfica. Tal memória visual apareceria nas imagens na forma de repetição de discursos visuais já vistos. Esse processo de interdiscursividade das imagens seria definido por Courtine (2013) como intericonicidade. Para Courtine (2013), toda imagem se inscreve em uma cultura visual que forma parte dessa memória visual, uma memória das imagens. O próprio fotojornalista recorre a essa memória das imagens para gerar fotografias capazes de se inscreverem no gênero no fotojornalismo esportivo, objeto de debate na presente pesquisa. Há uma regularidade nas formas de encenação das imagens que “falam” sobre o esporte.

Resgatando alguns conceitos defendidos por Courtine, Maingueneau (1997, p. 115) traça uma definição das formações discursivas a partir das conexões a uma memória discursiva que, através de suas encenações, repetem, recusam e modificam outras formações. São as chamadas redes de formulações que em suas associações constituem o processo discursivo característico de determinada formação discursiva. Assim Maingueneau (1997) descreve como se processam as relações no interior do discurso:

Assim, toda formulação estaria colocada, de alguma forma, na intersecção de dois eixos: o "vertical", do pré-construído, do domínio de memória e o "horizontal", da linearidade do discurso, que oculta o primeiro eixo, já que o sujeito enunciador é produzido como se interiorizasse de forma ilusória o pré-construído que sua formação discursiva impõe. O "domínio de memória" representa o interdiscurso como instância de construção de um discurso transversal que regula, tanto o modo de doação dos objetos de que fala o discurso para um sujeito enunciador, quanto o modo de articulação destes objetos. (MAINGUENEAU, 1997, p. 115)

Já o processo da intericonicidade supõe alguma relação dos sujeitos com imagens exteriores que fazem ressurgir outras imagens. Toda imagem tem um eco, segundo Courtine (2013). São imagens de lembrança, imagens da memória, imagens de impressões visuais armazenadas pelo indivíduo ou até mesmo sonhadas ou imaginadas. Discurso, memória e

imagem formariam um eixo dentro da proposta de Courtine. O que se expressa nesse ponto é que sempre há imagens sob as imagens. Esse eixo colocaria o corpo como centro das atenções. O corpo como portador de um acervo de memória, ao mesmo tempo, expressão desses sentidos armazenados. Também o corpo como construtor de novos discursos.

Para Nilton Milanez (2015), há também um lugar da historicidade que influencia o funcionamento do discurso nas formas da repetição de imagens. A memória discursiva estaria relacionada a uma existência histórica dos enunciados.

É nesse jogo entre memória e sua irupção na atualidade que se dá o funcionamento daquilo que Courtine dirá como sendo o efeito de memória. O efeito de memória estaria posto na relação entre interdiscurso e intradiscuro, isto é, na relação entre a formação de uma memória no fio do discurso – o interdiscurso – e sua formulação na atualidade – o intradiscuro. (BRAGA, 2014, p. 21)

Segundo Braga (2014, p. 22), um dos fundamentos da interdiscursividade entre imagens defendida por Courtine diz respeito ao modo de funcionamento da memória das imagens, como um aparato que “atravessa, organiza e atribui sentidos a uma imagem vista, reconhecida e compartilhada pelos sujeitos de uma dada cultura visual”.

A intericonicidade se fundamenta sobre a ideia de que sob uma imagem há uma rede estratificada de imagens anteriores que seriam retomadas ou reelaboradas. O uso desse conceito supõe uma relação entre imagens externas e internas. Braga (2014) sublinha que aí se encontra uma referência ao trabalho sobre iconologia de Hans Belting (2006). A partir de uma visão antropológica, a exemplo de Belting, Braga (2014, p. 23) repercute que “a interação entre imagens endógenas e exógenas” se caracteriza como uma atividade intrínseca ao ser humano.

Braga (2014, p. 23) destaca a expressão “mídia viva” abordada por Belting (2006) ao debater a relação entre imagem, mídia e corpo. Para Belting (2006, p. 47), imagens são negociadas entre corpo e mídia e são os próprios corpos que “censuram o fluxo de imagens através da projeção, memória, atenção ou negligência”.

É a nossa própria experiência corpórea que nos permite identificar o dualismo inerente nas mídias visuais. Sabemos que todos temos ou que possuímos imagens, que elas vivem em nossos corpos ou em nossos sonhos e esperam para serem convocadas por nossos corpos a aparecer. (BELTING, 2006, p. 38)

As mídias, ou as mídias visuais, nos coloca Belting (2006, p. 38), atuariam como forma de canalizar a nossa percepção através de uma experiência corpórea, local onde ocorre o intercâmbio entre imagem e corpo. Sob a perspectiva de Belting, Braga (2014, p. 23) retoma:

“corpos servem como uma mídia viva que nos faz perceber, projetar ou lembrar imagens, o que também permite a nossa imaginação censurá-las ou transformá-las”.

Desta forma, para Braga (2014), tanto a perspectiva discursiva de Courtine, quanto a perspectiva antropológica de Belting, resgatam o corpo como objeto central e agente do saber. Segundo a autora (2014, p. 23), “o corpo que interpreta, produz e serve de suporte às imagens” estaria na perspectiva de Courtine. Já em Belting, segundo Braga (2014, p. 23), seria o “corpo que possui, convoca, produz, projeta, lembra, imagina, censura e transforma imagens”.

Num momento inicial da nossa investigação, foi em Patrick Charaudeau (2010), que definimos um primeiro ponto de vista sobre a análise do discurso. Em *Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização*, o autor (2010, p. 3) evidencia que se trata de “um campo que pode ser trabalhado de maneiras distintas, mas com uma finalidade comum: ver como se estruturam as trocas sociais através da linguagem”. Sua análise levaria a um entendimento sobre as formas “como se organizam as relações sociais e se instauram os vínculos sociais”, define Charaudeau (2010, p. 3).

Já em Maingueneau (2008), a ideia de uma sociedade como um entrelaçamento de práticas discursivas conduziu a noção de que os próprios discursos concorrem para regular a vida social. O autor considera os modos de circulação, os suportes e as formas de difusão como parte de um contexto sócio-histórico, local de produção dos textos. Já em sua obra *Análise de textos de comunicação*, Maingueneau (2013, p. 55) observa que “o discurso só adquire sentido no interior de um universo de outros discursos, lugar no qual ele deve traçar seu caminho”.

Como dito anteriormente, ao longo do tempo, ocorrem transformações através das práticas discursivas. Consideramos, portanto, que essas práticas contam sobre as mudanças de visão do homem sobre o mundo e sobre suas próprias ações. Justifica-se que, se uma sociedade pode ser vista a partir de tramas formadas por práticas discursivas, ao se acessar essas práticas, pode-se fazer um diagnóstico dos comportamentos e dos dilemas que estão em jogo em dado momento histórico.

Considerando que a análise a que nos propomos são fechamentos provisórios, atentamos para o que coloca Thiago Soares Barbosa (2018, p. 53) sobre certas especificidades do discurso: “não se trata apenas de descrever a verdade ou o sentido dos discursos, mas, sobretudo, de fazer sua história”. Para o autor, a AD abre a possibilidade de se trabalhar o “entrecruzamento do discursivo e do não discursivo”. Segundo Barbosa (2018), todo esse percurso se processa com vista à trajetória do pesquisador e sua relação com o objeto de pesquisa.

(...) nosso percurso é justificado na medida em que nossa incursão pela história teórico-metodológica de certas noções da Análise do Discurso (AD) é, de certa forma, uma “recriação” narrativa cuja representação são os nossos princípios axiológicos ligados às leituras, pesquisas e preferências. (Barbosa, 2018, p. 48)

Em um momento inicial, tomamos Patrick Charaudeau (2001) como um dos fundadores da proposta de uma análise semiolinguística do discurso que envolveria a articulação de dois planos: plano situacional e plano linguístico. A linguagem, para Charaudeau (2001), pode ser pensada como fenômeno multidimensional, dotada de diferentes aspectos que se relacionam. Dimensões cognitiva, social, psicossocial e semiótica. Sobre esses possíveis planos, o autor propõe relacionar elementos mais externos como ações e influência social e elementos mais internos envolvidos na construção de sentido no interior do discurso.

Tal postura teórica assume que, para além da materialidade verbal, contribuem também diferentes sistemas semióticos, as materialidades da imagem. Dentre esses sistemas, temos o icônico, a linguagem gestual e dados extralinguísticos relacionados como, por exemplo, as identidades psicossociais dos sujeitos que participam da troca comunicativa. Todos esses elementos são envolvidos em um contexto histórico do qual são, ao mesmo tempo, fruto e também determinantes.

Enfim, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, sob a influência do desenvolvimento dos estudos antropológicos e sociológicos cada vez mais interessados pela linguagem, nasce um ponto de vista macro sociolinguístico que integra, a uma dada situação languageira, todos os membros do grupo social nela inseridos. (CHARAUDEAU, 2001, p. 28)

Também para Charaudeau (2001), o ato de dizer envolve uma encenação que se baseia em um conjunto de estratégias discursivas. Os sujeitos da linguagem, como seres psicossociais se encontram envolvidos no ato de linguagem onde o “dizer” envolve certa expectativa a uma significação. “O ato de linguagem pode ser considerado como uma interação de intencionalidades cujo motor seria o princípio do jogo: ‘jogar um lance na expectativa de ganhar’”, descreve Charaudeau (2001, p. 28) sobre a encenação que envolve os sujeitos.

Para Maingueneau (1997, p.113), a formação discursiva é o lugar onde atua o interdiscurso, “é um domínio ‘inconsistente’, aberto e instável e não uma projeção, a expressão estabilizada da ‘visão de mundo’ de um grupo social”. Portanto, sendo um fechamento instável, se inscreve entre fronteiras que se deslocam a partir de embates entre diferentes formas de lutas ideológicas.

Os discursos não se configuram fora de sua realidade de circulação, para se analisar um discurso é necessário buscar uma compreensão sobre a estrutura social que lhe dá razões de existência, bem como as dimensões que envolvem o ato de linguagem.

Por vezes, existem filiações múltiplas: o estudo das interações verbais pertence ao domínio do discurso, mas tem a ver igualmente com estudos “etológicos” e psicosociológicos. Assim, diferentes teorias têm em comum certos postulados, certos conceitos, certas hipóteses, o que dificulta uma classificação. A própria análise do discurso, onde começa, onde termina? (CHARAUDEAU, 2005, p. 12)

Considerando que o documento fotográfico é a forma narrativa que nos interessa enquanto discurso que reflete todas as questões que estão em jogo, buscamos possíveis formas de verificação do documento fotográfico através de uma análise de conteúdo das imagens, como nos propõe Casadei (2011).

Uma análise de conteúdo para as produções fotojornalísticas também deve levar em consideração as gramáticas propriamente imagéticas que medeiam a construção das fotografias, a partir do isolamento de unidades de conteúdo que explicitem e valorizem os conteúdos urdidos nas imagens, independentemente de outras possíveis relações que essas imagens estabeleçam com os textos que as acompanham. (CASADEI, 2011, p.14)

A cena da enunciação pode ser percebida no interior do enunciado. Numa concepção sobre gênero, Maingueneau (2004) elenca três facetas da cena enunciativa: a cena englobante, a cena genérica (o gênero) e a cenografia. A cena englobante corresponde ao tipo de discurso, religioso, político, publicitário etc. Aqui pensamos a cena englobante como o discurso jornalístico. Segundo Maingueneau (2004), as cenas genéricas se relacionam aos vários gêneros do discurso, onde há recorrência de modelos pré-estabelecidos. A cenografia seria a encenação da fala, a maneira ou a construção da fala que se produz durante a enunciação. A cenografia é o lugar da interação entre os co-enunciadores.

A obra de Charaudeau (2015) nos conduzirá nas discussões a respeito da relação entre acontecimento e notícia, relação constituída através do discurso jornalístico. Pontuamos, portanto, a relevância e a influência de tais discursos nas formas de se colocar as questões de gênero e construir significados sobre a presença da mulher no esporte paralímpico. Como ponto central, o papel do fotojornalismo nas estratégias de encenação nas tramas discursivas da informação. Dessa forma, nossa investigação central é pautada pela discussão em torno da participação dos canais midiáticos na produção de sentido sobre acontecimentos sociais que envolvem a mulher atleta com deficiência.

Vilches (1992) descreve a página de um jornal como sendo uma macroestrutura informativa da qual fazem parte elementos como as fotografias, os textos, o logotipo, os títulos, as legendas, elementos gráficos, o espaço ocupado por cada elemento na diagramação. Componentes da expressão periodística, determinantes do processo de geração de sentido. Tendo isso em vista, passamos a investigar o nosso *corpus* verificando o processo de geração de sentido das imagens nas páginas dos jornais que retrataram as mulheres do esporte paralímpico. Considerando aqui a linguagem fotográfica como eixo central dos mecanismos do discurso.

Em *Discurso das Mídias* (2015), Patrick Charaudeau aponta para uma organização e hierarquização da notícia através das exigências de visibilidade, de legibilidade e de inteligibilidade. Critérios que serão observados na análise dos enunciados das páginas dos jornais. Segundo nos coloca Charaudeau (2015), a organização dos elementos da linguagem informativa (verbais e visuais) seguem objetivos pontualmente determinados.

De acordo com Charaudeau (2015), a legibilidade diz respeito à forma como se relatam os fatos, a clareza na elaboração da notícia que, segundo o autor, tem a ver com o entendimento da forma como são apresentadas e organizadas as informações. Já o critério de inteligibilidade estaria no esclarecimento do como e do porquê das notícias, está também relacionado aos outros elementos e se manifesta nos critérios de paginação e pelas formas textuais dos comentários como editoriais, crônicas e análises.

A visibilidade está ligada a maneira de enunciar e apresentar as notícias, critérios de edição como paginação e titulação. Charaudeau (2015, p. 233) descreve três características da visibilidade: “fática, de tomada de contato com o leitor, epifânica de anúncio da notícia, e sinóptica, de orientação ao percurso visual do leitor no espaço informativo do jornal”. Elementos que serão considerados como critérios de análise.

Diferentemente disso, Charaudeau esforça-se para constituir uma estratégia operacional de análise dos discursos capaz de contemplar, de modo integrado, as múltiplas dimensões envolvidas num ato de linguagem. Embora ele chegue a estabelecer proposições gerais sobre o modo de articulação entre vários planos da realidade social, toda sua teorização é desenvolvida a serviço de um modelo alternativo de análise empírica do discurso que ele pretende inaugurar. (NOGUEIRA, p. 66, 2004)

Charaudeau (2001, 2006, 2015) demonstra a preocupação em articular a realidade social de produção do discurso com a dimensão linguística de construção do discurso, analisa Cláudio Marques Martins Nogueira (2004). Ao mesmo tempo, não são as posições sociais encaradas como as determinantes diretas dos posicionamentos discursivos, uma análise

determinista sobre o discurso deixaria de lado outras dimensões. Para Nogueira (2004), “os sujeitos, partem, é claro, de uma série de expectativas relativas à forma de organização de cada tipo de encontro linguageiro e ao tipo de discurso esperado em cada caso”, descreve o autor (2004, p. 67) sobre a forma de pensar o discurso proposta por Charaudeau.

Charaudeau procura evitar tanto as abordagens que enfatizam excessivamente o plano do contexto social, em prejuízo da análise propriamente linguística, quanto as que tendem a focalizar unilateralmente a dimensão linguística, sem considerar suficientemente as condições sociais de produção do discurso.” (NOGUEIRA, p. 66, 2004)

De toda forma, os sujeitos corresponderiam, de certa forma, a contextos sociais formadores de identidades que os impulsionam a determinadas ações. Segundo Nogueira (2004, p. 67), “os sujeitos em Charaudeau são caracterizados como tendo um ‘projeto de fala’, ou seja, objetivos mais ou menos claros que os motivam na construção de seus discursos e que são perseguidos estrategicamente”.

Segundo Charaudeau (2001), dispor de vários códigos semiológicos, não se limitando ao campo das manifestações dos códigos verbais. O autor afirma que há, por exemplo, a linguagem do gesto que corresponderia a um código gestual ou um código icônico, como na linguagem da imagem. Como já destacado neste trabalho, o peso do corpo na comunicação, para Le Breton (2009), corresponde a toda uma linguagem corporal, presente através dos gestos, posturas, expressões etc.

Quando pensamos em imagens, buscamos nas formas de expressão do corpo as pistas, os sintomas, que possam nos revelar as tramas da cena. Courtine (2013) destaca a questão do corpo e das fisionomias como um caminho a ser percorrido para se entender algumas questões dos discursos que se inscrevem nas superfícies corporais. Há indícios significantes que se articulam sobre e nos corpos. Formas de manifestação, da linguagem das paixões e dos afetos. Na leitura das fotografias do esporte recorremos a modelos pré-estabelecidos. Na verdade, tendemos a uma visão universalista dessas expressões fisionômicas, mas nosso olhar está influenciado por uma vivência cultural.

Os tratados sobre as fisionomias tentam fornecer “um léxico dos corpos”, segundo Courtine (2013). Essas classificações das fisionomias resultam de um esforço histórico para converter indícios morfológicos em uma linguagem dos estados psicológicos. Mesmo resultando de uma antiga tradição, esses tratados das fisionomias repercutem ao longo do tempo. Em sua obra *Decifrar o corpo - pensar com Foucault*, Courtine (2013) percorre os tratados antigos e as fisionomias da Idade Clássica e encontra semelhanças nas formas de

classificação propostas para a leitura do corpo. “As formas discursivas da observação e da descrição do corpo humano permaneceram bastante estáveis e repetitivas desde a invenção da escrita”, destaca Courtine (2013, p. 73).

A partir de todos os pontos revisados sobre as questões que podem ser determinantes das formas de representação da mulher atleta com deficiência, se inicia o processo de análise do *corpus*. A revisão de literatura a respeito das questões de gênero, os dados fornecidos pela bibliografia para uma análise apropriada do papel das imagens sobre o imaginário produzido e reproduzido socialmente, as possíveis tramas do interdiscurso nas formas de produção de sentido dos discursos, todos fatores que agora influenciam o nosso olhar sobre as imagens presentes nos jornais considerados para a análise do tema em questão. No processo de interdiscursividade questionaremos: como os discursos reapropriam e reinterpretem os sentidos sobre o esporte e a mulher atleta com deficiência?

Construímos o *corpus* de análise a partir da coleta de páginas de três jornais impressos nacionais: *O Estado de S.Paulo*, *O Globo* e *Folha de S.Paulo*. Foram selecionadas edições impressas veiculadas entre os dias 07 e 19 de setembro de 2016 e que contém fotografias das mulheres paralímpicas. *O Estado de S.Paulo* e *Folha de S.Paulo* são jornais que circulam nacionalmente e tem ampla cobertura de eventos de relevância nacional. Quanto ao jornal *O Globo*, também é um jornal de grande circulação e o ponto principal de sua relevância é a sua proximidade com os jogos, uma vez que a sede do jornal é a cidade do Rio de Janeiro, também local de realização das Paralimpíadas. Abaixo, dados do IVC, Instituto Verificador de Comunicação, sobre o número de circulação dos três jornais a serem analisados.

Quadro 4. Quadro sobre o número de circulação dos três jornais que compõem nosso *corpus* *Folha de S.Paulo*, *O Estado de S.Paulo* e *O Globo*, números de 2018 e 2020.

Jornal	Cidade sede	Média de exemplares em dezembro de 2018	Média de exemplares em dezembro de 2020
<i>Folha de S. Paulo</i>	São Paulo (SP)	103. 501	65.385
<i>O Estado de S. Paulo</i>	São Paulo (SP)	107.403	80.382
<i>O Globo</i>	Rio de Janeiro (RJ)	120.303	78.165

Fonte: IVC (Instituto Verificador de Comunicação)

Retomamos aqui um resumo sobre o nosso recorte para o *corpus* que será analisado ao final deste trabalho. Nas 36 edições dos jornais *Folha*, *Estadão* e *Globo* foram encontradas

221 páginas de esportes. Sobre as mulheres paralímpicas, os jornais trouxeram 43 matérias e 91 fotos de um total de 452 imagens das competições e seus eventos. Dados a serem investigados sob uma perspectiva interseccional, se observando as relações interdiscursivas que envolvem as fotografias dos periódicos. Confrontaremos as imagens com nossas hipóteses e questionamentos para compreensão das formas como significam as fotografias e como estão construídos os discursos nos enunciados das páginas dos jornais. A partir da hipótese de que imagens fotográficas são usadas na construção de sentidos sobre a participação das mulheres no esporte paralímpico, a nossa investigação percorrerá questões que demandam do próprio objeto

3. IMPRENSA, DISCURSO E ESPORTE

Autores que trabalham sobre diferentes contextos analisam o esporte a partir de diferentes perspectivas. Tais visões levam a uma reflexão sobre as possibilidades de uso do discurso sobre o esporte, destacando-se a relevância de se ter em vista quais objetivos estão em jogo nas narrativas que contam sobre os feitos, os eventos e os fatos esportivos. Sobre contexto, uso da língua e discurso, Van Dijk (2017, p. 304) escreve: “os contextos enquanto modelos não causam nem condicionam a fala ou o texto, mas controlam o modo como são executados”.

Entre contexto e práticas sociais, os discursos são mediadores de visões ou noções de mundo. Há uma infinidade de acontecimentos se produzindo nas práticas sociais, mas entre esses acontecimentos, é muito reduzido o número deles que ganhará espaço nos canais midiáticos. Patrick Charaudeau (2015) nos questiona sobre os critérios que seriam considerados pela instância midiática para que determinados, fatos, acontecimentos ou ações recebam visibilidade.

Charaudeau ressalta em sua obra *Discursos das mídias* (2015) que os acontecimentos passam a ser considerados a partir do momento em que são nomeados como acontecimentos para, nesse processo, ser informado a alguém, um interlocutor. “O acontecimento só significa enquanto acontecimento em um discurso”, descreve Charaudeau (2015, p.132). Para que se processe a nomeação dos acontecimentos imprimindo-lhes sentidos, as informações e os dados serão organizados em discursos, concebidos pela linguagem. Como proposto por Maingueneau (2004), tal processo envolverá uma instituição de fala que se orienta pela forma de resposta da audiência. O discurso é, portanto, orientado e construído em função de uma finalidade, como é o caso da imprensa esportiva.

Já nas formulações de Patrick Charaudeau (2015), se estabelece um contrato de comunicação que se apresenta na própria forma de comunicar, de articular os conhecimentos de mundo por meios dos discursos. São também as próprias formas de encenação dos discursos, na organização dos temas. Nesse sentido, é preciso destacar que, como nos descreve Charaudeau (2015, p. 131), “sempre que tentamos dar conta da realidade empírica, estamos às voltas com um real construído, e não com a própria realidade”.

Charaudeau (2015, p. 70) considera a forma de dizer como parte dos dados internos que são “propriamente discursivos”. Faz parte do contrato de comunicação o espaço de *locução*, o espaço de *relação* e de *tematização*. O espaço de *locução* envolve o direito de comunicar e sua imposição enquanto sujeito falante deve considerar quem é o seu interlocutor, a quem se fala.

A partir dessa “tomada de palavra” se estabelece o espaço de *relação*, é onde se constroem as identidades do locutor e a de seu interlocutor. As formas dessa relação, segundo Charaudeau (2015), regulam as forças envolvidas na possibilidade de aliança ou não, de embate ou de convivência do interlocutor. No espaço da *tematização* é onde se organiza o domínio do saber, o tema da troca e onde são tomadas as posições em relação ao tema. Questão relevante quando se pensa no posicionamento em relação aos temas que tratam da pessoa com deficiência, da mulher atleta e das disputas paradesportivas. A maneira como a imprensa nomeia os acontecimentos do esporte paralímpico, bem como as ações das mulheres paralímpicas, está relacionada à própria forma de lidar com a pessoa com deficiência e com os espaços ocupados pela mulher.

O que argumentamos nessa breve exposição diz respeito às formas de negociação entre os acontecimentos e a instância midiática, os conflitos vividos nesse processo, entre os espaços de *locução*, *relação* e *tematização*, como definido por Charaudeau (2015). Introduzimos a questão do contrato de comunicação com o intuito de iniciar a discussão sobre a relação da imprensa com o esporte adaptado e como essa relação gera os discursos que constroem sentidos sobre o esporte. Da relação dos canais midiáticos com o esporte paralímpico se atribui maior ou menor relevância aos eventos do paradesporto dentro dos espaços de *locução*, *relação* e *tematização*. A própria atribuição de sentido será determinante para a visibilidade dos paratletas e da reafirmação dos jogos paralímpicos como megaevento esportivo.

3.1. Imprensa e Esporte Paralímpico

O *Portal Imprensa* - versão online da *Revista Imprensa* - promoveu um debate sobre a cobertura dos Jogos Paralímpicos do Rio. O evento aconteceu em 24 de junho de 2016, nos estúdios da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), e teve como tema “O Brasil no contexto do paradesporto mundial”. Um dos encontros promovidos foi entre o presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), à época, Andrew Parsons, e o repórter da tv Globo Renato Peters. O objetivo, segundo o *Portal*, era traçar um panorama sobre os jogos e o crescimento do esporte paralímpico no Brasil e discutir a cobertura da imprensa para aquele ano. Esse debate pode ser acessado no canal online do *Portal Imprensa*¹³. Enquanto Parsons

¹³ canal online do *Portal Imprensa* – disponível em <http://www.portalimprensa.com.br/coberturaolimpica/home.asp>, consultado em 30/07/2020.

ressaltava a necessidade de se colocar a questão do esporte sem pesar o foco no discurso da superação, Renato Peters relatava a dificuldade entre colegas jornalistas na cobertura do esporte para pessoas com deficiência. Segundo Peters, ainda existia preconceito e desconforto por parte de profissionais da comunicação no contato com os atletas com deficiência. O repórter fez um relato sobre a dificuldade revelada pelos colegas jornalistas que diziam não saber como reagir no contato com pessoas com deficiência. Ao mesmo tempo, Peters contou sobre a dificuldade de cobertura dos jogos paralímpicos por ser um evento onde o quadro de medalhas muda muito rapidamente por conta do potencial dos atletas brasileiros envolvidos com a competição paradesportiva.

Ambos entrevistados, Peters e Parsons, coincidiram na questão das matérias se pautarem pela ideia de “superação”. É frequente o uso dessa expressão nas matérias realizadas pela imprensa sobre atletas com deficiência. Superação é um termo usado como recurso discursivo de forma recorrente em narrativas que contam sobre o universo do esporte adaptado. É comumente empregado para narrar a história de vida dos atletas, mas envolve a intenção de colocar o atleta com deficiência numa situação inicial de vitimização para depois insuflar a ideia de como o esporte o teria reinserido na vida social, saindo do isolamento para ocupar um espaço onde a capacidade corporal humana é constantemente desafiada.

O que questionamos nesse ponto é se essa ideia de superação não é redutora da potencialidade do indivíduo enquanto atleta de alto rendimento. Para desenvolver as aptidões físicas e chegar a uma paralimpíada, as/os atletas vivem um processo que envolve longos períodos de treinamento, participações em torneios de classificação. A técnica corporal está presente no esporte adaptado como em toda atividade humana que envolve o desenvolvimento da potencialidade do corpo.

A ideia de superação de limites pode conter sentidos diferentes se empregados em relação ao atleta olímpico ou se relacionado ao atleta do paradesporto. A questão do limite a ser superado pode conter determinada conotação para atletas dos quais se entende que há um limite humano a ser ultrapassado e outra conotação se empregado para pessoas com deficiência que convivem com o estereótipo das limitações cotidianas, a ideia equivocada de um corpo incompleto. Como já destacamos, conceitos que podem ser reforçados pelos discursos. A própria comparação deve ser evitada, entre olímpicos e paralímpicos, considerando que tudo é esporte.

A pessoa com deficiência é constantemente relacionada a essa ideia de superação, confrontada com uma pré-noção de que há uma limitação à sua participação nas atividades do cotidiano da sociedade. Há um limite tênue entre essa noção e o capacitismo em narrativas que

focam no histórico da condição física das mulheres e dos homens paratletas. A pesquisadora Anahi Guedes Mello (2016, p. 3273) em seu estudo *Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC* nos coloca a necessidade de “desconstruir a noção de incapacidade que está intimamente entrelaçada à de deficiência”. Mello (2016, p. 3273) assim descreve a questão do capacitismo:

Os estudos recentes sobre o tema definem como capacitismo a forma como pessoas com deficiência são tratadas como “incapazes”, aproximando as demandas dos movimentos de pessoas com deficiência a outras discriminações sociais como o racismo, o sexismo e a homofobia. (MELLO, 2016, p. 3273)

Essas noções são fundamentais ao debate sobre o papel dos discursos na criação dos imaginários sobre essa parcela da sociedade composta por pessoas com algum tipo de deficiência. Segundo Mello (2016, p. 3271), a postura capacitista guarda uma relação com a ideia de corponormatividade através da noção de que existem corpos “inferiores, incompletos ou passíveis de reparação/reabilitação”, uma vez que são confrontados com “padrões hegemônicos corporais/funcionais”. Cabe ressaltar que seguir explorando, através dos discursos midiáticos, o uso de conceitos que limitam as performances do corpo pode incorrer na permanência de “antigos” estereótipos onde não se permite a percepção da diversidade.

Determinar a própria terminologia a ser empregada pode ajudar a revisar as posturas e corrigir distorções históricas. A exemplo disso, o *Libro blanco del deporte* (2018, p. 25) do Comitê Paralímpico Espanhol recomenda o uso dos termos “esporte para pessoas com deficiência” e “atleta com deficiência”, como no seguinte trecho:

Es recomendable superar la práctica de “etiquetar” al deportista mediante el lenguaje y dar paso a una terminología que explique a la sociedad la naturaleza del deporte que practica. Esta terminología debería ser más normalizada y respetuosa con las diferencias individuales, poniendo el atributo sobre la modalidad deportiva en cuestión, en lugar de centrarse en la discapacidad del deportista. (*Libro blanco del deporte*¹⁴, 2018, p. 25)

Antecedendo aos Jogos Paralímpicos Rio 2016, o Comitê Paralímpico Brasileiro disponibilizou um manual de conduta para imprensa, o *Guia para a mídia: Como cobrir os*

¹⁴ [Libro blanco del deporte de personas con discapacidad en España.pdf \(paralimpicos.es\)](https://www.paralimpicos.es/documentos/libro-blanco-del-deporte-de-personas-con-discapacidad-en-espana.pdf)

*Jogos Paralímpicos Rio 2016*¹⁵. Através do *Guia*, o comitê brasileiro trouxe uma série de recomendações para a cobertura da imprensa, orientações de como proceder na tarefa de informar sobre os jogos, as formas de competição e tudo o que envolve as modalidades do esporte paralímpico, uma clara percepção de que há um desconhecimento sobre a condição dos atletas com deficiência e as modalidades em disputa. O texto detalha questões que envolvem a linguagem a ser utilizada, verbal e não-verbal.

Pappous e Souza (2016), autores do *Guia*, elencam tipos de imagens que devem ser evitadas, entre elas: poses que conotem passividade, que enfatizem e foquem a deficiência, recortes que possam intencionalmente esconder a deficiência, imagens de isolamento dos atletas que conotem angústia ou tristeza e fotos que ressaltem falhas ou quedas. O lema dos Jogos, segundo o *Guia* (2016, p. 6), “*Spirit in Motion*”, é definido como o espírito em movimento e deve ser uma referência para as formas de se retratar as competições. Dessa forma, o *Guia* recomenda:

(...) deve-se selecionar fotos que mostram os atletas em ação dentro do campo de competição. Ao mesmo tempo em que não se deve focar suas deficiências, também não se deve escondê-las. Os Jogos Paralímpicos se constituem em uma oportunidade única para mostrar as habilidades e a competitividade dos atletas. Lembre-se que os atletas – e não as suas deficiências – devem ser o foco central das imagens! (PAPPOUS e SOUZA, 2016, p. 6)

Pappous e Souza (2016) destacam no *Guia para a Mídia* algumas características das fotografias que podem promover imagens positivas e o empoderamento de atletas paralímpicos. O *Guia* (Pappous e Souza, 2016) recomenda uma série de características que fariam das fotos de imprensa uma representação do que os autores definem como “espírito atlético”. Contribuiriam, então, para a produção de sentido de competitividade e euforia dos atletas, os quais seriam retratados preferencialmente no contexto de disputa dos jogos.

Segundo o *Guia* (Pappous e Souza, 2016), por meio das imagens pode-se promover o empoderamento dos atletas paralímpicos focando sua atuação dentro do campo de competição, destacando-se características próprias do esporte, como o uso de roupas esportivas nos momentos de ação e o foco no gestual próprio da competição, sem perder de vista que não se deve esconder a deficiência, ao mesmo tempo em que não se deve focar exclusivamente nela. Ainda sobre essas formulações de Pappous e Souza (2016), elas são simplificadoras das

¹⁵ *Guia para a mídia: Como cobrir os Jogos Paralímpicos Rio 2016*. Universidade de Kent/Universidade Federal do Paraná: 2016. disponível em <https://static.kent.ac.uk/media/news/2016/05/GUIA-paralimpicos.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

questões que estão em jogo. Possivelmente como uma forma rápida e didática de se propor soluções a curto prazo.

A questão da pessoa com deficiência é tratada no *Guia para a mídia* (Pappous e Souza, 2016) de forma a que se naturalize a presença física desses atletas, um reconhecimento da dificuldade do profissional de imprensa em lidar com a questão das diferenças corporais. Os autores ditam normas de conduta para a aproximação e abordagem dos atletas. Recomendações como a necessidade de se dirigir diretamente aos indivíduos correspondendo ao grau de deficiência apresentado pelo entrevistado, interpretando suas necessidades e perguntando, se necessário, e em caso de dúvidas, sobre o grau de necessidades especiais do atleta. Uma forma de admitir a inquietação e a falta de naturalidade do profissional da comunicação no contato com pessoas com deficiência – condutas próprias da nossa sociedade. Sobre as imagens, “observou-se na cobertura de outros Jogos Paralímpicos um número de fotos que enfatizam a deficiência, a parte do corpo humano que está faltando e/ou que está comprometida”, comentam os autores do *Guia* (Pappous e Souza, 2016, p. 7).

O *English Federation of Disability Sport* disponibilizou em agosto de 2016 o *Media Guide: Reporting on disabled people in sport* para tratar sobre a cobertura das modalidades do esporte adaptado. A entidade realiza um trabalho de apoio às políticas de inclusão na Grã Bretanha. Segundo o *Media Guide* (2016), quanto maior for a cobertura midiática do esporte para pessoas com deficiência, maior será a familiaridade do público com as modalidades do paradesporto e, portanto, se diminui a necessidade de sempre se pautar o esporte a partir de explicações sobre os seus fundamentos.

O debate em torno ao tema da inclusão dos indivíduos com deficiência através do esporte também merecerá um olhar crítico a partir do reconhecimento do aspecto econômico que envolve o esporte e sua audiência. Há um processo de hierarquização que se define por questões mercadológicas ligadas ao consumo, mas que, de toda forma, vem sendo influenciado pelo espaço de representação no campo midiático, um mecanismo de retroalimentação entre mercado esportivo e meios de comunicação.

Outro dilema do esporte é que suas práticas se sustentam a partir da questão binária, esporte feminino/esporte masculino. Esse cenário é a base de como o esporte é pensado e organizado, gerando categorias generalizantes que são limitadoras porque tendem a ignorar uma série de outras condições. Na verdade, tanto as questões do corpo com deficiência quanto os conflitos em relação a gênero quando adentram o espaço do esporte podem motivar debates e ganhar visibilidade. Ao mesmo tempo, tendem a gerar tensões por invadir um território onde prevalecem dois tipos de visões: “masculinista” e corponormativa.

3.2. Possíveis sentidos do Esporte

O esporte paralímpico é esporte em todas as suas dimensões. Há valores sociais implicados na prática esportiva como em toda atividade humana. O esporte é uma atividade do corpo, mas seus significados são vividos socialmente. Para Roland Barthes (2009), o homem vive seu combate no esporte. Através dele, enfrenta o tempo, o espaço, a resistência das coisas. Mas há um espetáculo que o envolve e esse teatro espetacular se apresenta em maior grau em grandes eventos como os Jogos Olímpicos e Paralímpicos.

Na análise de José Carlos Marques (2015) sobre as obras dos autores Roger Caillois e Johan Huizinga, o jogo vai além da vida comum, seria uma evasão da vida cotidiana. Uma atividade temporária e voluntária, segundo Huizinga.

A limitação no tempo e no espaço resulta na terceira das características principais do jogo: ele é jogado dentro de certos limites temporais e espaciais, possuindo um caminho e um sentido próprios. Todo jogo se processa num território previamente delimitado, material ou imaginariamente. (MARQUES, 2015, p. 5)

O esporte, segundo Johan Huizinga, autor de *Homo Ludens* (1990) - livro publicado originalmente em 1938 -, representa uma dimensão diferente da vida cotidiana. O autor considera que a civilização tem prestado pouca atenção ao fator lúdico do jogo que envolve a vida humana (Huizinga, 1990). O momento do jogo representaria uma dimensão diferente da vida que implica uma satisfação na atividade de jogar. Envolve, portanto, um tempo e espaço próprios, além das características formais do jogo.

Para Roger Caillois, autor de *Os Jogos e os Homens* (1990) - obra lançada originalmente em 1957-, o jogo teria uma natureza social e estaria marcado como atividade livre, delimitada, incerta, improdutiva, regulamentada e com características ficcionais, uma vez que se desdobra da vida real. Caillois (1990) propõe quatro categorias para se pensar o jogo: *agon*, *ilinx*, *mimicry* e *alea*. O *agon* envolveria a competição e a característica agonística do jogo que compreende o embate de forças diferentes em um combate regulamentado. O *ilinx* que seria a busca da vertigem, algo muito relacionado à própria natureza humana. O *mimicry* que estaria relacionado aos jogos de imitação e representação, um simulacro que simularia, por exemplo, a personalidade alheia, a própria representação da vida. A *alea*, diferentemente do jogo agonístico, estaria ligado aos jogos de azar, o indivíduo não responde pelo resultado do jogo.

O esporte, como visto no presente trabalho, estaria ligado ao *agon* e ao *ilinx*. O fotojornalismo tenta capturar para suas imagens a emoção agonística do jogo, a vertigem vivenciada pelos atletas e a adrenalina que corresponde a um sentido próprio da ação esportiva. As narrativas imagéticas buscam explorar essas dimensões do esporte, os discursos da imprensa esportiva se pautam e se organizam em torno a esse caráter agonístico e sua capacidade de investir em características próprias na natureza humana. Fotografias jogam com a própria ficção do esporte, onde as imagens tentam captar emoções que estão, ao mesmo tempo, sob controle do atleta, mas que também fogem ao seu controle em diferentes momentos. Roland Barthes (2009, p.105) em *O que é o esporte?* - texto publicado originalmente em 1961 como pano de fundo para o documentário *Le sport et les hommes* - nos coloca que “há no homem forças, conflitos, alegrias e angústias”. Para Barthes (2009, p.106), “o esporte o exprime, liberta, queima, sem nunca permitir que destrua alguma coisa”.

Marques (2015) observa que, ainda que não cite o texto de Huizinga, Barthes, ao tratar da tourada como um esporte, retoma a percepção do holandês de que a prática deriva do culto e transcorre seguindo regras definidas. Já traçando um paralelo com Caillois, Marques (2015, p. 6) observa que Barthes “instaura a tourada no universo da representação mimética e no da vertigem diante da fatalidade (*mimicry* e *ilinx*)”.

Se é necessário voltar às narrativas para os sentidos implicados no esporte, a ideia de superação parece limitante. O tratamento sobre a inserção através do esporte, aparentemente delimita e inverte a narrativa, dispersando o observador/leitor das ideias que possam aproximá-lo dos valores da prática esportiva. Nesse sentido, temos a impressão de que o indivíduo é retratado por um viés de vitimização. Durante o debate promovido pelo *Portal Imprensa*, - já citado anteriormente - Andrew Parsons (presidente do CPB à época dos jogos do Rio) destacou em sua fala sobre o que considera necessário ser contado sobre o esporte e os atletas. Para Parsons, não seria apenas buscar ilustrar a superação, mas é preciso tratar os atletas paralímpicos como atletas de alto rendimento, as medalhas que ganham, noticiar suas conquistas.

Sob um ponto de vista sociológico, Norbert Elias e Eric Dunning em *A busca da excitação* (1992) - obra publicada originalmente em 1985 - debatem a questão do desporto como parte de um processo civilizatório. O desporto, ao longo do processo histórico de desenvolvimento das atividades chamadas esportivas, carrega como característica moderna a sua transformação enquanto atividade humana. O desporto se afirma também sobre uma necessidade crescente das atividades de lazer. Cheluchinhak e Cavichioli (2008, p. 95) escrevem para o *XI Simpósio Internacional Processo Civilizador*, ocorrido na cidade de Buenos

Aires, sobre a obra de Elias e Dunning: “para Elias, o que as pessoas buscam nas ocupações de lazer é a satisfação de uma necessidade biológica que lhes foi reprimida no decorrer do processo civilizador, ou seja, sentir prazer”.

“O esporte é o homem, o esporte é a sociedade”, nos diz Umberto Eco (1984, p. 221) em seu texto *A falação esportiva*. A atividade lúdica, segundo Eco (1984), “significa ser livre e livrar-se da tirania do trabalho indispensável”. Mas o jogo praticado por mais de um indivíduo agrega o fator da disputa, torna-se competição. Ao mesmo tempo, Eco (1984) afirma que o homem, como todo animal, sente a necessidade física e psíquica da atividade do jogo.

No capítulo VII de *A busca da excitação*, sobre “a dinâmica do desporto moderno”, Eric Dunning (1992, p. 299) salienta que a lógica da profissionalização e a competitividade passam a moldar a atividade profissional enquanto promovem o seu desenvolvimento. Dunning (1992, p. 299) destaca “a tendência do sentido de uma crescente competitividade, seriedade no modo de envolvimento e orientação pelos resultados”. Lógicas que vão perpassar todas as atividades humanas em sociedade, incluindo a prática esportiva. A obra de Dunning e Elias (1992) se centra no futebol e no rúgbi e no desenvolvimento desses esportes na Inglaterra. País que, para Dunning (1992), vai exportar a ideia, o sentido e a expressão implicados no termo *sport*. “É uma orientação segundo a qual o desporto se tem transformado, por todo o mundo, de instituição marginal e pouco valorizada em instituição central e muito mais valorizada”, aponta Dunning (1992, p. 299). Outro reflexo de todo esse processo é a institucionalização do esporte a partir das confederações e do regramento,

O desenvolvimento do esporte moderno, segundo Dunning (1992, p. 301), resulta de uma dinâmica das relações sociais, “processo de longa duração”, social e estruturalmente produzido. Algumas posturas, segundo o autor (1992, p. 301), devem ser evitadas na análise sociológica dos fenômenos que envolvem o desenvolvimento do esporte: primeiro, evitar explicações psicológicas que ignorem “padrões de interdependência” das relações humanas; segundo, fugir de interpretações baseadas em ideias e crenças que sejam “separadas dos quadros sociais em que as ideias sempre se desenvolveram e expressaram”; por fim, evitar o desejo de explicação pela ação de “forças sociais abstratas impessoais”, ignorando que elas não existem de maneira independente da ação humana, uma vez que são essas ações que as originam.

Dunning (1992, p. 302) descreve a disputa esportiva como o jogo de tensão entre forças que ele chama de “polaridades interdependentes” e que, apesar de opostas, permitem um equilíbrio. O autor (1992, p. 303) elenca alguns tipos de polaridades que podem ser observadas no jogo: na oposição entre esquipes; entre ataque e defesa; no jogo entre a cooperação e a tensão que movem as esquipes; também entre a cooperação e a competição; nas formas de

controle que pode ser externo ao jogo (sobre os agentes externos) e também internos ao próprio indivíduo na tentativa de controle de si mesmo; a polaridade nas relações entre oponentes que pode se dar de forma hostil nos diferentes níveis de rivalidade ou de maneira mais afetuosa a partir de uma identificação; nas formas de ação agressivas impulsionadas pelo prazer e a própria imposição de limites desse prazer; polaridade perceptível pela “flexibilidade e rigidez das regras”. O jogo representa um microcosmo da vida social, espelha configurações e articulações que estão presentes numa estrutura muito mais abrangente que são as “interdependências sociais”.

Segundo a nossa hipótese, é o equilíbrio de tensão entre polaridades interdependentes deste tipo que determina o “vigor” de um jogo, isto é, o facto de se revelar excitante ou aborrecido, permanecer um “combate simulado” ou irromper num confronto sério. (DUNNING, 1992, p. 302)

São diversos os caminhos interpretativos que podem ser redutores do potencial de expressão de valores sociais implicados no esporte. Reduzir a uma única dimensão ou limitar a visão a partir de um mesmo posicionamento pode incorrer em formas limitantes de se descrever e retratar o universo do esporte. Falando sob o ponto de vista sociológico, Dunning (1992, p. 303) pontua que “para demonstrar é necessário, em primeiro lugar, recordar quais são as finalidades ao escrevermos sobre a dinâmica dos grupos de desporto”. Fazemos aqui uma apropriação desse apontamento em um sentido mais oportuno aos nossos objetivos: é necessário ter em vista as finalidades de se falar sobre o esporte adaptado, mais ainda, analisar o que vem sendo dito sobre o tema.

Dunning (1992, p. 307) também analisa outros aspectos do esporte e do jogo a partir de diferentes autores. Para Dunning (1992), a “perspectiva interacional simbólica” de Stone orientaria a uma análise sobre as características intrínsecas da sociedade que estão presentes no esporte. Na contradição entre jogo e espetáculo estaria a questão da satisfação do jogador e do espectador. O espetáculo para os espectadores implicaria na ausência de jogo. “Sempre que grande número de espectadores assiste a um acontecimento desportivo, este transforma-se num espetáculo, realizado em função dos espectadores e não dos participantes diretos”, destaca Dunning (1992, p. 307) sobre a discussão proposta por Stone. Esforços para agradar a multidão se sobreporiam ao prazer de jogar. ‘O desporto perde assim a sua incerteza, a espontaneidade e o carácter de divertida inovação, torna-se um tipo de ritual, previsível, até mesmo predeterminado nos seus resultados’, completa Dunning (1992, p. 307).

4. PROCESSOS DE EXCLUSÃO

Neste capítulo, discutiremos a questão da participação social feminina. Quais possíveis causas de inclusão ou de exclusão da mulher nos diferentes espaços de vivência social. Buscamos desvendar como se revela a percepção da falta de representação nas esferas de decisão e de poder e como as narrativas podem reforçar estereótipos que agem como forças de imposição sobre as possibilidades de participação das mulheres no meio social. Nesse sentido, discutiremos a questão da visibilidade feminina em diferentes espaços sociais, portanto, também sua presença no paradesporto.

Uma das autoras que conduziu o nosso ponto de vista sobre questões de gênero é Judith Butler. No texto *Ato performático e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista*, Butler (2019, p. 215) discute o impacto que “variantes fisiológicas e biológicas” produzem na experiência social a partir de uma vivência corporal. Butler (2019, p. 215) resgata a ideia que Simone de Beauvoir expõe em *Segundo Sexo* a partir da qual a autora afirma que “‘mulher’ - e consequentemente qualquer gênero - é uma situação histórica e não um fato natural”. Butler observa que suas reflexões dialogam com a fenomenologia para pensar a questão da identidade de gênero como performance subordinada a tabus e sanções sociais.

Ao mesmo tempo, a abordagem que propomos aqui tem um caráter interseccional por considerar alguns eixos determinantes para a participação feminina em sociedade. Diversas formas de opressão coincidem em diferentes relações de poder, formando tramas complexas que podem interagir no próprio processo de intertextualidade, onde discursos discriminatórios de raça, classe, gênero e sexo concorrem para construir sentidos de opressão. Fenômeno que se manifesta também nas formas de capacitismo, expressão da discriminação da pessoa com deficiência. Em consequência, determinados discursos contribuem para a manutenção de diferentes formas de violência praticadas contra a mulher. A interseccionalidade nos serve como modelo de ferramenta analítica por lidar com as sobreposições de diferentes formas de discriminação e opressão, compreendendo que é preciso nomear esses fenômenos para melhor descrever seus efeitos.

É fundamental salientar que a abordagem interseccional tem no movimento das mulheres negras a sua base fundadora. “É da mulher negra o coração do conceito de Interseccionalidade”, defende a pesquisadora e ativista Carla Akotirene (2019, p. 17). Mas sob esse ponto de vista interseccional costumam se acomodar diferentes formas de luta das minorias políticas e de grupos que buscam o reconhecimento da diversidade. A

interseccionalidade reconhece a complexidade dos corpos em sua diversidade. Sob essa perspectiva, diferentes formas de opressão se entrecruzam. Kimberlé Williams Crenshaw (1994), professora e pesquisadora norte-americana que descreveu pela primeira vez o conceito de interseccionalidade, defende que características como raça, gênero e outros determinantes de identidade são usados em discursos hegemônicos expressando vestígios de preconceito e discriminação. Tais categorias (raça, gênero, classe, diversidade) são justificativas para formas de dominação, exclusão e marginalização dos indivíduos considerados “diferentes”.

Tais manifestações de opressão promovem exclusões mediadas pelos discursos. A chamada “tomada de posição” em relação aos temas relacionados à mulher pode reproduzir formas de tratamento inclusivo ou exclusivo. A exemplo disso, algumas das hipóteses a serem verificadas a partir do contato com nosso objeto e pela análise do nosso *corpus*, a saber: as escolhas na abordagem das histórias de vida das atletas através da ideia de superação, discursos que manifestam de maneira mais ou menos velada a atitude capacitista, narrativas de vitimização das atletas pela sua condição de mulher com algum tipo de deficiência, referência ao vínculo da figura feminina com o cuidado familiar e a maternidade, o uso de formas argumentativas que impliquem algum grau de sexualização ou mesmo discursos que ecoem a ideia de fragilidade feminina. Mas, principalmente, por discursos discriminatórios em relação às paratletas simplesmente por sua condição de mulher.

4.1. Pessoa com deficiência

Em termos de representação, duas características da população se configuram como ponto importante de observação desse trabalho, as mulheres e as pessoas com deficiência. Pensamos a questão de como essa parcela da população está inserida na sociedade. Nossa percepção é a de que prevalece uma noção de que as mulheres configuram um grupo definido e homogêneo. Tal ideia precisa ser questionada a partir da percepção de que dentro deste grupo subsistem diferenças como classes, raça, gênero e sexualidade. Em termos de critérios de classificação, o grupo de pessoas com deficiência também é bastante diverso.

Reconhecer as diferenças e discutir a forma como se perpetuam as desigualdades são ações iniciais para movimentos que possam transformar realidades. Reconhecer direitos, elaborar políticas de inclusão, discutir políticas públicas são algumas das condições para se chegar a uma resposta para problemas de desigualdade.

Sob o enfoque das capacidades e tendo como referência o pensamento do filósofo indiano Amartya Sen, a filósofa norte-americana Martha Nussbaum elabora em *Fronteiras da*

justiça: deficiência, nacionalidade, pertencimento à espécie (2013) uma lista de dez capacidades que podem estabelecer condições básicas para o desenvolvimento humano. Para a manutenção da dignidade humana são necessárias garantias mínimas. Na visão de Nussbaum (2013), as dez capacidades humanas seriam: a vida, a saúde física, a integridade física, os sentidos, a imaginação e o pensamento, as emoções, a razão prática, a afiliação, a relação com outras espécies, o acesso ao lazer, a capacidade de controlar o próprio ambiente político. Para Nussbaum, não se mede a riqueza de uma nação pelo seu produto interno bruto. Esses indicadores ligados a uma visão puramente econômica incentivam a percepção de que o desenvolvimento econômico é a via natural de crescimento.

As capacidades garantiriam as condições centrais que devem ser viabilizadas pelo Estado e pela comunidade internacional para corrigir injustiças e diminuir as desigualdades. Isso porque, a sociedade contemporânea é globalizada e as pautas de inclusão ultrapassam fronteiras. Por consequência, são as políticas públicas que podem produzir os efeitos necessários para garantir que os indivíduos acessem ferramentas de reparação das injustiças. O respeito às diferenças seria um ponto fundamental para Martha Nussbaum. Com base nas ideias de Sen e Nussbaum, Srturza e Zeifert (2019, p. 117) formulam: “a liberdade de escolha depende da medida da capacidade de cada indivíduo de ser livre para escolher o que considera valioso e possuir a real oportunidade para efetuar suas escolhas”.

Estando capacitadas, as pessoas podem ocupar espaços no meio social, elas passam a deter as condições de exercer suas possibilidades da forma como desejarem desenvolvê-las. Segundo Azevedo (2017), Martha Nussbaum propõe uma concepção de justiça, sua preocupação central são temas ligados a questões da justiça. Sua abordagem aponta para "o que nos permite dizer de uma sociedade, se ela alcança ou não certo padrão que nos permita dizer que se trata de uma sociedade justa". (AZEVEDO, 2017, p. 20) Nussbaum também se preocupa com a condição de mulheres em diferentes culturas, especialmente com os sistemas hierárquicos a que são submetidas, os quais podem promover diferentes graus de discriminação de gênero, aponta Azevedo (2017).

Segundo Srturza e Zeifert (2019) a partir das mudanças de visão a respeito do papel do Estado e com tramas sociais cada vez mais complexas, ocorre uma mudança do paradigma liberal para o neoliberal com a convocação da sociedade civil para assumir responsabilidades sociais antes assumidas pelo Estado. Organizações e movimentos sociais passam a prestar serviços e trabalhar por políticas públicas sob diferentes demandas, com recursos privados ou alguma ajuda do Estado.

É preciso ressaltar que a questão de políticas públicas não é um fim em si deste trabalho, um tema central, mas sua menção neste ponto nos auxilia a entender as pautas que ecoam sobre os discursos que nos ocupamos de desvendar. A saber, as causas que envolvem a mulher e a pessoa com deficiência e a forma como esses grupos heterogêneos são relegados a uma condição de minoria fazendo com que a luta por inclusão permaneça em pauta.

Elaborado por iniciativa da Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD), o texto *Avanços das Políticas Públicas para as pessoas com deficiência* (Bernardes, 2012) aponta para uma mudança no conceito sobre a deficiência a partir da década de 1960. Segundo Bernardes (2012), ocorreu um processo de politização das questões que envolvem a deficiência. Ativistas e organizações deram visibilidade ao tema chamando a atenção das esferas públicas e das instituições. Até então, a deficiência era vista como algo a ser “corrigido” e a partir dos anos 1960 essa visão começa a ser repensada.

Assim, segundo essa visão, a deficiência deveria ser tratada e corrigida, e a pessoa deveria receber algum tipo de intervenção de profissionais para “resolver” o “problema”, e assim se adaptar à maneira como a sociedade é construída e organizada. Isso gerou a construção de todo um sistema calcado em uma visão assistencialista, de caráter paternalista e excludente, essencialmente voltado à correção e ao escamoteamento da deficiência, que pouco valorizava a autonomia e a dignidade das pessoas com deficiência enquanto sujeito de direitos. (BERNARDES, 2012, p. 16)

Segundo dados do Censo de 2010, a população brasileira residente por sexo se dividia em 93.406.990 homens e 97.348.809 mulheres, demonstrando que havia, então, uma porcentagem maior de mulheres no Brasil. O Censo 2010 também aponta que cerca de 46 milhões de brasileiros declararam ter algum tipo de deficiência, aproximadamente 24% da população. Como critérios, algum grau de dificuldade de visão, audição, locomoção, ou mesmo algum nível de deficiência mental ou intelectual. Lembramos aqui que nos referimos ao Censo 2010, considerando que não foi realizado o Censo de 2020 como previsto.

Segundo o texto da Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (BERNARDES, 2012), o reconhecimento de que a deficiência é uma condição humana muda o entendimento e provoca uma revisão dos direitos das pessoas com deficiência. Para Bernardes (2012), o que antes era pensado como uma limitação individual, passa a ser repensado a partir das barreiras impostas socialmente aos indivíduos. Este entendimento provoca uma mudança onde a deficiência passa “a ser entendida como produto das barreiras físicas, organizacionais e atitudinais presentes na sociedade” (BERNARDES, 2012, p. 16).

O Decreto nº 5.296/2004 da Presidência da República do Brasil, datado de 2 de dezembro de 2004, descreve os tipos de deficiência a serem considerados, em diferentes graus de manifestação: deficiência física com alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo, comprometendo alguma função física; deficiência auditiva como perda bilateral, parcial ou total em algum nível da audição; deficiência visual como ocorrência de cegueira ou alteração da acuidade visual; deficiência mental por funcionamento intelectual “significativamente inferior à média”.

O gráfico abaixo, disponível no site do IBGE, referente ao Censo 2010, fornece alguns dados sobre a população que se declara com algum tipo de deficiência no Brasil. Segundo a pesquisa, 3,4% se declara com deficiência visual, 2,3% com deficiência motora, 1,1% com deficiência auditiva e 1,4% com deficiência mental/intelectual.

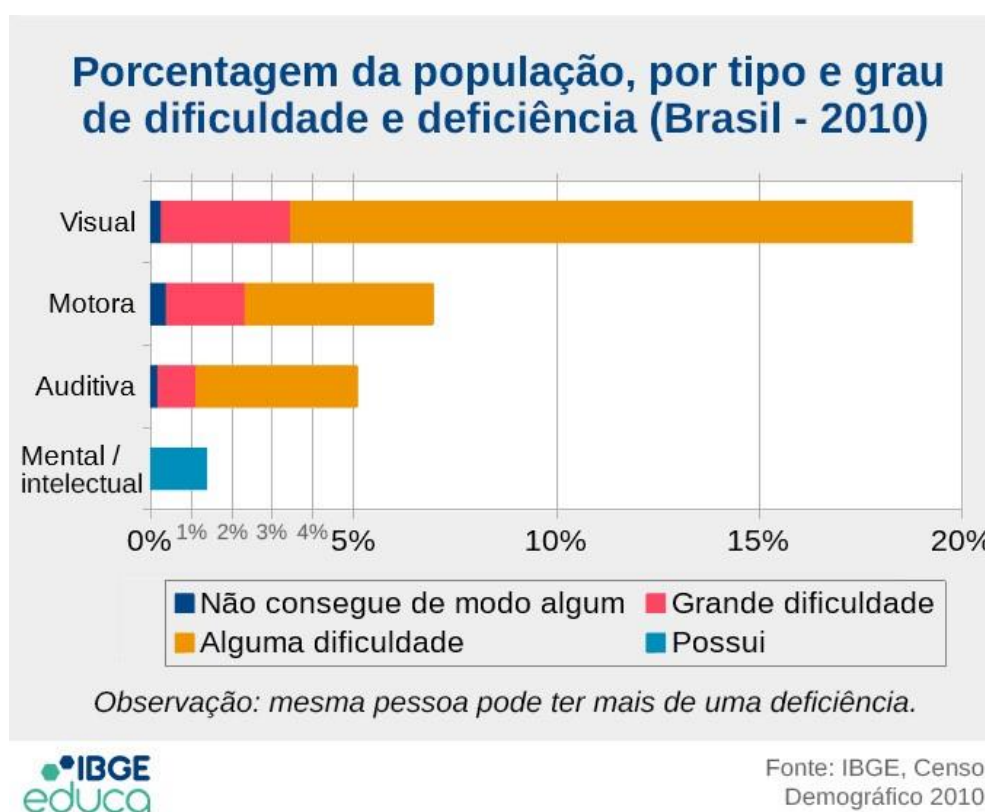


Figura 4. Quadro do IBGE “Porcentagem da população, por tipo e grau de deficiência (Brasil 2010)
Fonte: IBGE¹⁶

No Decreto de 25 de agosto de 2009 do governo federal é reconhecida a *Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência* e seu Protocolo Facultativo,

¹⁶ disponível no site do IBGE em <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20551-pessoas-com-deficiencia.html> consultado em 10/12/2019

assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. O texto destaca o reconhecimento dos direitos iguais e inalienáveis de “todos os membros da família humana”.

Reconhecendo que a deficiência é um conceito em evolução e que a deficiência resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, (...) (*Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência* disponível¹⁷)

Pessoas com deficiência enfrentam diferentes tipos de obstáculos dentro dos espaços urbanos, o que limita sua participação no espaço público. São recentes as iniciativas para adaptação das cidades às necessidades de pessoas com deficiência. Problemas com calçadas, falta de transporte público adaptado, dificuldade de acesso a locais públicos e serviços. O indivíduo com algum grau de impedimento encontra dificuldades porque o espaço público não é pensado para a sua participação. O Decreto nº 5296 de 2 de dezembro de 2004, seção II, artigo 8º, dispõe sobre o problema de acessibilidade.

Para os fins e acessibilidade, considera-se: I -acessibilidade: condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida. (Decreto nº 5296 de 2 de dezembro de 2004¹⁸)

Já o Ministério da Saúde, em sua instância, reconhece o direito da pessoa com deficiência a ter assistência integral à saúde, desde cuidados básicos até serviços especializados. Em seu *site web*, o Ministério traz a seguinte definição:

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimento de médio ou longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o que, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (Definição fornecida pelo site do Ministério da Saúde¹⁹)

¹⁷ *Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência* disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm, consultado em 29/12/2019

¹⁸ Decreto nº 5296 de 2 de dezembro de 2004 disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm, consultado em 27/12/2019

¹⁹ Definição fornecida pelo site do Ministério da Saúde disponível em <http://saude.gov.br/saude-de-a-z/saude-da-pessoa-com-deficiencia>, consultado em 08/01/2020

Segundo informações disponibilizadas pelo *site* do Ministério, a portaria nº 1.060, de 5 de junho de 2002, estabelece a *Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência*. Ali estão elencadas algumas das diretrizes necessárias para a promoção da qualidade de vida das pessoas com deficiência. Dentre alguns dos objetivos estabelecidos é descrita a necessidade de apoio e prevenção à deficiência no campo da saúde através do acesso à informação. O Ministério também indica a necessidade de programas de reabilitação com esforços interdisciplinares. Entre seus objetivos, o texto menciona alternativas para desenvolver habilidades e aptidões físicas, mas não menciona atenção especial a atividade esportiva.

Nesse ponto, pontuamos que tais formulações disponibilizadas por órgãos oficiais e governamentais podem expressar algum grau de comprometimento com determinadas causas sociais. Tomamos esses dados como fonte e aparato para discussões por entendermos que tais informações servem de base para políticas públicas de iniciativa governamental. Ao mesmo tempo, compreendemos que não são dadas as garantias de que aquilo que se demonstra formalmente se converterá em ação. Ainda assim, fontes oficiais devem fornecer informações construídas a partir de pesquisa e documentação formais.

Outra fonte constante desta pesquisa é o próprio Comitê Paralímpico Brasileiro e as informações que são por ele disponibilizadas. O *site web* do CPB nos auxiliaram, por exemplo, a entender algumas das iniciativas para inserção de novos atletas nas categorias de esporte PCD. Potenciais novos atletas são observados em jogos estudantis, em projetos esportivos voltados para pessoas com deficiência. Clubes, associações esportivas, secretarias de esporte, de educação, de assistência social e da pessoa com deficiência, são relacionadas pelo CPB como caminho apropriado para se ter o primeiro contato com o esporte adaptado. Os profissionais envolvidos nessas iniciativas ajudam na indicação da prática esportiva que melhor corresponda ao tipo de deficiência. Certo número de projetos de capacitação é oferecido pelo próprio Comitê. Projetos voltados a educadores, treinadores e atletas. O CPB reconhece que o caminho mais efetivo para desenvolvimento do esporte adaptado é a inclusão desde as categorias esportivas de base. A inserção no esporte já nas primeiras etapas do ensino escolar. Os dados representados abaixo demonstram que há uma porcentagem em torno dos 23% de pessoas com deficiência no Brasil do total da população. Uma parcela significativa da população que precisa estar representada nos diferentes espaços sociais.

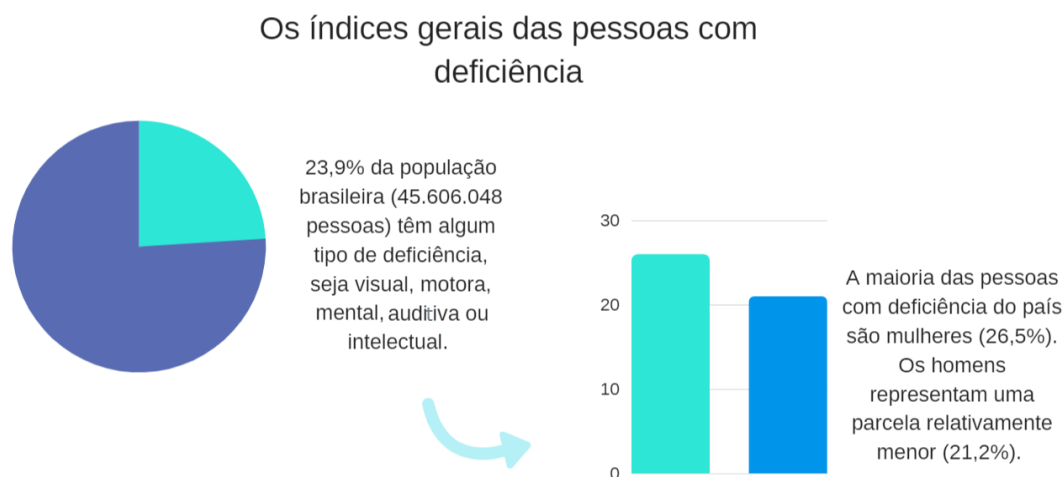


Figura 5. Quadro do IBGE “Os índices gerais das pessoas com deficiência”.

Fonte: IBGE²⁰

Os dados do Censo 2010 demonstram, portanto, que 23,9% da população declarou ter algum tipo de deficiência física ou intelectual, 45.606.048 pessoas. O maior percentual de deficiência severa estaria entre pessoas com deficiência visual, representando 3,46% da população. O IBGE faz uma constatação de que há um número maior entre mulheres que declaram ter algum tipo de deficiência. Em todos os grupos de cor ou raça há uma porcentagem maior de mulheres com algum grau de deficiência, mas o número é maior entre os pretos, onde o número de mulheres ficaria em 30,9% e de homens ficou em 23,5%. (Fonte: *Censo 2010*²¹).

Sendo assim, a pesquisa populacional auxilia a entender qual seria a parcela da população que estaria representada no campo do esporte paralímpico. Mais que isso, sendo pouco representada pelos canais midiáticos, torna-se relevante verificar o que se diz sobre a pessoa com deficiência, sobre suas ações, suas conquistas e os espaços que esses indivíduos ocupam, expressões de como a sociedade se relaciona com os diferentes tipos de impedimento. Além disso, nos casos em que aparecem em narrativas sobre o esporte, deve-se questionar o que se fala sobre essas pessoas e de que forma se constroem essas narrativas.

Sob a perspectiva do discurso da inclusão, nossos estudos podem auxiliar no debate sobre a impressão de visibilidade atribuída à pessoa com deficiência e, principalmente, da

²⁰ Quadro do IBGE “Os índices gerais das pessoas com deficiência”. Fonte: IBGE “Os índices gerais das pessoas com deficiência” <https://wiki.redejuntos.org.br/busca/censo-ibge-quem-sao-pessoas-com-deficiencia-do-brasil>, consultado em 08/01/2020.

²¹ Fonte: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>, consultado em 09/01/2020

mulher com deficiência. Se a questão das discussões sobre as minorias se encontra aparentemente em plena expansão, o caso da pessoa com deficiência precisa ser mensurado ainda como caminho a se pensar a questão da representatividade de uma parcela social que também é diversa entre si. Como se pode pensar o seu “pertencimento cultural”?, propomos a partir de Hall (2003, p. 47). São parcelas da sociedade que são constantemente colocadas em jogo de semelhança e diferença na reafirmação de estereótipos sobre o corpo.

Na agenda política e pedagógica de muitos projetos educacionais, o termo diversidade tornou-se lugar-comum. Sob essa denominação agrupam-se perspectivas inclusivas orientadas pelo reconhecimento de que os sujeitos são diferentes não apenas porque pertencem a classes sociais distintas, mas, sobretudo, porque produzidos também a partir de outros marcadores identitários, tais como gênero, geração, raça/etnia, sexualidade, capacidade física, entre outros. Reconhecer a diversidade significa aceitar a ideia de que ser diferente não significa ser desigual, pois, em nome desses marcadores identitários, muitos sujeitos têm sido excluídos de vários direitos sociais, inclusive o acesso e a permanência ao esporte e ao lazer. (GOELLNER, 2010, p. 7)

O que realmente se configura é que a ideia ou a expressão diversidade reafirma a questão da desigualdade em dois sentidos, quando compara os indivíduos ou quando deixa de pensar a diferença. Em outro sentido, Goellner (2010) ressalta a necessidade de um reconhecimento da diversidade. Ou possíveis formas de se exercer identidades, a partir de questões como raça, sexualidade, gênero ou capacidades físicas. O corpo também carrega as marcas da cultura a qual ele pertence, como debate a autora. “Se os corpos são diferentes, é necessário pensar, ainda, que os gêneros e as sexualidades também o são”, afirma Goellner (2010, p. 75).

Boaventura de Sousa Santos (1995) nos coloca que desigualdade e exclusão são sistemas de pertencimento. Na desigualdade se pertence por uma integração a um sistema que hierarquiza os indivíduos. Na exclusão, também ocorre um sistema hierárquico, mas com a ocorrência da exclusão. Esses sistemas se dão por combinações complexas, segundo Sousa (1995).

Muniz Sodré (2005, p. 12) em *Por um conceito de minoria* nos apresenta o debate sobre a ideia do que ele chama de “um dispositivo simbólico”, onde o conceito de minoria envolve não uma questão numérica, ou quantitativa, mas uma expressão de luta contra hegemônica.

Ora, a noção contemporânea de minoria – isto que aqui se constitui em questão - refere-se à possibilidade de terem voz ativa ou intervirem nas

instâncias decisórias de Poder aqueles setores sociais ou frações de classe comprometidos com as diversas modalidades de luta assumidas e pela questão social. (SODRÉ, 2005, p. 11)

Nas palavras de Sodré (2005, p. 12), “o que move uma minoria é o impulso de transforma   . É a busca por espaço de representação, pela participação nas diferentes esferas de poder com a possibilidade de influenciar decisões e conquistar direitos. O autor (2005, p. 12) descreve a minoria como “um lugar onde se animam os fluxos de transformação de uma identidade”. Sodré (2005) descreve quatro características de uma minoria: vulnerabilidade jurídico-social, sem poder nas decisões ou participação institucional; identidade *in status nascendi*, na condição de uma entidade em formação, mesmo se tratando de um grupo já existente há longo tempo; luta contra hegemônica, no combate contra uma hegemonia, mas sem necessariamente se tratar de uma tentativa de tomada de poder; estratégias discursivas nas ações planejadas como tentativa de fazer ouvir o discurso da minoria, a exemplo das manifestações.

Ao longo da história das sociedades, se perpetuam formas de manutenção da ordem vigente. Determinados mecanismos são criados e usados para naturalizar comportamentos, visões de mundo, arranjos sociais e formas de organização. São recursos de manutenção de uma estrutura social que teima em resistir a qualquer tentativa de mudança. Dentre esses mecanismos, o discurso midiático participa de forma evidente e incontestável para “regular as relações na contemporaneidade” (PAIVA, 2005, p. 16). “Na verdade, um incomensurável arsenal de dispositivos físicos, institucionais, econ micos e midiáticos”, nos coloca Raquel Paiva (2005, p. 17), são usados para perpetuar sistemas hegemônicos. Para a autora (2005), ao discutirmos as formas de mediações sociais, há que se considerar a atuação dos canais midiáticos.

E este esforço deve deter-se necessariamente no entendimento do lugar que a m dia assume, um papel de tamanha envergadura, capaz de - se não substituir, mas definir, de maneira cabal – todas as antigas mediações sociais. (Paiva, 2005, p. 16)

Para Gerda Lerner (2019, p. 29), “as mulheres são maioria, mas são estruturadas em instituições sociais como se fossem minoria”. Pessoas que estiveram historicamente submetidas ao anonimato da vida privada. Ainda que marginalizadas e apartadas dos processos que atribuem significação ao mundo social, a própria condição das mulheres fomentou a luta feminina para mudar esse contexto.

4.2. Mulher e Sociedade

Como discutimos a circulação de sentidos a partir dos mecanismos das formações discursivas, outros fatores possíveis de serem observados são os dispositivos que podem atuar a partir dos discursos como formas de exercer poder, capazes de determinar lugares e formas de atuação das mulheres no meio social. A ideia de dispositivo é adotada por diferentes autores a partir das formulações de Michel Foucault. Deleuze, por exemplo, define dispositivos como sistemas multilíneares e de abordagem múltipla. Marcello (2004, p. 200) traz uma definição dada por Michel Foucault sobre a ideia de dispositivo em entrevista à *International Psychoanalytical Association* (IPA). Conforme destaca Marcello (2004, p. 200), para Foucault, a noção de dispositivo abrangeria um conjunto heterogêneo que incluiria "discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas". Através do dispositivo, o poder aparece como objeto e instrumento na ordem do saber.

Sob o ponto de vista de algumas análises historiográficas, há tempos a divisão do trabalho entre homens e mulheres faz parte das formas de organização humana. Estas divisões frequentemente orientaram a mulher para a vida privada, do cultivo doméstico, dos cuidados com o lar e com a prole. Estruturas sociais, razões educativas e a ideia de inferioridade biológica permeiam a história da participação feminina em diferentes contextos sociais. Há uma herança de valores que se transmite de geração a geração de forma a determinar o lugar da mulher, limitando suas possibilidades de atuação.

Para a perspectiva historiográfica, mais do que dividida por classes, as sociedades, ao longo da história, são recortadas por variantes e categorias ligadas a sexo, raça, idade, etnia etc, nos afirma Michelle Perrot (1991). Essas variantes e categorias criam formas de relações complexas que permeiam a vida social entre as esferas do público e do privado. Segundo Perrot (1991, p. 93), com os eventos da Revolução Francesa (1789-1799) houve uma tentativa de "subverter a fronteira entre o público e o privado, construir um homem novo, remodelar o cotidiano".

Gerda Lerner em *A criação do Patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens* (2019) reafirma a exclusão das mulheres nos processos históricos. Para Lerner (2019, p. 29), homens e mulheres sofreram igualmente a exclusão por questões de classe, "mas nenhum homem foi excluído do registro histórico por causa de seu sexo, embora todas as mulheres o tenham sido". Segundo Scott (2019), para algumas teóricas que baseiam a sua

visão a partir da criação do patriarcado, a reprodução é a chave para explicar os fenômenos de subordinação feminina.

As mulheres fizeram e fazem história, ainda que tenham sido impedidas de criar os sistemas de símbolos, impossibilitadas de participar na elaboração das leis ou da ciência. Apesar do impedimento de escrever e interpretar a própria história, a condição feminina não deve ser pensada pelo viés da vitimização, como nos coloca Gerda Lerner (2019). Todo esse processo impulsionou a mulher para diferentes frentes de luta e reivindicação ao longo da história. Sempre houve a necessidade de se criar uma consciência de que mulheres são peças centrais para criar a sociedade (LERNER, 2019).

Em setembro de 1791, durante a Revolução Francesa, a *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã* é proposta à Assembleia Nacional da França. De autoria de Marie Gouze (1748 – 1793) - que adota o nome de Olympe de Gouges -, a *Declaração*, aprovada em assembleia nacional, documentou aquilo que resumiria um esforço para equiparar os direitos das mulheres aos direitos dos homens. Entre as diferentes bandeiras de luta defendidas por Olympe estava a extinção da escravidão. Por sua oposição a Robespierre e seu caráter combativo, Olympe foi guilhotinada em 1793 após ser denunciada e condenada como contra revolucionária.

Já com a Revolução Industrial foi necessário empreender a luta por melhores condições de trabalho e salários mais justos para as mulheres. Com isso, o movimento feminista ganhava contornos na Inglaterra industrializada do século XIX, período marcado pela luta feminina por igualdade entre os sexos no campo do trabalho. Eram reivindicações por menor carga de trabalho e remuneração equiparada à dos homens. A início do século XX, o movimento feminista tomou força também nos Estados Unidos.

A luta pelo direito ao voto demarca uma das fases do movimento feminista. O Movimento Sufragista é considerado como marco da primeira onda do feminismo. Nomes como Emmeline Pankhurst e Emily Davison se destacaram na questão sufragista no Reino Unido. Os processos de industrialização e urbanização também foram fatores importantes neste contexto para a configuração do movimento feminista. No Brasil, o nome de Bertha Lutz (1894-1976), filha de Adolfo Lutz, é apontado por sua atuação na luta sufragista. Bertha, mesmo sendo reconhecida como conservadora, é considerada como liderança da Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF). O direito ao voto feminino no Brasil foi conquistado no ano de 1932.

A historiadora Michele Perrot (2013) destaca o silenciamento das mulheres ao longo da história. Privada de participação pública, a mulher se manteve por muito tempo limitada ao

espaço familiar. Poucos são os relatos sobre a atuação das mulheres das quais elas próprias são as autoras e, ao mesmo tempo, muitas são as narrativas que se impõem sobre suas imagens no sentido de descrever suas ações. Conforme Cafeo (2019, p. 26), as mulheres estiveram associadas a determinadas representações como “fragilidade, paciência, emotividade, passividade, cuidadora, sexualidade e docilidade, caracterizando o *ethos* feminino”. Houve uma moral familiar que se impôs sobre a mulher e a mantém, de certa forma, “sob controle”. Sob essa visão, muitas vezes, a própria mulher vai ecoar essa moral familiar como forma de corresponder ao que imagina como apropriado para a sua apresentação no meio social.

Para Perrot (2013, p. 159), “o direito ao saber, não somente à educação, mas à instrução, é certamente a mais antiga, a mais constante, a mais largamente compartilhada das reivindicações”. Para as mulheres, o acesso à informação é a passagem para apropriação dos instrumentos que auxiliam na emancipação. Perrot (2013) questiona até que ponto e em que medida já se rompeu esse silêncio que pairava sobre a mulher.

Já em meados da década de 1950, uma americana começou a questionar sua vida de mãe e esposa. Era Betty Friedan, que em 1963 publicou *Mística feminina*, livro inicialmente rejeitado por setores da imprensa e da sociedade norte-americana, mas que, por fim, se tornou *best seller* nos Estados Unidos. Friedan descreve de forma bastante subjetiva as inquietações pessoais que a levaram a questionar a condição de vida da mulher na sociedade americana. A partir desse incômodo, em 1957, Betty Friedan começa a questionar outras mulheres sobre suas próprias formas de lidar com a condição feminina naquele meio social. A autora detecta uma discrepância entre a realidade da vida social da mulher e a imagem da americana moderna construída em revistas femininas. O que Friedan (1971) vai chamar de “mística feminina” é justamente essa imagem sobre a qual as mulheres tentam se amoldar, mas que se confronta com a realidade da vida social. Friedan (1971) também questiona qual a implicação do processo educacional da mulher para esses efeitos sobre a organização da vida familiar.

Ao início de sua obra, Betty Friedan (1971, p.17) descreve o que ela chama de “o problema sem nome”. Seu esforço está em colocar inquietações que até então estavam silenciadas. Segundo a autora, livros, artigos e colunas especializadas lhe afirmavam que sua satisfação estaria em se realizar como mãe e esposa. Aqui reproduzimos o parágrafo inicial onde Friedan (1971, p.17) começa a descrever esse “problema sem nome”:

O problema permaneceu mergulhado, intacto, durante vários anos, na mente da mulher americana. Era uma insatisfação, uma estranha agitação, um anseio de que ela começou a padecer em meados do século XX, nos Estados Unidos. Cada dona de casa lutava sozinha com ele, enquanto arrumava camas, fazia as compras, escolhia tecido para forrar o sofá, comia com os filhos sanduíches

de creme de amendoim, levava os garotos para as reuniões de lobinhos e fadinhas e deitava-se ao lado do marido, à noite, temendo fazer a si mesma a silenciosa pergunta: “É só isto?”. (FRIEDAN, 1971, p.17)

Durante muito tempo, as donas de casa americanas faziam um esforço por moldar as suas vidas a partir dos modelos narrados nas imagens de revistas onde mulheres apareciam sorrindo, aparentando certa satisfação no cumprimento de seus afazeres de mães, esposas e donas de casa. Um vestígio de que imagens sempre auxiliaram na construção de imaginários. Segundo Friedan (1971), por algum tempo essa mística de realização feminina se impôs sobre as mulheres americanas. A ambição feminina era descrita como o sonho de conquistar um marido, ter filhos, uma casa bonita. As imagens a que essas mulheres tinham acesso traziam esses cenários. Friedan (1971, p. 21) cita o incômodo causado por Simone de Beauvoir e sua obra *O segundo sexo* diante de críticos americanos que diziam que: “a ‘mulher-problema’ deixara de existir na América”.

A forma como Betty Friedan constrói a sua argumentação nos aproxima do dia a dia das personagens. O recurso da descrição dos cenários e da narração dos diálogos nos coloca próximos a essas mulheres. A narrativa de Friedan (1971) tem esse potencial de recriar os cenários e nos colocar de forma subjetiva dilemas que são de ordem social e histórica. Da solidão e do silenciamento de mulheres e do contato com Friedan se extraem os cenários de conflito e se expõem os pontos de tensionamento. A autora faz um registro em tom literário dos comportamentos da sociedade americana do final dos anos 1950 a partir do testemunho de mulheres. A seguir, trazemos outra transcrição da obra *Mística Feminina* (1971) que consideramos relevante para ilustrar essa questão da solidão histórica das mulheres.

Mas, em certa manhã de abril de 1959, ouvi uma mãe de quatro filhos, tomando café com quatro outras mães, num bairro residencial a quinze milhas de Nova York, falar do «problema» num tom de mudo desespero. As outras compreenderam tacitamente que ela não se referia ao marido, aos filhos, à casa e perceberam de súbito que partilhavam de um problema sem nome. E começaram, a princípio hesitantes, a falar no assunto. Mais tarde, depois de apanharem os filhos no jardim de infância e os deitarem para a sesta, choraram de puro alívio por saberem que não estavam sozinhas. (FRIEDAN, 1971, p. 21)

Em artigo publicado pela *Revista de Estudos Feministas*, Ana Rita Fonteles Duarte descreve em seu artigo *Betty Friedan: morre a feminista que estremeceu a América* (2006) que a obra *Mística Feminina*, publicada inicialmente em 1963, foi um dos fatores que desencadearam a chamada segunda onda feminista. Friedan (1971) retratou uma parcela

específica da sociedade americana que tinha essa condição de manutenção de uma estrutura familiar onde a mulher cumpria seu papel de dona de casa.

Em 1966 é fundada em Washington a National Organization for Women (NOW) tendo Betty Friedan à frente. O objetivo da organização era denunciar os preconceitos, o sexismo e a objetificação feminina. Mas esta organização era voltada aos problemas dessa parcela das mulheres de famílias de classe média. Segundo Duarte (2006), a NOW excluía as causas de mulheres de classes sociais mais baixas ou mesmo das mulheres negras. Apesar disso, a NOW se fazia notar através de suas formas de manifestação. Como em 26 de agosto de 1970 quando milhares ocuparam as ruas de cidades como Nova York, Washington, Boston e Detroit. Mesmo demonstrando certa força, o movimento sofria com críticas negativas e tentativas de desqualificação. Da mesma forma que seriam desqualificados outros tantos movimentos de mulheres ao longo da história. A questão da parcela a ser representada, suas reivindicações e suas pautas podem fazer emergir conflitos internos nos movimentos, considerando que há diversidade entre os membros de grupos feministas.

Em contraponto às questões que se colocam sobre a mulher a partir de uma definição universalista, Ingrid Cyfer (2015) resgata a ideia de Judith Butler de que a presunção de universalidade ocultaria disputas e disparidades entre as mulheres. Cyfer (2015, p.44) destaca que para Butler o feminismo teria problematizado de forma insuficiente a ideia do que é ser mulher, pressupondo essa categoria como sendo universal, ou seja, “capaz de representar os interesses de todas as mulheres”. Tal conceito não abarcaria toda a complexidade que envolve essa discussão. “O problema que está em jogo na discussão do sujeito do feminismo em Butler, portanto, é a legitimação e ocultação da exclusão que sua representação determina”, nos coloca Cyfer (2015, p. 44). Os sujeitos passariam, segundo Butler, por processos de legitimação e exclusão. O sujeito universal encobriria práticas de exclusão ainda que os movimentos reivindicuem o papel de representantes críticos ao próprio sistema de poder.

O feminismo vive, portanto, suas diversas fases correspondendo às demandas do contexto onde atuam seus agentes. Dentre os temas mais sensíveis, a reivindicação do direito ao prazer. A década de 1960 demarca uma nova fase do movimento feminista. Há uma tomada de consciência a respeito da coerção do contexto social sobre a vida privada, onde mulheres são submetidas a condições de opressão. As agitações de 1968 provocaram uma reação também dos movimentos de luta pelos direitos da mulher. Essa década demarcou ainda a chamada Segunda Onda Feminista. Nesse momento, a luta tomou contornos políticos no sentido de se repensar as estruturas de poder que retiram direitos e não permitem a participação política para mulheres.

Se em um primeiro momento as lutas eram movidas por reivindicações dos direitos políticos como o direito ao voto, os movimentos acrescentaram pautas no sentido de ampliação da participação política das mulheres. Nesse segundo momento, o feminismo ganhou uma série de reivindicações sobre sexualidade, família, participação no espaço público, reconhecimento de direitos mais igualitários no âmbito do trabalho, direito de decisão sobre o próprio corpo.

Os movimentos passam a cobrar o reconhecimento de uma realidade sexista que segrega mulheres por sua condição de mulher. Desde então, ao longo do tempo, são criados espaços de luta que buscam debater a participação política e social feminina. Políticas trabalhistas, participação na vida pública, formas de organização familiar. “O feminismo age como uma sucessão de ondas” que ocorrem de diferentes formas, dependendo do momento histórico, do país, da cultura e do contexto político (PERROT, 2013, p. 158).

Nos anos 1970, precisamente em 1975, a Organização das Nações Unidas oficializou o Dia Internacional da Mulher como data a ser comemorada todo dia 8 de março. Há diferentes versões sobre a escolha deste dia e, normalmente, as narrativas envolvem movimentos de mulheres operárias na busca por direitos trabalhistas. O que nos interessa destacar a respeito do dia 8 de março é a forma como esta data repercute as pautas femininas dependendo do país e da organização social em que ocorre. No Brasil, não é incomum o Dia da Mulher ser usado para reforçar estereótipos sobre a mulher, o que se espera de suas condutas, de sua participação em família ou sobre seus modos de expressão corporal. Alguns discursos resgatam ideias como doçura, fragilidade, maternidade, emotividade.

Ainda na década de 1970, emergiram correntes no campo científico que foram determinantes para uma revisão de pensamento. “A história alia-se à antropologia e redescobre a família”, nos coloca Perrot (2013, p. 19). Os relatos históricos se escrevem por fontes, documentos e vestígios. E os vestígios sobre as mulheres eram frequentemente esparsos. Nesse sentido, a maneira de se escrever a história vai se modificando. Georges Duby, relata Perrot (2013), investigando o casamento feudal do século XII vai se perguntar: “Mas e as mulheres? O que se sabe sobre elas?”

Para Maria Izilda Matos (2007), nos anos 1970 as mulheres buscaram espaços na sociedade e na academia. Os temas relacionados à mulher tomaram o interesse como objeto de estudo. Ocorre nesse período uma ampliação dos questionamentos sob o ponto de vista político como abordagem das relações sociais apontando para as transformações da sociedade entre a esfera privada e o cotidiano, marcadamente o funcionamento das famílias, o papel das mulheres e outros temas que afloram solicitando novos marcos conceituais. Para Matos (2007), já na

segunda metade da década de 1970 os movimentos de reivindicações femininas se intensificam no espaço social, ainda que por meios alternativos.

Mesmo sob o contexto desfavorável dos governos militares, os temas referentes à mulher reapareceram: violência sexual, contracepção, aborto, juntamente com as reivindicações concernentes ao trabalho (a dupla jornada de trabalho) e à cidadania das mulheres. (MATOS, 2007, p. 278)

Novas perspectivas para os estudos históricos atraem também para os temas sobre a mulher, abrem-se novas áreas de pesquisa com o emprego do termo gênero para abarcar uma série de questões. Estudos que buscam conhecer a experiência de homens e mulheres que tiveram, até então, muito de sua história ignorada. Há um esforço em “permitir a descoberta das ‘histórias de gente sem história’, procurando articular experiências e aspirações de agentes aos quais se negou lugar e voz dentro do discurso histórico convencional” (MATOS, 2007, p. 280).

Já na década de 1980 os temas se voltam ao trabalho feminino, a importância adquirida pela participação feminina no espaço público profissional. Para Matos (2007), “destacaram-se também os estudos sobre o papel feminino na família, as relações vinculadas ao casamento, à maternidade e à sexualidade”. Os temas se formam, novamente, da intersecção entre as esferas pública e privada da vida. Muitos desses estudos se centram no período colonial e início do século XIX.

Todas as datas e demarcações temporais para os avanços no campo das pesquisas ou para as iniciativas de luta das mulheres auxiliam na percepção da evolução dos estudos e nas causas que estiveram em jogo em cada momento da história feminina em sociedade. A luta empreendida pelo movimento feminista em todas as suas fases procura uma desconstrução de narrativas e discursos que permeiam a história das sociedades. “No movimento feminista a dialética viaja na velocidade da luz”, nos expõe a pesquisadora Ana Alice Alcantara Costa (2005)

O feminismo brasileiro, e também o mundial, de fato mudou, e não mudou somente em relação àquele movimento sufragista, emancipacionista do século XIX que “queimava sutiãs”, mudou também em relação aos anos 60, 70 e até mesmo aos 80. Na verdade, vem mudando cotidianamente, a cada enfrentamento, a cada conquista, a cada nova demanda, em uma dinâmica impossível de ser acompanhada por quem não vivencia suas entranhas. (COSTA, 2005, p. 1)

Mesmo que relativamente recentes, os debates sobre as causas feministas avançam sobre um território ainda povoado de tensões. Como vimos discutindo, ao longo da história contada sobre as sociedades, houve um silenciamento sobre a participação da mulher na vida social. Mulheres estiveram confinadas na vida privada e sobre elas se pesou o silêncio. Também já destacamos que o próprio acesso da mulher à escrita foi tardio. A voz da mulher demorou a ser ouvida. Tudo o que vinha sendo dito sobre as mulheres eram narrativas contadas sob a perspectiva de estruturas de poder.

Como afirma Michelle Perrot em *Minha história das mulheres* (2013, p.17), “em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas”. Perrot (2013) afirma que foram poucos os vestígios deixados pelas mulheres, desde os historiadores gregos e romanos. Os relatos da história contam da vida pública, da qual as mulheres raramente participaram.

De maneira geral, quando as mulheres aparecem no espaço público, os observadores ficam desconcertados, eles as veem em massa ou em grupo, o que, aliás, corresponde quase sempre a seu modo de intervenção coletiva: manifestam-se na qualidade de mães, de donas de casa, de guardiãs dos víveres etc. Usam-se estereótipos para designá-las e qualificá-las. (PERROT, 2013, p.21)

Portanto, existiram e existem diferentes visões teóricas em andamento que oferecem o embasamento teórico para as discussões sobre gênero e mulher. Algumas abordagens sobre o feminismo podem convergir em alguns momentos, mas tendem a ser diversas e divergentes em sua essência. “Feministas, como outros teóricos, trabalham hoje em um contexto marcado pela problematização da linguagem”, afirma Nancy Fraser (2018, p.233).

Joan Scott (2019) narra a dificuldade em articular teorias e propor modelos de análise que apontem caminhos renovadores para o feminismo e a própria pesquisa nesse campo. São muitas as demandas na luta pela participação igualitária das mulheres em sociedade. Segundo Scott (2019), as/os historiadoras/es que adotam uma visão feminista utilizam várias e diferentes abordagens na análise de gênero. A autora busca resumir essas linhas em três pontos de vista diferentes:

A primeira, um esforço inteiramente feminista que tenta explicar as origens do patriarcado. A segunda, se situa no seio da tradição marxista e procura um compromisso com as críticas feministas. A terceira, fundamentalmente dividida entre o pós-estruturalismo francês e as teorias anglo-americanas das relações de objeto, inspira-se nas várias escolas de psicanálise para explicar a

produção e a reprodução da identidade de gênero do sujeito. (SCOTT, 2019, p. 55)

Segundo Scott (1995), a escola francesa estruturalista e pós-estruturalista, de influência em Freud, se baseia nas teorias da linguagem. Nesse sentido, o feminismo dela decorrente encontra em Jacques Lacan o seu ponto de apoio central. A tendência pós-estruturalista se interessa pelos sistemas de significação, pela ordem simbólica que precede fala, leitura e escrita. Scott (1995, p. 82) aponta que “a linguagem é o centro da teoria lacaniana; é a chave de acesso da criança à ordem simbólica” Pela linguagem se construiriam as identidades generificadas.

Segundo Nancy Fraser (2018, p. 233), a relação entre feminismo e pós-modernidade esteve no centro do debate em diversas linhas de investigação. A partir de uma “virada linguística” com a perda de prestígio das metanarrativas diagnosticadas por Jean-François Lyotard, o foco se transferiu para os processos significantes. “Significados sociais culturalmente construídos ganham densidade e peso”, descreve Fraser (2018, p. 233). A partir das demarcações teóricas propostas por Benhabib, Butler e Cornell, Fraser (2018, p. 235) propõe uma visão alternativa: “uma abordagem impura, eclética, neo pragmática que combine os aspectos mais fortes de todas as três”. Fraser (2018) reconhece que existem fenômenos complexos que merecem a atenção teórica em suas formas mais variadas.

(...) a dominância de gênero está espalhada socialmente, imbricada na economia política e na cultura política, nos aparatos de Estado e nas esferas públicas. Poder de gênero atravessa domicílios, redes de parentesco e a totalidade de instituições que formam a sociedade civil. (FRASER, 2018, p. 235)

Dagmar Meyer (2003). tratando sobre as relações entre gênero e educação, demarca dois pontos centrais: a necessidade de se combater as hierarquias e desigualdades geradas no seio das organizações sociais a partir de questões de gênero e o reconhecimento de que essas imposições motivadas por gênero não são “naturais”, mas são “verdades” parciais e provisórias que resultam de embates no campo da cultura. Propondo vias de debate dentro do campo da educação, Meyer (2003, p. 11) destaca que é necessário “um enfoque que estimule a desnaturalização de coisas que aprendemos a tomar como dadas”.

Como vem sendo demonstrado, o campo da luta de gênero abarca os mais variados setores da vida em sociedade e se apresenta nas questões sobre sexualidade, reprodução, gostos, hábitos, desejos, nas diversas formas de comportamento. Para Fraser (2018), a influência das questões de gênero é capaz de infundir identidades pessoais e coletivas, promover afinidades

socializantes ou, pelo contrário, gerar antagonismos. A hierarquia de gênero e, conseqüentemente, a luta de gênero estão implicadas na vida social, o que torna necessária a teorização sobre essas questões, ainda que surjam formulações povoadas de conflitos.

Para Scott (2019, p. 53), podem ser descritas duas características das abordagens das questões de gênero nas formas como são empregadas por historiadoras/es: uma “essencialmente descritiva”, aborda os fenômenos sem apresentar interpretações ou causas; a outra abordagem, busca conhecer a “natureza dos fenômenos” e suas causas para, a partir daí, elaborar suas teorias.

Se todos os níveis da vida social estão atravessados por algum nível de enfrentamento de gênero, temos, então, uma complexidade de fenômenos, mas é necessário partir de alguma abordagem considerando o risco da dispersão.

Cada um (cada nível), no entanto, também é atravessado pelo outro, por eixos cruzados de estratificação e poder, incluindo classe, “raça”/etnicidade, sexualidade, nacionalidade e idade – um fato que complica muito o projeto feminista. Ainda que a dominância de gênero seja ubíqua, em suma, ela toma formas diversificadas em diferentes conjunturas e locais, e seu caráter varia para mulheres diferentemente situadas. (FRASER, 2018, p. 236)

Todo estudo no campo de gênero corre o risco de se tornar generalizante. No caso da presente pesquisa, esse é um desafio presente, visto que o campo dos estudos de gênero é vasto e nosso objeto encontra-se encoberto sob tensões que buscamos desvendar. Nesse sentido, pontuamos que nossas escolhas analíticas tem um caráter interseccional por considerar os entrecruzamentos de diferentes eixos de opressão sobre a condição da mulher atleta com deficiência. Raça, classe, capacidades, gênero, sexualização, são algumas das questões que podem promover formas de opressão e subordinação. Ao mesmo tempo, tendemos ao ponto de vista das pós-estruturalistas que reconhecem na linguagem e nos sistemas de significado o caminho para interpretação das representações de gênero. Sob o olhar da comunicação, o nosso referencial também engloba pontos de vista da análise do discurso que nos ajuda a confrontar esses sistemas de significação, portanto, as formações discursivas que se referem ao universo das mulheres do esporte adaptado.

Os corpos das atletas com algum tipo de impedimento se encontram no centro dessas narrativas midiáticas e das fotografias que buscamos investigar. Há algo sobre a feminilidade que atravessa o tempo histórico transformando sempre o corpo feminino em algo desconhecido, temido e, também, vigiado. O funcionamento do corpo feminino, sua sexualidade, seu prazer, seus ciclos, sua liberdade. Como controlar esse corpo? Para Perrot (2013, p. 22) ocorre também

uma “auto destruição da memória feminina”, onde as mulheres, carregadas de pudor, absorvem uma certa ideia de inferioridade. Nesse sentido, passam a contribuir, elas mesmas, para seu apagamento do espaço público e, conseqüentemente, de relatos da história.

O fenômeno da maternidade tem peso relevante na história das mulheres pela maneira como geram julgamentos que pesam sobre as mulheres. A figura materna carrega a ideia da mulher provedora, aquela que gera a vida. Por muito tempo, inclusive, mulheres carregavam o peso da determinação do sexo que ela seria responsável por gerar. Algo que pesou historicamente sobre a mulher até que se entendesse que essa é uma determinação genética que vem do homem. Desde sempre, a maternidade tem sido considerada uma etapa obrigatória para se completar esse sentido de feminilidade. Mais uma imposição da moral familiar. Em sentido mais comum, o termo maternidade carrega a ideia daquela que gera, que cuida, que protege, estado de mãe, laço que une a mulher a seus filhos – sentidos propostos por diversos glossários. Laço que é muito menos cobrado do homem nas configurações familiares.

Fernanda de Amorim Marcello (2004) propõe abordar a questão da maternidade através do conceito de dispositivo, como formulado por Foucault. A proposta de Marcello (2004) define então o “dispositivo da maternidade”. Há um discurso e uma prática que resultam desse processo de “maternização” acionada pelo dispositivo.

Nesse dispositivo, a maternidade torna-se discurso-prática, como resultado de uma função de maternização. A partir disso, faz-se pertinente verificar que relações de poder ela organiza e integra em torno dessa função dela decorrente e, ainda, as formas pelas quais essas relações se encadeiam com os outros dispositivos para a produção de práticas de maternização. (MARCELLO, 2004, p. 206)

Marcello (2004) propõe a definição de um dispositivo da maternidade a partir do qual ela analisa a forma como este opera no campo midiático. A partir da ideia de dispositivo, Marcello (2004, p. 201) discute “formas de falar e de ver maternidades e sujeitos-mãe”. Os produtos midiáticos investiriam para tornar visível “práticas concretas de maternização”, nos coloca Marcello (2004, p. 202). Através de regimes de enunciação se identificariam formas possíveis de se referir a esses sujeitos-mãe. Estariam presentes através de dispositivos, diferentes modalidades maternas regidas por uma vontade de maternidade. A autora descreve como linhas e curvas que se tornam transitórias, que não demarcam territórios rígidos, mas estariam sujeitas “a movimentos de contínua acomodação” (MARCELLO, 2004, p. 211). Portanto, o poder se manifestaria também através desse dispositivo de maternidade.

Essa proposta de verificar a questão da maternidade na forma de um dispositivo fornece um ponto de vista que se enquadra bem ao nosso trabalho, já que as práticas discursivas estão impregnadas dessa visão de um controle sobre a mulher através da maternidade. O dispositivo coloca em prática formas de tornar visível e enunciar o exercício de ser mãe, como aponta Marcello (2004). Os sujeitos da maternidade se tornariam autores dos seus ditos e de suas práticas. É um mecanismo que faz falar “incessantemente de si” e que reencena a própria forma de visibilidade. O sujeito-mãe se torna visível a si mesmo, responsável por seus atos e pela maneira de se praticar a maternidade, de vivenciar modalidades maternas.

O corpo da mulher reflete toda uma moral em vigência. As mesmas práticas sexuais são avaliadas de formas distintas quando praticadas e experimentadas por homens ou por mulheres. Perrot (2013) nos coloca que muito se falou e muito se fala a respeito das mulheres, “se fala obsessivamente”, por diferentes narrativas. Mas quem é que fala sobre elas? De quem é a voz que conta das suas ações? Ou sobre quais de suas próprias ações se permite que a mulher possa falar? A historiadora debate as ideias de Georges Duby quando coloca que as mulheres são representadas não por narrativas propostas por elas mesmas, mas por iniciativas masculinas que agem de forma a colocar a mulher como expectadora de suas próprias ações (PERROT, 2013).

Perrot (2013, p. 23) nos coloca que “as mulheres se movem nas fronteiras da civilidade e da selvageria, do homem e do animal”, são vistas como “uma ameaça potencial para a vida harmoniosa da coletividade”. Essas condições pouco mudam ao longo do tempo, alguns avanços são conquistados, alguns retrocessos recompõem antigos estereótipos sobre a presença da mulher no meio social.

Todas essas práticas também estão baseadas, segundo Silvana Goellner (2010), na ideia de que existe uma única forma de ser feminino e uma de ser masculino, não reconhecendo que existem diferentes formas de ser dos indivíduos. Há, por exemplo, uma necessidade de manifestação pública da heterossexualidade. Cyfer (2015) reforça essa argumentação quando nos expõe a ideia de performatividade de Butler.

Assim, ser reconhecido socialmente como homem ou mulher será uma condição alcançada pela manifestação pública de comportamentos associados à masculinidade e à feminilidade. É por isso que Butler afirma que o gênero é performativo, ou seja, produzido por modos de agir identificáveis como masculinos e femininos”. (CYFER, 2015, p. 46)

Butler (2019, p. 222), discutindo como os gêneros se tornam atos, recorre à sugestão de Victor Turner que em seus estudos antropológicos sobre rituais sociais aponta que “ações sociais demandam uma performance repetitiva”. Esses atos repetitivos são incorporados e legitimam significados que se estabelecem socialmente e passam a ser reinterpretados, reencenados e reexperimentados. Sobre essa concepção de performance aplicada ao gênero, Butler discorre:

Quando essa concepção de performance social é aplicada ao gênero, fica claro que, apesar de existirem corpos individuais que põem em prática essas significações se utilizando em modelos atribuídos de gênero, essa “ação” é também pública. Tais ações tem dimensões temporais e coletivas e sua natureza pública não é inconsequente; a performance é realizada, também, com o objetivo estratégico de manter os gêneros num espectro binário. (BUTLER, 2019, p. 223)

A desconstrução das dualidades se torna um processo a ser discutido por diferentes perspectivas teóricas. No âmbito do senso comum se confundem questões de orientação sexual com identidade de gênero, sexo biológico e formas de expressão dos gêneros. Local de conflitos onde se estabelecem os padrões como forma de exclusão e imposição de estereótipos. Para Butler (2019, p. 223), “em termos pedagógicos: a performance explicita leis sociais”.

Segundo Butler (2019) essa demarcação dos corpos por códigos culturais não ocorre de forma pacífica como pode dar a entender. O gênero precisa de seus atores e do seu “consentimento”. Mas Butler (2019) recorre a uma forma de relacionar as performances encenadas em espaços distintos. A mesma performance de uma travesti no palco de um teatro provoca um tipo de reação, já essa mesma personagem performando em espaços de convivência social distintos, provavelmente não provocará o mesmo tipo de interação. A travesti do teatro não é recebida da mesma forma na rua ou no ônibus, por exemplo.

Outro aspecto a ser pensado é o da representação do corpo feminino através de processos de erotização. A beleza feminina ainda é negociada como moeda de troca. Nesse sentido, muitas narrativas são contadas a partir das descrições de padrões de beleza e na oposição “belo/feio”, muitas vezes associados a bem e mal. Como destaca Michelle Perrot (2003, p. 14), a “própria beleza constitui um capital simbólico a ser barganhado no casamento ou no galanteio”. Perrot (2013, p. 25) afirma que “discursos e imagens cobrem as mulheres como uma vasta e espessa capa”.

Neste ponto, Perrot (2013) questiona como seria possível quebrar estereótipos que envolvem esses discursos sobre o feminino. As imagens contribuem na construção desses

pensamentos, ao mesmo tempo em que podem auxiliar no sentido de reforçar consensos. Como descrito por Charaudeau (2017, p. 572) e já destacado no início desse trabalho, o estereótipo se enquadra em algo que “é dito de maneira repetitiva e que, de tal forma, termina por se sedimentar (recorrência e imutabilidade)”, ideia “simplificadora e generalizante (simplificação)”. A linguagem como espaços de partilha e de tensão que se colocam em determinados contextos da comunicação e, nesse sentido, através da qual circulam representações do corpo feminino com deficiência.

A partir desse ponto, pode-se observar a atuação da militância em torno ao feminismo que trouxe à luz a questão das desigualdades sociais impostas a mulheres com o aporte de estereótipos implicados nos discursos que levam a determinadas práticas sociais. Segundo David Le Breton (2007, p. 68), “as qualidades morais e físicas atribuídas ao homem ou à mulher não são inerentes a atributos corporais, mas são inerentes à significação social que lhes damos e às normas de comportamento implicadas”.

Padrões de beleza e saúde podem ser criados e reforçados pelos discursos da publicidade e do jornalismo. Perrot (2003, p. 15) destaca que “ainda hoje, o corpo feminino, silencioso e dissecado, continua sendo o principal suporte da publicidade”. Nesse contexto, pensando na forma como o corpo feminino pode ser retratado a partir de estereótipos, nos questionamos como se coloca o corpo atlético feminino com deficiência e sobre qual espaço lhe é permitido ocupar.

Mas, a despeito dessa condição taxativa e excludente, hoje existem caminhos e passagens que viabilizam outras possibilidades que não seja posicionar os gêneros em condições refratárias, mas de experienciar alternativas que fogem das garras das possibilidades preestabelecidas de discursos marmorizantes sobre o que pode (ou não pode) ser masculino e feminino (PERROT, 2003, p. 14).

Ao analisar a representação iconográfica de mulheres em anúncios de perfumes, Muñoz-Muñoz e Martínez-Oña (2019) debatem como a publicidade pode ajudar a perpetuar modelos e imprimir padrões de comportamento. Sob uma visão androcêntrica, as mulheres são representadas a partir de uma dicotomia, entre deusas e diabas. “La diversidad iconográfica se mantiene en la cultura visual contemporánea, las mujeres son las protagonistas de escenificar en la publicidad una dicotomía iconográfica entre el Bien y el Mal”, descrevem Muñoz-Muñoz e Martínez-Oña (2019, p. 1125). A devoradora de homens também é personificada pelo cinema, segundo as autoras (2019). Toda uma cultura visual que afirma e reafirma a mulher dentro desses estereótipos da mulher opondo vida privada e vida pública.

Muñoz-Muñoz e Martínez-Oña (2019, p. 1125) questionam se são as mulheres que desejam se parecer a imagens representadas nos anúncios ou se é a publicidade que projeta sobre as mulheres como elas devem ser e parecer: “¿las mujeres desean parecerse a los personajes femeninos de los anuncios? o ¿son los anuncios quienes proyectan en las mujeres la imagen de cómo deben ser las mujeres?”.

Segundo Perrot (2013), o corpo feminino é comumente conformado a obedecer a padrões de comportamento, condutas e posturas. Buscando a adequação a determinados modelos sociais, submetidos a formas de coerção, o corpo pode sofrer intervenções que imprimem marcas que se tornam visíveis e exteriorizadas na aparência do corpo feminino. Nas palavras da autora (2013), esse mesmo processo transforma a mulher em imagem.

A imprensa em geral, ou a esportiva em particular, pode explorar a imagem de atletas femininas como ideal de corpo atlético. Recurso comum nas formas de se retratar atletas de algumas modalidades olímpicas. Exemplo disso é a construção da imagem das musas dos jogos olímpicos. “Se é assim, o que fazer dessas imagens que nos trazem principalmente o imaginário dos homens?”, questiona Perrot (2013, p. 25), para depois propor: “pode-se fazer o inventário das representações da feminilidade”.

Para Joan Scott (1995, p. 71), “aquelas pessoas que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as ideias e as coisas que elas pretendem significar, tem uma história”. A tentativa de aprisionar e fixar os significados das coisas se vê impossibilitada diante do jogo que se estabelece entre invenção e imaginação e que são próprios do espírito humano. A imposição de papéis a homens e mulheres ocorre como uma tentativa de manter certa ordem social. Papéis que estão ligados a simbolismos sexuais instituídos em diferentes configurações sociais.

Por fim, em diferentes esferas da vida social, a mulher passa por problemas relacionados a sua condição de mulher. Em diferentes contextos sociais, pessoas do sexo feminino se veem expostas a formas de violência que podem ser de ordem física ou emocional e que culminam em situações discriminatórias. Na esfera privada, ao longo do tempo, a violência foi naturalizada considerando apenas razões de gênero. Todas essas questões são formas de opressão que se manifestam através dos discursos, construídas em redes interdiscursivas.

Mulheres sofreram e sofrem diversas ordens de violência apenas por sua condição de mulher. Formas de violência simbólica, física e psicológica. Já na esfera pública, ocorre a violência psicossocial que gera diferentes formas discriminatórias e de exclusão, impossibilitando a participação feminina nas esferas de decisão. O silenciamento através de diferentes formas de violência é uma constante na história das mulheres em sociedade.

O site do Poder Judiciário do Rio de Janeiro²³ define a violência de gênero como toda conduta que promove discriminação, agressão ou coerção da pessoa pelo fato exclusivo de ser mulher. Seriam práticas impostas às mulheres como consequência de hábitos culturais apoiados em discursos patriarcais. Ações que podem ser praticadas tanto em lugares públicos como privados, mas é bastante frequente no ambiente doméstico.

A *Convenção Interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher*, Convenção de Belém do Pará, disponibiliza em seu texto de julho de 1994 a seguinte definição: “entender-se-á por violência contra a mulher qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada”.

As formas de violência simbólica tendem a ser um gatilho para a eclosão de outras formas de violência. No Brasil, considerado 5^a colocado no ranking mundial em feminicídio, a cada 6 horas uma mulher é morta dentro de casa, segundo dados incluídos no Atlas da Violência²⁴ 2020, disponível no site do Ipea, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. “Na última década, o país teve um aumento de 8,3% na taxa de homicídios de mulheres em residência”, aponta o Instituto. Segundo o *Atlas 2020*, 38,9% das mortes de mulheres por homicídio ocorreram dentro do espaço domiciliar.

Por muito tempo os crimes contra a mulher foram naturalizados pela denominação de crime passionai. A própria literatura criou e popularizou narrativas que tinham a “infidelidade” feminina como pano de fundo para narrar histórias de crimes que se apoiavam na ideia de defesa da honra contra o adultério feminino. Formas de reforçar o sentido da mulher como propriedade masculina e não senhora de sua razão, o homem como única autoridade sobre seu corpo.

A partir da iniciativa de se registrar o homicídio de mulheres sob a denominação de feminicídio, observou-se uma diminuição na taxa de homicídios dolosos praticados contra mulheres, ao mesmo tempo em que ocorreu um aumento dos registros de mortes por feminicídio no Brasil. O *site web* do Poder Judiciário do Rio de Janeiro descreve algumas das motivações para a violência de gênero que vitimiza mulheres. Segundo esse órgão, o ódio, o desprezo ou o sentimento de perda de controle sobre a mulher estão associados ao feminicídio, características de sociedades onde se perpetuam práticas discriminatórias contra o feminino.

O documento *Diretrizes para investigar, processar e julgar com perspectiva de gênero as mortes violentas de mulheres* - tradução de 2016 - elaborado pelo Escritório Regional da ONU Mulheres e o Escritório Regional do Alto Comissariado de Direitos Humanos, traz uma distinção entre feminicídio e femicídio, uma de ordem linguística e outra de ordem política. A

forma femicídio derivaria da tradução da expressão *femicide* e é atribuída à socióloga feminista Diana Russel. *Femicide* seria a expressão em inglês, idioma original em que foi formulada essa definição. Já a expressão *femicídio* seria uma forma adotada no castelhano, consequência de sua difusão nesse idioma. Já a forma *feminicídio* acrescentaria um componente político por incorporar a questão da impunidade e da responsabilidade do Estado, definição proposta por Marcela Lagarde. O documento é considerado como “modelo de protocolo latino-americano para investigar as mortes violentas de mulheres por razões de gênero” e traz a seguinte definição:

Dada a diversidade dos contextos políticos em que ocorrem as mortes de mulheres e as especificidades socioculturais que as caracterizam, pode-se dizer que os conceitos de *femicídio* e *feminicídio* apresentam um núcleo comum de características – centrada na desigualdade de gênero como causa primeira da violência que as mulheres sofrem – ao qual somam-se elementos e fatores que contribuem para construir um panorama global das mortes evitáveis de mulheres em razão de gênero. (*Diretrizes para investigar, processar e julgar com perspectiva de gênero as mortes violentas de mulheres*²⁵)

No Brasil, como resposta aos crimes motivados apenas pela condição de gênero feminino, a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) entrou em vigor, em setembro de 2006, alterando o artigo 129 do *Código Penal* e determinando os tipos de penas que deverão ser aplicadas aos casos de crimes contra mulheres ocorridos em ambiente doméstico e familiar. A Lei representa uma resposta, ainda que tardia, à violência que atinge mulheres no ambiente público e privado. Maria da Penha Maia Fernandes foi vítima de um caso de violência doméstica por causa de gênero, ocorrido na década de 1980, no estado do Ceará. Maria da Penha é quem inspira a lei que versa sobre os tipos de violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral praticados contra a mulher no âmbito brasileiro. A descrição da conduta e da ação criminosa através de dispositivos na legislação representa a materialização na linguagem jurídica do que sejam esses tipos de violência de gênero.

Os discursos, ao mesmo tempo que reafirmam estereótipos e respaldam comportamentos opressivos contra a condição feminina, também podem dar configurações concretas às formas de se combater os tipos de violência que suprimem as liberdades das mulheres. A partir da definição sobre o que sejam esses tipos de violência se transmite concretamente ao meio social quais são as ações consideradas condenáveis. A partir de um discurso jurídico se impõem novas condutas que deverão se incorporar às práticas culturais. Em seus estudos sobre os diferentes gêneros do discurso, Mikail Bakhtin (1997, p. 282)

descreve: “a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua”.

Segundo Butler (2020, p. 18), a teoria feminista tem como um dos seus objetivos fundadores a necessidade de estabelecer uma linguagem adequada para representar as mulheres, capaz de “promover” sua “visibilidade política”. Questões que merecerão, posteriormente, segundo Butler (2020), um questionamento a partir do interior dos discursos feministas. Mais uma vez, a linguagem é tão dinâmica quanto as relações sociais e deve estar em constante indagação. “O próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes”, nos coloca Butler (2020, p. 18). E a autora discute mais adiante sobre a questão do sujeito no discurso feminista: “se esta análise é correta, a formação jurídica da linguagem e da ‘política’ que representa as mulheres como ‘o sujeito’ do feminismo é em si mesma uma formação discursiva e efeito de uma dada versão da política representacional” (BUTLER, 2020, p. 19).

O uso da linguagem é uma forma de ação sobre o mundo social onde agregamos significados a um mundo visível e sobre os quais construímos relações simbólicas. Um traço relevante sobre essas relações são as formas de se criar uma hierarquia entre os seres humanos e de se promover diferentes formas de opressão. Em torno às mulheres, podem se tecer redes de micropoderes expressos em formas de preconceitos, pela condição de mulher, suas características físicas, sua classe social, sua origem étnica, sua faixa etária, sua sexualidade, seu estado civil.

Em todo esse contexto, a violência física é a face mais aparente da violência praticada contra a mulher, já a opressão simbólica ocorre de forma silenciosa nas esferas pública e privada. A sub-representação da mulher no espaço público provoca um silenciamento das reivindicações femininas. Quando se naturaliza a participação desigual entre homens e mulheres nas diversas atividades da vida pública, se cria todo um comportamento cultural endossado por narrativas e discursos recorrentes. Ocupar espaços hegemonicamente masculinos representa a conquista de visibilidade para as mulheres.

Judith Butler escrevendo para a *Folha de S. Paulo* em 19/11/2017 afirma que ainda persiste a discriminação econômica contra as mulheres, que ainda resistem condições de desigualdade que hierarquizam indivíduos por gênero e que também estamos longe do fim da violência contra a mulher. Da mesma forma, ainda se conservam concepções sobre fragilidade feminina e pressuposições depreciativas sobre as capacidades das mulheres de ocuparem espaços na esfera pública. Portanto, todas as lutas continuam vivas.

4.3. Representatividade e representações da Mulher no Esporte

Como o ponto central desse trabalho é a discussão em torno ao espaço ocupado pelas mulheres no campo do esporte para pessoas com deficiência e como essas mulheres são retratadas no espaço midiático, começamos então por verificar a evolução da participação de mulheres nas delegações brasileiras que competiram dos Jogos Paralímpicos desde a edição de 1972, segundo dados disponibilizados pelo Comitê Paralímpico Brasileiro. Essa observação é tomada como ponto inicial para se questionar o que pode ser determinante para a participação feminina em maior ou menor porcentagem no esporte paralímpico.

O gráfico a seguir ilustra uma participação inferior da mulher nas delegações que representaram o Brasil ao longo da história do esporte paralímpico. Ao mesmo tempo, houve um incremento do número de atletas brasileiras nas Paralimpíadas do Rio, em 2016. Possivelmente, esse aumento em 2016 seja um reflexo de ações de incremento aos jogos que seriam realizados no país.

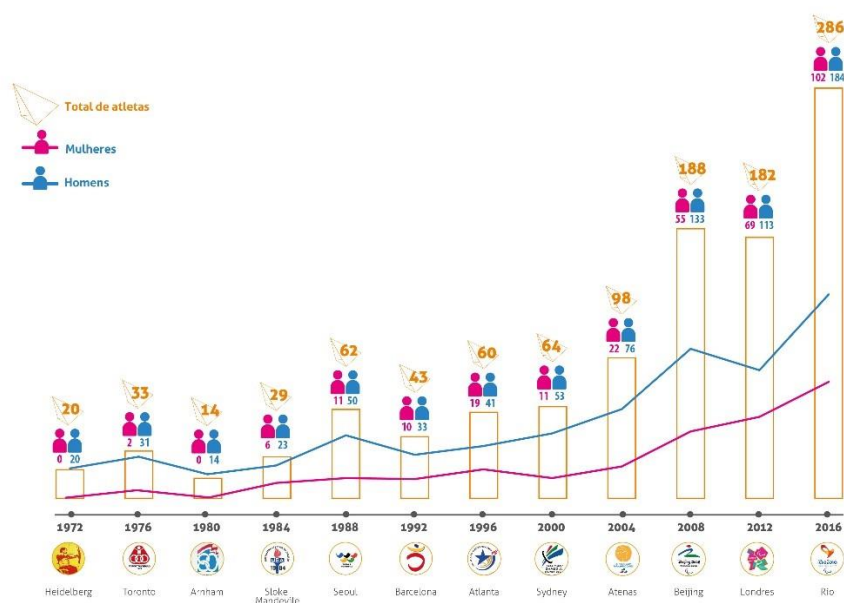


Figura 6. Quadro CPB - Delegações brasileiras em números de homens e mulheres nos Jogos Paralímpicos de 1972 a 2016. Fonte: CPB²²

Esses números da participação de atletas femininas brasileiras no esporte paralímpico são um sintoma de todas as questões que estamos investigando. Representa o reflexo das contradições, de processos discriminatórios, de invisibilidade, todos fatores ligados a formas de controle sobre o feminino.

Refletir sobre a presença da mulher no esporte e sobre a forma como ela é retratada através dos discursos midiáticos implica também o debate sobre a presença feminina em diferentes espaços sociais. Clara Sainz de Baranda Andújar (2013) em sua tese doutoral *Mujeres y deporte en los medios de comunicación: Estudio de la prensa deportiva española* (1979-2010), desenvolvida na Univeridade Carlos III de Madrid, em 2013, destaca a discussão promovida pela *División para el Adelanto de la Mujer* (sigla DAW) das Nações Unidas em sua conferência de Beijing de 1995:

La Declaración de Beijing de 1995, fruto de la IV Conferencia Mundial sobre la Mujer centrada en “La mujer y los medios de comunicación”, destacaba como una de las medidas a adoptar por los gobiernos: el fomentar una imagen equilibrada y no estereotipada de la mujer en los medios de difusión. Así, esta IV Conferencia impulsó la preocupación y la acción internacional sobre el papel de los medios de comunicación en la perpetuación de la subordinación de la mujer y su importancia en la promoción de los derechos de la mujer. (BARANDA ANDÚJAR, 2013, p. 09)

Posteriormente, as discussões a respeito dos esforços em torno aos apontamentos da *Declaración de Beijing* (1995) teriam concluído que pouco se havia avançado ao longo do tempo. Em sua pesquisa, Andújar (2013) destacou que as disparidades entre homens e mulheres no âmbito da comunicação esportiva eram persistentes nos diferentes meios de informação, tanto nacional (correspondendo à realidade espanhola) quanto internacionalmente: “De hecho, una revisión de la investigación académica destaca que en la cobertura deportiva de los medios de comunicación persiste un desequilibrio en cuanto a género”, aponta Andújar (2013, p. 108).

Como já foi destacado ao início deste trabalho, uma primeira verificação do nosso *corpus* reforça a impressão de que há uma sub-representação das mulheres paratletas em relação aos homens. Embora não seja essa a abordagem a ser considerada, o da oposição binária, esse pressuposto reflete um sintoma percebido a partir do contexto a ser investigado,

²² Fonte CPB disponível em <https://www.cpb.org.br/competicoes/jogosparalimpicos/resultado?Form.NomeAtleta=mulheres&Form.Paralimpiadas=26> consultado em 09/08/2020.

o quadro mais amplo das relações sociais. A seguir, recortamos do nosso *corpus* uma página do jornal carioca *O Globo* onde podemos pontuar formas de trazer a mulher sub-representada. WWW



Figura 7. Página do jornal *O Globo*, edição de 11 de setembro de 2016.

A página do *O Globo*, edição de 11/9/2016, é parte do caderno que foi dedicado aos Jogos do Rio. Esse exemplo ilustra um tipo de composição onde fica aparente o espaço desigual que podem ocupar homens e mulheres atletas na mídia. A linha fina descreve: “Claudiney dos Santos conquista no disco sua primeira medalha de ouro paralímpica, e Shirlene Coelho é bicampeã no dardo”. Claudiney ganhou o ouro e estabeleceu um novo recorde para sua categoria. Shirlene foi porta-bandeira do Brasil na abertura dos Jogos. A matéria conta que a atleta foi bicampeã em sua categoria com o ouro conquistado, melhor colocada na modalidade onde o recorde havia sido conquistado anteriormente também por ela. O texto é dedicado em sua maior parte a contar sobre a vida e o feito de Claudiney.

A partir desse exemplo extraído do nosso *corpus*, é possível debater sobre como as imagens podem ser usadas de forma desigual para retratar um e outro feito, masculino e feminino. A imagem de corpo inteiro de Claudiney dos Santos ocupa toda a altura da página, enquanto a imagem de Shirlene Coelho, em meio corpo, aparece ao pé da página. As escolhas de edição podem, a princípio, considerar a distribuição dos elementos para que ocupem todo o espaço da página do jornal, mas entendemos que esses critérios devem ser pensados para que

não contribuam para naturalizar as desigualdades e reforçar as diferenças de tratamento de gênero. Não se pretende discutir qual feito é mais relevante, apenas que ambos atletas merecem visibilidade. Uma análise das imagens dessa página se dará de forma mais detalhada na fase da análise de todo o *corpus*.

Pensando no objeto de estudo da presente pesquisa, podemos verificar as formas de debate propostos em diversos contextos e o reconhecimento dos conflitos que resultam nas diferentes formas de enfrentamento para diminuir a disparidade entre a participação de mulheres e de homens em sociedade. Sobre as questões de gênero ainda se acrescenta a questão da deficiência.

(...) dentro de los diversos factores que pueden desencadenar la proliferación de actitudes discriminatorias (género, religión, edad, raza, etc.), ser mujer y tener una discapacidad suponen dos de las condiciones más desventajosas a tener en consideración. (ABAD ET AL, 2019, p. 21)

O debate sobre esse entrelaçamento de elementos discriminatórios foi registrado no *Libro de Actas del I Congreso Nacional “Mujer y Deporte Paralímpico”* realizado pela Universidade de Huelva em 2019, Espanha. Como destaca Miren Zuriñe Ibarra Ibaibarriaga, diretora do projeto *Mujer y Deporte* do Comitê Paralímpico Espanhol, pesam sobre as paratletas o fato de serem mulheres e terem algum tipo de deficiência e que, por essas razões, acabam por serem tratadas através de discursos de fragilização.

Acrescentamos que a questão racial pode ser outro fator que se sobreporia a essas duas primeiras questões, gênero e deficiência. Mulheres negras enfrentam ainda os efeitos de um processo histórico de discriminação por conta dos estereótipos ligados violentamente a seus corpos. Esse fator é de alta relevância no contexto da sociedade brasileira, uma vez que a população no país é composta 50,7% de pretos e pardos. Segundo o Censo IBGE 2010, quando a população registrada era de 190.755.799 habitantes, 82.277.333 se declaravam pardos e 14.517.961 se declaravam pretos, um total de 96.795.294 brasileiros. Essa questão pode ainda ser melhor explorada considerando esse como mais um fator que influencia as relações contemporâneas.

Estereótipos sobre a beleza feminina não aparecem de forma tão explícita em relação a mulheres com deficiência, mas podem ocorrer quando a imprensa, por exemplo, constrói a imagem das musas das Paralimpíadas, como destacaremos mais adiante. E é preciso ressaltar que muitos outros estereótipos se apresentam, nas formas que já destacamos sobre o conflito que mulheres enfrentam entre a vida pública e a privada. Como ressalta Michelle Perrot (2013),

foram poucos os vestígios deixados pelas mulheres pelo fato delas terem permanecido, por muito tempo, ligadas ao espaço privado.

Há um consenso entre pesquisadores e dirigentes esportivos de que a mulher deve ser introduzida ao esporte adaptado ainda na fase escolar ou na fase inicial da manifestação de sua deficiência. Isso porque, ao longo de sua vida pesarão fatores ligados à própria condição feminina, algo que é justamente o que a retira do espaço público para retê-la no espaço privado do lar e da família. Como já foi exposto, questões como o matrimônio, a maternidade e a atenção familiar ainda influenciam na sua possibilidade de autonomia.

A maternidade é vista como uma etapa obrigatória da vida da mulher, o que pode implicar em um antes e um depois da participação feminina no espaço social. Para mulheres atletas profissionais, a maternidade gera a desconfiança sobre o seu desempenho durante e após a gravidez, impõe os dilemas das mudanças físicas e emocionais e cria conflitos jurídicos quanto ao seu direito de ser assistida pelo clube ou entidade que representa. Ao homem atleta, por outro lado, exalta-se, principalmente em imagens, qualquer gesto que expresse a sua ligação com a prole.

Também é comum a imprensa esportiva descrever mulheres de forma a vinculá-las a figuras masculinas, conceito sintetizado na sigla em inglês WAGS (wives and girlfriends of sportsmen) e que seria uma forma de tratamento dado a namoradas e esposas de atletas. Muñoz-Muñoz e Salido-Fernández (2017) propõem uma análise de notícias de portais digitais espanhóis para verificar o uso dessa forma de descrever as mulheres. A partir desse fenômeno, se verifica com que frequência e de que forma a mídia esportiva cede espaço a essas figuras femininas (WAGS), por conta de sua ligação com uma personalidade masculina do esporte. Esse estudo analisou 418 notícias publicadas em quatro diários esportivos digitais espanhóis de grande audiência: *Marca*, *As*, *Mundo deportivo* e *Sport*. O período analisado foi entre os anos 2000 e 2015. Foram consideradas as seções de esporte, tipo e extensão das notícias, temática, títulos, quem escreveu e o que escreveu. Muñoz-Muñoz e Salido-Fernández (2017) procuraram investigar papéis atribuídos às mulheres descritas dentro desse conceito das WAGs. Foi constatado, por fim, que houve um incremento do fenômeno das WAGs na imprensa digital espanhola. O estudo concluiu, por meio do *corpus* analisado, que vêm sendo transmitidos modelos de coisificação, subordinação e dependência das mulheres retratadas. Segundo Muñoz-Muñoz e Salido-Fernández (2017), havia um tratamento despersonalizado e estereotipado dessas mulheres:

El aumento de estas noticias, repercute en la percepción que sus lectores tienen sobre ellas, que encuentran numerosos referentes femeninos destinados a transmitir como valores a seguir la belleza, maternidad y apoyo al éxito profesional del varón en detrimento del propio. (MUÑOZ-MUÑOZ E SALIDO-FERNÁNDEZ, 2017, p. 339)

O fenômeno das WAGS, ainda que não tenha sido descrito sob esse conceito, já foi constatado em um estudo onde verificamos matérias *online* que destacavam as “musas” das Paralimpíadas. No artigo *Um olhar sobre a representação midiática das musas dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 no portal Lance!* (2017), analisamos matérias veiculadas pelo portal brasileiro de notícias esportivas. Encontramos, junto às notícias das mulheres retratadas como musas, alguns *links* com chamadas para matérias que destacavam mulheres e namoradas de atletas do sexo masculino, jogadores de futebol e atletas olímpicos. Exemplo disso é o título “Bolt posta foto com Terezinha Guilhermina e saúda os paratletas”. Esse título impõe, por meio de recursos de linguagem, o protagonismo para o atleta olímpico jamaicano Usain Bolt em relação à atleta paralímpica brasileira Terezinha Guilhermina. Encontramos também no portal *Lance!* dois títulos com links para as matérias “Mulher do goleiro Muralha posta fotos de ensaio sensual e agita a web” e “Conheça a namorada de Bolt que disse 'sim' ao atleta”. São recursos de linguagem adotados pela imprensa esportiva que acentuam a visão androcêntrica característica desses meios. Dão respaldo ainda a essas narrativas as imagens fotográficas exploradas em larga medida por esses veículos.

O estudo sobre as WAGS também constata que as matérias veiculadas pelos portais esportivos espanhóis utilizaram recursos visuais para entreter por meio de fotografias que exploram a sensualidade feminina, imagens de pouco valor informativo. “En el diario *Sport* esto es reforzado con encuestas (16%), cuyo objetivo es clasificar a las mujeres por sus atributos físicos”, concluem Muñoz-Muñoz e Salido-Fernández (2017, p. 338). Os diários esportivos destinam mais espaço a matérias ou informações sobre as WAGs do futebol. “Esto hace que predominem los estereotipos hegemonicos de masculinidad y feminilidad tradicionales”, concluem as autoras (2017, p. 334).

Tais dados reforçam a percepção de que em diferentes meios sociais as mulheres se encontram sub-representadas, refletidas em imagens estereotipadas e sob discurso de fragilização. Temos aqui um fenômeno naturalizado nos discursos midiáticos que, segundo Muñoz-Muñoz e Salido-Fernández (2017), não contribui para a valorização do esporte, pois reforça as diferenças e impõe juízos de valor em textos que expressam opiniões dos autores e não permitem que se dê voz às mulheres. Reforça-se, portanto, a noção de que as situações de

conflito são vividas localmente, mas é no âmbito global que se mantêm as estruturas que sustentam as relações de poder.

Reafirmamos que há uma cultura visual que auxilia na manutenção de determinados significados que configuram estereótipos de gênero por meio dos aparatos da comunicação. Imagens projetam modelos de comportamento, padrões estéticos, posturas desejadas. Para Muñoz-Muñoz e Martínez-Oña (2015), com o fenômeno de informações veiculadas por meios digitais, há um incremento do uso de fotografias como recurso discursivo. Imagens também impõem todo um conjunto de regras, inspiram juízos de valor, influenciam comportamentos. Imprimem também uma moral sobre o corpo feminino sob o ponto de vista de uma imprensa que constrói seu discurso respondendo a demandas do seu contexto social de produção e circulação.

Muñoz-Muñoz e Martínez-Oña (2015) defendem que a mulher tem sido constantemente retratada como musa e objeto de desejo, obedecendo a estereótipos de beleza, ou como mulher vinculada ao espaço privado, por meio de lógicas subordinadas a uma perspectiva masculina. Para as autoras (2015), essas práticas são comuns no uso da linguagem publicitária. As autoras (2015) questionam também o que são esses estereótipos e como eles nos afetam: “Efectivamente, la iconografía desemboca en los estereotipos femeninos los cuales se han extendido a través del arte y han sido incorporados al imaginario colectivo gracias a la publicidad, a los medios de comunicación, y cómo no, a Internet”, nos colocam as autoras (2015, p. 372).

Os retratos femininos evoluem nas formas dos usos tecnológicos enquanto seguem transformando mulheres em imagens. Ainda segundo Muñoz-Muñoz e Martínez-Oña (2015), a manipulação tecnológica da imagem praticada pela publicidade naturaliza-se no uso cotidiano em imagens manipuladas digitalmente, as quais criam uma “nova consciência estética” com imagens retocadas de mulheres que “apagam” suas características mais realistas. Surgem assim fotografias editadas com o uso de ferramentas que modificam a textura natural da pele, intensificam o brilho dos cabelos, atenuam marcas de expressão, modificam as formas originais dos corpos. Criam-se estereótipos de beleza inalcançáveis e irreais, que serão idealizados e perseguidos obsessivamente. Sobre essa aparência, manifestam-se papéis tradicionalmente impostos para as mulheres:

M^a Dolores Cáceres Zapatero y Paloma Díaz Soloaga (2008) amplían este estudio y definen cinco estereotipos femeninos, mujer tradicional que refleja amor maternidad y familia, mujer trasgresora, relacionada con triunfo, libertad, conquista, fidelidad y trasgresión. Mujer frágil o sometida

relacionada con tristeza, debilidad, languidez y sometimiento, mujer hedonista sensual, representada por la atracción sexual, seducción y placer y mujer funcional moderna relacionada con imágenes de modernidad, gozo y comodidad. (MARTÍNEZ-OÑA E ANA M. MUÑOZ-MUÑOZ, 2015, p. 373)

A reprodução de estereótipos e padrões de beleza podem estar encerradas em representações que se acomodam em sentidos previstos ou pré-determinados culturalmente. Para Sodré (2006), no apelo da comunicação estaria a possibilidade de integrar o sujeito numa sociedade de iguais, acomodada em um juízo de gosto. A instrumentalização técnica, com o uso da linguagem, poderia promover essa acomodação de sentidos. Discursos com camadas de sentidos que constroem imaginários e criam os consensos.

A mídia alimenta a sociedade, a sociedade alimenta a mídia. E, ainda que se desenvolva em diferentes realidades sociais, a linguagem da imprensa pode transmitir os mesmos estereótipos sobre as figuras femininas. Para José Luiz Rojas Torrijos (2010), o discurso midiático, elaborado em diferentes contextos, utilizando-se de recursos de linguagem verbal e visual, pode apresentar de forma explícita ou implícita elementos de uma linguagem androcêntrica, capazes de agir para naturalizar formas de comunicação que se assentam no protagonismo masculino. “Entretanto, el sexismo sintáctico no resulta tan claramente perceptible en ocasiones al ser consecuencia directa de la mentalidad de la persona que construye el mensaje”, aponta Torrijos (2010, p. 125).

Usualmente, os meios esportivos tradicionais trabalham seus discursos a partir de estereótipos de gênero. A imprensa esportiva ajuda a perpetuar formas discriminatórias de tratamento por gênero, tratando de forma desigual homens e mulheres. É preciso reafirmar, como nos coloca Torrijos (2010), que nas sociedades contemporâneas o conteúdo das mensagens midiáticas contribui para a formação de mentalidades:

Los medios de comunicación poseen una enorme responsabilidad social ya que en la tarea continua de informar y entretener también desempeñan una importante labor educadora y formativa al transmitir en su discurso, de forma más o menos explícita, una serie de pautas lingüísticas, ideológicas y de comportamiento que llegan a influir decisivamente en las maneras de decir, hacer y pensar de los ciudadanos. (TORRIJOS, 2010, p. 123)

A imprensa esportiva responde a uma demanda do público por temas relacionados ao esporte e atua de forma significativa no espaço social, nos colocam Muñoz e Fernandes (2018). Há uma percepção de que o tema mais frequente e de maior audiência nesse segmento da imprensa é o futebol, esporte de características bastante androcêntricas, espaço de exercício e

reafirmação de uma cultura masculina. “Hemos visto cómo la mujer no deportista puede llegar a ocupar un espacio preferente del que solo en contadas ocasiones dispone la que sí lo es y, además, está en la elite nacional o internacional de su disciplina”, reafirma Rojas Torrijos (2010, p. 133).

Homens são comumente mostrados como protagonistas no espaço político, na vida econômica e também no esporte. No mundo esportivo, são atribuídos aos homens papéis de protagonistas, não apenas na imagem de atletas vencedores em esportes de alto rendimento, eles são também dirigentes, técnicos e administradores. Da mesma forma, há um protagonismo masculino na imprensa esportiva que é a responsável por relatar, veicular, retratar os fatos e descrever os personagens do esporte. “Dentro del ámbito informativo, la comunicación deportiva está considerada como una de las manifestaciones periodísticas que de forma más clara transmite estereotipos sexistas”, aponta Torrijos (2010, p. 125).

Para Torrijos (2010), há a construção de uma linguagem sexista que se perpetua através da imprensa por diferentes meios de circulação. Dentro das diferentes perspectivas de análise dessa prática de uma linguagem sexista, segundo o autor (2010), estariam o uso que se faz da linguagem, a estrutura que lhe imprime características, as possíveis tramas do discurso e os recursos de linguagem utilizados dentro dessas práticas. Resumidamente, o emprego de determinados léxicos e não de outros, resultariam em construções discursivas com sentido discriminatório por questão de gênero. Aqui destacamos, mais uma vez, a linguagem visual como meio importante de registro e imposição de estereótipos nas diferentes formas de se retratar a mulher.

Sob o ponto de vista dos movimentos feministas, esses discursos sexistas que circulam através da imprensa não acompanhariam as transformações que vem ocorrendo com as mulheres ao longo dos processos históricos. É necessário que a linguagem se adapte às novas demandas e reivindicações. O discurso carrega dados culturais de seu tempo e contexto social, elementos que permitem que emergjam determinados tipos de formações discursivas. Arranjos históricos e sociais que também se manifestam e se materializam através das imagens.

Torrijos (2010, p.125) assinala, a partir de Quilis (2006), que as mudanças sociais precisam ser entendidas e absorvidas no campo da linguagem. Para o autor (2010), o próprio emprego de vocábulos masculinos trabalha de uma forma implícita para a centralização do discurso na figura masculina. Em suas palavras (2010, p.125), tais transformações “exigen una adaptación de la lengua para liberarla de ‘estereotipos de género’”.

Baranda Andujar (2013) destaca alguns tipos de estereótipos comuns aos discursos do esporte. A partir dos estudos de Pilar López Díez em *Deporte, mujeres y medios de*

Comunicación: sugerencias y recomendaciones (2011), Andujar (2013) descreve possíveis abordagens estereotipadas nas narrativas midiáticas que falam sobre as mulheres atletas. Bastante presente na mídia está o estereótipo de beleza que representa a atleta feminina como objeto de desejo, o enfoque na beleza não acrescenta nada de informação quanto a questão do esporte em si ou a atuação das atletas, torna-se uma distração daquilo que realmente interessa. A representação através da vinculação aos valores familiares, ao vínculo com a família e a prole. A imposição de papéis em função do gênero feminino. A cobrança pela necessidade de controle das emoções. Os estereótipos que impõem um ou outro esporte como sendo modalidade exclusivamente masculina ou feminina. “Se añade a esta clasificación el estereotipo de mujer marimacho, donde se asocian rasgos físicos que se consideran masculinos a mujeres, lo que conlleva a una puesta en duda de su feminidad”, acrescenta Andújar (2013, p. 130).

Partimos da hipótese de que alguns desses estereótipos, como a objetificação do corpo feminino, aparecem em menor grau no caso das atletas femininas com deficiência. Ainda assim, ao longo do nosso processo de investigação nos deparamos com alguns desses estereótipos associados a corpos femininos com deficiência nas figuras das musas das Paralimpíadas, por exemplo. Na construção midiática das “musas” dos Jogos Paralímpicos Rio 2016, encontramos exemplos de mulheres retratadas a partir de padrões estéticos de beleza, o destaque na forma e na aparência do corpo feminino com deficiência e a forma de apropriação desse corpo.

No artigo um *olhar sobre a representação midiática das musas dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 no portal Lance!* (2017) - elaborado durante o processo de desenvolvimento da presente pesquisa - o *corpus* selecionado foi composto por duas matérias do jornal esportivo *Lance!* em sua versão digital. Nos dois casos, os textos destacaram em seus títulos a expressão “musa” dos Jogos Paralímpicos ao se referirem a nadadora Camille Rodrigues e a modelo Paola Antonini, a primeira veiculada no dia 26/08/2016 e a segunda em 12/09/2016.



Figura 8. Matéria do portal *Lance!*, veiculada em 26/08/2016²³.



Figura 9. Matéria do portal *Lance!*²⁴, veiculada em 12/09/2016.

Camille Rodrigues é uma nadadora carioca de 24 anos. A atleta teve a perna direita amputada aos 3 anos por conta de um problema de má-formação. Camille começou na natação aos 4 anos. Em 2007, iniciou nas competições profissionalmente. Foi medalha de ouro nos 400m livre, 100m costas e 100m livre e bronze nos 50m livre nos Jogos Parapan-Americanos de Toronto, realizados em 2015. Também   medalha de prata nos jogos Parapan-Americanos de Guadalajara, em 2011, nos 100m livre, 400m livre e 100m costas e bronze nos 50m livre. A outra mulher representada   Paola Antonini, modelo brasileira de 22 anos que teve a perna esquerda amputada por conta de um acidente com um carro em 2015 e que hoje atua como modelo e influenciadora digital.

O termo “musa” é comumente usado para designar a figura feminina que traz inspiração. Normalmente, se referem a mulheres que apresentam determinados padrões est  ticos e que se enquadram em estereótipos de beleza. Na mitologia grega, eram as musas que inspiravam as criações artísticas e científicas. Segundo essas narrativas mitológicas, eram nove as musas, todas filhas de Mnemósine, deusa que personifica a memória, e de Zeus, Deus dos céus e que tem autoridade sobre o Olimpo.

Musas são figuras destacadas no ambiente do esporte como uma representação feminina de apelo midiático. É comum em épocas de competições esportivas, com participação de atletas femininas, a eleição de musas que se destacam entre as competidoras por sua aparência física.

²³ Matéria do portal *Lance!*, veiculada em 26/08/2016. Disponível em <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/conheca-camille-rodrigues-musa-brasil-paralimpiada.html>, consultado em 25/08/2020.

²⁴ Matéria do portal *Lance!*, veiculada em 12/09/2016. Disponível em <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/paola-antonini-faz-sucesso-rio-vira-musa-das-paralimpiadas.html>, consultada em 25/08/2020.

A imagem de mulheres atletas é constantemente associada a estereótipos e padrões de beleza do corpo. Em períodos de Olimpíadas, por exemplo, muito se fala das musas olímpicas, mulheres atletas que são destacadas pela imprensa por seus corpos atléticos e suas características físicas estereotipadas. Também é comum, por exemplo, torcedoras no futebol serem classificadas como musas por adentrarem um ambiente onde não está permitida a disputa por mulheres.

Sobre os Jogos Paralímpicos do Rio, foi possível constatar um número considerável de matérias veiculadas em diversos canais de comunicação a respeito das mulheres eleitas como musas paralímpicas, a maioria em torno das figuras das duas mulheres aqui destacadas, Camille Rodrigues e Paola Antonini. Considerando seus perfis, foi interessante notar que se tratam de uma atleta que realmente disputou os jogos e uma mulher com deficiência que nada tem a ver com esse ambiente do esporte paralímpico. Ao mesmo tempo, são duas figuras que se destacam na forma como acomodam padrões femininos de beleza.

A ideia de construção midiática das “musas” do esporte paralímpico em torno de figuras femininas com deficiência poderia se constituir em uma forma de explorar a questão da erotização do corpo atlético dessas mulheres. Dessa forma, nos questionamos se o esporte estaria representado nessas construções discursivas. Nossas primeiras considerações partiram do ponto em que os retratos usados pela imprensa foram reproduzidos pelas próprias mulheres representadas. Isso porque todas as imagens que compõem as galerias de fotos disponibilizadas nas duas matérias do *Lance!* fazem parte de canais pessoais de comunicação de Paola e Camille, algumas produzidas através de selfies (autorretratos).

Sob o título “Conheça Camille Rodrigues, a musa do Brasil na Paralimpíada”, a matéria com a nadadora foi veiculada pelo portal esportivo *Lance!* em 26/08/2016, antes do início dos jogos. O texto destaca as conquistas da atleta em outras competições, como medalhas em edições de jogos Parapan, por exemplo. Fala também sobre a esperança de medalhas para os Jogos Paralímpicos do Rio. Traz em seu texto informações sobre a sua performance como atleta. Justifica, portanto, a presença de Camille no ambiente esportivo e sua ligação com a competição paralímpica. Ao mesmo tempo, traz a seguinte informação na sua linha fina: “Atleta faz sucesso nas redes sociais pela beleza”. Um primeiro momento em que a questão do estereótipo de beleza é evocada. A matéria dá acesso a uma galeria com 30 imagens da atleta. Dentre essas fotografias é possível afirmar que 09 dessas imagens foram produzidas através de autorretrato. Três dessas fotos são momentos de destaque no esporte, fotos com medalhas e a tocha Olímpica. Doze fotos produzidas em ambiente que remete ao esporte praticado por Camille, a natação.

Os links que aparecem ao final da matéria sobre Camile, como sugestão de outras leituras são: “Carol Portaluppi movimenta as redes sociais ao posar de biquíni”; “Conheça a brasileira que conquistou Usain Bolt”; “As atletas musas da Rio-2016 que vão deixar saudades”. Títulos que carregam significados ligados a estereótipos do corpo ou que dão ênfase a uma ligação com uma figura masculina, características das formas de tratamento dispensadas às WAGs.

Na matéria sobre Paola, o texto de uma única frase destaca o motivo da sua amputação, a descreve como musa dos Jogos Paralímpicos e comenta: “A modelo Paola Antonini, que teve sua perna amputada há mais de um ano após um acidente de carro, vem chamando atenção no Rio de Janeiro. A musa das Paralimpíadas 2016, Paola posou de biquíni em Copacabana e fez sucesso. Confira!”. Uma chamada para que as pessoas visitem a galeria contendo 16 fotos da modelo e que destaca a questão da beleza e do corpo como atributos da modelo. Entre as 16 imagens, 04 delas foram produzidas em cenário que remete ao ambiente dos Jogos Paralímpicos. Em sua maioria, são imagens que destacam a estética e a beleza de Paola. Em pelo menos 11 imagens, a prótese da modelo fica bem visível na imagem.

Na proposta de análise de Baranda Andujar (2013), a autora elabora uma categoria que poderíamos reconhecer na narrativa sobre Paola Antonini apresentada pelo portal *Lance!*. “Las mujeres que aparecen pertenecen al ‘Ámbito Deportivo’ (sí; no) o, por el contrario, son mujeres que aparecen en calidad de ‘Invitadas’”, questiona Baranda Andujar (2013, p. 130). Antonini é convidada a ser musa do esporte paralímpico, ainda que não seja atleta das competições. São determinantes para a sua inserção a sua beleza de modelo e a sua deficiência.

Nos momentos que retratam o ambiente esportivo Paola aparece como espectadora nas arenas esportivas. Como já foi dito, é comum torcedoras no futebol masculino serem classificadas como musas. Já nas disputas das Olimpíadas, por exemplo, é usual a mídia promover a construção da ideia de musas entre as atletas que disputam os jogos. Logo abaixo do texto sobre Paola aparecem os links para outras três matérias que mencionam mulheres, inclusive a paratleta Terezinha Guilhermina, mas todas estão relacionadas por personalidades masculinas protagonizando as narrativas. Duas dessas mulheres não tem seus nomes mencionados. Sobre a nadadora Camille Rodrigues e a modelo Paola Antonini, as notícias falam sobre essas mulheres sem que se coloque alguma fala que sejam próprias das personagens retratadas.

Outro exemplo pode ser observado na cobertura da imprensa sobre a abertura dos Jogos Paralímpicos do Rio. Durante a cerimônia de abertura, ocorrida em 7 de setembro de 2016 no Estádio do Maracanã, a modelo, atriz e paratleta americana Amy Purdy apresentou-se numa

coreografia na qual interagiu com um braço robótico. A esportista biamputada, praticante de snowboard, dançou com um robô numa clara alusão à simbiose entre ser humano e máquina. Em uma cerimônia com duração de cerca de 90 minutos, Amy realizou uma performance de pouco mais de dois minutos. Ainda assim, sua imagem recebeu grande destaque por parte de vários veículos de comunicação, como o jornal *O Globo*.



Objeto central desse nosso debate inicial sobre a imagem da mulher paratleta, a capa do jornal *O Globo* traz um enunciado que destaca a interação entre uma mulher e uma máquina. Imagem colocada acima da manchete “Paralimpíada emociona Maracanã” e da linha fina “Espetáculo destaca os desafios individuais e encanta até sob chuva”. Se considerarmos a composição fotográfica, o papel de destaque é dado à máquina que está sob o holofote, enquanto a bailarina aparece com parte do corpo sombreado. A imagem apresenta certa ironia na linguagem corporal da atleta, que pode parecer estar em “fuga” do braço mecânico. A fotografia, sob esse ângulo, nos chama a atenção para a forma fálica do braço robótico. Sabemos que no universo de milhares de imagens a escolha por uma única fotografia para

estampar a capa do jornal é sempre muito consciente. Há sempre uma intenção implícita nessa decisão editorial.

A performance de Amy Purdy repercutiu em vários canais midiáticos, muitos dos quais procuraram aproximar a apresentação da paratleta com a da modelo brasileira Gisele Bündchen, que havia se destacado na abertura dos Jogos Olímpicos de 2016, também no Estádio do Maracanã, praticamente um mês antes (a cerimônia teve lugar no dia 5 de agosto). Naquela ocasião, Bündchen cruzou o campo de uma ponta à outra, ao som da icônica canção “Garota de Ipanema” de Tom Jobim, executada por Daniel Jobim, neto do compositor. À época, o “desfile” da modelo também foi destaque em diferentes meios de comunicação, os quais destacavam sua beleza, ecoando os próprios versos da música (“olha, que coisa mais linda, mais cheia de graça”). Exemplo disso é o *Portal E!*, que destaca, em matéria de 05/09/2016, o protagonismo de Bündchen no evento:

Gisele Bündchen rouba a cena na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos 2016

E! NEWS | FAZ 9 MESES



Quem pode, pode!

Figura 11. Gisele Bündchen na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016, segundo o no Portal E!²⁵

Nos Jogos Paralímpicos, o protagonismo de Amy Purdy também foi posto em evidência, como se pôde ver no portal de celebridades *Ego*. A comparação com a performance da modelo brasileira um mês antes é inevitável, até na escolha do discurso verbal, como atesta o título “Amy Purdy rouba a cena em abertura da Paralimpíada Rio 2016”, referente a matéria publicada em 08/09/2016. O texto destaca fotos e comentários de leitores sobre a presença de Amy na abertura dos Jogos, e muitos desses comentários tecem elogios à beleza da atleta:

²⁵ Gisele Bündchen na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016, segundo o no Portal E! (Disponível em <http://br.eonline.com/enews/gisele-bundchen-rouba-a-cena-na-cerimonia-de-abertura-dos-jogos-olimpicos-2016/>. Acesso em 20 mar. 2017)



Purdy tem a trajetória da superação, em virtude da amputação como causa de uma doença e sua posterior inserção no esporte. Na matéria destacada, é indiscutível que a representação midiática projeta uma imagem atraente da atleta, em que seu padrão de beleza física coexiste com uma imagem que promove a simbiose com a máquina. Também podemos destacar que se trata de uma atleta dos jogos de inverno e que, portanto, não participou do Jogos do Rio. Após a sua performance na abertura dos Jogos de 2016, as imagens que se seguiram em alguns canais retrataram uma mulher bonita dentro dos padrões ocidentais (branca, cabelos loiros, corpo atlético) e com próteses modernas contracenando com um braço robótico. Uma alusão intencional de que o ser humano com deficiência pode ser também uma criatura tecnológica.

²⁶ Portal *Ego*, Imagem de Andy Pardy em matéria sobre a abertura dos Jogos Paralímpicos 2016 em 07/09/2016. (Disponível em <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/09/amy-purd-rouba-cena-em-abertura-da-paralimpiada-rio-2016.html>. Acesso em 22 abr. 2017)

Nos três exemplos de mulheres citados aqui – Camille Rodrigues, Paola Antonini e Amy Purdy - estão em questão esse corpo que além de feminino é tecnológico, o corpo ciborgue. Assim define Donna J. Haraway em *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*, publicado em *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano* (2009, p. 36): “um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção”. Há um fascínio por parte do ser humano sobre as criaturas que são meio animal e meio máquina, a presença de uma narrativa ficcional onde se debatem a vida e a morte.

Na capa do jornal *O Globo* selecionada para nossas discussões percebe-se a ironia com a imagem da mulher em relações imagéticas que corroboram posições de submissão ao masculino. A naturalização da imposição de regras sobre o corpo, a postura e a aparência feminina são reafirmadas no ambiente do esporte e, aqui, no ambiente do esporte paralímpico.

5. QUESTÕES DO CORPO

Como já foi descrito, esta investigação constitui um esforço no campo da comunicação para se entender o potencial do corpo feminino com deficiência e as significações implicadas nos discursos imagéticos a seu respeito. Corpos demarcam diferenças materializadas por uma dada aparência que é convertida em imagem. Consideramos que há, ainda hoje, significados pouco definidos a respeito da pessoa com deficiência e também escassa reflexão em relação às formas de representação do corpo com deficiência através das imagens. Por essa razão, buscamos possíveis caminhos para acrescentar dados que possam contribuir para repensar algumas posturas e excluir formas de julgamento.

Em resumo, teríamos um tensionamento em diferentes níveis da interação humana quando abordamos a questão do corpo na comunicação, o potencial da imagem fotográfica do corpo na ação interacional e o caso do corpo com deficiência na maneira como este nos afeta. No cruzamento com essas questões, as formas pré-concebidas de se julgar a condição da mulher nas relações sociais e de lhe atribuir “papéis”.

Consequência de um processo histórico, demoramos a nos conformar ao corpo que é diferente e a entender a forma discursiva que ele carrega. Isso pode gerar interpretações equivocadas expressas, por exemplo, em imagens que buscam chocar e não conformar o olhar. De toda forma, podemos reter de diversos autores que corpo é comunicação.

O corpo está em cena, sem que haja qualquer possibilidade de prever o futuro e seus limites”. Esta afirmação de Villaça e Góes (1998: 32) sintetiza com propriedade a proeminência do corpo e a perplexidade que ele tem provocado no pensamento atual. (SANTAELLA, 2004, p. 27)

Se a comunicação é o processo pelo qual a sociedade constrói o próprio meio social, é também na tentativa de envolver o corpo com deficiência nos parâmetros comunicacionais que se geram tensões na tentativa de conhecer e fazer conhecer o que seja esse corpo. As regras não estão muito claras sobre o que dizer e o como dizer a respeito dos corpos. No caso das mulheres com deficiência temos uma dupla imposição, são mulheres que já se encontram sub-representadas por sua condição feminina e são pessoas com deficiência que também foram privadas ao longo da história de participação no espaço público.

Segundo Jean-Jacques Courtine (2013), a partir das transformações sociais dos anos 1960 e 1970, o corpo surge no espaço político e reivindica seu lugar nas ciências do homem. A palavra de ordem é “Nosso corpo nos pertence!”, nos coloca Courtine (2013, p. 15). A partir

da busca por reconhecimento como minorias representativas nas questões de gênero, de orientação sexual ou de origem, o corpo emerge com suas reivindicações.

O corpo, sem dúvida, não sustentou as promessas de revolução das quais se podia então esperá-lo portador. Mas sem dúvida alguma ele conservou as lutas sociais e as aspirações individuais deste momento histórico de impressão profunda de funções sexuadas, de rastros de origens sociais ou étnicas que doravante não saberiam mais ser apagadas. COURTINE, 2013, p. 15)

Courtine (2013) demarca assim o seu diálogo com a emergência do corpo nas ciências humanas a partir da virada da década de 1970 e o desenvolvimento do pensamento de Michel Foucault. Como debate central, as influências que o poder vai exercer sobre o corpo e os mecanismos pelos quais se investem diferentes formas de dominação. Ao mesmo tempo, Courtine (2013) destaca que Foucault advertia: “a noção de repressão à qual se reduz em geral os mecanismos do poder me parece bastante insuficiente e perigosa”.

5.1. Sociologia do Corpo

Na antropologia de Marcel Mauss (1872 – 1950), o corpo seria destacado como instrumento humano dotado de técnica. Mauss (2003) descreve o corpo como sendo o primeiro instrumento do homem, seu primeiro objeto e seu meio técnico. Para Mauss (2003), as técnicas corporais estariam relacionadas aos usos que o homem faz do corpo, condicionando essas práticas aos meios sociais nos quais se inserem os indivíduos. Na ideia de corporeidade se manifestam todos os tipos de vigilância e julgamento, de gênero, de raça, de preconceito em relação a estereótipos femininos, de intolerância a diferentes formas de expressão do corpo. Um outro aspecto que nos interessa é como, dessa forma, se opera a ideia de limitação humana através da percepção do corpo com deficiência.

Claude Lévi-Strauss (2003) destaca sobre a obra de Mauss que os preconceitos de raça que circulam nos meios sociais veem no homem um produto de seu corpo. Nas palavras de Lévi-Strauss (p.15): “mostrar-se-ia, ao contrário, que é o homem que, sempre e em toda parte, soube fazer de seu corpo um produto de suas técnicas e de suas representações”. Ao mesmo tempo, a materialidade corporal é somente uma das dimensões humanas.

Um corpo com deficiência, feminino ou masculino, provoca nos afetos a inquietação do imaginário em relação a uma ideia de fragilidade da condição física humana. Para Le Breton (2007, p. 75), o corpo com deficiência “cria uma desordem na segurança ontológica que garante

a ordem simbólica”. A ordem da experiência estética se vê confrontada com a desordem em relação aos estereótipos construídos socialmente.

São muitas as formas de coerção que se impõem aos corpos. Há uma dimensão social para além da dimensão biológica que influencia a vivência corporal dos indivíduos. Na introdução ao trabalho de Mauss elaborada por Claude Lévi-Strauss – originalmente em 1950 -, o autor afirma que Mauss propõe um “estudo da maneira pela qual cada sociedade impõe ao indivíduo um uso rigorosamente determinado de seu corpo”. O ato de educar o corpo e de modá-lo. A exemplo disso, o gesto da imitação. A herança gestual transmitida de geração a geração carrega todo um acervo de técnicas do corpo. Marcel Mauss (2003) destaca a natureza social dos *habitus* que ele designa como:

Esses "hábitos" variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios. É preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, lá onde geralmente se vê apenas a alma e suas faculdades de repetição. (MAUSS, 2003, p. 404)

Homens e mulheres, segundo Mauss (2003), utilizariam técnicas corporais de formas distintas e para buscar um entendimento seria necessário recorrer ao auxílio da fisiologia e da sociologia para além das explicações da psicologia. É o que esse autor pensou como uma “divisão das técnicas do corpo entre os sexos”. Marcel Mauss (2003) desenvolve seu pensamento num momento considerado como fundador para a sociologia e a antropologia francesas. Seu objeto de estudo é a sociedade moderna e suas implicações.

Todos esses fatores dependem, para Mauss (2003), de uma percepção de um homem total, em suas dimensões física, psicológica e social. “Talvez não exista ‘maneira natural’ no adulto”, contrapõe o sociólogo e antropólogo (2003, p. 412) ao pensar sobre as maneiras adquiridas, por exemplo, no andar feminino. As formas de conduta são transmitidas, mas, como destaca Mauss (2003), técnica e transmissão sobrevivem pela tradição. “Eis em quê o homem se distingue antes de tudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral”, nos afirma o autor (2003, p. 413). À época de desenvolvimento dos seus estudos, é perceptível a ideia do autor de uma diferença de educação do corpo entre meninos e meninas quando ele destaca as “Técnicas da adolescência” (2003, p. 413)

Por exemplo: em todas as sociedades negras, a educação do rapaz intensifica-se em sua adolescência, a das mulheres permanecendo, por assim dizer, tradicional. Não há escola para as mulheres. Elas seguem

a escola de suas mães e nelas se formam constantemente, para passar, salvo exceções, diretamente ao estado de esposas. Já o rapaz ingressa na sociedade dos homens, onde aprende seu ofício e sobretudo seu ofício militar. Contudo, tanto para os homens como para as mulheres, o momento decisivo é o da adolescência. É nesse momento que eles aprendem definitivamente as técnicas do corpo que conservarão durante toda a sua idade adulta. (MAUSS, 2003, p. 414)

David Le Breton (2009) utiliza o exemplo das crianças ditas “selvagens” para debater a questão da experiência corporal em situação em que a sociedade não influencia na vivência do indivíduo com o próprio corpo. Existem casos reais onde indivíduos, afastados do convívio humano e adotados por animais, aprendem outra ordem de linguagem corporal.

A experiência constitui um meio de análise. Por extensão, ela confirma que até as nossas sensações mais íntimas, as mais intangíveis, os limites de nossas percepções, nossos gestos mais elementares, e até a forma do nosso corpo e tantas outras características, provém de um meio social cultural particular. (Le Breton, 2009, p. 18)

No isolamento da sociedade humana e no convívio com animais, crianças “selvagens” adotam comportamentos que condicionam seus corpos a toda uma ordem de gestos, expressões, posturas e formas de estar e se locomover no espaço. Toda sua forma de comunicação se dá em uma outra ordem. A referência deixa de ser o humano, exigindo uma adaptação do corpo ao convívio com os animais. Segundo Le Breton (2009), essas crianças nos levam a questionar os vínculos sociais e repensar as limitações impostas ao corpo humano, já que outras capacidades se desenvolvem nessas condições. Há relatos de casos reais de pessoas que, por alguma circunstância, viveram essa experiência. Tentar retornar esses indivíduos ao meio social causa todo tipo de conflito. Exigir uma adaptação às formas de convivência humana a indivíduos nessas condições pode incorrer em formas de violência simbólica.

Para David Le Breton (2007), sistemas de etiquetas sociais são instituídos como forma de impor regras de uso do corpo e de controlar as relações entre os sujeitos. O corpo e sua imagem tomado por dimensões de ordem política e cultural onde se dá o confronto com as diferenças sob aspectos sociais ou de gênero, por exemplo. Tomando a materialidade do corpo com deficiência, é possível se afirmar que estereótipos podem se fixar sobre a aparência física, induzindo a julgamentos que se realizam através do olhar externo, o olhar do outro.

Não é possível pensar a constituição corpórea sem observar seu contexto de inserção social e cultural. A dimensão cultural estabelece uma forte ascendência sobre a forma do homem lidar com seu corpo, interfere nos gestos, percepções e interpretações do mundo. Le

Breton (2009) observa que as predisposições corporais se concretizam nas trocas com outros indivíduos. A percepção do outro, a imitação, o desejo de adaptação, a busca pela aceitação e a necessidade de sobrevivência.

A educação dá forma ao corpo, modela os movimentos e o rosto, ensina as maneiras físicas de enunciar um idioma, ela faz das atuações do homem o equivalente de uma criação de sentido perante os demais. (LE BRETON, 2009, p, 40)

Em *O corpo como sintoma da cultura*, Lucia Santaella (2004, p. 147) aponta que “o corpo humano, nos diz a psicanálise, é um corpo pulsional, ao mesmo tempo que é um corpo imaginário e também um corpo simbólico”. O Eu não nasceria pronto, ele se desenvolveria através do tempo, demarcado por formas de percepção interiores e exteriores. Como define Santaella (2004, p. 151), “no simbólico, o corpo é aparelhado pela linguagem”.

Nas palavras de Judith Butler, corpos carregam discursos. Como destaca a pesquisadora ao afirmar em entrevista publicada pela *Revista Estudos Feministas*, edição de janeiro de 2002, discursos “se acomodam em corpos; os corpos, na verdade, carregam discursos como parte de seu próprio sangue”, conforme Prins e Meijer (2002, p. 163). Estar no mundo implicaria, portanto, estar carregado de discurso. A questão que vemos colocada a todo momento é a do corpo e sua presença no processo de interação. A própria comunicação se debate perante a percepção mais profunda sobre as técnicas do corpo em suas formas de estar no mundo, de se expressar e de se impor.

Como comunicar através das imagens de corpos com deficiência e o que dizer a respeito desses corpos? Esse dilema sobre as representações do corpo com deficiência é reconhecido, como já descrevemos, no *Guia para a mídia: Como cobrir os Jogos Paralímpicos Rio 2016* elaborado pelo Comitê Paralímpico Brasileiro. O Comitê manifesta preocupação sobre como e o que dizer sobre o corpo com deficiência.

De fato, o que se chama de concepção capacitista está intimamente ligada à corponormatividade que considera determinados corpos como inferiores, incompletos ou passíveis de reparação/reabilitação quando situados em relação aos padrões hegemônicos corporais/funcionais. (MELLO, 2016, p. 3271)

No texto *Deficiência, direitos humanos e justiça*, os autores Debora Diniz, Livia Barbosa e Wederson Rufino dos Santos (2009, p. 67) descrevem duas maneiras de se pensar a deficiência: a primeira como “manifestação da diversidade humana” onde há algum grau de

impedimento físico, intelectual ou sensorial onde são as barreiras sociais que criam as desigualdades em meios sociais não inclusivos; a outra forma de lidar com a questão da deficiência parte da ideia de uma “desvantagem natural” indesejável que precisa ser reparada para devolver a esses corpos a possibilidade de um “funcionamento típico à espécie”.

Há uma visão predominante formulada a partir de classificações médicas a respeito das características dos corpos com algum tipo de impedimento. O que antes era visto como drama familiar ou pessoal, contados a partir de crenças religiosas, ganha nova visão com o apoio das formulações da biomedicina. Ao comentarem os trabalhos de Jean Jacques Courtine *O corpo anormal - história e antropologia culturais da deformidade* (2006) e Len Barton *Discapacidad & sociedad* (1998), Diniz et al (2009) sublinham que a narrativa médica constitui uma demarcação importante na visão sobre as deficiências, como descrito a seguir:

As causas dos impedimentos não estariam mais no pecado, na culpa ou no azar, mas na genética, na embriologia, nas doenças degenerativas, nos acidentes de trânsito ou no envelhecimento. A entrada do olhar médico marcou a dicotomia entre normal e patológico no campo da deficiência, pois o corpo com impedimentos somente se delineia quando contrastado com uma representação do corpo sem deficiência. (DINIZ ET AL, 2009, p. 68)

David Le Breton (2007) afirma que o julgamento das diferenças gera um estranhamento que posteriormente se configura em estigmas. O corpo com deficiência provoca esse confronto com as sensibilidades através de sua imagem e sua materialidade. Para o autor (Le Breton, 2007, p. 73), “a relação social estabelecida com o homem que tem uma ‘deficiência’ é um profícuo analisador da maneira pela qual um grupo social vive a relação com o corpo e a diferença”. O corpo se encontraria, então, entre o imaginário, o simbólico e o próprio corpo real.

Para a sociologia do corpo, Marcel Mauss (2003) teria surgido como representante/fundador dos dilemas sociais impostos aos corpos em forma de coerção. Resumidamente, na relação com o outro nos estabelecemos como seres sociais e passamos a nos adequar a determinadas imposições de comportamento e conduta. É esse corpo material que transfere sua presença para a imagem. É na imagem do corpo materializada que ocupamos um lugar no mundo. Os objetos da comunicação de que derivam as imagens e os discursos sobre o corpo não se impõe apenas por uma estrutura, são formas de afetação que se estabelecem nas relações com outros corpos.

Retomando a ideia de Judith Butler de que corpos carregam discursos, cabe salientar que estar no mundo implica estar carregado de discurso. E é nesse sentido que os estudos de gênero oferecem um aporte para os questionamentos que envolvem a mulher, as representações partilhadas a seu respeito e a exploração da imagem de seu corpo. Cada camada de representação social entre gênero feminino, cor ou raça, idade, sexualidade, sexo biológico, estrato social, por exemplo, implicam formas de imposição a expressão dos corpos femininos.

O gênero dentro do esporte é um primeiro critério de classificação entre os indivíduos para estarem aptos a uma ou outra categoria esportiva. Na verdade, não o gênero, mas o sexo biológico que divide homens e mulheres de forma rígida no esporte, a partir de questões biológicas. Tal postura reflete uma visão binária sobre gênero. Retomando o que nos diz Goellner (2010), sobre a ideia permanente de que existe uma única forma de ser feminino e uma de ser masculino, sem o reconhecimento de que existem diferentes formas de performar entre os gêneros.

Pensar o corpo somente a partir das características biológicas exclui outras dimensões humanas. A exemplo disso, as pessoas trans que encontram dificuldades para serem inseridas no esporte porque sobrevivem sobre um dilema entre ser homem ou ser mulher, entre possuir características de corpos femininos ou masculinos. Entram nesse campo de batalha a questão da força física masculina e a ideia de fragilidade feminina. Lugar comum no imaginário sobre os corpos, a ideia do corpo com potencial de força masculina ou limitações femininas é dada como inquestionável. Biologicamente, tem sua explicação na constituição física dos corpos, mas fecha-se aí a porta para outras questões de ordem psicossocial que poderiam se sobrepor a essas primeiras questões.

5.2. Corpo e Comunicação

Para David Le Breton (2007, p. 7), “a existência é corporal”. As ações humanas envolvem a mediação da corporeidade. Diante da presença corporal se processa a comunicação humana. O corpo, com seu peso discursivo, acrescenta e constrói significados no processo de comunicação. Segundo Le Breton (2009), os movimentos e os gestos corporais estão presentes na comunicação humana. “Os inumeráveis movimentos corporais empregados nas interações (gestos, mímicas, posturas, deslocamentos, etc.) enraízam-se na afetividade individual”, destaca Le Breton (2009, p.39). No presente trabalho, questionamos como essas características

se incorporam às imagens fixas e como são usadas para produzir sentido nas fotografias da imprensa.

Sujeito, corpo e pensamento são variáveis abertas e em contínua modificação. “O corpo se tornou como um problema, uma interrogação em busca de respostas”, nos diz Lucia Santaella (2004, p. 24). A autora completa que o corpo tem se tornado presença constante nos discursos da atualidade. Nas narrativas fotográficas, o corpo ocupa lugar de destaque. Uma vez mais questionamos: quem fala sobre o corpo e o que diz a seu respeito? Na corporeidade e suas representações estão grande parte das inquietações quando pensamos nos efeitos das imagens na construção dos discursos a respeito das mulheres atletas com deficiência e sua presença no ambiente do esporte.

Georges Didi-Huberman (2010, p. 30), historiador e filósofo da arte, destaca a presença sensível do corpo. “É que a visão se choca sempre com o inelutável volume dos corpos humanos”, destaca o autor (2010, p. 30). Ao citar a complexa obra *Ulisses* de James Joyce, o autor também reafirma o corpo como primeiro objeto de conhecimento, resultado do ver e do desejo de tocar. O corpo como objeto próprio de um mundo visível.

A inquietação provocada pela presença das formas de um objeto é exemplificada por Didi-Huberman em sua obra *O que vemos, o que nos olha* (2010). Na escultura de Tony Smith, como exemplifica o autor (2010), percebemos a forma de um cubo preto perfeitamente acabado sob o qual o nosso olhar lança a suspeita sobre essa misteriosa forma e o que ela poderia encerrar. Restaria algo a ser visto para dentro e para além de suas dimensões? “A suspeita de uma latência que contradiz mais uma vez a segurança tautológica”, como coloca Didi-Huberman (2010, p. 119). É o choque da visão com o volume dos objetos a exemplo, também, do choque provocado pelo volume dos corpos humanos.

Lucia Santaella inicia sua obra *Corpo e Comunicação: sintoma da cultura* (2004, p. 09) com a provocação: “de certo modo, o corpo nos parece real e bem fundado”. Experimentamos os diferentes estados do corpo todos os dias e de forma aparentemente naturalizada. Corpos seriam, “entidades com fronteiras definidas”, nos diz Santaella (2004, p. 09). Nossas percepções, no entanto, seriam construídas socialmente. Percepções ilusórias, certezas que nos acostumamos a não questionar. Introjetamos posturas, modelos de comportamento, estereótipos do corpo, padrões de beleza etc. Na relação dos atores com o mundo se elaboram as representações e os imaginários que dizem respeito também ao corpo. Dessa relação também surgem conflitos e relações de poder.

“Na sociedade do espetáculo, a hipervalorização da aparência física do corpo é fruto de sua excessiva exposição no espaço público”, afirma Santaella (2004, p. 60). Recebemos uma

avalanche de imagens diárias de corpos que nos atingem através de vários meios. São “miragens”, nos define a autora, impressões ilusórias em padrões de beleza inalcançáveis. *Top models*, estrelas pop, atores, atrizes do cinema e da TV, e aqui acrescentamos os influenciadores e influenciadoras digitais que aparecem sempre através de imagens filtradas por efeitos plásticos nas fotografias e vídeos que compartilham em redes sociais. Todo esse universo de imagens distribuídas pelos mais diversos canais age por um processo de retroalimentação com a indústria da beleza, a medicina estética que promete efeitos rápidos, as academias e os programas de treinamento e emagrecimento. Toda uma economia que sobrevive ditando padrões sobre o corpo.

Silvana Goellner (2007) propõe a percepção da questão do gênero como reflexo do uso do corpo para pensar as relações de poder. Nesse sentido, Goellner (2007, p. 3) destaca: “identificar que os corpos, as gestualidades, as representações de saúde, beleza, performance, sexualidade são construções históricas que, em diferentes tempos e culturas foram associadas aos homens e/ou as mulheres”. Tomar o gênero como categoria analítica pode auxiliar na investigação dos processos de inclusão e exclusão dos corpos nos aspectos que abrangem questões culturais e históricas. Portanto, como nos coloca Goellner (2007), os corpos não se enquadrariam sob questões naturais e universais, mas sofreriam a influência de processos históricos e culturais das quais participam os discursos.

Sob a fronteira do corpo estariam colocadas as potencialidades e as limitações da condição humana. Para Don Ihde (2002), segundo Santaella (2004, p.10), o corpo comporta três sentidos. Primeiro, a esfera emotiva, perceptiva e móvel, pensada sob o ponto de vista da fenomenologia. Segundo, o corpo vivenciado a partir da nossa experiência construída social e culturalmente. Na terceira dimensão, se observariam as simbioses entre o corpo e a tecnologia.

Os corpos não apenas ganham visibilidade através das tecnologias, mas é invadido e modificado através dos recursos tecnológicos. Essa simbiose pode ser pensada sob diferentes visões. Santaella (2004) classifica três movimentos do corpo cibernético: primeiro, de dentro para fora; segundo, entre fora e dentro; terceiro, de fora para dentro. Estas formas de se descrever esses processos de interação ou associação dos corpos com as máquinas ajudam a entender o que pode ser a extensão do corpo através de diferentes aparatos tecnológicos e que permitem transcender as limitações da matéria humana.

No movimento de dentro para fora do corpo, a realidade virtual permite que a mente, por diversos meios, ultrapasse limites espaciais sem a necessidade de deslocamento dos corpos. Formas de conexão da mente sem que o corpo precise sair de onde está. No segundo movimento, que Santaella (2004) denomina como “intersticial”, configura o dentro e fora nos

espaços entre as conexões, nas fendas, nos intervalos entre corpo e máquina. O *body building* e *body modification* na construção e modificação dos corpos, de forma permanente ou transitória. E no terceiro movimento do corpo biocibernético, “de fora para dentro”, na ampliação das propriedades do corpo, a transformação da sua forma original ou mesmo na criação de novas capacidades. As máquinas funcionando como “ampliações” do corpo. Santaella (2004) descreve as próteses ou implantes como possíveis recursos nesse terceiro movimento do corpo biocibernético.

O documentário *Rising Phoenix* lançado em setembro de 2020 pela plataforma de *streaming* Netflix apresenta a história do movimento paralímpico através de entrevistas, depoimentos e imagens de arquivo que descrevem a trajetória de atletas e do próprio esporte paralímpico. Dentre os recursos discursivos utilizados estão as composições fotográficas inseridas na narrativa audiovisual. Trata-se de uma linguagem que utiliza recursos de composição como luz e sombra, enquadramentos em planos mais abertos que ajudam a compor e organizar a cena nos espaços que representam a relação do atleta com seu corpo e com contexto onde estão inseridos. Mais que isso, as/os paratletas aparecem como figuras centrais no enquadramento da imagem, seus corpos ganham volume com o auxílio da luz. Enfim, os elementos são dispostos no cenário de forma a promover processos de conotação das imagens. Abaixo, duas imagens extraídas do documentário.



Figura 13. Imagem do atleta Ntando Mahlangu, extraída do documentário *Rising Phoenix* (2020).



Figura 14. Imagem da atleta Beatrice "Bebe" Vio, extraída do documentário *Rising Phoenix* (2020).

No primeiro exemplo, o protagonista da imagem é o atleta Ntando Mahlangu, sul-africano que competiu no atletismo nas Paralimpíadas do Rio. Ele aparece sentado em um quarto, com suas próteses nos membros inferiores, com uma luz que demarca a sua silhueta. À sua frente, um guepardo, um felino considerado dos mais velozes do mundo. A composição tem uma dramaticidade emprestada pelo tipo de iluminação, mas a simbiose do corpo meio

humano meio máquina e do animal causam uma curiosidade, uma inquietação em relação ao homem e o guepardo. Uma cena meio oculta pelas sombras. Uma imagem de desafio, de contrastes e de simbiose não só do homem e da tecnologia com as próteses, mas a simbiose também com o animal.

Na segunda imagem, aparece a atleta italiana Beatrice "Bebe" Vio, esgrimista. Os volumes do corpo de Beatrice estão perceptíveis com os efeitos da iluminação. As formas do corpo da paratleta, a cadeira de rodas, o florete atado ao braço, sua vestimenta, as próteses ao chão, todos elementos que aparecem em um cenário meio frio e que, ao mesmo tempo, remete a algo sagrado. A posição do corpo é inquietante, a expressão do rosto e os olhos fechados nos instigam a perceber as sensações da atleta. Aqui, a descrição dos tipos e das causas das deficiências dos atletas não está em questão e não cabe repetir esse tipo de descrição, queremos nos ater às imagens.

Os fotogramas escolhidos a partir do documentário da Netflix trazem exemplos de como as imagens podem tomar emprestado o impacto da estética dos corpos biocibernéticos. A apropriação que a arte faz dos corpos. Os recursos da linguagem fotográfica que acentuam os efeitos do corpo ciborgue, o chamado corpo “ampliado”, “a ideia de um ser humano ampliado pelas tecnologias”, alguns dos conceitos debatidos por Santaella (2004, p. 61). Entre a luz e a sombra o corpo se revela e se esconde ao mesmo tempo. São também corpos de atletas de alto rendimento, moldados pelo esporte.

Lévi-Strauss (2003) sublinha na introdução da obra de Marcel Mauss a necessidade percebida pelo autor de *Sociologia e antropologia* de se pensar sobre os usos do corpo, um instrumento colocado naturalmente à disposição de cada indivíduo para seu uso exclusivo. Certas imagens talvez nos choquem por não estarmos acostumados a refletir sobre o que pode o corpo.

Mas as possibilidades tão numerosas e variadas de que é suscetível este instrumento, não obstante universal e colocado à disposição de cada um, que é o corpo humano, continuamos a ignorá-las, exceto aquelas, sempre parciais e limitadas, contidas nas exigências de nossa cultura particular. (LÉVI-STRAUSS, 2003, p. 14)

Para David Le Breton (2009), a cultura está nas formas de expressão que acreditamos naturalmente humanas, nos gestos, no olhar, nas diferentes formas de comunicar, no corpo em si. Nos apropriamos do corpo para viver a cultura e nos expressarmos através dela. Adquirimos a linguagem com sua potencialidade em diferentes níveis de percepção e diferentes formas de participação cultural.

As próprias emoções resultam de uma vivência sociocultural. A interpretação dos sentimentos e das emoções é influenciada pelo espaço interacional experimentado pelos sujeitos. “Não só a face nos diz sobre os sentimentos, mas toda a corporeidade dos sujeitos traduz a emoção culturalmente compartilhada”, pontua Rodrigues (2012, p. 231) a respeito da obra de Le Breton. Reconhecer a expressão de sentimentos pela linguagem corporal se torna possível pela existência de um código simbólico compartilhado pelos sujeitos, comenta Rodrigues (2012, p. 231).

Corpos podem revelar estados emocionais, mas podem também provocar reações de outros corpos. O feminismo e as artes do corpo estiveram empenhados na expressão de uma luta antiga sobre os usos, os gostos, a sexualidade, tudo que implica as manifestações do corpo feminino. Arte como discurso através da corporeidade, a centralidade do poder daquilo que o corpo é capaz de comunicar. A humanidade na sua materialidade, o desejo, a vulnerabilidade, a força, o gozo, a dor. A *body art*, por exemplo, se manifesta nos usos do corpo do próprio do artista, modo de expressão que costuma ser associado com outras manifestações como o *happening* e a performance. “Na *body art*, o corpo em si não é tão importante quanto aquilo que era feito com ele”, descreve Santaella (2004, p. 69).

Em 1974, na cidade de Nápoles, a artista Marina Abramovic realizou uma performance chamada *Rhythm 0* onde colocava seu próprio corpo à disposição do público como objeto a ser manipulado. O corpo da artista, em pé, ao lado de uma mesa com mais 72 objetos deixados à disposição da plateia. Por 6 horas Marina assumiria a responsabilidade sobre tudo o que acontecesse durante essa interação. O público poderia manipular o corpo da artista fazendo uso dos objetos que ali estavam. De início, as interações ocorreram de forma tímida. Ao longo da performance, as reações foram tomando contornos mais agressivos com os usos que o público foi fazendo dos objetos e do corpo imóvel da artista.

Alguém caminhou em seu entorno. Alguém impulsionou o seu braço no ar. Alguém lhe tocou um pouco intimamente. [...] Na terceira hora todas as suas roupas foram cortadas com lâminas de barbear. Na quarta hora as mesmas lâminas começaram a explorar sua pele. Sua garganta foi cortada para que alguém pudesse sugar seu sangue. Várias menores agressões sexuais foram realizadas em seu corpo. Ela estava tão comprometida com a peça que não teria resistido ao estupro ou assassinato. Diante de sua abdicação da vontade, com este implícito colapso da psicologia humana, um grupo que buscava protegê-la começou a se definir na platéia. Quando uma arma carregada foi empurrada para a cabeça de Marina, tendo o seu próprio dedo sido colocado no gatilho, uma briga irrompeu entre as facções do público. (McEVILLEY, 1982, p. 52)

A obra de Marina Abramovic, *Rhythm 0*, resulta em várias e inquietantes sensações. Um corpo feminino deixado ali para o uso sem regras, a agressividade que esse corpo provoca, a natureza humana das ações e reações em relação a materialidade desse corpo. Qual a natureza da agressividade que esse corpo inspira? A arte do corpo silenciado pode se comunicar com a natureza mais íntima dos sentimentos que essa presença provoca? A experiência extrema vivenciada por Abramovic talvez nos fale de uma face ocultada pela cultura, oprimida pelas sanções sociais.

As condutas emotivas, como descreve Rodrigues (2012, p. 231), são formadas pela história e experiência pessoais e influenciadas pela “cultura emotiva das sociedades”. Sob o ponto de vista de Le Breton, o corpo é um importante instrumento de comunicação.

Enquanto a linguagem está amparada por regras gramaticais que interferem na compreensão dos significados, o corpo é o conhecimento e o sentido prático da experiência do estar no mundo, e seus signos são, por isso, menos precisos e mais polissêmicos. (RODRIGUES, 2012, p. 231)

Muniz Sodré (2006) levanta a questão da corporeidade para o afeto já que o sentir implica o corpo e este necessita uma conexão com o espírito. Nas palavras do autor (2006, p. 23), “um outro modo de expor esta mesma preocupação aparece quando se contrapõe a imediatez da expressão corporal, característica da cultura audiovisual, às mediações conceituais dos sistemas representativos”. Sodré (2006) retoma a pergunta feita por Spinoza sobre o que pode o corpo. O reconhecimento da complexidade do corpo humano da qual não se conhece os limites e não se pode mensurar o seu poder de afetar e ser afetado. Alma e corpo estariam implicados, um seria a manifestação do outro, onde a corporeidade se impõe pela sua materialidade, ao mesmo tempo em que é influenciada pelo campo das ideias.

Nas palavras de Sodré (2006, p. 23), expressando a reflexão de Spinoza, é na “potência afirmativa do ser” que acontece o acordo entre psiquismo e corpo. Sodré (2006) exemplifica a capacidade de imposição corporal em seu potencial de preceder ao discurso usando suas formas de expressão física e material. A exemplo disso, o teatro onde a qualidade de expressão do corpo em sua materialidade pode transcender a qualidade do texto e potencializar a experiência sensível.

“Nossa vida é uma interpretação permanente do mundo através do corpo”, declara Le Breton em entrevista concedida a TV PUC em 2016. Para o pesquisador, o corpo é uma entidade sobre a qual a mídia age, por exemplo, reforçando preconceitos e cristalizando estereótipos. Trata-se do compartilhamento de imagens e sistemas simbólicos que são

interiorizados e impostos aos corpos para seu posicionamento e, também, condição para sua permanência no mundo.

Lucia Santaella (2004) vai buscar definições sobre sintoma na psicanálise, em Freud e Lacan. O que a autora propõe em sua obra é uma reflexão sobre a onipresença do corpo nas diferentes esferas da cultura, o “corpo como sintoma da cultura”. Sintoma, segundo a autora, pode ser aquilo que nos causa um incômodo, aquilo que irrompe a porta e faz com que o inconsciente seja ouvido. Na fotografia, também buscamos investigar os sintomas da cultura.

Sintoma, sob o ponto de vista da psicanálise, como algo que se impõe a nós e nos interpela. Seria uma revelação e um ocultamento ao mesmo tempo. “Por isso mesmo, deve (o sintoma) ser decifrado: ‘decifra-me ou te devoro’”, reflete Santaella (2004, p. 134). O sintoma é sempre um indício sobre o qual nos incomodamos e sentimos a necessidade de buscar um diagnóstico através da investigação. Santaella (2004) descreve os sintomas do corpo como corpo real, corpo simbólico e corpo imaginário.

A técnica permite uma expansão das percepções sobre o corpo, modificando a própria noção de fronteira entre os corpos. Santaella aponta para uma crescente hibridização entre corpo e tecnologia investigando, a partir da arte, as intersecções entre cultura e os aportes disponibilizados pelas tecnologias. Para a autora, as mídias só trabalhariam nas superfícies, na aparência, no visível.

Teríamos um paradoxo na contradição entre corpo e sujeito. “O sujeito é o que resta quando o corpo é retirado”, destaca Santaella (2004, p. 15). Não havendo corpo, o que daria então a sustentação ao sujeito? Na ideia de Descartes, segundo Santaella (2004), a mente definiria o eu sendo sinônimo de consciência, de alma. A mente seria o lugar da expressão daquilo que seria a essência humana, lugar de onde o corpo poderia ser excluído.

Propomos aqui uma primeira incursão em direção ao debate sobre o papel do sujeito, a posição do eu e os aspectos da subjetividade dentro do fenômeno comunicacional em estudo. Seríamos uma espécie que busca constantemente representar a si mesma através da linguagem, mas seria a partir de uma ideia de autoconsciência? Tais ações, no entanto, estariam fragilizadas por uma crise dos sujeitos e das subjetividades. A percepção de que a segurança das imagens que se produz sobre o eu derivaria da própria tradição cultural gera instabilidade e conduz a diferentes caminhos de reflexão. Assim, ao questionarmos o que sustenta a construção das imagens e das representações, nos deparamos com a fragilidade das nossas convicções.

“As relações entre os signos são sempre reunidas no interior de outras relações”, ressalta Santaella (2004, p. 19). Tais questões comportam pontos-chaves sobre a nossa necessidade de investigar os sentidos que estão em jogo no discurso da imprensa sobre os

corpos com deficiência. Demarcamos aqui as seguintes questões: como se inserem as imagens nessa problemática?; como fica o lugar de fala dos sujeitos?; quais questões éticas estão envolvidas no exercício profissional do fotojornalista?

6. A IMAGEM NO FOTOJORNALISMO

Resgatamos neste capítulo a noção de que fotografias fixam memórias individuais e coletivas que permeiam o imaginário sóciodiscursivo. Fotografias são, portanto, construções discursivas e é sob esse ponto de vista da imagem como discurso que conduzimos o nosso olhar sobre a cobertura imagética dos três jornais *O Estado de S.Paulo*, *Folha de S.Paulo* e *O Globo*.

Reafirmamos que as imagens se configuram como um dos recursos sobre os quais se constroem os discursos da imprensa. Interessa-nos investigar como a mídia impressa direciona a construção de uma opinião a respeito das mulheres paratletas através de suas formas de produção de sentido e, no caso, a construção através das tramas da linguagem fotográfica. Todas as questões debatidas até aqui são fonte de dilemas que se refletem na tomada de posição em relação ao tema, na forma de captação, de edição e de tratamento das imagens e, por isso, incidem sobre os critérios que adotamos para a análise das imagens.

A fotografia como imagem fruto de uma invenção técnica da modernidade surgiu e impôs novas formas de conduta e se afirmou como um simulacro no sentido de representação e recorte de realidade. A câmara escura passou a captar aquilo que era visto a partir da incidência de luz em contraste com as sombras. Surgiam os documentos para a fixação de memórias e que posteriormente seriam usados como relatos sobre acontecimentos.

Por sua natureza técnica, imagens fotográficas envolvem um testemunho presencial. O retrato envolve algum grau de contato do fotógrafo com o fotografado. No momento desse encontro, angulação, ponto de vista, enquadramento, organização dos objetos em cena, quantidade de luz a ser captada, não são escolhas imparciais ou isentas. Tratam-se de construções de sentido através de uma trama discursiva que é visual, cujo caráter técnico simula a objetividade, mas que são impregnados de cultura. “Embora admitindo a subjetividade da câmera, repousa na nossa convicção de que aquilo que nós, os espectadores, vemos existiu de fato”, debate Alberto Manguel (2001, p. 93) em sua obra *Lendo imagens*.

O próprio *Código de Ética* não prevê determinadas situações na interação entre o profissional da comunicação e a pessoa com deficiência. Suas formulações tratam temas discriminatórios de forma generalista. Os códigos não são sensíveis a questões ligadas à dignidade do fotografado, embora reconheça que é necessário se combater qualquer forma de discriminação por motivos de ordem social, econômica, política, religiosa, de gênero, racial, de orientação sexual, condição física ou mental, ou qualquer outra natureza.

Por essas razões e pelas questões que serão expostas neste capítulo, questionamos se há uma necessidade de autocrítica da imprensa esportiva. Debatemos como a imprensa pensa o uso das imagens, até que ponto o fotojornalismo questiona as próprias condutas ou como os produtores de imagens se percebem enquanto construtores de opiniões.

Considerando a questão do corpo na comunicação, nos detemos no debate sobre como as imagens do corpo nos afeta a partir dos recursos da linguagem das imagens. Enquadramento, profundidade de campo, intensidade de luz e cor são elementos da linguagem fotográfica que dizem respeito a um plano mais interno das imagens. Este plano interno dialoga com um plano mais externo que considera a própria operação ideologicamente orientada, a intencionalidade de quem enuncia. Sobre essas relações é que nos detemos ao longo deste capítulo, entendendo que os próprios dilemas éticos, a relação da audiência com o universo das imagens e o potencial da linguagem visual são fatores a serem considerados sobre a influência dos discursos visuais nas relações sociais.

6.1. Conflitos éticos do fotojornalismo

As imagens que são produzidas e colocadas em circulação pela imprensa podem reforçar e ajudar a naturalizar certos estereótipos sobre o corpo com deficiência. Nesse sentido, se iniciam os dilemas éticos que envolvem o trabalho do profissional da comunicação e da imagem. Há o risco de se reforçar a ideia de fragilidade ou de limitação dos atletas, uma vez que o esporte é uma forma de se confrontar limites do corpo.

Como toda categoria profissional, também o jornalismo possui seus códigos de ética e de conduta. Dentro do campo jornalístico, o profissional da imagem deverá se enquadrar a regras pré-determinadas, também reconhecendo as exigências próprias do seu campo de atuação. Dentro dessas normas institucionalizadas, não se encontram especificados os dilemas éticos em relação ao corpo com deficiência, ficando o profissional entre a estética da imagem e um certo julgamento “moral” sobre os limites da dignidade da pessoa com deficiência. Como já destacamos anteriormente há um risco de se incorrer no capacitismo, que é o preconceito em relação às capacidades da pessoa com deficiência. A falta de conhecimento ou uma definição clara através da linguagem sobre a discriminação da pessoa por conta do seu corpo e suas capacidades demonstra uma invisibilidade da questão em termos políticos e sociais. Enquanto há uma ampla discussão em torno a formas de preconceito e discriminação como racismo,

homofobia, transfobia, xenofobia, por exemplo, a discriminação nas formas de capacitismo não recebe a mesma visibilidade.

Fotografias sempre sofreram algum tipo de manipulação, seja no momento da produção ou da pós-produção. Há uma falsa impressão de que tais ações de manipulação passaram a interferir de modo mais enfático nas imagens com o desenvolvimento da tecnologia e do uso de imagens digitais. Efetivamente, controles e interferências no processamento de captação de imagens sempre estiveram ligados ao uso que se faz da fotografia. O debate ético deontológico confronta as formas de utilização da imagem ao longo do tempo em suas transformações, aplicações, usos e possíveis interferências realizadas pelo filtro da produção e da edição.

Para Ciro Marcondes Filho (2009), o jornalismo não deveria ser acusado de modificar ou mutilar o real, uma vez que ele cria ficções. “Acusar o jornalismo de manipulação é incorreto porque isto tem a ver com o debate lógico entre essência e aparência, real e falsificação”, destaca Marcondes Filho (2009, p. 182). Assim, o jornalista não está isento da responsabilidade de criar ficções do real uma vez que as narrativas que produz passam a ser partilhadas com status de realidade.

Sempre que se fala em conflitos éticos do fotojornalismo, existe uma tendência a se pensar, logo de início, na questão da manipulação da imagem. O Capítulo III do *Código de Ética do jornalista*²⁷, que dispõe sobre o dever e a responsabilidade profissional do jornalista, destaca que se deve “rejeitar alterações nas imagens captadas que deturpem a realidade, sempre informando ao público o eventual uso de recursos de fotomontagem, edição de imagem”. O código demonstra também a preocupação com outros possíveis recursos de manipulação.

A seguir, o mesmo capítulo dispõe sobre o direito do profissional em obter determinadas imagens ou não, questões também ligadas aos direitos e deveres do jornalista. E, nesse caso, aos direitos e deveres do fotojornalista. Os códigos tratam de forma generalista o exercício da profissão em relação a direitos e deveres. Tais normas não contemplam dilemas ligados a valores “morais” e a dignidade humana, conforme aponta Jorge Pedro Sousa (2002):

Os argumentos que se esgrimem no domínio da ética das imagens nem sempre são claros, evidentes ou satisfatórios quando vistos de ângulos diferentes. De qualquer modo, tal como diz Tester (1995, p. 471), a difusão de representações imagísticas de outros seres humanos tem implicações morais e pode ser uma das bases de reconhecimento de obrigações morais entre as pessoas. (SOUSA, 2002, p. 137)

²⁷ Capítulo III do Código de Ética do jornalista (disponível em https://www.arfoc-sp.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=486&Itemid=421, consultado 15/05/2020)

O desafio deontológico para um grupo socioprofissional, nas palavras de Patrick Charaudeau (2015), implica algumas condições. Primeiro, que exista a iniciativa para se definir uma conduta “apropriada” para o exercício da prática profissional. Segundo, estabelecidas as regras de conduta, tais normas deverão ser seguidas pelos membros do grupo. E, por fim, que se estabeleçam formas de monitoramento, mecanismos de autorregulação. Para Charaudeau (2015, p. 263), há duas questões que se opõem a necessidade de reflexão deontológica: “os discursos de justificativa da profissão diante das críticas que são feitas e a recusa em considerar que o que se poderia chamar de verdade da informação encontra-se preso numa armadilha”.

A proposta de Jean Jacques Courtine para os estudos da imagem parte da noção de um modelo discursivo. Courtine passa a considerar a dimensão genealógica e memorial das imagens, onde toda imagem faria ressurgir outras imagens. O processo de intericonidade admite relações próprias ao universo da imagem, onde se estabeleceriam as relações entre imagens presentes no imaginário dos sujeitos, imagens da memória, imagens materializadas sobre algum tipo de suporte. “Toda imagem é uma relação de imagens, se inscreve em rede com outras imagens, quer se trate de imagens externas ou internas ao sujeito”, observa Courtine em entrevista a Kogawa (2015, p. 411).

O capítulo II do *Código de Ética* dos jornalistas, que versa sobre a conduta desse profissional, destaca em seu Artigo 6º que é dever do jornalista “defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, dos adolescentes, das mulheres, dos idosos, dos negros e das minorias”. Também nesse artigo, é apontado como conduta necessária ao jornalista “combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza”.

É fato que a imprensa tem papel fundamental dentro das sociedades democráticas e deve se pautar por seus princípios éticos. Seria, portanto, na criação de um conjunto de normas através de um consenso que se regulariam os conflitos nascidos na tarefa de comunicar. O julgamento coletivo estaria, dessa forma, representado numa opinião da maioria. Ainda assim, na vigência de um Código de Ética do jornalismo, surgem as críticas que são respondidas com diferentes argumentos que não configuram uma autocrítica da própria imprensa. Caso, por exemplo, da exploração dos dramas humanos pela imprensa e que são respondidos com argumento do direito e do dever de informar. Posicionamentos que se colocam no âmbito das

questões que seriam impostas aos meios de comunicação que decidiriam por não mascarar o que chamam de realidade.

Jorge Pedro Sousa (2002, p. 135) enfatiza ainda a “importância do debate ético e deontológico no campo do fotojornalismo”. Por ser um recorte, a fotografia se apresenta por uma perspectiva do fato ou do tema, ela é produzida sob determinado ponto de vista. Imagens de violência, por exemplo, estão constantemente no centro da discussão ética que envolve o fotojornalismo. Sousa (2002) destaca o papel social do profissional da comunicação, incluindo o profissional que produz as imagens.

Serge Moscovici (2003) reconhece a importância da comunicação na elaboração de representações que farão parte do imaginário partilhado socialmente. Nossas representações sociais seriam, portanto, formuladas a partir das nossas relações.

Em síntese, as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros. (MOSCOVICI, 2003, p. 8)

Sousa (2002, p. 139), por sua vez, discute que, através da fotografia, existiria uma identidade na representação do outro que pode ser interpretada, carregada em si de um significado de ação moral. Imagens fotográficas sustentam significados em sua superfície. A partir dessas asserções, para Sousa (2002), pode-se fazer duas considerações:

1) a estética do fotojornalismo, ao afectar as representações que se constroem dos outros e de outros seres, tem implicações morais e éticas que devem ganhar expressão deontológica; e 2) em todo o caso, um determinado conteúdo estético pode criar ou reforçar empatias, pelo que a questão do inter-relacionamento entre a estética e a moral se mantém. Embora a questão possa ser problemática, o sofrimento fotograficamente representado, por exemplo, pode produzir solidariedades. (SOUSA, 2002, p. 139)

As imagens produzidas pelo fotojornalismo circulam pelos meios de comunicação com o propósito de serem partilhados. Sousa (2002, p. 136) destaca que “é bom não esquecer, como diria Cassirer, que as representações imagísticas que os seres humanos fazem deles mesmos definem antropologicamente a humanidade”. Sousa (2002) acrescenta ao debate a questão do efeito das imagens sobre os diferentes públicos, com suas diferentes formas de leitura. Segundo Sousa (2002), destacando o exposto por Colson, há que se considerar a dificuldade em se interpretar a conotação fotográfica, além do fato de que o contexto onde circula a imagem pode direcionar a sua interpretação. Outro fenômeno interessante a se destacar, do que aponta

Colson, segundo Sousa (2002), seria uma tendência do observador a ver suas próprias projeções nas fotografias com as quais se vê confrontado.

Sousa (2002, p. 142) descreve também dezoito pontos principais para o debate ético e deontológico no campo do fotojornalismo. Aqui destacamos alguns desses pontos, por sua relevância e aproximação com o nosso tema. A exemplo disso, o “tratamento discriminatório e estereotipização ou reforço da estereotipização das pessoas em função da idade, do sexo, da cor ou da raça, da nacionalidade, das crenças, do aspecto físico e (por vezes) da deficiência, das profissões, etc.”. A descontextualização das imagens através de seu recorte, seu uso ou sua apresentação em contexto diferente de seu lugar de produção, resultando no desvio de sentido de tais imagens.

É por meio dos discursos, materializados pela linguagem, que se constroem os sentidos e se buscam resoluções para os dilemas da comunicação. Tais respostas ou construções podem incorrer em formas equivocadas de se tratar determinados temas. Charaudeau (2006, p. 33) afirma que se trata “da linguagem enquanto ato de discurso, que aponta para a maneira pela qual se organiza a circulação da fala numa comunidade social ao produzir sentido”.

Códigos de conduta profissional se configuram também em recursos para dar forma e resposta aos dilemas éticos que se encontrem implícitos no discurso, seja o discurso visual ou o verbal. Segundo Charaudeau (2006, p. 271), “o cidadão, não nos esqueçamos, só pode consumir a informação que lhe é servida”, e acrescentamos, na forma como lhe é apresentada.

Em relação ao atleta com deficiência, é possível afirmar que a imprensa se depara com o desafio de reportar os fatos que envolvem o esporte paralímpico. No exercício profissional, o jornalista se confronta com seu próprio desconhecimento dos modos de competição de PCDs. Charaudeau (2006, p. 92) afirma que a instância midiática se acha “condenada a procurar emocionar seu público, a mobilizar sua afetividade, a fim de desencadear o interesse e a paixão pela informação que lhe é transmitida”. Para tanto, é prática constante a utilização de estratégias discursivas carregadas de estereótipos como forma de mobilização da audiência. A exemplo disso, o discurso de superação ao se retratar as pessoas com deficiência.

A pesquisadora Maria do Rosário Gregolin, no artigo *Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades* (2007), ao analisar imagens da imprensa destaca o papel dos discursos midiáticos no processo de construção de identidades sociais. Nosso contraponto tem a ver com a preocupação que o *Comitê Paralímpico Brasileiro* expressa no *Guia* (2016) para imprensa quando recomenda que se evite construção de sujeitos vitimizados. Ao contrário, segundo o *Guia*, é necessário transmitir imagens de atletas aptos para a competição, homens

ou mulheres. Questionamos, dessa forma, até que ponto podem estar expressos tais embates nas imagens de uma atleta paralímpica. Nas palavras de Gregolin (2007):

A análise do discurso, campo de pesquisa solidamente instalado no Brasil, interessa-se cada vez mais em tomar a mídia como objeto de investigação. A articulação entre os estudos da mídia e os de análise do discurso enriquece dois campos que são absolutamente complementares, pois ambos têm como objeto as produções sociais de sentidos. (GREGOLIN, 2007, p. 13)

Para Gregolin (2007), por meio do discurso da mídia são construídas relações com uma realidade concreta que se pauta também no imediatismo da forma como são produzidos e colocados em circulação os efeitos de sentido discursivos. Propomos assim, a verificação dos documentos imagéticos produzidos e veiculados pelos meios de comunicação, no caso, os três jornais diários *Estadão*, *Folha* e *O Globo*. É através desses veículos que pretendemos testar as nossas hipóteses a partir dos nossos objetivos.

6.2. A Imagem na fotografia de imprensa

José Saramago, no documentário *Janela da Alma* (2001), nos lança a pergunta: “e se nós estivéssemos todos cegos?” E ele mesmo responde, “mas nós estamos realmente todos cegos” (*Janela da Alma*, 2001, documentário de João Jardim e Walter Carvalho). E o autor de *Ensaio sobre a cegueira* ainda completa:

O que eu acho é que nós nunca vivemos tanto na caverna de Platão como hoje. Hoje é que nós estamos a viver de fato na Caverna de Platão. Porque as próprias imagens que nos mostram a realidade de alguma maneira substituem a realidade. Nós estamos no mundo a que chamamos audiovisual. Nós estamos efetivamente a repetir a situação das pessoas aprisionadas, ou atadas, na Caverna de Platão, olhando em frente, vendo sombras e acreditando que essas sombras são a realidade.

Há um apego do homem às imagens e são diversas as formas como ele se vê influenciado por um mundo físico representado em documentos imagéticos. Desde sua invenção, a fotografia conquistou um lugar como provedora de imagens da nossa sociedade. Nas palavras de Alberto Manguel (2001), “a fotografia democratizou a realidade”. Mas ela, a imagem fotográfica, cria, na verdade, uma aparência da realidade. Ela registra o que pode ser visto a partir das sobreposições de luz e de sombra, mas refere-se também àquilo que não é visto. Segundo Manguel (2001), outras artes como a escrita, a escultura e a pintura admitem-

se como subjetivas e ficcionais e solicitam do seu público uma voluntária suspensão da descrença. A natureza técnica da fotografia cria a ilusão de uma aparência de realidade.

Este trabalho tem como objetivo propor reflexões e possíveis caminhos teóricos para se pensar o ponto de convergência das imagens com as questões que envolvem as representações do corpo feminino com deficiência. Pretende, assim, desvendar novos horizontes para a abordagem das imagens que retratam o corpo feminino em confronto com estereótipos construídos socialmente ou mesmo sob a influência de saberes tradicionais cristalizados através das práticas discursivas. É necessário pensar o objeto fotográfico dentro dos processos em que se renovam as relações com as representações e imaginários criados sobre o mundo que nos cerca. Local de observação dos fenômenos, o fotojornalismo esportivo se configura em um gênero do discurso que impõe formas de se ver e retratar a mulher no esporte.

Como ato de linguagem, a fotografia é também uma forma de agir sobre o outro, a ação sobre uma outra sensibilidade através do visível. Georges Didi-Huberman (2012) discute a possibilidade de as imagens tocarem o real, questiona de que forma isso ocorreria ou quais os tipos de conhecimento que as fotografias poderiam oferecer sobre esse real.

(...) nunca a imagem se impôs com tanta força em nosso universo estético, técnico, cotidiano, político, histórico. Nunca mostrou tantas verdades tão cruas; nunca, sem dúvida, nos mentiu tanto solicitando nossa credulidade; nunca proliferou tanto e nunca sofreu tanta censura e destruição. (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 4)

Na alegoria da caverna de Platão, como também aborda Muniz Sodré em sua obra *As Estratégias Sensíveis: afeto, mídia e política* (2006), as sombras nas paredes da caverna adquirem traços de verdade a partir da sensação provocada pelas suas projeções. São os indícios e não as coisas, uma mera aparência sobre a qual o homem, aprisionado nas sombras e distante da luz, perde a capacidade de distinguir entre o que é a projeção e o que é o objeto. Nesse sentido, observado por Platão, o homem não se realizaria plenamente como portador de uma razão ou consciente das possibilidades de uso da linguagem.

O filósofo Cornelius Castoriadis (1982) discute o papel do imaginário e do simbólico na constituição das estruturas sociais. O autor (1982, p. 154) destaca que “falamos de imaginário quando queremos falar de alguma coisa inventada”, ou mesmo quando há um deslocamento de sentido onde símbolos já disponíveis podem sofrer o investimento de outras significações. Para Castoriadis (1982, p. 154), “o imaginário se separa do real” e é colocado em seu lugar. Ocorre da mesma forma com o poder simbólico da imagem.

Jean-Jacques Courtine (2013) formula a ideia de intericonicidade como um caminho para se verificar os processos de interdiscursividade das imagens. Filiado ao movimento francês de Análise do Discurso e influenciado pelo trabalho de Michel Foucault, Courtine compreende que para pensar as imagens pelo viés discursivo é necessário detectar os processos relacionados à natureza icônica dos discursos imagéticos. Para além de um modelo da língua, um modelo que se refere aos discursos das imagens. Para Courtine (2013, p. 157), a intericonicidade compreende uma “rede de reminiscências pessoais e de memórias coletivas que religam as imagens umas às outras”. À maneira dos discursos, a imagem nunca está isolada, ela pode ser convocada, citada, evocada e até mesmo apagada.

A fotografia é para Courtine (2013) um dos componentes essenciais da memória contemporânea, que se inscreve em uma cultura visual. A memória estoca e conserva imagens e essas imagens fazem ressurgir ainda outras imagens. Na concepção defendida por Courtine, o sujeito é produtor, interprete e também suporte das imagens. A respeito das formulações de Courtine em *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*, Hashiguti (2019, p. 11) destaca que “discursos são práticas nas quais verbo, imagem, corpo, gestos, expressões não se separam”.

Nas palavras de Christoph Wulf (2013), as imagens penetram em todos os campos de vivência humana através dos meios de comunicação de massa, dessa forma, passam a exercer influência sobre esses meios sociais. Ao mesmo tempo, “o que vemos como uma imagem se refere a um mundo fora das imagens”, diz Wulf (2013, p. 25). No processo de leitura das mensagens não-verbais são evocados sentidos através da cultura. Como descreve Alberto Manguel (2001, p.177), “atribuímos a um retrato as nossas percepções e a nossa experiência”. Há uma representação da aparência onde, segundo o autor (2001), numa alquimia do ato criativo, todo retrato se constitui também em um espelho.

O agir comunicativo constrói estruturas de significação e redes de enunciados. Há uma presença de significados implícitos e explícitos que se manifestam nos discursos, dentre outras formas, também através das imagens. O professor e pesquisador Isaac Antônio Camargo (2007) enfatiza a função da composição imagética no campo da cultura.

Em relação ao campo da visualidade, uma estratégia comum à constituição das imagens, é o transladamento destas qualidades do mundo para elas e é, por meio das estratégias discursivas ou constitutivas, que estas qualidades se transformam no conjunto de referenciais plásticos ou visuais que são, por fim, identificados no modo de construir ou de configurar as imagens no contexto da cultura. (CAMARGO 2007, p. 113)

Para entender as implicações do discurso e seus efeitos de sentido é necessário percorrer o trajeto histórico que forneceu as condições para a materialização dessas formações discursivas. Ao mesmo tempo, investigar as formas de apropriação dos sujeitos a quem é dada a “competência” para produzir os enunciados. É o discurso enquanto prática que se torna objeto de estudo. “As práticas discursivas materializam as ações dos sujeitos na história“, aponta Gregolin (2007, p. 16) sobre os estudos de Michel Foucault. Analisar discursos implicaria investigar a maneira como são produzidas as “verdades” que circulam através de redes enunciativas. É preciso considerar que a mídia é hoje o principal dispositivo discursivo que, através de seus diversos recursos, influencia na construção de uma “história do presente”, destaca Gregolin (2007).

A princípio, descreve Philippe Dubois (1993), existiu um consenso de que a fotografia atestaria com fidelidade aquilo que ela testemunha. O histórico traçado por Dubois em *O ato fotográfico* (1993) descreve um percurso onde a fotografia teria passado por três estágios: “como espelho do real (o discurso da mimese)”; “como transformação do real (o discurso do código e da desconstrução)”; “como traço de um real (o discurso do índice e da referência)”.

Segundo Dubois (1993, p. 26), inicialmente, havia a ideia da fotografia como espelho do real pela sua semelhança com o seu referente. Posteriormente, a foto foi percebida como “transformação do real” a partir da observação de que ela traria uma impressão ou “efeito” de real. O espelho seria, então, uma transposição, uma forma de interpretação, uma transformação do real que passa por um processo de codificação através da cultura. E, por fim, a imagem fotográfica como traço do real, no relato de Dubois (1993, p. 26), “o discurso do índice de referência” onde ainda permanece “um sentimento de realidade incontornável”. O referente persiste, mesmo com a percepção de que há códigos presentes e combinados na imagem.

Para Dubois (1993, p. 37), o ponto de vista da desconstrução, passaria por discussões em torno a teorias fundamentadas na psicologia da percepção, estudos de caráter ideológico e o debate sobre os “usos antropológicos da foto”. O reconhecimento das formas de codificação sobre a antiga ideia de transparência da imagem. Tal codificação, segundo Dubois (1993, p. 37), poderia ser verificada sob diferentes “pontos de vista”, da técnica, da cultura, da estética, a partir de olhar sociológico etc.

Dubois (1993, p. 48) destaca o “referente fotográfico” descrito por Roland Barthes em sua obra *A câmara clara*: “ao longo de todo esse livro, de fato, o observador Barthes não cessa de se espantar com a pregnância do referente dentro da foto e por meio dela”. Aquilo que pode ser chamado de real e que esteve diante da objetiva ficará impregnado na imagem, o “isso foi”.

Há uma tendência aos estudos da fotografia de imprensa para a reflexão sobre o papel exercido pela imagem como forma de representação da sociedade. Mas o que vem a ser a inserção de significados na superfície de uma imagem?, nos questionam autores como Barthes (CASADEI, 2011). Os significados expressos na imagem não se encontram acabados, é preciso escapar a uma lógica objetiva de decodificação no processo de interpretação das mensagens. Para ir além, é necessário pensar nos sentidos que a imagem coloca no jogo da comunicação. Para tanto, pensar o seu contexto extralinguístico, ao mesmo tempo em que é preciso ter em vista que a comunicação midiática acontece sob os efeitos de relações de poder.

Umberto Eco, em seu livro *Obra Aberta* (1971), destaca as questões entre forma e abertura das obras, onde as propriedades estruturais podem induzir a caminhos para a interpretação. “Entendendo-se por ‘obra’ um objeto dotado de propriedades estruturais definidas, que permitam, mas coordenem, o revezamento das interpretações, o deslocar-se das perspectivas”, destaca Eco (1971, p. 21). Para Eco (1971), é necessário pensar nas formas de comunicação humana, não em estruturas encerradas em determinados significados, mas uma comunicação em movimento contínuo e sob diferentes perspectivas socioculturais. Estudar os processos comunicacionais abandonando a ideia do consenso que manipula a livre escolha pode se configurar em uma nova perspectiva.

Umberto Eco (1971, p. 16) reconhece que é preciso dar formas cada vez mais abrangentes às modalidades da comunicação humana ao longo da história, situadas dentro de um contexto sociocultural em que se dá o processo comunicacional, local onde o próprio espírito humano está em constante mudança. Para tanto, torna-se necessário desmistificar a ideia de consenso através da revisão constante do pensamento sobre a comunicação e sua capacidade de intervenção sobre a realidade social.

Vem acontecendo hoje no mundo fenômenos que parecem pôr em crise a própria existência de uma cultura de reflexão, como se a praxe, em sua violenta urgência, tornasse inútil e culpada toda reflexão teórica. (ECO, 1971, p. 17)

A fotografia, com seu caráter técnico, nos convida a uma análise de sua natureza estrutural. Contudo, operam na imagem dimensões que não dizem respeito apenas ao visual, nela estão em jogo também o não-visível, o dizível e o indizível, como debate Rancière (2012) em seus estudos. Um regime representativo das imagens entre a experiência estética e o domínio político das imagens.

Rogério de Almeida (2015, p.134), discutindo sobre o mundo mediado, discute a questão da obra e o que se pretende com a ideia do que viria a ser a “obra como resultado de um trabalho de (trans)formação de (trans)criação”. Obras do pensamento, das artes, da arquitetura, da pesquisa e tantos outros exemplos. A forma como o homem transcreve e recria o mundo, nas palavras de Almeida (2015, p. 134), “obra como transformação” onde “uma determinada forma torna-se outra por meio de uma operação transcritiva de ordem humana”.

A obra é assim um vértice, um vertex, “o mais alto”, o ápice de um processo de criação, como o topo de uma construção que guarda, no entanto, a memória de sua formação. Esse vértice não é, entretanto, um fim, mas um ponto, se de um lado é o encontro dos processos de criação que resulta numa obra, de outro é o ponto irradiador que faz com que uma obra opere na formação de outras obras. (ALMEIDA, 2015, p. 134)

Para Almeida (2015), as obras operam a mediação entre o homem e o mundo e entre o homem e o homem. Seriam também a mediação entre o homem e ele mesmo, o efeito de um espelho ou de “transcrição de si”, coloca o autor (2015, p. 135). Produtos de um processo criativo, as obras, ao mesmo tempo que ornar, contaminam, habitam, reformam, “reconstroem imaginariamente o mundo” e podem, também, afastar ou aproximar os homens (ALMEIDA, 2015, p. 135). No espaço dos dispositivos como criação e recriação operaria também a imaginação que, por sua vez, atua diretamente nas sensações. “Poderíamos aglutinar todas essas operações sob a faculdade da imaginação, cujo *modus operandi*, [...], é deformar e reformar as imagens percebidas pelos sentidos”, descreve Almeida (2015, p. 135).

A *aisthesis* seria uma faculdade própria de sentir a partir de nossa capacidade de percepção. Através desse mesmo dispositivo, a própria presença material do corpo pode ser sentida, com as luzes que lhe dão forma e que permitem que o corpo possa ser visto em suas dimensões. A percepção e a experiência da sensibilidade pelas formas de afecção. O corpo na imagem exercendo novas formas de afecção. Os objetos da comunicação de que derivam as imagens e os discursos sobre o corpo não se impõe apenas por uma estrutura, mas sob formas de afeto.

Liberadas as pessoas e as coisas de seu peso ou de sua gravidade substancial, tornadas imagens que ensejam uma aproximação fantasmática, a cultura passa a definir-se mais por signos de envolvimento sensorial do que pelo apelo ao racionalismo da representação tradicional, que privilegia a linearidade da escrita. (SODRÉ, 2006, p. 19)

A sociedade ocidental se desenvolve em torno a uma ideia de contraposição entre razão e emoção, ao mesmo tempo em que estratégias racionais são pensadas num esforço de instrumentalizar o sensível e manipular os afetos. Três pontos expostos por Sodré (2006) colocam em discussão as estratégias discursivas do jogo da comunicação, a oposição entre o *logos* (razão) e o *pathos* (paixão), a presença cada vez mais relevante dos sentidos e a atuação das novas tecnologias do social que ampliam os territórios afetivos.

No aspecto objetivo, a razão é tanto o conjunto das noções primeiras (ser, substância, identidade, causa e fim) e dos princípios implicados nos raciocínios (contradição, razão suficiente e substância) quanto das leis e das causas que tornam inteligíveis os fatos e os seres. (SODRÉ, 2006, p. 26)

Em outro ponto, consideramos algumas questões para verificação do discurso imagético também propostas por Patrick Charaudeau e seu posicionamento na análise semiolinguística. Buscamos entender os modos de inscrição do sujeito no discurso, além de captar outros sistemas semióticos, como o icônico e o gestual. Partindo da proposta de Charaudeau, pretendemos, sobre o plano mais externo ao projeto discursivo das imagens, detectar dados e vestígios extralinguísticos como a identidade psicossocial dos sujeitos que participam do ato de comunicação. Pesam aí, a conjuntura histórica agindo na construção do discurso através dos agentes envolvidos no processo de construção dos sentidos.

6.3. A “gramática” do Discurso Fotojornalístico

Escrevendo sobre Tina Modotti (16/08/1896 - 05/01/1942), fotógrafa e ativista filiada ao partido comunista mexicano (in Alberto Manguel, 2001, p. 99) destaca a observação que Susan Sontag faz a respeito do seu trabalho fotográfico admitindo que “os fotógrafos não podem criar uma posição moral, mas podem reforçar uma posição já existente”. Na verdade, podem os produtores de fotografias prover a sociedade de imagens que corroborem determinados posicionamentos.

“Todo ato de linguagem é um agir sobre o outro”, defende Charaudeau (2006, p. 253) em *Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade*. O ato de linguagem sempre emana de um sujeito que, ao mesmo tempo, também se define pela sua relação com o outro. São sujeitos cada um com seu propósito de influência. Essa relação é regulada para que não ocorra um confronto. A ação é conduzida por princípios de alteridade, influência e regulação.

Mas o que se fala sobre os corpos? Quem fala? É o sujeito que comunica através de sua corporeidade ou é o indivíduo que capta as formas de comunicar do outro e constrói seu discurso a partir dessas expressões de corpos alheios ao seu? Para nosso estudo, sobre as imagens, uma das questões é o “como”: de que forma fala a imagem sobre a mulher atleta com deficiência? Buscamos identificar as tramas dentro da imagem, “a gramática propriamente imagética”, como debatido por Casadei (2015). Para tanto, é preciso propor as categorias para análise dos documentos fotográficos. Indícios como o recorte, a composição, sua organização, as formas na composição, a disposição dos elementos o plano de tomada da imagem, quais elementos são privilegiados pelo foco.

De toda forma, a análise das imagens exige a investigação dos planos mais internos de sua construção. Propõe-se, então, as possíveis categorias a serem criadas para analisar as fotografias através de seus elementos de composição. Dentre estes pontos a serem pensados e investigados estão: a composição, o recorte em si; os elementos da composição; a qual objeto de pesquisa está subordinado o nosso corpus; qual posição é ocupada pelas imagens dentro do contexto do enunciado.

Como elementos composicionais temos: o plano da imagem (por exemplo: plano geral, americano, médio, plano detalhe, primeiro plano, plano geral, plano fechado, plano aberto); ângulo dos objetos; espaço ocupado pelos elementos no recorte da imagem; altura de tomada da imagem (reto, plongée, contra-plongée). Também se pretende observar os elementos formais: linhas reais, linhas diagonais, curvas, perspectiva, formas, molduras e escalas que também influenciam na construção da narrativa fotográfica.

Pensando o enquadramento das fotografias é possível se investigar as escolhas do fotógrafo para geração de sentido da imagem. Técnicas especiais de composição como a escolha do plano de fundo. Escolhas que determinam a qualidade, a posição, a intensidade da luz no uso de sombras, silhuetas e contornos, reflexos e texturas. As possibilidades da luz imprimem forma aos objetos, permitem a percepção de volumes, ocultam ou destacam elementos e personagens na composição fotográfica. Outro fator determinante é a cor, “a cor como informação”, como descrita na obra de Luciano Guimarães (2006). O aspecto cromático pode carregar de sentido simbólico as imagens tomadas da realidade com a qual o fotojornalismo trabalha. Segundo Guimarães (2006), há uma “natureza cultural da cor” que torna possível a incorporação de valores e códigos na imagem.

Para Arlindo Machado (1984), professor e pesquisador em semiótica, ocorre no ato de linguagem uma escolha orientada do enunciador no sentido de selecionar o campo significante de seu interesse. “Toda síncope do quadro é uma operação ideologicamente orientada, já que

entrar ou sair de campo pressupõe a intencionalidade de quem enuncia e a disponibilidade do que é enunciado”, afirma Machado (1984, p. 76). O enquadramento fotográfico recorta no espaço visível os elementos que deverão servir aos propósitos da enunciação, uma ação classificatória da realidade pelo seu valor significante.

Todos os aspectos da técnica fotográfica estão relacionados a capacidade de manipulação da linguagem fotográfica. Os elementos técnicos e a composição participam do processo de geração de sentido. Fotografar, segundo Milton Guran (1999, p.19), é “reconhecer o fato em si e organizar rigorosamente as formas visuais percebidas para expressar o seu significado”. Através da composição do documento fotográfico é possível conferir significados a uma cena dispondo seus elementos plásticos percebendo a potencialidade da luz que incide sobre o tema e captando as cores que se manifestam com seus significados. A realidade diante do fotógrafo está em constante movimento. No caso do esporte, esses movimentos e mudanças de cena estão em uma velocidade ainda mais acelerada. Há um jogo de cena que foge ao controle do fotógrafo e exige percepção aguçada, respostas rápidas e controle das técnicas. Os possíveis significados estão em um jogo constante de possibilidades de organização dos sentidos, o que deve ser percebido e captado através olhar.

Uma mesma cena se organiza e se reorganiza sucessivamente e sempre de forma diferente. Há momentos em que todos os elementos se combinam plasticamente, estabelecendo uma determinada relação com o conteúdo intrínseco da cena, e, assim, conferindo-lhe significado especial. (GURAN, 1999, p.51)

Investigados os elementos internos, nos detemos no propósito de percepção do extraquadro. O fotógrafo fala de um lugar privilegiado, faz uso de ferramentas de comunicação, participa das etapas de produção, formulação e circulação dos discursos, conseqüentemente, de representações da nossa cultura. O fotógrafo está inserido no contexto da cultura, seu próprio lugar de fala e apreensão de significações sociais. O olhar do fotógrafo de imprensa se direciona influenciado pela cultura, ao mesmo tempo em que é um de seus agentes. “Se na fotografia há tensões que empurram as imagens para fora dos enquadramentos, propondo sobre significados ocultos e não intencionais, há também formalizações deformadoras, que se expressam em imagens que resultam de relações de poder”, como nos coloca Martins (2008, p. 152). Também podem as imagens estar sob efeitos de “dominação social e política” (MARTINS, 2008, p. 152).

7. ANÁLISE DO CORPUS

Jean-Jacques Courtine (2014) nos coloca que quando nos confrontamos com uma massa de documentos a qual queremos investigar, é preciso reconhecer que conceitos como o de interdiscurso são de grande auxílio para entender os funcionamentos dessas formações discursivas. Sob a visão interseccional de um entrecruzamento de tensões de ordem discriminatória, a ideia de interdiscursividade oferece as ferramentas necessárias para decifração dos discursos que concorrem para contar sobre os feitos das mulheres paratletas.

Retomamos aqui as formas argumentativas a serem verificadas a partir das articulações dos discursos nas páginas dos jornais: o discurso da superação na abordagem da história de vida das atletas, as formas narrativas que descrevem as causas das deficiências das atletas; diferentes manifestações de capacitismo pela ideia de limitação dos corpos com algum tipo de impedimento; narrativas que vitimizam as atletas diante dos desafios de sua condição, por serem mulheres e pessoas com deficiência; referência ao vínculo da figura feminina com o cuidado familiar e a maternidade; a ideia de fragilidade do corpo feminino; algum grau de sexualização.

Baranda Andújar (2013, p. 130) propõe três questionamentos que retomamos aqui: “¿Cuándo y cómo las mujeres se vuelven noticia? ¿Hasta qué punto las informaciones fomentan las desigualdades entre mujeres y hombres? ¿Los estereotipos femeninos y masculinos se ven reforzados o desafiados en las informaciones?” Aqui destacamos outras questões levantadas por Andújar (2013, p. 130) e que adaptamos aos nossos questionamentos: as mulheres são centrais nas matérias?; os textos mencionam a questão da igualdade ou desigualdade de gênero em algum ponto?; há alguma referência para políticas de inclusão ou legislação que promova a equidade entre homens e mulheres?

João Kowaga (2015), a partir dos seus questionamentos feitos a Jean Jacques Courtine a respeito da concepção de discurso mais apropriada a sua proposta de análise de discursos, destaca da fala do autor francês que todo processo envolve a decifração dos textos e a necessidade de se compreender as imagens sem excluir outros elementos que compõem esse quadro de encenação discursiva. Deve-se, também, recorrer a interpretação de dados organizados em listas e tabelas quando estes se apresentarem nos enunciados. Em resumo, é necessário acessar todas as manifestações das práticas discursivas que concorrem para a construção de sentidos no interior dos discursos.

Acrescentamos alguns elementos que devem influenciar a nossa leitura das páginas dos jornais: quais os títulos das matérias; qual o esporte que está sendo retratado; a localização da notícia no espaço do jornal, como capa, página interna, página de caderno especial; autores que assinam as matérias ou as fotografias; quem são os protagonistas da matéria; se são os mesmos protagonistas da imagem; se os textos mencionam os nomes dos protagonistas da imagem ou se as identidades são citadas pela legenda. Também consideramos os critérios de visibilidade, legibilidade e inteligibilidade nomeados por Charaudeau (2015) e que consideram a organização e a hierarquização das notícias.

Quanto ao caráter técnico da linguagem fotográfica, devemos considerar as seguintes características:

- 1) Elementos composicionais como o plano da imagem, ângulo dos objetos, espaço ocupado pelos elementos, altura de tomada da imagem, os elementos formais como linhas, curvas, perspectiva, formas, molduras e escalas.
- 2) Dados fornecidos pela luz na composição: sua qualidade, a posição, a intensidade da luz no uso de sombras, silhuetas, contornos, reflexos, texturas.
- 3) O espaço ocupado pelas imagens.
- 4) Como atuam os personagens nas imagens, ações individuais e interação.
- 5) As cores presentes no recorte.
- 6) Elementos destacados pela luz e pelo foco.
- 7) Os cortes na imagem, não no sentido das escolhas de composição na tomada da imagem, mas os cortes executados pela edição.
- 8) A expressão dos corpos nas imagens: os gestos, as expressões nos rostos, o foco em quais partes do corpo.

Quanto a uma primeira leitura dos sentidos, também pretendemos verificar se o cenário da imagem é representativo para o esporte retratado e se a fotografia reforça algum tipo de estereótipo sobre o corpo feminino.

Visando compor um quadro sobre as formas como se manifestam os processos de interdiscursividade e intericonicidade, buscamos identificar os mecanismos de funcionamento e as regularidades no interior das formações discursivas. Através dos sistemas de dispersão, investigamos a organização dos enunciados que compõem essas formações, bem como as escolhas temáticas e as regularidades entre objetos em diferentes formas de encenação.

Por essas considerações, utilizamos duas propostas de abordagem dos enunciados presentes nessas formações discursivas, ambos processos que evocam uma memória sócioidiscursiva :

1. O Interdiscurso: através de redes de discursos que se articulam, resgatam discursos anteriores, ecoam coisas já ditas. Pela interdiscursividade investigamos as redes de sentidos possíveis que resultam de estratégias traçadas a partir das formações discursivas e suas cenas genéricas.
2. A Intericonicidade: ecos de imagens anteriores que se articulam em redes de imagens já vistas. A memória visual que se articula através da repetição, aqui pensadas como a reinterpretação de imagens já vistas como parte da cena genérica do fotojornalismo. A intericonicidade proposta por Jean-Jacques Courtine, indagando as imagens em sua complexidade nas tramas interdiscursivas e como fontes de conhecimento sobre diferentes visões de mundo

Dentro das formas de encenação dos discursos, percorreremos a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. A cenografia como forma de organizar a fala sofre também a interferência técnica do agenciamento. Tal agenciamento pode influenciar a fala de forma mais ou menos restritiva. Por fim, verificamos também o que Maingueneau (2020) descreve como enunciados aderentes que se articulam no interior dos enunciados imprimindo sentidos.

Todo o processo de análise envolve também o componente da corporeidade, observando as formas de afeto do corpo na comunicação e o corpo como uma mensagem em si.

Jornal O Globo

O jornal *O Globo* tem sede na cidade do Rio de Janeiro, mesma cidade sede dos Jogos Paralímpicos de 2016. Por conta dessa proximidade, a cobertura do jornal foi mais extensa que a dos outros dois jornais, *Folha* e *Estado* que são sediados em São Paulo. O Globo imprimiu diariamente - durante o período que recortamos, de 07 a 09 de setembro de 2016 - um caderno especial destinado exclusivamente aos jogos paralímpicos. A iniciativa do jornal carioca destoa da cobertura dos dois jornais paulistas que também analisamos, *Estadão* e *Folha*.

Os grandes eventos esportivos demandam um planejamento ou estratégia de cobertura da mídia, já que sua realização envolve altos investimentos aos quais devem corresponder certo grau de visibilidade. Para Cornelsen (2006, p. 37), os megaeventos esportivos são submetidos

a um processo de espetacularização que podem ser construídos “a partir de estratégias que possibilitem uma ‘exposição’ eficaz do evento ou acontecimento em termos de propaganda”. Nesse sentido, nota-se o esforço do jornal *O Globo* para promover e dar visibilidade ao evento realizado na cidade do Rio de Janeiro. Nos primeiros dias das Paralimpíadas 2016 houve pouca adesão por parte do público que assistiu em maior número aos Jogos Olímpicos.



Com a abertura dos jogos no dia 07 de setembro de 2016, a edição do *Globo* trouxe uma apresentação das modalidades que seriam disputadas, os principais atletas segundo seus

critérios de escolha editorial e as metas esperadas pelo Comitê Paralímpico Brasileiro para a composição do quadro de medalhas. Títulos como “Grandes Esperanças: metas e euforia” e “Teresinha & Alan Na pressão” destacam a questão do que se esperava das competições. O Brasil visava atingir o quinto lugar no ranking de medalhas ao final das competições.

A fotografia que desponta como imagem principal na capa do *Caderno Especial* do dia 07/09 (figura 19) tem seu quadro dividido entre a atleta Terezinha Guilhermina e seu guia Rafael. Há um equilíbrio na composição que transmite uma determinada equidade entre os dois personagens. A troca de olhares entre atleta e guia transmite cumplicidade e descontração na forma como foi encenada na imagem. A contradição na imagem seria o fato de que Terezinha tem uma deficiência visual e é justamente o olhar que chama a atenção ao centro da imagem. Ao mesmo tempo, é essa junção de olhares que permite que a atleta possa correr. Rafael é também o olhar de Guilhermina. Um certo agenciamento que pode ser captado pela forma de uso do cenário na fotografia que se abre na página, o ambiente, os uniformes com logotipo, as poses. A fotografia foi produzida por uma mulher, a fotógrafa Monica Imbuzeiro. Há uma possível menção ao binarismo do esporte na encenação que se apresenta na imagem principal. Os feitos da velocista Teresinha Guilhermina são mencionados junto aos dados sobre a expectativa de desempenho do atleta Alan Fonteles, Houve uma cobrança por desempenho que se expressa, também no título “Na pressão”, expectativa sobre a performance a ser alcançada no Rio. Na página inteira, há um desequilíbrio entre as imagens de atletas masculinos e femininos. Atletas masculinos aparecem em maior número, quatro homens e apenas uma mulher.

Entre aquilo que se “mostra” e o que “não se mostra” estão as formas de organização do evento e a cobrança por resultados em contraponto com as dificuldades enfrentadas pelos atletas para chegarem às competições. Além de um silenciamento nesse momento sobre a incerteza que rondou a própria realização do evento por falta de verbas, já que o orçamento das Olimpíadas consumiu os recursos disponíveis.

A mesma edição, do dia 07/09, descreve as modalidades paralímpicas com o uso de textos breves e fotografias (figuras 15 e 16) que cumpririam uma função mais “ilustrativa” à primeira vista. Das 22 modalidades descritas, 05 trazem fotos de mulheres paratletas. Há ainda a dupla mista na vela. Quatro fotos de mulheres apontam o nome das atletas, Teresinha Guilhermina no atletismo, Natalia Mayara no tênis, Marcia Menezes no halterofilismo, Claudia Santos no remo.

A questão da inclusão das mulheres no esporte aparece na forma da descrição dos diferentes momentos em que atletas femininas passaram a fazer parte em cinco modalidades

dos jogos, antes disputadas apenas por homens. O basquete em cadeira de rodas, por exemplo, faz parte das Paralimpíadas desde a primeira edição realizada em 1960, mas seria disputada por mulheres duas edições depois. No judô, as mulheres começaram a competir em 2004, mas o esporte já era disputado desde os jogos de 1988. Outro dado apresentado no texto dá visibilidade a um feito feminino, considerando que a natação é o esporte que mais deu medalhas ao Brasil, 83 ao todo, e que tem em Daniel Dias sua maior estrela nacional, o texto aponta que foi uma mulher a primeira medalhista brasileira na categoria, Maria Jussara Matos conquistou a primeira medalha em 1984. No total, Maria Jussara trouxe uma medalha de ouro e duas de prata para a natação brasileira naquele ano. Outras duas modalidades destacadas pelo jornal sob o viés da inclusão feminina são a vela e o halterofilismo. Segundo o jornal, a primeira mulher a compor uma equipe da vela foi Elaine Cunha em 2012, segundo ano da participação brasileira na modalidade. Por último, o caso do halterofilismo, que teve a inclusão nos jogos na edição de Tóquio, em 1964, apenas com categorias masculinas. As mulheres desse esporte só passaram a fazer parte das Paralimpíadas oito edições depois, nos Jogos de Atlanta de 1996.

Ainda nessa edição, do dia 07/09, a fotografia da atleta Debora Benevides (figura 17) da canoagem recebe destaque em termos de visibilidade no enunciado da página. O esporte que Debora pratica teve sua estreia em 2016. Enquanto gênero do fotojornalismo esportivo, a fotografia tem elementos plásticos que sobressaem às questões do esporte. Ainda assim, é uma imagem positiva da atleta no ambiente da modalidade que ela pratica. A expressão fisionômica é o centro do sentido na imagem, o sorriso, os gestos e o protagonismo na imagem proporcionam certa visibilidade à atleta. A frase de outra atleta, Ana Raquel Lins do triatlo, sublinhada do texto ao lado da fotografia de Debora reforça a questão da visibilidade: “a meta não é a medalha, eu quero trazer visibilidade para o esporte”. A ideia de vitrine para o esporte fica mais em evidência.

Como apresentação dos jogos, a edição demonstra a preocupação em descrever as categorias esportivas que seriam disputadas nas paralimpíadas de 2016. “Grandes Esperanças - Metas e euforia” é o título impresso na página 37 do jornal (figura 18). De novo a indicação de um trabalho voltado à divulgação do esporte com destaque para formas mais verbais e menos visuais. Os jogos ainda começavam e já aparecia na cobertura do jornal uma imagem masculina, Petrucio Ferreira, que recebia um destaque desproporcional em relação às mulheres, estas já eram subrepresentadas. Abaixo dessa matéria, seis categorias disputadas entre atletas com algum grau de deficiência visual aparecem ilustradas com imagens. Duas dessas modalidades, ciclismo e atletismo, trazem fotografias de atletas femininas com seus nomes impressos sobre as imagens.

O texto fala do desafio de se classificar as deficiências e “A árdua tarefa de impedir desigualdades na competição”, como sentido trazido pelo título. Reforçando a maneira de se encarar a deficiência a partir da diversidade dos corpos. Retomando a afirmação dada pelo nadadora Ellie Cole no documentário *Rising Phoenix* (2020) de que nas Paralimpíadas “nenhum corpo é igual”. Os corpos dos atletas guardam muito mais diferenças do que semelhanças. A expressão “árdua tarefa” coloca em jogo a dificuldade de se enquadrar corpos com deficiência, ainda que exista a necessidade de se minimizar as desigualdades. “A opressão não é um atributo dos impedimentos corporais, mas resultado de sociedades não inclusivas”, como nos colocam Diniz *et al* (2009, p. 67). Classificar os corpos para tentar encaixá-los em categorias é um desafio para trazer visibilidade a esses corpos. Entender esse processo de fora desse contexto é uma tarefa complexa também para a imprensa que reporta os fatos do esporte.



Figura 20. Capa do jornal *O Globo* - Edição de 08 de setembro de 2016.

A edição do dia 08/09/2016 (figura 20) traz a cerimônia de abertura dos Jogos como assunto principal em uma imagem sobre a qual já iniciamos o debate no capítulo 3, item 3.3. Durante as apresentações de abertura, a modelo, atriz e paratleta americana Amy Purdy fez uma performance de pouco mais de dois minutos onde interagiu com um braço robótico. A paratleta de snowboard dançou com um robô numa clara alusão à simbiose entre ser humano e máquina. Amy é biamputada e usa próteses de membros inferiores e sua imagem recebeu grande destaque por parte de vários veículos de comunicação, como o próprio *O Globo*.

Duas questões podemos sublinhar: a questão do corpo ciborgue com uma conotação tecnológica na interação entre homem e máquina e o debate sobre padrões de beleza do corpo feminino. Alguns dos sentidos do ciborgue se relacionam a seu caráter híbrido, criaturas que

transitam entre animal e máquina, natureza humana e fabricada ao mesmo tempo. Máquina e organismo se complementam, ou seria essa uma ilusão nascida no princípio do sonho moderno. A estética do corpo da paratleta traz o padrão da mulher magra, branca, cabelos loiros e traços apreendidos como belos. Por fim, a cena congelada na imagem encena elementos que insinuam um jogo entre o feminino e o masculino, com a figura de Amy que se afasta do braço robótico que lembra uma figura fálica. A oposição entre masculino e feminino num jogo cênico com conotação sexual.

		
Figura 21. Página 2 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 09 de setembro de 2016.	Figura 22. Página 3 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 09 de setembro de 2016	Figura 23. Página 6 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 09 de setembro de 2016

Selecionamos três páginas da edição de 09 de setembro de 2016 do jornal *O Globo* que apresentam fotografias de mulheres atletas. A ciclista britânica Sarah Storey recortada do cenário em fotografia (figura 21) junto a um texto breve que a descreve como "atleta paralímpica mais bem-sucedida de seu país". Em termos de visibilidade a matéria e a foto estão bem localizadas na página, mas ainda em termos de proporção ocupa menor espaço no enunciado. Sob critérios de legibilidade a matéria sobre a atleta apresenta elementos claros na imagem com gestual de vitória e alegria. É uma imagem positiva da mulher atleta, mas que talvez merecesse mais destaque pelo acúmulo de medalhas. A expressão "é ouro" se referindo a Sarah se opõe a "queimou" que se refere a Josef Craig. O atleta foi punido por uma tatuagem que extrapolava o regulamento dos jogos.

Mesmo se tratando de imagem de um atleta masculino, neste ponto abrimos para debater sobre os enunciados aderentes na forma como debate Maingueneau (2020) em colóquios sobre a análise do discurso. O pesquisador traz formulações sobre as formas discursivas que imprimem esses enunciados em todo tipo de suporte, inclusive no corpo

humano. A tatuagem é uma forma discursiva que imprime significados uma vez que é inscrita diretamente na pele. O nadador Josef Graig leva tatuado o símbolo olímpico no peito, o que foi considerado como propaganda pelo Comitê Paralímpico Internacional. As normas do IPC versam sobre a proibição de “anúncios ou publicidade corporal”. Nesse caso, um enunciado de fácil leitura por ser o símbolo dos arcos olímpicos, Os corpos na natação ficam bastante expostos se comparados a outros esportes.

A pertinência dessa discussão para nosso trabalho é pensar no corpo como suporte de discursos para além da própria condição corpórea. “A sociedade contemporânea é atravessada por uma tendência de fundo: a multiplicação de EA sobre suportes anteriormente desprovidos de tais EA”, diz Maingueneau (2020, p. 21). O corpo seria um sustentador de enunciados aderentes. Ainda assim, um tipo de manifestação antiga relacionada ao corpo como suporte de comunicação ou de discursos.

O judô feminino aparece na edição (figura 22) com uma imagem de confronto ao final da página 3. “Judô passa em branco no primeiro dia de competição na Narra”, diz o título. A foto de Michela Ferreira em momento de confronto contra a adversária. O ambiente do esporte e a ação são o tema num recorte fechado nos gestos de luta das atletas. A encenação é própria aos movimentos do esporte e não há pistas da deficiência das atletas. O texto se refere a Michele de forma depreciativa e demarca uma comparação com Rafaela Silva que foi medalhista das Olimpíadas: “Nem o pé quente de Rafaela Silva, medalha de ouro na categoria leve na Olimpíada ajudou. da arquibancada da Arena 3 cariocas, no Parque Olímpico da Barra, o mais próximo de uma medalha que ela viu foi o quarto lugar de Michele Ferreira”. Segundo a repórter que escreve o texto, Michele não soube aproveitar a torcida a seu favor: “tanta animação, no entanto, foi em vão”. Há um claro juízo de valor expresso verbalmente na matéria.

Outras fotos presentes na edição trazem do dia 09/09 mulheres. Sobre o estilo dos atletas com fotos de detalhes aparecem Teresinha Guilhermina e a colombiana Sônia Rodrigues, figura 23. Teresinha é conhecida por usar máscaras coloridas para tapar os olhos nas corridas, o que sempre foi destacado pela imprensa. As matérias nessa página são destinadas ao goalboll e futebol de 5 disputados também por atletas com deficiência visual. A foto principal é de categoria masculina, ocupando o centro e a maior porção da página. A fotografia com jogadoras da seleção feminina brasileira de goalball tem elementos que encenam os aspectos das ações próprias desse esporte. A arena, duas jogadores na defesa de uma bola, o gol, Destaque para a necessidade de silêncio na arena, considerando que o esporte depende de outro sentido, a audição. A bola a ser defendida usa um giz que depende do silêncio pra ser ouvido. O texto

destaca o dilema que se cria para a forma de torcer do brasileiro. Torcida acostumada a fazer barulho, precisa conhecer e entender esse esporte para ter uma postura que ajude o jogo. Andrew Parsons, presidente do CPB naquele momento, ressaltou essas características da relação do brasileiro com os esportes na sua forma de expressar emoção na arquibancada, mas como dirigente, ele resalta que a torcida é parte da atmosfera do jogo e os atletas precisam compreender. Os elementos da cobertura desses dois esportes expressam as suas contradições e colocam a mulher através da imagem, mesmo em menor proporção, mais uma vez, em relação aos homens.

	
Figura 24. Capa do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 10 de setembro de 2016	Figura 25. Página 3 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 10 de setembro de 2016
	
Figura 26. Página 4 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 10 de setembro de 2016	Figura 27. Página 6 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 10 de setembro de 2016

A capa do Caderno Especial do dia 10/09/2016 dos Jogos traz a foto da nadadora Susana Schnarndorf Ribeiro (figura 24) com grande visibilidade, numa composição que comunica através dos gestos e da pose. O corpo comunica com efeitos de luz, de ângulo, de foco e recorte. O corpo que se vê, na forma como ele próprio enuncia. A encenação da emoção onde os aspectos das formas reveladas pela incidência da luz sobre o corpo imprimem a atmosfera que fala através seus aspectos plásticos, de um uso da linguagem fotográfica sobre a fisionomia do corpo para comunicar no espaço do esporte. A touca de natação com as cores do Brasil, as gotas de água no corpo são indícios de que Susana está no lugar do esporte. A tatuagem no corpo adere à pele da atleta e se revela na imagem. Mas, de todos os elementos, é o gesto do corpo feminino, o olhar em direção à mão e a expressão que se percebe do rosto no sentido de uma emoção contida que se transmite através da imagem.

No entanto, as palavras no texto processam novos significados ao enunciado, a essa encenação da informação no espaço desse enunciado na página do jornal se acrescentam outras questões. A categoria foi disputada em equipe. A questão da doença degenerativa que acomete Susana é ponto que conduz a narrativa do texto, é o “apesar de”, da dúvida sobre as possibilidades do corpo da atleta. Também aparece questão da maternidade e há uma certa vitimização pela condição dessa mulher. Por fim, o texto finalmente fala sobre recordes alcançados na categoria.

Algumas declarações de Susana são inseridas no texto, aquelas falas não assumidas pelo autor, o intertexto atribuído à própria atleta. Como exemplo: “foi para eles (os filhos) que eu nadei e vou continuar nadando até o fim”. Essa fala traz esse componente emocional da maternidade e do corpo no seu limite na luta contra a doença.

Ao mesmo tempo, cabe aqui pensar na imagem do corpo em determinados esportes. Enquanto próteses, máquinas, aparelhos se acrescentam aos corpos em determinados esportes, na natação é simplesmente o corpo com acessórios básicos imerso na água. Nessa categoria, aqueles que usam próteses as retiram, fica a parte propriamente biológica, o corpo humano exposto antes do mergulho. É o corpo com suas formas reveladas.

Nesta edição, do dia 10/09/2016, também as páginas 3, 4 e 6 (figuras 25, 24 e 25) trazem fotografias de mulheres paralímpicas. Teresinha Guilhermina na página 3, ao final da página com menor visibilidade, mas ainda com a legibilidade da centralidade no texto. O gesto na foto de Teresinha parece de vitória. Alguns enunciados aderentes estão em posição bem aparente na cena. O logotipo dos jogos, o patrocinador, o nome do país que a atleta representa e o número que lhe foi designado. São dados característicos do esporte na modalidade em disputa e que atraem o olhar pela sua centralidade. O nome do país é sempre um dado sobre

representatividade muito relevante. Já o logotipo dos jogos faz com que ele sirva de memória das competições, um registro na história das competições.

A imagem de Guilhermina imprime características próprias como o hábito da atleta de usar o colorido sobre os olhos. Há também um desconforto impresso pelo texto sobre a imagem. O gesto parece de êxito, mas a atleta foi desclassificada e responde no texto em forma de declaração sobre a disputa que a colocou em concorrência com homens, atletas masculinos que servem de guia para as mulheres nessa modalidade. “Se soubesse que teria que correr contra homens, teria me preparado de jeito diferente”, aparece em aspas a resposta em tom de protesto da atleta sobre sua desclassificação.

A página 4 retrata a prata da atleta brasileira Lucia Teixeira. A imagem é da disputa pelo ouro entre Lucia e a ucraniana Inna Cherniak. O texto coloca o esporte em primeiro plano, mesmo narrando brevemente a forma como ocorreu a disputa. A fotografia tem todos os elementos do esporte, mas a escolha editorial foi por excluir o cenário e reinseri-lo através do texto. A torcida como componente importante no cenário é colocada pelo texto como atuante na encenação. Ao mesmo tempo, metade do enunciado é intertexto na forma da declaração entre aspas da própria atleta. São ilhas dentro do texto que o transforma em uma forma híbrida de enunciar os fatos. Metade das falas são, portanto, atribuídas à experiência da própria personagem da cena.

A página 6 (figura 27) do dia 10/09/09 traz a imagem de atletas femininas do goalball enfatizando que não houve competição. A fotografia leva a um questionamento de início quanto ao motivo do seu destaque pela sua visibilidade na página. Há certa ironia no enunciado com a fotografia da atleta encostada à grade e o título “Apertem os cintos, a Argélia sumiu!”. A atleta parece relaxar junto à grade pela postura de seu corpo na imagem. Para se entender essa opção de imagem é preciso recorrer aos elementos textuais. A legenda começa a nos induzir ao sentido, “vitória sem suor” da equipe americana por W,O.. A fotografia da atleta da seleção americana esperando a adversária contém ironia e é o grande destaque da página. A matéria também insere elementos de irônica e conta todo o episódio da ausência do time argelino inserindo um novo elemento, a torcida presente no ginásio. O texto ressalta o aspecto da desorganização como resultado de desinformação. As falas inseridas no texto imprimem esses elementos de desinformação e problemas de organização. Um subtítulo ainda fala na possibilidade de punição ao time argelino.

Outro elemento de ironia empregada na página está na imagem e no texto no topo da página 4 (figura 26). A fotografia da queda da atleta brasileira do basquete em cadeira de rodas que é levantada por um homem. As quedas são comuns nesse tipo de esporte. A legenda

observa sob tom irônico: “Só aparência: Após queda, jogadora brasileira é socorrida; as argentinas caíram por 85 a 19”. Todo esse enunciado com conotação irônica se refere a categorias disputadas por mulheres.



A edição do *Globo* de 11/09/2016 traz pouca visibilidade para as mulheres atletas em suas fotografias. Ainda assim, o jornal destaca a atleta belga Marieke Vervoort através de uma imagem ao centro da página 3 (figura 30), mas o faz de forma a enfatizar a vitimização da atleta através de marcas textuais como as expressões adeus, eutanásia, morrer, dor.

Começando pela capa do Caderno (figura 28), há um contraste muito aparente entre a imagem de dois atletas, Claudiney dos Santos e Shirlene Coelho. Dois ouros foram alcançados, Claudiney conquistou a primeira medalha no lançamento de disco e Shirlene o bicampeonato no dardo. Embora os dois feitos mereçam visibilidade, as fotos imprimem uma diferença importante na proporção das imagens dos dois atletas. Enquanto a fotografia de corpo inteiro de Claudiney ocupa a página de cima a baixo, a foto de Shirlene ocupa uma pequena porção ao pé da página, em torno de 25% da proporção da altura da imagem de Santos.

Essas duas imagens já foram mencionadas quando iniciamos a discussão sobre como a edição do jornal pode tratar de forma desproporcional a imagem da mulher. Os aspectos da falta de visibilidade e de representatividade aparecem nessa diferença de proporção. Os gestos corporais também concorrem para esse efeito de sentido. Além disso, Claudiney aparece em imagem de corpo inteiro enquanto a atleta do dardo é colocada a meio corpo. Santos tem amputação de membro inferior esquerdo, mas não se percebe a prótese na imagem. Já Coelho disputa entre atletas com paralisia cerebral. Outro atleta masculino é mencionado no texto da matéria, Rodrigo Parreira que conquistou o bronze nos 100m na categoria T36.

A expressão “triunfo” é usada na legenda da fotografia de Claudiney, enquanto a palavra “felicidade” acompanha a imagem de Shirlene. São forças diferentes que acompanham os gestos e as fisionomias dos atletas. “Duas vitórias no braço”, diz o título. E a força está mais em evidência no braço de Claudiney com um gesto que, por convenção, está ligado ao sentido de vitória. A página nos fornece um exemplo de

As regras do esporte mantêm no binarismo uma condição básica de sua organização. A partir daí, as formas como são reinterpretadas as condições de gênero, de mulheres e homens individuais, geram performances que se tornam publicamente encenadas. A mídia repercute essas determinações e reafirma as diferenças. Butler (2019, p. 223) nos coloca que “os atores estão sempre no palco”, as performances dos corpos apesar de individuais, tornam públicos significados já cristalizados socialmente. Butler (2019, p. 223) faz o seguinte apontamento: “em termos pedagógicos: a performance explicita leis sociais”. A reiteração repetitiva de formas de expressar desigualdades através dos discursos torna reafirma significados “socialmente estabelecidos”.

Já a página 2 da edição de 11/09/2016 (figura 29) traz o registro fotográfico da equipe israelense de goalball feminino. A matéria fala do segundo WO ocorrido por ausência da seleção argelina. O técnico da seleção israelense menciona a suspeita de motivação política para a Argélia não querer enfrentar Israel. Na imagem de pouco destaque no topo da página, a fotografia congela um momento de ação de duas atletas. O plano da imagem, a forma de

distribuição dos elementos, coloca a ação das atletas como fundo pano de fundo para o título da legenda: “Ausência”. A ação congelada é característica do esporte em sua forma de ser praticado, modalidade exclusiva das parolímpíadas, destinado a atletas com deficiência visual. O jogo é baseado nas percepções táteis e auditivas onde o silêncio é uma condição para guiar o atleta a perceber os sons emitidos pelo guizo presente na bola. A venda nos atletas tem o objetivo de garantir igualdade de condições, já que são níveis diferentes de deficiência visual. De toda forma, a imagem acompanha um texto que trata o esporte a partir de um episódio negativo, repetindo o mesmo viés da matéria do dia 10/09.

A fotografia da atleta belga Marieke Vervoort na página 3 do caderno do Globo, se destaca como foto principal em termos de visibilidade pela forma de contato do olhar com a fotografia destacada ao centro da página e pela posição que ela ocupa em relação ao percurso de leitura. Como cena genérica, é uma imagem característica do fotojornalismo esportivo na forma como congela o movimento, destaca a figura da atleta através do foco e da abertura de diafragma. O ângulo da fotografia foi tomado de frente, como se a atleta estivesse em direção à câmera. O agenciamento técnico é que cria essas possibilidades de tomada de imagem, de acordo com as opções de posicionamento que dá ao fotógrafo em eventos desse porte. Dessa forma, influenciam a própria encenação e a maneira de se ver as práticas esportivas.

Na fotografia da atleta belga, a força dos braços e a expressão de esforço na fisionomia de Marieke são próprias da ação desse esporte. As linhas na imagem, das rodas, dos braços, do capacete, reforçam o equilíbrio da página e colocam a atleta bem no centro da narrativa. O próprio corpo de Marieke comunica e é o centro do enunciado, ao seu redor concorrem outros elementos do discurso. É um corpo que transmite força e que, ao mesmo tempo, não esconde a sua deficiência. A fotografia é da Agência France-Presse e o texto é assinado por Carol Knoploch do *Globo*. A matéria tem seu gancho na questão da eutanásia e no direito adquirido pela atleta de interromper a própria vida. O texto traz um sentido de vitimização ligado às condições do corpo da atleta. Apesar da força da imagem de Marieke, o texto imprime marcas de fragilidade do corpo contando sobre sua “doença degenerativa”, “dor”, “sofrimento”. A atleta belga se tornou personagem de matérias em diferentes veículos de comunicação que deram destaque por conta dessa questão da interrupção da dor pela eutanásia.

O texto do *Globo*, que se inicia com a questão do “Adeus” pela eutanásia, menciona os feitos da atleta no esporte e depois investe no debate sobre a escolha de interromper a vida. Com o efeito do intertexto, a partir da opinião de uma especialista, o texto insere através das ilhas, das aspas, uma declaração que lança a atenção para a polêmica da eutanásia e joga o esporte à condição de pano de fundo com poucos efeitos. Através da fala de Maria Gorete

Maciel, presidente da Academia Nacional de Cuidados Paliativos, o jornal direciona a opinião em contraponto à própria declaração da atleta sofre o enfrentamento e a dor. Parte da fala da atleta diz: “Vivo há anos com muita, muita dor e é cada vez mais difícil”. Na sequência, a opinião da especialista Maria Gorete Maciel que defende o uso do tratamento paliativo: “acho esquisito escolher o dia da morte, como também o dia de nascer (cesárias)”. Com a mesma fala, a matéria usa uma voz externa para expressão opinião sobre a decisão pessoal em relação ao corpo que sofre, mas também em relação ao corpo da mulher e sua escolha sobre o parto. Nesse momento, tira a autoridade da pessoa ou da mulher sobre o próprio corpo.

A fotografia das ciclistas norte-americanas Morelli e Fischer encena a emoção de pódio pelos elementos presentes na cena. As figuras das atletas estão focadas em relação ao cenário que fica diluído ao fundo. As atletas levam a mão ao peito e, na ausência de som na imagem, mas com as medalhas, os gestos e a expressão imprimem a emoção. Há uma encenação própria das cerimônias de grandes eventos esportivos. A frase “Parceiros na alegria e na tristeza” acompanha as imagens. Na fotografia de Ricardo Moraes a cena das ciclistas expressa união entre as duas mulheres, cumplicidade e êxito.



Figura 32. Página 2 do caderno especial do jornal *O Globo* - Edição de 12 de setembro de 2016



Figura 33. Página 5 do caderno especial do jornal *O Globo* - Edição de 12 de setembro de 2016



Figura 34. Página 6 do caderno especial do jornal *O Globo* - Edição de 12 de setembro de 2016

O caderno especial do *Globo* em suas matérias do dia 12/09/2016 traz apenas três fotografias que tratam das mulheres paratletas. São registros tratados com pouco destaque pela edição. As formas como as mulheres aparecem em imagens conotam vitória e ação. Ainda assim, na página 2, a imagem de Terezinha Guilhermina recebe conotação negativa através da expressão verbal “Queimou”. O texto é curto, mas mescla feitos da atleta, a expectativa sobre

a sua participação nos jogos e a derrota com a desclassificação. Há contradições expressas no texto em expressões ou frases como: “dona de seis medalhas em paralimpíadas”, “uma das estrelas do esporte paralímpico brasileiro” e expressões como “futuro incerto”, “desclassificada”, “sob pressão”.

Em “De olho no detalhe” das imagens da página 6 (figura 34) do Caderno do *Globo* se vê o voo de atletas congelados pela técnica fotográfica. Os rostos dos paratletas estão ocultos nas imagens onde os corpos estão suspensos no ar e os pés não tocam o solo. A sequência apresenta uma encenação de momentos da ação esportiva onde estão presentes os cenários, as formas dos corpos, os uniformes, os elementos que dão pistas dos esportes que ali são disputados. Pode-se pensar no *ilinx*, como definido por Caillois (1990), sobre o desafio humano contra a gravidade e a materialidade corpórea que desestabilizam momentaneamente os corpos. A legenda é o que adere de certa forma à imagem para nos apresentar quem são as mulheres nessa sequência, revelando que há apenas uma imagem de atletas femininas. A imagem dessas mulheres também nos leva a outro aspecto descrito por Caillois (1990), o *agôn*, onde ocorre a disputa a partir de um equilíbrio entre os oponentes. As mulheres são, portanto, apresentadas a partir desses aspectos próprios do esporte. Esses componentes são expressos por aspectos plásticos dos corpos e do próprio agenciamento técnico que criam determinadas condições para a tomada dessas imagens.

A conquista feminina realmente destacada pela edição de 12/09/2016, ainda que em texto breve, foi o bronze da triatleta norte-americana Melissa Storckwel. Com o título “Vitória num 11 de setembro”, a matéria mistura questões políticas com o esporte para contar a história de vida da atleta. A trajetória de Melissa é contada a partir de dois fatos históricos, os atentados do 11 de setembro e a Guerra do Iraque. Esse viés é escolhido para contar o que levou a atleta a sofrer a amputação da perna esquerda. A fotografia não mostra a deficiência da triatleta, o quadro fechado foca a medalha de bronze na mão da atleta e a expressão no rosto de Melissa. O próprio formato da imagem denuncia o corte no enquadramento fotográfico. Melissa com a medalha na mão é tudo o que se consegue ver na imagem com fundo desfocado. Além da medalha, a expressão facial da triatleta também é outro elemento que induz ao sentido de êxito.

Dessa forma, das seis páginas do caderno do *Globo*, há imagens de mulheres apenas em três delas. Além da pouca visibilidade em termos de representação imagética, as referências textuais aos feitos das mulheres são feitas de forma breve. Além da matéria que fala sobre o bronze de Melissa Storckwel e da nota que conta da desclassificação de Teresinha Guilhermina, há informação breve sobre Teresinha de Jesus que ganhou sua primeira medalha paralimpíada.

Além disso, o jornal volta, mais uma vez, ao problema com a participação da equipe argelina de goalball. No geral, o destaque em todas as páginas se concentra em atletas masculinos.

O texto, por exemplo, que menciona Teresinha de Jesus, fala sobre suas conquistas de medalhas em outras competições, além dos Jogos Paralímpicos de 2016. Conta também sobre a deficiência da atleta. Ao mesmo tempo, a matéria de pouco mais de meia página destaca uma fotografia de Petrucio Ferreira dos Santos e compara as conquistas de três atletas masculinos. Já na capa do Caderno Especial, onde novamente é mencionado o problema do atraso das atletas da seleção argelina de goalball, se repete o mesmo recurso de imagem usado com Claudiney dos Santos na edição de 11/9, a fotografia do atleta argelino Abdellatif Baka é usada em página inteira, concorrendo com o texto intitulado “Os dois lados da Argélia”. A matéria ressalta os feitos de Baka em contraposição às derrotas por WO pelo goalball feminino. Como expressa o início da matéria: “A delegação argelina tinha cometido a maior gafe dos Jogos Paralímpicos devido ao atraso de sua seleção feminina de goalball, que perdeu o avião e duas partidas no Rio”. E o texto ainda continua: “Mas, se houver alguma forma de reparar essa falha e dignificar a memória do país no Rio, parte caberá à façanha de Sbdellatij Baka (...)”. O texto chega a empregar tom irônico a respeito do ocorrido com as atletas do goalball ao inserir falas de um entrevistado, o diretor de Comunicação do IPC, Craig Spence. O texto é finalizado com a seguinte fala do diretor: “Eles (jogadoras e comissão técnica do goalball) precisam pegar um ônibus da Vila para os jogos. Como demoraram seis dias para chegar ao Rio, nunca se sabe”.

A partir dessas constatações, nos questionamos o porquê dessas opções editoriais. Onde estiveram e o que realizaram as mulheres no dia dessa cobertura? E porque elas aparecem tão pouco nessa edição? Supondo que o leitor percorra todas as páginas e realize uma leitura atenta às imagens e ao texto, o que ficará para a memória nesse dia? Por que, então, os discursos privilegiam os sujeitos masculinos?



Figura 35. Página 6 do caderno especial do jornal *O Globo* - Edição de 13 de setembro de 2016

A edição do dia 13/09 abre o Caderno de Esportes com a frase “Chão de Estrelas” para contar sobre o ouro conquistado na bocha, em categoria mista, disputada por Evelyn Vieira e Antonio Leme. A categoria é disputada por atletas com deficiência severa que contam com auxiliares e equipamentos especiais. É Antonio que aparece na foto principal, que ocupa mais da metade da página, num momento de comemoração com seu irmão que é também o seu auxiliar. Abaixo da fotografia da emoção entre os irmãos, aparece a fotografia da “concentração” de Evelyn. A atleta aparece ao centro, entre os oponentes coreanos. Os equipamentos que Evelyn usa na cabeça chama a atenção, também a cadeira de rodas. São extensões para corpo da atleta que a auxiliam a executar as jogadas. É preciso um olhar atento para identificar a figura de Evelyn no enunciado da página.

Buscando por personagens femininas nas imagens que compõem a edição de 13/09, a única que se encontra, além de Evelyn Vieira, é da nigeriana Lauritta Onye. É preciso um olhar bastante atento para verificar que ali está uma atleta feminina. A fotografia de Onye aparece ocupando uma pequena porção do canto esquerdo da página 2. Ainda assim, o texto legenda descreve a performance de Laurita no arremesso de peso e a sua comemoração do recorde mundial conquistado como sendo “uma das que mereceram maior repercussão”. Em seis páginas da edição, são essas as duas atletas femininas que aparecem em imagens, Evelyn Vieira e Lauritta Onye. O próprio texto que acompanha a foto de Lauritta ressalta que os feitos da atleta mereciam repercussão.

No caso da bocha, a narrativa da matéria conduz Antonio a um protagonismo, introduzindo as mulheres a partir do quarto parágrafo como segue: “para chegar ao alto do

pódio em sua primeira Paralimpíada, Antonio teve a companhia da conterrânea Evelyn Vieira, 39 anos, portadora de atrofia muscular espinhal, e da pernambucana Evani Soares (...), além das calheiras Ariane dos Santos Ramos e Renata Santos da Silva”. Ao mesmo tempo, já no final da matéria, o texto dá voz a Evelyn Vieira em duas falas das quais destacamos a seguinte: “Sou um exemplo vivo de que o esporte é uma ferramenta transformadora. Eu vivia a realidade da pessoa com deficiência que só fica em casa e estuda. Quando comecei a praticar o esporte, vi que os limites que eu acreditava na verdade, não existem. Passei a superá-los”. A atleta ressalta o sentido da superação pelo esporte em sua fala. A matéria descreve a forma como o esporte é disputado, fala sobre os tipos de deficiência da dupla Evelyn e Antonio e finaliza com a questão da superação. De toda forma, a matéria de Gustavo Loio e imagens de Hermes de Paula e Ueslei Marcelino (Reuters) traz uma narrativa, de certa forma, previsível, mas que se atenta para as falas dos atletas e a experiência com o esporte, além de explicar ao leitor os fundamentos da modalidade.



A primeira página do Caderno das Paralimpíadas do dia 14/09/2016 abre com a foto da atleta Bruna Alexandre do tênis de mesa. A imagem recebe grande destaque por figurar no enunciado em posição privilegiada de legibilidade e visibilidade. A fotografia da mesatenista traz uma composição onde a figura e a ação da atleta se destacam de um fundo escuro. Ao mesmo tempo, é o olhar da atleta o que mais chama a atenção e captura o olhar do leitor. Há tensão com o movimento congelado de Bruna que está prestes a rebater a bola. O corpo da atleta revela a amputação de um braço, enquanto a outra mão segura a raquete aguardando a jogada. A expressão no rosto da atleta imprime os sentidos de tensão e concentração onde o

olhar conecta a atleta à bola sob a legenda “Olhar 43”. O enunciador reforça esse sentido como um pleonismo, uma redundância entre texto e imagem. Ao mesmo tempo, o 43 faz relação com o número de medalhas alcançado pela delegação brasileira com a conquista de Bruna. O interdiscurso é, nesse caso, um jogo entre um repertório cultural, imagem, expressão do corpo e os próprios fatos que se desenvolveram durante as Paralimpíadas.

O texto faz uma narração do momento da conquista da medalha, relaciona a conquista da primeira medalha da mesatenista com os resultados conquistados e a meta da delegação brasileira. Também insere falas da atleta sobre suas dificuldades na edição anterior dos jogos e seu desafio no Rio. A partir daí, a matéria coloca a situação de Terezinha Guilhermina de com destaque para a dificuldade da corredora em obter um desempenho no nível do esperado pelo Brasil, já que Terezinha, a exemplo de Alan Fonteles, seria uma referência para o esporte Paralímpico brasileiro. O texto reafirma que as expectativas não foram atingidas para pelos dois atletas, Guilhermina e Fonteles. A expressão “desqualificada” é usada em relação ao problema ocorrido com Terezinha na condução de seu guia durante a largada. A superação das marcas de Guilhermina por atletas de outras nacionalidades é expressa no texto destacando também críticas e posicionamentos da brasileira e contradições com sua própria desclassificação.

Na mesma página, logo abaixo da foto de Bruna, está a foto de Teresinha Guilhermina ao lado de seu guia. Mais uma vez a palavra “queimou” é associada à imagem de Teresinha. Enquanto o olhar é o centro da narrativa que retrata a mesatenista, é a ausência da visão que parece evidente na imagem de Teresinha que tem deficiência visual e usa máscara sobre os olhos como exigência de sua categoria. Os olhos vendados de Guilhermina desconectam o leitor, ao contrário de Alexandre. Lembrando que a venda sempre bem colorida é marca característica da corredora. A fotografia tem um fundo escuro e a sombra também encobre o rosto do guia de Guilhermina que está com a cabeça baixa no primeiro plano da imagem. O olhar ao alto na primeira foto também se contrapõe ao olhar para baixo de Rafael. A narrativa apresenta duas mulheres em cenas enunciativas diferentes,

O enunciado dessa página é um caso a se destacar por termos aqui duas mulheres como centro da narrativa, mas a forma como são apresentadas contrapõe o êxito na conquista de Bruna Alexandre e o revés na atuação de Terezinha Guilhermina. Uma atleta jovem de onde se mira o futuro e as sombras que pairam sobre a veterana Terezinha.

A página três do caderno do dia 14/09/2016 traz a esgrima feminina em cadeira de rodas na disputa entre Jing Bian (atleta chinesa) e Maria Fidrych (atleta polonesa). O jornal chama a cena de “balé” e retrata um momento onde a chinesa ataca e a polonesa desvia o corpo. As

cadeiras de rodas são fixadas ao chão e os corpos se movem como em uma dança em dupla. Os corpos se movem estabelecendo um diálogo, uma narrativa do jogo. O gesto com o florete forma uma linha que une as atletas. Adina assim, há muitas linhas e formas em cena, o que faz o olhar procurar uma estabilidade.

Antiga prática no ocidente, a esgrima se tornou esporte olímpico durante os Jogos Olímpicos de Atenas, em 1896. Segundo o site do CPB, a adaptação desse esporte para pessoas com amputações, lesão medular ou paralisia cerebral surgiu em 1953. As “armas” utilizadas podem ser o florete, a espada ou o sabre. Em cada uma delas, há critérios diferentes para o cálculo da pontuação. Trata-se de um esporte onde o corpo é a estrutura a qual pouco se vê porque está coberta e envolta por diferentes aparatos que permitem a teatralização do jogo. O florete, a espada ou o sabre são a extensão do braço que proporciona o ataque. A cadeira é a base mecânica, uma extensão dos membros inferiores. Os uniformes são próprios para a prática da esgrima em qualquer categoria, olímpica ou paralímpica, mas sofrem alterações para se adaptarem aos corpos dos paratletas.

São muitos os elementos em cena nesse esporte. Os enunciados aderentes aos uniformes como as bandeiras ou os números identificam os atletas, já que seus rostos são cobertos por proteção. Na tomada das imagens há também um agenciamento técnico que considera a distribuição do espaço, a distância entre os corpos e as possibilidades de observação do jogo. A esgrima paralímpica é uma dentre tantas modalidades onde um contato prévio do fotógrafo auxilia no seu entendimento de quais formas de expressão estão presentes no jogo, quais suas possíveis formas de encenação e quais as possibilidades para a composição da fotografia.

“A cerimônia faz parte do jogo” é o título da matéria que ocupa menos de ¼ da página. Em termos de visibilidade e legibilidade, a matéria depende que o percurso do olhar do leitor percorra toda a página do jornal. O texto destaca todo o cerimonial característico da esgrima, narra a disputa das atletas nas formas do esporte e descreve a arena onde havia certa desorganização entre muitas disputas que estavam acontecendo ao mesmo tempo. Babel, confusão e balbúrdia são palavras empregadas para descrever o cenário. Já as palavras cerimônia e força empregadas para descrever o jogo. A matéria termina comentando brevemente sobre a participação brasileira na categoria e encerra com a fala de um atleta. É possível observar que há um uso frequente das fotos dividindo o texto ao meio.

Por fim, a última página do Caderno dos Jogos do *Globo* traz na primeira porção do enunciado uma sequência de três fotos. As edições repetem essas imagens sempre com o título “De olho no detalhe”. “Foco”, “nas mãos” e “no ar” são expressões que legendam as imagens. Os nomes das atletas que aparecem nas fotos em detalhes Mohammad Taha (Singapura) e

Yuriko Fuji (Japão). Aqui se percebe que os nomes também são impregnados de ideias de gênero, já que quando se trata de culturas diferentes, encontramos dificuldade em encaixar na nossa ideia de gênero. Nomes, portanto, dependem de certa convenção social. No primeiro caso, aparece apenas metade do rosto da atleta, mas os traços imprimem características femininas, principalmente os olhos da atleta. Já na segunda imagem, embora tenhamos o nome da atleta, permanece uma dúvida. Nesse caso, pode ser a mão de uma atleta feminina por apresentar as unhas pintadas. Assim, esses casos demonstram que também dependemos de certos traços fisionômicos para auxiliar na nossa tentativa de designar o sexo biológico dos indivíduos. Esforço sempre bastante carregado de estereótipos de gênero. No esporte, as diferenças de categorias e práticas esportivas nem sempre assentam os corpos nessas expectativas de traços de gênero.

EDIÇÃO DE 15/09/2016

		
Figura 39. Capa do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 15 de setembro de 2016	Figura 40. Página 2 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 15 de setembro de 2016	Figura 41. Página 3 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 15 de setembro de 2016



Figura 42. Página 5 do caderno especial do jornal *O Globo* - Edição de 15 de setembro de 2016

Figura 43. Página 6 do caderno especial do jornal *O Globo* - Edição de 15 de setembro de 2016

A capa do jornal *O Globo*, edição de 15/09/2016 trouxe uma foto dos Jogos Paralímpicos onde as personagens presentes na imagem são duas atletas femininas, uma das raras capas a trazer mulheres paralímpicas através de fotografias. Na organização dos assuntos nesta capa do *Globo*, os temas do esporte foram empurrados para o final da página. Nesse período dos jogos havia uma tensão política com o julgamento do ex presidente Lula. A presidente Dilma Rousseff, também do Partido dos Trabalhadores, havia acabado de sofrer um processo de impeachment e os ânimos no cenário político nacional estavam bastante exaltados. Os temas da política estavam em um momento de grande repercussão e ocupavam um espaço de destaque na mídia. Com isso, outros temas, como os próprios Jogos Paralímpicos, concorriam por espaços nas capas dos jornais. O discurso jornalístico organiza a fala a partir de uma hierarquização dos temas, fatos e assuntos que expressam uma determinada visão de mundo. Os Jogos do Rio têm uma dimensão internacional e uma repercussão nacional por ser um evento no Brasil, mas também por ser um evento realizado na cidade que também é sede do jornal. Envolve, portanto, uma audiência que para *O Globo* não é apenas local, ao mesmo tempo, os reflexos na economia levaram o jornal a dar uma cobertura mais ampla do que os outros dois jornais.

A fotografia na chamada de capa sobre os jogos aparece centralizada na altura de quase 10% em relação à página. A foto de um abraço entre mulheres velocistas oculta as identidades das atletas. Ainda assim, elementos como a bandeira e as cores nos uniformes nos levam a entender que são atletas brasileiras compartilhando um momento de emoção. O texto reforça esse sentido. “Nunca tantas medalhas” é o título do texto-legenda que descreve que o Brasil

quebrou seu próprio recorde de medalhas. O recorde anterior era de 2008. Tais dados refletem a relevância de disponibilizar um espaço para o evento na primeira página do jornal.

A segunda página da edição do caderno do Globo apresenta outra imagem de uma atleta feminina. A fotografia retrata a atleta russa Inga Abitova em um gesto que imprime sentido de vitória e êxito. A foto de Inga aparece na coluna “Queimou”, reservada a temas negativos do evento. O texto fala do banimento dos atletas russos ocorrido após a descoberta de adulteração em amostras submetidas a exames antidoping. Havia um esquema de doping entre federações e atletas russos. Atletas russos já haviam sido cortados dos Jogos Olímpicos do Rio. Assim, a cenografia da imagem é contraditória ao discurso do texto. A forma como se estabelece a relação texto-imagem é contraditória, a cenografia da imagem contradiz o discurso do texto. Essa “incoerência” talvez se explique pelo uso recorrente de imagens com a intenção de ilustrar um texto. Recurso comum em textos jornalísticos.

A página 6 traz cinco fotografias dos Jogos. Dessas imagens, apenas uma apresenta uma mulher. Trata-se, novamente, de uma foto inserida em uma galeria de imagens. Sob o título “De olho no detalhe”, o enunciador busca criar uma narrativa investindo no sentido de três imagens. Elegendo uma sequência de fotografias, buscando uma recorrência discursiva, e elegendo um sentido comum entre as narrativas fotográficas. No caso dessa sequência, o enunciador investe na expressão da fisionomia de três atletas diferentes. São as expressões nos rostos dos paratletas que justifica, para quem enuncia, essa forma de interdiscurso. A expressão “esforço” é usada para criar esse fio narrativo entre as imagens. A atleta brasileira do halterofilismo Márcia Menezes é descrita sob o sentido da palavra “força”. A boca, o olhar e o suor concorrem para criar esse ponto de vista.

Na página 5 do caderno de 15/09/2016, a fotografia da atleta do goalball Victoria aparece no final da página, inserida na matéria que ocupa, mais ou menos, 25% da altura da página. “Brasil emplaca suas seleções na semifinal do goalball” é o título da matéria que fala sobre a participação das seleções brasileiras feminina e masculina nesse esporte que é exclusivo dos jogos paralímpicos. Há um destaque para a participação feminina com a fotografia da atleta brasileira Victória Amorim. Segundo o texto, Victória foi artilheira da equipe brasileira e é a inventora de uma jogada realizada de costas para o gol das adversárias.

A matéria traz novamente uma noção das características da modalidade e faz uma breve comparação entre as participações das seleções feminina e masculina do goalball, no Rio e em Londres. A partir daí, destaca o ineditismo da conquista das mulheres que nunca haviam chegado entre as quatro primeiras seleções em edições anteriores. O texto também mescla informações sobre a participação decisiva da atleta Victoria Amorim para a chegada da equipe

às semifinais e relatos muito pessoais sobre a sua vida familiar, de pouca relevância para o esporte em si. Mas a matéria também relata o início da atleta no seu primeiro contato com o goalball, além de inserir falas da própria Victoria, fazendo com que ela seja também enunciativa de sua história.

A fotografia de Victoria em termos de composição é bastante horizontal, a posição do corpo, as linhas da quadra, da trave, as placas ao fundo. Uma regularidade de cores e linhas horizontais, mas que são quebradas pela bola no ar. A forma, a cor azul, a posição da bola, quebram essa regularidade da imagem. As características desse esporte, que se torna mais conhecido a partir das Paralimpíadas, imprimem elementos com os quais não temos familiaridade. Nossa memória visual, nesse caso, faz com que encontremos semelhanças com o futsal, por exemplo. Talvez isso explique a afirmação do jornal de que essa modalidade é um dos maiores sucessos dos Jogos. As formas de encenação do goalball na imagem remetem à memória a esse outro esporte muito mais presente na nossa cultura visual. O futebol de quadra é muito mais presente na nossa cultura, portanto, faz parte de uma memória visual. Ao mesmo tempo, é a presença da atleta o elemento que agrega valor à cena na imagem. O corpo da atleta, seu esforço, o movimento congelado, os olhos cobertos pelos óculos que revelam que se trata de um esporte para pessoas com deficiência visual.

Vale destacar que há imagens onde as expressões fisionômicas, a ordem das emoções expressas nos rostos, são uma chave de leitura importante. Mas há imagens no esporte paralímpico onde o corpo é o valor maior de expressão, onde o rosto é pouco percebido. A forma de performar a ação esportiva se destaca nas formas do corpo e como ele responde a uma ação.

A página 3 do caderno do Globo reúne três imagens de mulheres paralímpicas, com maior destaque para a foto da velocista Terezinha Guilhermina. As fotografias onde aparecem Terezinha e a foto de Verônica Hipólito mais abaixo imprimem movimento na encenação do enunciado da página do jornal. Na foto de Terezinha se manteve um fundo escuro e desfocado e ainda aparece o guia Rafael Lazarini ao seu lado. No momento congelado. Terezinha sorri, leva na mão o bastão do revezamento e seu gesto com o braço atravessa para fora da imagem numa expressão de quem atravessa a linha de chegada. Os enunciados que aderem ao corpo e ao uniforme de Terezinha e de Rafael remetem ao evento das Paralimpíadas, ou seja, em qualquer tempo em que essa imagem for acessada, é possível saber de qual ano e evento se trata.

Terezinha Guilhermina foi apresentada ao início dos jogos pelo *Globo* como atleta experiente, que trazia a expectativa de conquista de medalhas e com histórico de muitas

conquistas. Desde o início, pesou sobre Guilhermina uma cobrança por desempenho. O jornal acompanha a história da velocista ao longo dos jogos, apontando muitas falhas, mais do que o esforço da atleta.

A fotografia de Terezinha na edição do dia 15/09 é a imagem de uma atleta que alcançou uma medalha. Ainda assim, o texto destaca problemas “extra pista” enfrentados pelas atletas do revezamento. O relato do jornal sobre a conquista da prata pelo Brasil é feito sob o viés da polêmica. A matéria destaca o tema da tentativa da atleta Jerusa Santos de se juntar à equipe de revezamento, contrariando a decisão da comissão técnica do atletismo do CPB. Por essa opção, o texto cria um cenário onde a polêmica se sobressai à conquista da medalha de prata. A própria imagem de Terezinha passa a fazer parte de um cenário onde já não se destaca o sentido de vitória. Ainda assim, entre as imagens das duas velocistas, o sentido que prevalece é o do esporte e da ação, elas encenam o movimento no interior do enunciado. “Lider” e “vitoriosa” são as palavras empregadas para dar sentido às imagens através da legenda.

A fotografia de Verônica Hipólito traz o movimento do corpo congelado pela imagem. Há um efeito de contraluz na imagem, ainda assim, se percebe os traços do rosto da atleta que expressam concentração, tensão e até uma certa angústia. O corpo recortado, extraído do cenário da imagem, os braços e as pernas formam linhas diagonais na diagramação da página. Os braços, as pernas e o olhar dão a direção ao movimento que aponta para fora da página. Verônica está correndo na mesma direção de Guilhermina.

A imagem de Verônica fala sobre esporte e velocidade, já o texto escolhe focar nos seus problemas de saúde, causa da sua deficiência. A partir do título “Meu tumor? Se tem que operar, opera”, o texto descreve a atleta como exigente e perfeccionista. A matéria ressalta o desejo da velocista pela conquista de uma medalha de ouro, mas contrapõe dizendo que “sonhos mudam rapidamente”. Neste ponto, insere a luta da atleta contra a doença que causa a sua deficiência. A expressão vitoriosa passa a compor outro cenário quando observados texto, imagem e legenda, A vitória passa a fazer sentido em relação à doença e não em relação ao êxito no esporte. Verônica corre também contra a doença. Por fim, há falas da atleta inseridas no texto que reforçam o sentido que tem a corrida na vida de Hipólito e o quanto a repercussão sobre as Paralimpíadas é um estímulo para competir.

O que em alguns momentos dessa encenação - na organização entre imagem, texto e marcas verbais - aponta para fragilidade e vitimização, em outros, representa superação. Se estabelece uma relação complexa entre as matérias sobre a prata do revezamento, a matéria sobre Verônica Hipólito e as imagens das duas velocistas.

Por fim, a terceira mulher a figurar na página 3 do caderno do dia 15/09 é a americana Cassie Michtell. Na fotografia ao final da página, Michtell aparece sentada com um boneco do mascote dos Jogos nas mãos. A americana sorri com a medalha ao peito. A foto em plano fechado destaca a atleta do fundo da imagem. Também é possível ver uma pequena parte da cadeira de rodas. Não vemos o cenário, o contexto da imagem, mas a partir do que se observa, dos elementos deixados pelo enquadramento da imagem, se conclui que foi no momento do pódio que se tomou o registro. Imagens de pódio tem uma encenação bastante característica. É sempre realizada sob o agenciamento de um cerimonial que reserva os elementos da cena, que dispõe os atletas de forma a que se cumpra um ritual. Poucos desses elementos estão presentes no caso da fotografia de Cassie Michtell. O pódio é o momento da exposição dos atletas aos aplausos do público e aos canais produtores de imagens. O registro na imagem reafirma a conquista. A cena é organizada de forma a demonstrar visualmente a hierarquia, o valor de cada conquista. Este tipo de imagem serve também como registro histórico das competições esportivas.

Na foto de Mitchell, a emoção é mais contida, compondo uma cena mais formal. A legenda revela: “é prata”. A “descrição” da fotografia também conta sobre as doenças que acometem Cassie. Sobre a modalidade paralímpica que lhe rendeu a prata o leitor só descobre na leitura do segundo parágrafo. É quando o enunciador insere o esporte praticado pela atleta, o lançamento de disco para cadeirantes. Até esse ponto, o texto gira em torno à montaria, esporte praticado antes de Cassie adoecer, e a forma como a doença se manifestou e a obrigou a abandonar essa prática. O texto avança contando a história da atleta com as enfermidades que a fizeram passar de um esporte a outro, de acordo com suas possibilidades físicas. A matéria traça o fio narrativo a partir dessa relação da doença com o esporte. Há um processo de fragilização da imagem de Cassie Michtell. Ao final, através da fala direta de Cassie inserida no texto e o uso do termo “minhas limitações” imprime na matéria a sensação de certa tristeza da atleta em não poder voltar a montar: “Por causa das minhas limitações, não posso mais montar. Eu vou te dizer que eu sinto mais falta de montar um cavalo do que de andar com as minhas pernas”. O capacitismo pode resultar da forma como essa narrativa é conduzida. Na encenação entre texto e imagem, pela forma como a fala é organizada, a condição da atleta parece limitante de sua potencialidade, embora se compreenda que as enfermidades causam impedimentos, a escolha narrativa coloca a doença como protagonista.

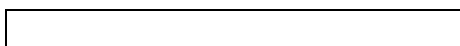




Figura 44. Página 6 do caderno especial do jornal *O Globo* - Edição de 16 de setembro de 2016

A edição do dia 16/09/2016 destaca duas personagens femininas, a atleta do arremesso de peso Marivana Oliveira e a nadadora Susana Schnarndorf Ribeiro. Marivana conquistou o bronze, sua primeira medalha em Paralimpíada. A fotografia da atleta conta sobre o seu feito através de uma imagem de euforia e comemoração. As expressões do rosto e do corpo expressam essa alegria com a conquista. Os gestos dos braços exaltam o símbolo nacional da bandeira do país. Apesar de congelar a ação, a imagem traz a sensação desse movimento de comemoração. A deficiência da atleta não é possível de ser identificada na imagem. Dentro do gênero do fotojornalismo esportivo, essa narrativa apresentada na imagem de Marivana encena gestos convencionados, recorrentes nas formas de expressão de vitória através do esporte. Uma cena repetida por atletas de diferentes modalidades esportivas.

O texto fala sobre a comemoração das três medalhas conquistadas pelo Brasil no dia 15/09, uma de prata e duas de bronze, incluindo o bronze de Marivana. Ao mesmo tempo, coloca uma oposição entre as expressões textuais “Brasil comemora” e “mas lamenta queda para sétimo no geral”. A falta de uma medalha de ouro é destacada imprimindo uma certa frustração com o quadro geral. Mas o texto ainda tem como personagem central o esporte a partir do viés do desempenho, dos resultados e das disputas. A imagem de Marivana se insere nesse cenário, o da disputa esportiva.

Já a foto da nadadora Susana aparece ao final do percurso de leitura da página. A nadadora aparece em um retrato posado em primeiro plano, com um sorriso contido e olhar para a câmera que se comunica de forma direta com o interlocutor. O rosto, a fisionomia e o olhar são os elementos de comunicação da imagem. O texto que forma o cenário da enunciação

entre imagem e discurso verbal, conduz a narrativa pelo fator da doença que acomete a atleta. Susana foi um personagem recorrente em diversos veículos de comunicação e sobre a sua imagem sempre se pesou o tema da sua luta contra uma doença degenerativa. Aqui, o Globo repete esse viés e associa o caso de Susana ao de outra atleta que também apareceu em muitas matérias nos canais midiáticos, a belga Merieke Vervoort. A corredora belga foi personagem em várias matérias que contavam sobre o seu planejamento para se submeter a uma eutanásia algum tempo depois dos jogos.

A matéria do dia 16/09 faz então esse entrelaçamento das duas histórias começando pelo título “Susana vai falar com a belga que quer eutanásia”. O texto insere falas de Susana: “estou feliz por ter pego prata no revezamento e ajudado o Brasil. Tudo foi difícil para mim, tive que refazer a minha classificação há pouco tempo, aí muda o adversário, muda o estilo. Mas nadei feliz, nadei com alegria”.

De toda forma, o texto caminha para um sentido de vitimização e fragilização da nadadora brasileira. A fotografia infere um olhar melancólico sobre a história da atleta nos jogos, mas a sua legenda ainda aponta para planos futuros, as Paralimpíadas de Tóquio.

		
Figura 45. Capa do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 17 de setembro de 2016	Figura 46. Página 1 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 17 de setembro de 2016	Figura 47. Página 2 do caderno especial do jornal <i>O Globo</i> - Edição de 17 de setembro de 2016

A capa do jornal *O Globo* de 17/09/2016 traz uma imagem da conquista do ouro de Silvana Costa de Oliveira no salto em distância. A imagem congela o salto de Silvana num voo com fundo desfocado. O corpo da atleta está totalmente elevado no ar, formando uma linha diagonal com os braços e pernas. Uma imagem de forma que remete ao *ilinx*, definido por Caillouis (1990). O corpo e seu peso desafiando a gravidade, desestabilizado momentaneamente numa sensação de vertigem. O corpo quebrando a resistência de sua própria materialidade. O

cenário ao fundo todo desfocado causa um efeito visual que remete a uma pintura. Mas é esse corpo que salta da imagem. Ao mesmo tempo, o texto que legenda a imagem descreve as duas medalhas conquistadas, por Silvânia e pelo nadador Daniel Dias, só que introduz no mesmo parágrafo a conjunção “mas” para restringir o efeito dessas duas medalhas de ouro.

A capa do caderno especial da edição também recorre a uma imagem de Silvânia. A atleta do Salto é o destaque da página. O salto no ar da capa do jornal agora aparece como o pouso da atleta na areia. A expressão do rosto de Silvânia está muito mais clara nessa imagem. Na expressão da atleta, a força de seu movimento, da vertigem para completar a ação. O plano da imagem mostra o cenário, mas a única personagem aparente é a atleta. “Soa familiar” é o título usado antes da comparação do desempenho da atleta com o de seu irmão. “Glória na areia” pode ser associado ao feito da atleta e ao elemento essencial nesse esporte, a areia que demarca a distância percorrida.

O recurso utilizado pelo texto é o da narração. São descritos os cenários, narradas as ações ao redor desse cenário. O texto compõe uma imagem e uma sequência de ações que criam um relato. Várias atletas femininas vão sendo acrescentadas a essa encenação que ajudam a uma familiarização com o esporte. Mas, a um dado momento, volta a questão do vínculo familiar de Silvânia com o irmão atleta e a questão da deficiência que acomete os dois. Como, por exemplo, no seguinte trecho: “toda a carreira de Silvânia como atleta de elite é ligada a Ricardo. Foi dele a ideia de levar a irmã mais nova para o salto em distância, que ele já praticava”. E também sobre a cegueira de Silvânia e Ricardo: “os dois irmãos são unidos pela doença de Stargardt, uma degeneração congênita que consumiu as visões de ambos”.

Lorena Spoladore é a segunda atleta que é retratada na página do jornal. Lorena aparece em uma fotografia recortada do fundo. O salto da atleta é usado ao centro da página demarcando a diagramação do texto. A fotografia insere Lorena com maior destaque do que o texto que a menciona rapidamente. As imagens de salto no atletismo sempre trazem um impacto às narrativas sobre o esporte e contribuem para a espetacularização das competições. No caso da imagem do salto de Lorena fica mais evidente a deficiência visual da atleta pela venda que cobre seus olhos. Nessa fotografia há um enunciado que adere aos elementos da imagem que é a palavra “Pai” escrita na venda. Mais uma marca de vínculo familiar com uma imagem masculina. O que não é, necessariamente, algo que deprecie as mulheres, são vínculos naturais. Mas é o jornal que cria esse cenário onde essa questão se desenha através da encenação criada entre marcas verbais e visuais. Há uma escolha narrativa do jornal, uma organização da fala que insere essas relações de forma mais ou menos complexa.

Já na página 2 do caderno há outra imagem feminina. O ouro da tenista Jiske Griffioen é mencionado como ponto positivo do dia. A fotografia da atleta aparece bem localizada pelo percurso de leitura, mas com pouco destaque em termos de espaço. Ainda assim, uma imagem que tem em seus elementos características do esporte paralímpico. Em um fundo verde se destacam o movimento do corpo, a cadeira de rodas como uma extensão para o corpo da tenista, a raquete tocando a bola, a concentração da atleta. Uma imagem do esporte e sua ação característica e que não esconde a deficiência da atleta.



Figura 48. Página 5 do caderno especial do jornal *O Globo* - Edição de 18 de setembro de 2016

A paratleta que aparece em uma fotografia na edição do dia 18/09/2016 é a mesatenista Bruna Costa que já havia sido destacada na edição do dia 14/09/2016. Nessa nova aparição, Bruna aparece em dupla com a paulista Danielle Rauen. A fotografia em plano médio inclui parte do cenário, mas destaca a ação e a concentração das atletas. Os elementos do esporte estão na encenação, as raquetes, parte da mesa com a rede, a bola, a posição das atletas. Esse tipo de esporte opõe dois lados de forma tão demarcada que para a fotografia acaba forçando a um recorte das personagens. Diferente da imagem das câmeras de tv que passeiam pelo cenário, que vão de um lado a outro, a fotografia é o enquadramento sob um determinado ponto de vista. A leitura das expressões e das ações são feitas a uma certa distância e recorre a um determinado repertório sobre as emoções e as ações que são próprias da natureza humana. Nessa imagem, essa leitura das aparências busca mostrar emoção, a concentração, a sintonia e o esforço das atletas.

Bruna é exaltada na matéria através de suas conquistas e desponta como personagem principal no texto. Há um trecho do texto, por exemplo, que diz: “para se ter uma noção do

feito de Bruna, até o Rio 2016, nenhuma brasileira havia conquistado qualquer medalha paralímpica na modalidade”. Também pode-se anotar um protagonismo de Bruna no seguinte trecho: “durante o jogo de duplas, a ‘veterana’ alternava jogadas espetaculares – tanto no ataque quando na defesa – com momentos em que procurava passar tranquilidade a Danielle, de apenas 18 anos”. Ao final, a participação masculina é mencionada, rapidamente, apenas no último parágrafo do texto.

Por fim, não deixamos aqui de registrar que a página ocupada pela matéria sobre o tênis de mesa está organizada a partir do protagonismo desproporcional de Petrucio Ferreira na imagem onde reproduz o gesto do atleta olímpico Usain Bolt. Há um trocadilho com o raio como é conhecido Bolt e para-raio como menção ao paralimpismo. Em termos de narrativa visual, a página exalta a figura do atleta masculina, ao mesmo tempo que presta deferência a um atleta olímpico.



Figura 49. Página 3 do caderno especial do jornal *O Globo* - Edição de 19 de setembro de 2016



Figura 50. Página 4 do caderno especial do jornal *O Globo* - Edição de 19 de setembro de 2016

Na edição de 19/09/2016, o caderno especial do *Globo* destaca na página 3 a imagem da atleta Edneusa de Jesus. Em uma imagem que remete a tantas outras fotografias que compõem o nosso repertório sobre o esporte, Edneusa aparece beijando a sua medalha de bronze. Gesto convencionado como forma de expressão de vitória, de conquista, de celebração de êxito numa competição. A fotografia sofreu a interferência de um roteiro, uma encenação de um gesto não voluntário, mas que cria uma gramática teatralizada pela ação e pelos elementos que compõem a cena. O recorte na atleta, dispensando o uso de um fundo, o enquadramento em primeiro plano, são escolhas que produzem proximidade com a emoção da

atleta. Ao mesmo tempo, aumenta essa percepção de uma emoção simulada, não espontânea. Pode-se apontar alguns enunciados aderentes nessa imagem: o logotipo dos jogos, o nome do país “Brasil”, o nome Rio 2016, a bandeira brasileira estilizada sobre o uniforme, as formas e as cores nas unhas da atleta. Mas o que capta de forma mais contundente a atenção do leitor é o olhar de Edneusa. O olhar se comunica diretamente com o expectador, com o interlocutor. Edneusa é uma mulher preta, em uma imagem de vitória e que nos lança um olhar direto. A fotografia não revela a sua deficiência.

“Primeiro pódio do Brasil numa maratona feminina”, diz o texto. A matéria sobre a conquista de Edneusa de Jesus pode ser revisado como um possível modelo narrativo onde a relação da atleta com o esporte se sobressai à sua história de vida e à questão da deficiência. A descrição do esporte em suas formas de disputa e os êxitos da maratonista são o fio condutor da narrativa. Ao final, se insere brevemente a forma de deficiência que acomete a atleta, o que torna a informação relevante apenas para que se saiba o tipo de categoria à qual Edneusa pertence. Também há falas da atleta inseridas no texto. Diferente de outros exemplos encontrados no *Globo*, as declarações de Edneusa remetem a sentidos próprios da disputa esportiva. Por exemplo, no seguinte trecho: “me preparei muito para essa minha primeira Paralimpíada e vim com vontade de vencer, ir ao pódio”.

A matéria também exalta a origem baiana da maratonista e utiliza referências da cultura da Bahia que são também referências para o Brasil. Cartões postais da cidade do Rio de Janeiro são as referências cariocas usadas no texto para descrever o cenário da prova. O baiano Dorival Cayme, Copacabana, são elementos simbólicos da cultura regional brasileira que o texto se esforça pra unir ao tema dos jogos. A enunciação trabalha esses elementos para formar esse cenário em torno ao esporte e à figura de Edneusa de Jesus.

Verônica Hipólito é outra atleta que aparece em uma imagem da edição do dia 19/09. Verônica aparece entre os atletas Petrucio Ferreira e Daniel Martins que também competem em provas de velocidade. Todos exibem as medalhas conquistadas nos Jogos do Rio. A fotografia busca representar uma síntese do que foi a participação brasileira nas paralimpíadas. Trata-se de uma encenação entre elementos que, uma vez inseridos na cena, se articulam por um sentido de vitória. Uma cena informal, mas representada. Os sorrisos as medalhas trazidas pra dentro do enquadramento e o Cristo Redentor como pano de fundo, contextualizando a ação. Uma imagem de êxito e comemoração. Algumas linhas se formam imprimindo certa unidade à imagem fotográfica. Linhas verticais, linhas horizontais, diagonais e as formas circulares das medalhas, há uma organização gráfica no interior do enunciado da imagem.

Nesse caso, seria, a princípio, um sentido isolado do texto, já que os personagens na fotografia não são mencionados de forma direta no texto. Mas como parte do enunciado, a fotografia se articula ao texto. Textualmente, a matéria organiza um relato sobre a participação brasileira nas Paralimpíadas do Rio e coloca em questão o número de medalhas alcançado pelo país. O jornal contrapõe o resultado e a reação do Comitê Paralímpico Brasileiro. A matéria coloca em questão o 8º lugar do Brasil no quadro de medalhas, abaixo da meta de 5º lugar estabelecido pelo Comitê Paralímpico, e o esforço da direção do CPB para demonstrar satisfação com a posição alcançada.

Jornal *Folha de S. Paulo*

O jornal *Folha de S. Paulo* apresenta uma cobertura menor sobre os Jogos Paralímpicos Rio 2016 se comparada à cobertura do periódico carioca *O Globo*. A princípio, pensamos na diferença de proximidade entre os dois jornais com os eventos que aconteceram na cidade do Rio de Janeiro. Em relação a São Paulo há um distanciamento maior dos eventos. Já no caso do *O Globo* a proximidade com as competições mantém relação direta com questões econômicas. Quanto mais se captar a atenção da audiência, maior o retorno de público e, conseqüentemente, maior circulação de recursos. A *Folha* adota a expressão Paraolimpíada e não Paralimpíada.



Figura 51. Página 1 do jornal *Folha de S. Paulo* - Edição de 08 de setembro de 2016

A capa do jornal *Folha de S. Paulo*, edição de 08/09/2016, trouxe com destaque a imagem de um dos momentos da cerimônia de abertura dos Jogos Paralímpicos do Rio. A exemplo do jornal *O Globo*, a fotografia escolhida retrata um instante da dança da atleta Amy Pardy com um braço robótico. Amy, que é atleta dos jogos paralímpicos de inverno, tem amputação de membros inferiores. A fotografia dessa interação entre a mulher e máquina, o fator humano e o robótico,

O ciborgue representa um sonho de futuro, a imagem traz essa ideia futurista, de um corpo híbrido que vai além dos seus limites enquanto condição humana. Poderia ser uma síntese de três das tecnologias ciborguianas propostas por Gray, Mentor e Figueroa-Siqueira (apud Tadeu, 2009 p. 12): tecnologias restauradoras que permitem a restauração de determinadas funções, órgãos ou membros humanos; tecnologias reconfiguradoras que criam criaturas, de certa forma, pós-humanas; tecnologias melhoradas em novas criaturas aperfeiçoadas a partir do que seria o humano.

Essa interação entre o corpo de Amy e o robô forma uma imagem gráfica que se destaca do fundo pelo jogo de iluminação da cena. Essa encenação nos leva a refletir sobre a seguinte colocação de Tomaz Tadeu (2009, p. 12): “de um lado, a mecanização e a eletrificação do humano; de outro, a humanização e a subjetivação da máquina”. O autor se refere ao processo do corpo ciborgue e aqui a estendemos para essa interação, uma espécie de interdiscursividade no interior da imagem a partir desse diálogo entre o humano e a máquina. Onde começa e termina o humano e onde começa e termina a máquina.

Por outro lado, Amy Pardy representa a presença feminina na figura de uma mulher que corresponde a certo estereótipo de beleza, um padrão de tipo físico, de corpo atlético, de pele e cabelos claros. Há um paradoxo que podemos discutir, esse ritual da dança tem nesse momento, congelado pela imagem, o instante de elevação da figura feminina como a um culto, ao mesmo tempo em que a questão da beleza se sobressai

Para Donna Haraway (2019, p. 159), “a relação entre organismo e máquina tem sido uma guerra de fronteiras”. Mas para a autora, a imagem do ciborgue poderia induzir a um abandono da ideia de universalização dos corpos e ao descarte das ideias anti-ciência, aproximar a ciência e a tecnologia das relações sociais. Essa imagem da abertura encena algumas dessas possibilidades. Ou, pelo menos, um fechamento provisório nesse sentido.



Figura 52. Página B12 do jornal *Folha de S.Paulo* - Edição de 09 de setembro de 2016

A edição da *Folha* do dia 09/09 traz uma fotografia de mulheres paralímpicas como “imagem do dia”. Três mulheres atiradoras na prova de tiro de carabina de ar. A legenda não traz outras informações como nomes das atletas ou resultados da prova, apenas um código como recurso para acesso a uma galeria de imagens online. A disposição das atletas em cadeiras de rodas forma uma composição com formas recorrentes. O agenciamento técnico dispõe as atletas no espaço e também posiciona o ponto de vista do fotógrafo. Os elementos em cena apresentam uma regularidade de formas, mas também traz um excesso de elementos que representam extensões dos corpos das atletas. Mas são as armas e o gesto de mira que são mais impactantes. Nessa encenação do tiro esportivo, as carabinas chamam mais a atenção do que as cadeiras, ainda que as formas das rodas das cadeiras sejam responsáveis por imprimir uma regularidade gráfica na imagem.

Ainda que sejam simulacros dentro de uma modalidade esportiva mirando um alvo inanimado, a imagem das mulheres armadas encena um sentido de violência. O gesto e a postura das atletas e, principalmente, o foco seletivo no olhar concentrado para fora do enquadramento, determinam um suspense da cena. Armas de fogo são normalmente relacionados a uma prática da masculinidade, associadas portanto ao uso masculino.

Armas carregam um sentido de poder ou de ameaça sobre o outro. Como categoria esportiva, o tiro esportivo é uma adaptação do tiro olímpico. No ambiente do esporte essa imagem das mulheres atletas atiradoras carrega um paradoxo, é esporte sem contato ou confronto, mas é também o uso regulado de armas. O ambiente é controlado, há regras e normas

que regulamentam, uma organização ou federação que organiza a categoria. Portanto, é um esporte. Ainda assim, essa escolha consciente indicando essa cena como imagem do dia reflete esse impacto das mulheres numa prática que remete a um símbolo de poder masculino.



Figura 53. Página B11 do jornal *Folha de S. Paulo* - Edição de 10 de setembro de 2016

A edição da Folha de 10/09/2016 traz uma fotografia da equipe de revezamento da natação brasileira. Como a categoria é mista, a equipe é composta por duas mulheres e dois homens. Na fotografia aparecem: Clodoaldo Silva, Joana Neves, Susana Schnarndorf, Daniel Dias. Os atletas estão formalmente dispostos um ao lado do outro, em uma imagem encenada. Uma imagem recorrente no gênero do fotojornalismo esportivo, que cumpre maior ou menor grau de formalidade de acordo com a abrangência da competição. Quanto maior a repercussão do evento, maior o formalismo dessa encenação e mais rigoroso é o agenciamento em termos de planejar os elementos e organizar o espaço que deverão compor o cenário. Elementos como o pódio, as medalhas, os mascotes, a pose, a direção em que os atletas devem dirigir seus gestos e encenar sua emoção. A imagem é pensada antecipadamente e os personagens são colocados para cumprir esse protocolo. Em competições como as Olimpíadas e as Paralimpíadas, esse momento do pódio deve cumprir um regramento por parte dos atletas e dos representantes dos diferentes canais midiáticos. Os atletas não podem fazer manifestações que descumpram os limites estabelecidos, como gestos políticos, por exemplo. Os uniformes cumprem a função de representar a nacionalidade e a marca que patrocina os atletas. Quanto aos profissionais da

mídia, há um limite que não pode ser ultrapassado. O espaço e a posição para captação de imagens também são previstos por esse agenciamento.

Esse tipo de imagem cumpre, portanto, uma série de regras formais para sua realização. Nesse cenário, fotógrafos, câmeras e até mesmo os atletas são enunciadores e co-enunciadores. Como já destacado em outros casos, fotos de pódio entram para o acervo histórico do evento, dos atletas e das federações esportivas.

Essa imagem do pódio do revezamento da natação tem outras questões ligadas à produção de sentido que são relevantes para questões levantadas por este trabalho. Em termos de representação, temos uma igualdade de espaço de representação, dentro da perspectiva binária que fundamenta as categorias esportivas. Nesse sentido, o êxito é compartilhado entre homens e mulheres. Outra questão passível de ser observada é da diversidade dos corpos na imagem. Como foi colocado no documentário *Rising Phoenix* (2020), considera-se que não há corpos iguais no esporte adaptado. Há uma grande diversidade de configurações corporais no sentido das deficiências. Essa imagem da *Folha* traz essa percepção. O texto ainda reforça essa questão, por exemplo, no seguinte trecho: O público que estava na arena estampava alegria, surpresa e comoção com o time brasileiro, uma vez que as deficiências do grupo formavam uma mistura pouco vista pelas ruas do país”. Também na forma como o jornal introduz a matéria: “Uma mistura bem brasileira e com a cara da diversidade paraolímpica marcou a noite desta sexta (...)”.

A matéria tem ocupa um espaço privilegiado no enunciado em termos de visibilidade e legibilidade, pelo espaço e pela posição que ocupam título, texto e fotografia. O texto fala da conquista da prata e também dá destaque para a despedida de Clodoaldo Silva que é descrito como multicampeão. Também descreve da seguinte forma os tipos de deficiência que acometem os atletas: “Daniel, paulista, não tem uma perna e parte dos dois braços; Joana, potiguar, tem nanismo; Clodoaldo, também do Rio Grande do Norte, teve paralisia cerebral; e Susana, gaúcha, tem uma doença degenerativa que causa múltiplas falências corpóreas”.



Figura 54. Página B12 do jornal *Folha de S.Paulo* - Edição de 11 de setembro de 2016

Na edição da Folha de 11/09/2016 encontramos na página B12 a fotografia da esgrimista Mônica Santos. A matéria sobre Santos ocupa um espaço quase proporcional aos outros dois temas do esporte na página. O primeiro, um texto opinativo sobre o futebol, o segundo, uma matéria sobre a prata de Antônio Tenório no judô paralímpico. O terceiro tema no enunciado da página é a matéria sobre a esgrimista.

A forma de exposição da fotografia que retrata a esgrimista cumpre funções de visibilidade pelo contato visual através do percurso do olhar do leitor. Quanto à sua forma de exposição, o retrato apresenta uma opacidade sobre o rosto da atleta. Márcia Santos foi fotografada em close no seu rosto coberto pela máscara que protege o esgrimista. Uma opção bastante atraente que aguça o olhar. O retrato com foco no segundo plano atravessa a máscara e mostra com definição os traços de Márcia. Provavelmente, a máscara não estava cobrindo o rosto, mas apenas colocada entre o fotógrafo e a esgrimista. Os tons sobre a face são das cores da bandeira brasileira.

Optamos por iniciar a análise descrevendo essas questões de linguagem e de técnica pela relevância que elas apresentam para a construção de sentido dessa imagem. A intenção aparente em revelar o rosto através da máscara produz a sensação de opacidade, algo que se impõe diante da identidade da atleta. O olhar direto para a câmera e a expressão em cada traço do rosto parecem querer dizer algo. São traços femininos, dos quais apreendemos linhas de expressão, lábios pintados, sobrancelhas demarcadas. O olho esquerdo da atleta lança olhar mais direto, com foco mais preciso. Isso faz com que ele seja o centro da atenção nessa

encenação, nesse modo que a fala é encenada. O olhar é sempre um grande enunciador das emoções. O olho funciona como esse mediador das emoções internas e o mundo exterior.

No processo de interdiscursividade com o texto, novas questões podem ser levantadas e todas estão relacionadas à maternidade. Marcello (2004), pensando a partir de Foucault, destaca a maternidade como um dispositivo utilizado pela mídia para dar visibilidade a diferentes formas de se vivenciar a maternidade, meio de tornar visível o que a autora chama de o sujeito-mãe. A maternidade nesse sentido não seria tratada como algo acabado, uma estrutura fechada, mas como algo em constante movimento. No caso da esgrimista Marcia Santos, o texto da matéria faz uma escolha ao organizar a fala que coloca em primeiro plano a maternidade como ponto essencial para narrar os fatos que trouxeram a atleta para o esporte e, portanto, para as competições no Rio. O título já encena certo protagonismo para a maternidade: “depois de arriscar a vida pela filha, gaúcha brilha na esgrima”. A maternidade é a causa que tem como efeito a deficiência e, por fim, a inclusão de Santos no esporte. No trecho a seguir, a matéria expressa a questão da maternidade como uma chave para a mudança e que implica uma consequência: “Mônica tem na origem de sua deficiência uma escolha difícil”. O texto demarca todo o percurso a partir de marcas da maternidade, onde o esporte se torna um coadjuvante na narrativa.



Figura 55. Página B11 do jornal *Folha de S. Paulo* - Edição de 13 de setembro de 2016

A edição de 13/09/2016 trouxe uma foto de uma mulher paratleta. Perla Assunção, jogadora de basquete sobre rodas é a mulher na imagem ao centro da página. A diagramação repete o padrão de divisão do espaço em três faixas horizontais. Na primeira, uma matéria sobre

o nono ouro que entrava para o quadro de medalhas conquistadas pela delegação brasileira. Esse primeiro título faz uma comparação com os resultados obtidos nas Olimpíadas: “Em ouros, Brasil já supera as Olimpíadas”. No segundo bloco da página, a matéria com a imagem que nos interessa analisar. Já a terceira parte é ocupada pela publicidade de uma instituição bancária com referência aos jogos.

A fotografia de Perla Assunção traz a atleta como única personagem no enquadramento, embora pratique um esporte de equipe. A atleta está sozinha em quadra, inserida no ambiente do esporte. A bola em sua mão é outro elemento que remete ao esporte que ela pratica. A imagem faz parte de uma matéria sobre os patrocínios que a organização do Jogos Paralímpicos tentava captar prometendo maior visibilidade às marcas. Como estratégia para atrair as empresas, as marcas foram expostas dentro dos campos e das arenas como forma de garantir algum grau de visibilidade. Diferentemente do COI que proibia esse tipo de ação durante as Olimpíadas, a organização das Paralimpiadas do Rio repetiu a estratégia já testada em Londres e inseriu as marcas no centro dos cenários de disputas.

Como “evento de mídia”, na forma como descreve Elcio Cornelsen (2006, p. 47) a partir das postulação de John Thompson, jogos internacionais se inserem na categoria de eventos organizados fatos dessa natureza acontecem como relatos previamente organizados e planejados para cumprirem “finalidades específicas”

As marcas, assim como o logotipo Rio 2016, o nome Brasil no uniforme, o símbolo da Nike, os dois logotipos na quadra, onde se vê por inteiro o símbolo do Banco Bradesco, funcionam como enunciados aderentes à imagem. Se tratam de enunciados, como nos diz Maingueneau (2020), que se associam a todos os tipos de objetos, no caso dessa imagem: o uniforme, a bola, o chão da quadra. A presença da jogadora na imagem é essencial para o enunciado, mas a matéria não faz nenhuma referência sobre a atleta ou sua equipe. É uma fotografia usada de forma “ilustrativa”. Ainda assim, uma fotografia na página de um jornal sempre vai impregnar esse enunciado de possíveis sentidos. Os próprios modos do corpo de Perla, o olhar para fora da imagem, que mira o texto ao lado e chama a atenção para os dados fornecidos pela cena textual. O esporte feminino é o que mais sofre com as dificuldades de patrocínio. A busca pelo interesse das empresas pelo esporte praticado por mulheres é um desafio enfrentado em todos os níveis de competições esportivas. A imagem de Perla Assunção também pode ser desafiadora nesse sentido, a luta muitas vezes individual na busca por reconhecimento e por uma visibilidade que permita despertar o interesse do capital que patrocina o esporte.



Figura 56. Página 4 do jornal *Folha de S. Paulo* - Edição de 14 de setembro de 2016

Na edição de 14/09/2016 da Folha traz a fotografia da triatleta americana Melissa Stockwell. A foto foi tomada em plongée, onde o fotógrafo enunciator está acima do fotografado. A partir desse ângulo da câmera foi possível enquadrar a atleta em corpo inteiro. Dessa forma se percebe praticamente todo o corpo. Melissa caminha com a ajuda de muletas e tem amputação de membro inferior esquerdo. O enquadramento deixa bem visível a deficiência, ao mesmo tempo em que mostra parte do cenário. A atleta dirige o olhar para a câmera e sua expressão é de tranquilidade, com um sorriso direto para o fotógrafo/expectador. No uniforme azul, o nome da atleta, a sigla USA e as estrelas símbolo da bandeira americana.

Melissa aparece com corpo atlético, com braços e pernas fortes, ainda que tenha uma amputação. O ponto de vista de tomada da imagem tem o efeito de submeter a figura da atleta a um olhar superior. A triatleta dialoga com esse olhar através da resposta na sua expressão facial que consente com a invasão da câmera. A imagem poderia ser de fragilização, mas o primeiro fator a contradizer essa versão é justamente esse consentimento da atleta. Além disso, uma leitura sob esse olhar de fragilização ou vitimização pode se impor de fora pra dentro da imagem. Nesse caso, o capacitismo pode estar carregado de noções sobre uma suposta limitação dos corpos com deficiência.

A matéria sobre a triatleta insere a causa da deficiência de Melissa em um contexto dos conflitos de guerra. Desde o início da história dos Jogos Paralímpicos, a relação com os conflitos e as consequências que trazem aos indivíduos serviu de forma embrionária para o desenvolvimento do esporte adaptado. Feridos de guerra foram os primeiros atletas a

participarem de torneios esportivos para pessoas com deficiência, por iniciativa do médico Ludwig Guttman. O jornal faz esse resgate histórico ao final da narrativa.

A *Folha de S. Paulo* constrói seu texto a partir de exemplos de atletas paralímpicos que foram feridos em conflitos. Por conta de seu destaque através da fotografia, Melissa Stockwell se converte em protagonista dessa narrativa. O texto trata a atleta sob o discurso de heroísmo, como no seguinte trecho: “Exatos 15 anos depois do evento que foi o estopim da guerra em que ela foi ferida, o ataque às Torres Gêmeas, em Nova York, Stockwell recebeu sua primeira medalha, não mais como militar, mas como atleta paraolímpica”. Diferentes cenários de conflito são mencionados na matéria para explicar a causa de deficiência de alguns atletas.

A relação com um corpo que ferido em guerra se processa de forma diferente da ideia de fragilização que carregam os corpos que possuem alguma deficiência por consequência de doença, por alguma causa ligada ao nascimento ou qualquer tipo de acidente ligado à vida particular dos indivíduos. Claro que essa relação também depende do grau em que o corpo desse indivíduo ferido foi afetado. O atleta que lutou em um conflito e se feriu foi vítima de uma violência ligada a uma causa que carrega relação com sentidos de patriotismo, de sacrifício por uma causa ou país. De vitimização, a imagem desse corpo passa a um sentido de heroísmo, mais do que superação. Dessa forma, muda a percepção sobre a performance desses corpos.



Figura 57. Página B11 do jornal *Folha de S. Paulo* - Edição de 15 de setembro de 2016

Denise Schindler é a atleta que aparece na página B11 da edição de 15/09/2016. A pose na fotografia é encenada para deixar a prótese em evidência e também imprimir uma naturalidade da personagem. O ambiente não está relacionado ao esporte. O fundo é composto

por uma vegetação que predomina com seus tons de verde e que também contrasta com o tom da blusa da atleta. As cores predominantes, o tom de verde e esse tom vermelho-laranja são complementares no círculo cromático, portanto, resultam numa composição contrastante, mas, ainda assim, harmônico para o olhar. Essas questões técnicas são sempre escolhas pensadas na produção e na pós-produção e servem para a nossa análise como um fator capaz de deter a atenção do espectador/leitor. As imagens do esporte são comumente captadas a partir da noção de espetacularização, a performance dos corpos no esporte produz imagens de impacto. O esporte se alimenta de imagens espetaculares, congeladas pela fotografia, em slow motion nas imagens em movimento ou na velocidade original de câmeras que perseguem o movimento. Já neste caso, da fotografia que retrata Denise Schindler, o fotógrafo Zanone Fraissat da *FolhaPress*, provavelmente fora do ambiente do esporte, recorreu a outro recurso como impacto na imagem, o efeito da combinação cromática.

A imagem é composta para chamar a atenção para a prótese de Denise Schindler. A prótese é o que permite a inclusão da atleta numa modalidade antes impensada para uma pessoa com amputação de membro inferior. Schindler foi prata no ciclismo de estrada em Londres e no Rio. A partir da informação sobre a origem da prótese da ciclista, feita por impressão 3D, o texto carrega no discurso que opõe a tecnologia e o homem.

São colocados em cena as ambiguidades sobre as quais a questão do ciborgue nos faz confrontar humano e máquina, tecnologia e sociedade, ciência e política. Tomaz Tadeu (2009, p. 11) nos leva a refletir sobre “a conjunção entre o homem e a máquina”: seriam seres humanos artificiais ou máquinas que simulam o humano? Essas questões povoam o imaginário humano há tempos, sintoma também de um sonho amplificado com a modernidade.

As tecnologias capazes de imprimir as próteses criam uma via mais acessível para adaptação do corpo. Seria uma das mais recentes respostas para a questão do “sonho de melhorar as capacidades humanas”. como nos coloca Hari Kunzru (2009, p. 122). O autor da matéria coloca pontos de vista do enunciador e da própria atleta para construir a sua argumentação. O enunciador usa uma das falas de Denise Schindler para reforçar a polêmica entre corpos melhorados e o limite do uso de tecnologias: “Os Jogos buscam grandes resultados, e é claro que as próteses, cada vez mais modernas, têm influência na performance. É o mesmo que as bicicletas de corrida, com aerodinâmicas fantásticas, feitas de materiais muito leves. O que é preciso entender é que não adianta algo super moderno se não houver também um esforço humano 100% capacitado para tirar dele o melhor”. A “controvérsia” é reforçada pelo autor Jairo Marques, como no seguinte trecho: “As novas tecnologias utilizadas na Paraolimpíada, apesar de comemoradas pelos esportistas que as têm à disposição, costumam

suscitar discussões sobre o suposto poder de melhorar índices e desempenhos, alterando o equilíbrio entre os competidores”.

Por fim, lançamos aqui a questão que nos traz Tomaz Tadeu (2009, p. 11) em seu texto *Nós, ciborgues - O corpo elétrico e a dissolução do humano*: “Ironicamente, a existência do ciborgue não nos intima a perguntar sobre a natureza das máquinas, mas, muito mais perigosamente, sobre a natureza do humano: quem somos nós?”.



A edição do dia 17/09/2016 da *Folha* trouxe fotografias de mulheres paratletas em três páginas diferentes, B13, B14 e na capa do dia. Na imagem da capa, a mulher retratada é Silvânia Costa de Oliveira, ouro no salto em distância. A atleta também aparece nas edições do *Globo* e do *Estadão* nesta mesma data. A medalha de ouro no salto em distância conquistada por Silvânia foi retratada também na capa do jornal *O Globo*, além do destaque na primeira página da *Folha*. Já o jornal *O Estado de S. Paulo* trouxe o assunto apenas em suas páginas internas. Ainda assim, os três jornais deram visibilidade à conquista de Silvânia, ainda que encenada de diferentes formas.

A fotografia na capa da *Folha* é de Simon Prudy da Associatrdr Press. Como discurso do gênero do fotojornalístico esportivo, a imagem apresenta elementos que dialogam com uma rede de discursos que fazem parte desse campo discursivo. Na recorrência de um modelo pré-estabelecido, é possível identificar a encenação própria à categoria esportiva inserida nos grandes eventos midiáticos. A medalha é o valor notícia nesse caso. Dentro das formas de organização dos jogos olímpicos e paralímpicos, o valor simbólico do êxito na competição se

convenciona pela medalha. Resultado de uma performance, são as medalhas que separam os atletas, que criam uma hierarquia dentro do esporte.

A fotografia do salto de Silvânia mobiliza uma memória de outras imagens já vistas sobre esse mesmo esporte. O cenário, o foco na atleta que destaca a atleta do fundo desfocado. O efeito na textura da areia é característico em imagens desse esporte. Também o uniforme com os enunciados como o nome do país, o logotipo dos jogos, o nome do patrocinador. A expressão do corpo da paratleta é o que diferencia esse discurso, cria essa nova cena.

Silvania é uma mulher atleta com deficiência visual. Na imagem, ela parece buscar com as mãos um ponto de apoio. É a manifestação do *ilinx* de Caillois onde ocorre a vertigem com a suspensão por um instante da percepção do tempo e do espaço no momento da ação. A legenda e a breve descrição que acompanham a imagem acrescentam poucas informações sobre a cena e atleta. O ouro é mencionado rapidamente. Neste caso, a imagem do salto de Silvânia imprime um valor estético da cena genérica de onde se impõe um valor ideológico da mulher atleta com deficiência visual figurando na capa de um jornal de grande circulação nacional por conta de sua conquista no lugar mais alto de um esporte paralímpico.

Na imagem da página B13 da *Folha*, está a dupla do bocha que conquistou um dos ouros do Brasil, Evelyn Oliveira e Antonio Leme. A categoria que Evelyn e Antonio disputam é destinada a atletas com deficiência severa. Na foto posada, os dois atletas estão sorrindo para a câmera e de costas para o ginásio. Portanto, o cenário esportivo é um dos personagens da imagem. As medalhas no peito, a expressão de alegria, as luzes do ginásio, elementos que encenam a inclusão dos atletas no esporte. A deficiência de locomoção severa é um tipo de deficiência que costuma ser bastante aparente. Alguns tipos de deficiência são menos aparentes e modificam nossa percepção sobre o que é uma pessoa com deficiência. Em muitos casos, precisamos recorrer ao texto para decifrar em qual categoria aquele atleta se enquadra, qual seu tipo ou grau de deficiência.

A questão da inclusão é reforçada já no subtítulo (linha fina) da matéria que diz: “Evelyn Oliveira e Antonio Leme, ouro na bocha na Paraolimpíada, exprimem por suas histórias pessoais o valor do esporte como inclusão”. O texto todo é tecido pela história de vida dos dois atletas, das dificuldades à possibilidade de inclusão pelo esporte. “O esporte tem condição de mostrar que somos iguais”, diz Antonio. O texto deixa claro como os tipos de deficiência severas criam uma série de complicações e impedimentos sociais que envolvem capacitismo, violência física e violência psicológica.

Evelyn e Antonio relatam dificuldades semelhantes, de acesso à educação formal e falta de recursos financeiros para adquirir equipamentos necessários para a participação no

esporte. A deficiência é o fio condutor da narrativa sobre a dupla que separa as duas histórias individuais por dois caminhos, o coração para Leme e o cérebro para Evelyn Oliveira.

Duas oposições se revezam no funcionamento entre intra e interdiscurso: exclusão e inclusão, cérebro e coração. Portanto, dois valores antagônicos estão em funcionamento na enunciação. A fotografia também concorre nesse sentido, como parte da enunciação, como elemento de interdiscursividade.

Já a página B14 introduz uma galeria de imagens que trouxe como marca verbal uma legenda geral para todas as fotografias. No total, este quadro é composto por sete fotografias as quais são editadas a partir da expressão “aquele abraço”. O funcionamento dessa cena criada a partir das imagens implica essa ideia do abraço, mas não qualquer abraço, aquele abraço que é o mesmo da canção que diz que o Rio de Janeiro continua lindo. Aqui também um processo interdiscursivo.

São os corpos em suas formas e gestos, inseridos em diferentes cenários, que concorrem para formular o sentido. Neste contexto, a legenda investe para impor um fechamento. A partir de personagens em cenas diferentes, essa rede de imagens encena uma forma textual onde cada fotografia foi vista a partir de uma recorrência como fechamento provisório de sentido. A intericonicidade está na emoção encenada, em possibilidades já vistas de expressão de emoção e que reconhecemos nos indícios deixados pelos corpos nas imagens.

Esse tecido formado como discurso visual apresenta atletas femininas e masculinos, embora nem todos se possa ver com clareza. O binarismo é sempre um determinante no espaço do esporte e nos leva a buscar essas pistas deixadas por corpos sobre essa noção normativa. O abraço é o protagonista e é também a linha narrativa que processa uma interdiscursividade. Esse quadro também desenha indícios de corpos diversos que interagem internamente nas imagens e também ultrapassam as fronteiras dos enquadramentos. Vale pensar as sete imagens que formam esse quadro emotivo como um enunciado completo, como fragmentos de um único discurso. Tendo o Rio como cenário, os abraços unem esses corpos no espaço do esporte a partir da emoção, o que pode também ser pensado por um sentido de inclusão.



A edição de 19 de setembro de 2016, faz um balanço com o final dos jogos. Nessa edição, as mulheres paralímpicas foram representadas em três imagens, em três páginas diferentes. Na página 2, o jornal apresenta um balanço da participação brasileira nos jogos do Rio e discute sua colocação no quadro de medalhas. Cinco fotografias compõem o enunciado da página da *Folha*. Em cada fotografia, o destaque para um atleta brasileiro. Do total dessas cinco imagens, apenas uma retrata uma atleta feminina, trata-se da mesatenista Bruna Costa Alexandre. O personagem de maior destaque entre as imagens é o corredor Petrúcio Ferreira. Os outros quatro atletas retratados estão aos pés do corredor. A fotografia de corpo inteiro de Petrúcio ocupa mais de 60% da altura da página, dividido a metade do espaço horizontal com o texto. Há, portanto, um destaque desproporcional dedicado a Petrúcio, enquanto os atletas Daniel Dias da natação, Bruna Costa do tênis de mesa, Evanio da Silva do levantamento de peso e Eduardo Costa de Oliveira do atletismo estão divididos em fotos do mesmo tamanho, em plano fechado, com destaque para os rostos e suas expressões.

Neste contexto, a atleta Bruna Costa aparece em uma fotografia onde seu olhar está direcionado para cima, como se estivesse voltado para a imagem de Petrúcio Ferreira. A foto se assemelha à imagem de Bruna que foi usada pelo jornal *O Globo* no dia 14/09/2016. A mesatenista é a única mulher entre quatro atletas homens. A breve descrição sob a foto de Bruna destaca, entre outras informações: “A catarinense se tornou a primeira brasileira a obter medalha no tênis de mesa em Paraolimpíada”. Se tomamos os processos de encenação entre as cinco fotografias, o percurso de leitura a partir da imagem de Bruna Costa remete de volta para a figura de Petrúcio. Efeito que não ocorre com as expressões dos três atletas masculinos que

estão na mesma posição de Bruna. Além de ser um enunciado onde há sub-representação feminina, é também uma imagem que produz um efeito de submissão ou de inferioridade a uma imagem masculina.

A página 3 se abre junto à página 2. Nesta página, ainda na matéria sobre o balanço da participação brasileira, com mais cinco imagens de atletas brasileiros compondo a cena completa do texto, aparecem mais três atletas femininas. Na primeira fotografia, da equipe da bocha, estão Evelyn de Oliveira e Evani Soares acompanhadas das respectivas calheiras. Outra fotografia traz Shirlene Coelho que ganhou 01 ouro e 01 prata no atletismo. Pouco destaque para três mulheres que participaram com dois ouros no quadro final de medalhas.

Ainda que não seja objeto de análise nessa pesquisa, a publicidade do Banco Bradesco concorre para os sentidos nessa página do jornal, pela sua visibilidade, traz com grande destaque em seu anúncio, a figura de uma mulher atleta da corrida em cadeira de rodas. Essa imagem se torna relevante dentro de todo o enunciado pela forma como ela invade o espaço. A mulher tem um olhar e uma expressão de concentração, mas é também uma imagem sem cores e que, por isso, se dilui no quadro. A frase em vermelho “foi ainda mais Bra” produz uma relação de intertextualidade com a frase “Agora é BRA” que foi utilizada pelo banco durante os Jogos Olímpicos de 2016. O BRA fica claro que deriva da primeira sílaba de Brasil e Bradesco. A palavra “mais” poderia entrar nesse balanço dos jogos pela quantidade de medalhas alcançadas pelo Brasil, número maior do que as conquistas nos jogos olímpicos.

Imagens e formas textuais constroem a cena do enunciado, organizam a fala nesse balanço que a *Folha* faz da participação brasileira não só nos Jogos do Rio, mas sobre sua evolução ao longo das edições das paralimpíadas. O título da matéria lança uma sombra sobre o resultado do Rio dizendo “País fica fora do 'top 5' por ouros e não alcança meta”, mas contrapõe no subtítulo: “Dado positivo é que delegação atingiu recorde de medalhas no Rio”. O texto trabalha novamente com a contradição, a oposição da crítica pela queda no ranking geral contrastando com o resgate de dados positivos sobre as conquistas do Brasil.

O texto coloca duramente a questão do resultado abaixo do planejado pelo Brasil nos jogos do Rio: “Mas nenhuma explicação parece suficientemente convincente para explicar o resultado da delegação brasileira, a maior da história, com 287 competidores, a que mais recebeu recursos financeiros, quase R\$ 400 milhões em quatro anos, e a que mais tinha condições de aproveitar o clima de apoio da torcida que enchia as arenas”. E nessa sequência argumentativa o enunciatador ainda acrescenta: “O Brasil involuiu no total de ouros garimpados em Londres”. Na sequência, avançando um pouco no texto, o autor traz: “O país, contudo, construiu marcas históricas importantes, como a quebra do recorde de premiações — de 47,

em Pequim, para 71, no Rio”. O texto encena essa contradição na forma como organiza a fala. Ao mesmo tempo, o título é sempre uma forma de introduzir o tema e conduzir a leitura por um determinado sentido. Portanto, embora haja uma contra argumentação no intradiscurso, o enunciado produz uma cena em que os resultados da delegação brasileira são desvalorizados e a mulher está sub-representada.

Por fim, a página 4 destaca uma atleta estrangeira, Tatyana McFadden dos Estados Unidos. O quadro ao lado da imagem de Tatyana traz a colocação dos países por número de medalhas, comparando aos números das Olimpíadas. Os EUA aparecem como 4º lugar no ranking paralímpico e 1º no ranking olímpico. Tatyana conquistou 4 ouros e 2 pratas no Rio. A atleta nasceu na Rússia, mas foi adotada por um casal norte-americano e se naturalizou nos Estados Unidos.

A fotografia de Mauro Pimentel que retrata McFadden cumpre com os requisitos da cena genérica do fotojornalismo esportivo. É o congelamento de um momento em que a corredora parece chegar ao final de uma prova. Estão presentes no enquadramento o cenário e a pista. O foco é bastante preciso sobre Tatyana com o fundo todo desfocado. Ainda assim, é possível perceber que há outras atletas atrás da representante dos EUA. O desfoque do primeiro para o segundo plano e o enquadramento isolam McFadden à frente e passam a impressão de distanciamento das oponentes. As cores do fundo também produzem uma imagem fotogênica, embelezada através da técnica, no modo como nos coloca Roland Barthes em *O óbvio e o obtuso* (1990). As lentes do fotojornalismo, portanto a técnica, o ângulo de registro da imagem são fatores técnicos da produção que possibilitam a impressão desse tipo de composição. Essa característica imprime certo sentido à imagem, as cores diluídas ressaltam ainda mais a atleta que salta desse fundo com um sorriso na sua expressão, com a cadeira de rodas que é a extensão das suas pernas. A força dos braços e as rodas permitem que a atleta alcance o resultado desejado, corpo e máquina trabalham juntos.

Quanto ao texto, há uma comparação constante com resultados de atletas de diferentes nacionalidades, além de fazer um paralelo com o ranking dos jogos olímpicos. Essa escolha enunciativa não tem um objetivo útil ao sentido do esporte paralímpico. Mas o que se torna um problema nesse texto é o uso da expressão “atleta deficiente”, “esportista deficiente”. A questão realmente problemática nesse uso é que não existem pessoas deficientes, assim como não existem portadores de deficiência que conota um sentido de portar como uma doença. A pessoa com deficiência é o correto porque é uma condição do corpo. A totalidade da pessoa não muda o fato de que ela faz parte de uma realidade social, tem seus direitos como todos os indivíduos,

assim como obrigações. Pessoa deficiente é um termo pejorativo, depreciativo das capacidades. Portanto, uma expressão de capacitismo.



Figura 64. Capa do jornal *O Estado de S. Paulo* - Edição de 11 de setembro de 2016.

A capa do jornal *O Estado de S. Paulo* do dia 11 de setembro de 2016 apresenta muitos elementos visuais e verbais. Nesse enunciado há uma chamada discreta sobre os jogos paralímpicos em uma foto da atleta Shirlene Coelho. A chamada junto à foto cita a medalha de ouro de Shirlene no dardo e do atleta Claudiney dos Santos que foi ouro no disco. Também é relevante mencionar que no período dos jogos outros assuntos disputavam espaço da capa dos jornais e questões políticas estavam em alta. Eleições municipais e investigações contra corrupção estavam em evidência e ganhavam destaque nas primeiras páginas dos jornais.

Nessa primeira página do *Estadão*, o esporte paralímpico aparece com pouco destaque. A partir de critérios de hierarquização, a fotografia da atleta Shirlene Coelho estaria privilegiada por duas condições: ser veiculada na capa do jornal e pelo percurso de leitura da página. Ainda assim, a imagem é colocada de forma pouco visível pela sua proporção em relação a totalidade da composição da página. O texto breve indica o nome da atleta, ainda que o espaço seja reduzido.

A foto é do Wilton Júnior da *Agência Estado*. Feita em contra-plongée, a imagem nos dá a sensação de voo e liberdade. Também alegria pelos gestos e expressão da atleta. A fotografia é também um recorte da personagem, que exclui o cenário. De toda forma, há muitos

elementos concorrendo com a imagem da atleta, o que faz com que ela esteja dispersa no espaço da diagramação.



Figura 65. Jornal *O Estado de S. Paulo* - Página D6, Edição de 12 de setembro de 2016.

Duas atletas aparecem na página do *Estadão*, a belga Marieke Vervoort dos 400 metros para atletas com deficiência motora e, acima, a norte-americana Tatyana McFadden, ouro no atletismo. As duas atletas competem em cadeira de rodas. Mas recebem destaques diferentes. Acima, a imagem de Tatyana McFadden apenas com uma legenda que diz que ela havia conquistado a sua 12ª medalha da carreira. Abaixo, Marieke Vervoort com muito mais destaque comparado à americana. A cena que envolve Marieke destaca a questão da eutanásia a que a atleta pretendia se submeter.

Nas questões de visibilidade e legibilidade a imagem de Marieke Vervoort recebe maior destaque, desproporcional ao espaço reservado a McFadden. Não há crédito na imagem da belga, mas o texto é assinado por Marcio Dolzan. Assim diz a legenda que acompanha a imagem: “Último ato no Rio: Depois dos Jogos Paralímpicos no Brasil, Marieke Vervoort terá a vida e a morte nas mãos” e o título fala em eutanásia.

Aqui, o que se reafirma sobre o corpo com deficiência é a fragilidade sobre o êxito, a história de uma mulher atleta contada de forma sensacionalista através de uma narrativa dramática que ocupa mais de 50% do espaço da edição, enquanto o êxito de outra atleta recebe um pequeno espaço no topo da página. O tamanho da imagem de McFadden não permite ver com boa definição as expressões e traços da atleta. Já no caso de Vervoot, o plano de tomada

ênfatiza mais a cadeira de rodas do que a medalha. Ainda assim, a imagem da atleta é positiva nos seus gestos e expressões, nos elementos incluídos no quadro como o ambiente que remete ao evento Rio 2016. A fotografia passa por um processo de agenciamento para incluir o cenário que remete aos jogos, a pose com a medalha na mão, as expressões os gestos encenados.

Marieke Vervoort também foi mencionada pelo jornal *O Globo*. A atleta foi personagem recorrente nos canais midiáticos durante as parolimpíadas a partir de um discurso polêmico que colocava sempre em contraposição vida e morte. Por conta da decisão de recorrer a uma eutanásia, mesmo sem data definida, a atleta ganhou visibilidade. No centro das discussões propostas através da figura de Vervoort, o peso dessas duas forças, vida e morte, e a questão das escolhas individuais com o direito a decidir quando interromper a vida.

No caso do *Estadão*, todo o texto que descreve a história de Marieke Vervoort evidencia as doenças que acometem a atleta. Sofrimento, choro, eutanásia são descritos como parte da vida da belga. Há um processo de vitimização e fragilização. Ainda que o texto descreva que “quando morrer, Marieke espera que as pessoas lhe vejam como alguém que passou uma mensagem positiva”, os sentidos no texto caminham mais para as questões de morte do que de vida. A questão do esporte é colocada em um segundo plano. O sentido do sofrimento penetra na imagem através do discurso verbal, embora a imagem resista a uma ideia de vitimização da atleta pela encenação, inclusive pelo ângulo em contra-plongée. A matéria remete aos tipos descritos por Zapatero e Soloaga (in Martínez-Oña e Ana M. Muñoz-Muñoz, 2015) é a mulher frágil e submetida, relacionada a tristeza e languidez.



Na foto de Sergio Moraes da agência *Reuters*, que nos levou a selecionar essa página do *Estadão*, estão quatro atletas chineses da equipe mista de revezamento 4x50m livre. São duas mulheres e dois homens em posição de igualdade. A imagem traz uma cena agenciada, organizada para o registro do ritual da entrega de medalha. Essa encenação, o momento do pódio, é recorrente no fotojornalismo esportivo e faz parte da linguagem do gênero do jornalismo esportivo. Esse é um ritual previsto e agenciado pela organização dos eventos esportivos. Nessa foto de premiação da equipe chinesa, os quatro atletas chineses cumprem esse ritual através de gestos e expressões corporais. Imagem que já faz parte do imaginário sobre o esporte. Trata-se de um tipo de formulação que se repete como requisito de expressão do esporte em praticamente todas as categorias.

Nessas representações, os atletas estão sempre inseridos no ambiente que remete ao espaço das competições. O próprio *Guia para Imprensa* (2016) do CPB recomenda esse tipo de imagem que associe o atleta ao esporte e ao êxito. Ainda que a imagem seja positiva, título e texto falam em suspeita e desconfiança quanto aos resultados conquistados. Título, matéria e fotografia são contraditórios. A imagem apresenta duas atletas femininas que atuam na equipe chinesa, mas seus desempenhos estão sob suspeita segundo o texto que se apresenta.

Em termos de equidade, no fotograma onde estão retratadas as duas atletas femininas com os atletas masculinos, há um estado de igualdade com todos no mesmo plano e ocupando o espaço de forma equilibrada. Em contraposição, há outras duas imagens que focam na ação e no movimento de atletas masculinos, um chinês e um ucraniano. Quando à visibilidade, os atletas masculinos ocupam papel de destaque no enunciado em relação às duas atletas femininas. Observando a totalidade da página, a partir das imagens, as mulheres são minoria e aparecem com pouco destaque em relação aos homens atletas.

“Equipe da bocha celebra ouro com festa brasileira”, essa é a legenda que acompanha a fotografia da equipe de homens e mulheres da bocha. Das três imagens dos jogos, somente em uma delas aparecem mulheres atletas. A imagem, pela resolução e tamanho, exige uma observação atenta para se verificar que há mulheres na imagem.

A matéria fala das conquistas obtidas pela delegação brasileira no dia anterior, entre eles, a bocha. A foto é de Ueslei Marcelino da agência *Reuters* e o texto de Constança Rezende e Marcio Dolzan. As atletas cadeirantes Evani Calado e Evelyn Oliveira, aparecem em uma imagem de comemoração no cenário do esporte. As duas trazem também a bandeira do Brasil. Evelyn Oliveira foi personagem também de matérias do *Globo* e da *Folha*.

Em termos de visibilidade, a fotografia das atletas é apresentada com certo destaque, mas a imagem das mulheres se dilui entre os outros personagens e as outras duas fotografias que destacam atletas masculinos. Também pode-se verificar que uma das atletas está quase cortada da imagem, o que nos leva a questionar se há uma demonstração de um certo descaso ou desconhecimento na produção ou na pós-produção. Uma das atletas é quase deixada de fora do enquadramento.



Figura 68. Jornal *O Estado de S. Paulo* - Página A22, Edição de 15 de setembro de 2016.

A edição de 15 de setembro de 2016 traz a foto de Debora Benevides, atleta da canoagem. O crédito na foto é de Tânia Rêgo da *Agência Brasil* e o texto assinado por Paulo Favero. O texto destaca o apelido da atleta como forma de tratamento: Indiazinha. Há um fator racial que se acrescenta no caso de Debora. Essa forma coloquial de remeter às origens da atleta pode incorrer em uma leitura que admite estereótipos sobre os povos indígenas.

A foto de Benevides aparece em destaque na parte superior da página. Mostra a atleta em ação, na água, com um cenário que favorece todo o enquadramento. O foco na atleta que sorri com a parte direita do rosto mais iluminada. Os traços da atleta podem ser percebidos e a faixa trançada na cabeça remetem à sua origem que justifica seu apelido, Indiazinha. É uma imagem que cumpre bem as determinações do *Guia da Imprensa*, já que o cenário é o ambiente da prática do esporte e a atleta está em ação, ainda que não conote esforço, sua expressão é

suave e alegre. Os braços da atleta compõem uma imagem de força. As luzes e o enquadramento mostram um corpo atlético.

A fotografia da atleta traz o sentido de competição, remete totalmente ao esporte praticado pela atleta, identifica bem quem é Debora. Ainda assim, a matéria traz poucos dados sobre a trajetória da atleta no esporte. A maior parte do texto é composta por uma narrativa sobre a perda da mãe, a história de abandono da atleta pela família biológica, sua adoção por uma nova família, a má formação que a impede de mover parte dos membros inferiores. O esporte aparece como forma de inclusão. O quinto lugar conquistado pela atleta na paracanoagem é narrado como um início no esporte. A matéria também erra a data de nascimento da atleta, mas a idade aparece correta demonstrando a juventude da atleta que tinha 21 anos na época.

A página que traz a foto de Debora Benevides também traz uma fotografia de Verônica Hipólito. A paratleta que conquistou o bronze nos 400 metros rasos T38 aparece ao centro da página em imagem recortada mostrando a medalha que conquistou. A expressão e os gestos de Verônica são de alegria. Assinado por Constança Rezende, o texto também investe a sua maior parte para narrar as dificuldades que Hipólito enfrenta com sua doença. Mesmo destacando a fala de Verônica que diz “Não quero ser vista como ‘coitadinha’. Na hora da corrida, não tem muito tempo para pensar em tumor”, a matéria ainda segue reafirmando que a atleta é acometida por um tumor que pode dificultar o seu desempenho. A fotografia fala em alegria e conquista, o texto dispensa mais tempo a reafirmar “a deficiência”.

Toda a página é dedicada a mulheres atletas. Quatro imagens destacam mulheres em situações ligadas ao esporte. É preciso registrar que, acima, também há uma outra fotografia, essa do hipismo onde aparece cortada a atleta que está ao chão e o cavalo ao seu lado. De toda forma, as duas fotos mais abaixo são da atleta olímpica Simone Biles e da nadadora Etienne Medeiros. A matéria sobre Simone fala sobre a acusação de doping nas Olimpíadas do Rio. Já a matéria sobre Etienne traz dados sobre o seu desempenho para a conquista de uma vaga no Mundial de Natação. Temos, portanto uma matéria que negativa, com a suspeita do doping da ginasta Simone Biles e uma matéria positiva sobre os bons resultados da nadadora Etienne.

A página do Estadão é dedicada a mulheres do esporte que atuam em diferentes modalidades. Há uma representatividade de mulheres., mas se faz necessário pontuar quais os tipos de representação aparecem. As fotografias trazem imagens de inclusão, de êxito, remetem ao esporte e a atuação das atletas. Ainda assim, os textos fragilizam, vitimizam, colocam as mulheres sob suspeita quanto ao potencial de suas conquistas.



Figura 69. Jornal O Estado de S. Paulo – Página, A21, Edição de 16 de setembro de 2016

Figura 70. Jornal O Estado de S. Paulo - Página A22, Edição de 16 de setembro de 2016.

Foi preciso um olhar bastante atento para perceber que há uma fotografia de uma atleta feminina na página do dia 16 de setembro. De todos os componentes da página, há uma foto à direita, na porção inferior da página, onde aparece um quadro de medalhas do dia anterior. A foto é da atleta Marivana Oliveira do arremesso de peso. O crédito na imagem é de Fernando Maia do Comitê Paralímpico Brasileiro.

Marivana comemora o bronze no arremesso de peso. Os elementos como o cenário, mesmo desfocado, a bandeira, o uniforme, além da expressão corporal com os braços abertos, a expressão da atleta, o plano de tomada da imagem, todos compõem o sentido de comemoração. A fotografia de Marivana é usada de forma ilustrativa, colocada a um canto da página.

Aqui propomos uma revisão das matérias sobre os Jogos Paralímpicos que criam todo o enunciado da página. As duas matérias principais são de modalidades masculinas, rugby em cadeira de rodas e futebol de 5. As imagens dos homens conotam ação nos cenários onde competem. Os textos, assinados por Paulo Favero e Marcio Dolzan, descrevem os jogos acentuando as características das competições com uso de adjetivos. São textos narrativos que descrevem as formas, as regras e os objetivos dos jogos. Auxiliam o público a entender os mecanismos de cada modalidade, a forma de competir. O título sobre o futebol traz ainda uma menção ao jogador Neymar, estrela da seleção brasileira de futebol: “Brasil tem seu ‘Neymar’ no futebol de 5”. Se refirmam modelos masculinos através de esportes entendidos pelo senso comum como modalidades propriamente masculinas.

A fotografia na página do *Estadão* de 16 de setembro de 2016 traz a arqueira iraniana Zahra Nemati em posição de tiro. A fotografia registra e congela o momento em que a flecha é lançada. Capta também a expressão concentrada da atleta. Todo o aparato, o gesto, a vestimenta e o fundo verde destacam a ação da atleta. O crédito na foto é de Fabio Motta do *Estadão*. E acompanha legenda sobre o ouro conquistado por Zahra.

O olhar e a expressão facial da atleta são as características mais marcantes na fotografia. A imagem de meio corpo da atleta e o arco aparece como uma extensão de seu corpo. É através desse instrumento que Zahra ultrapassa seus limites e vence no esporte. Corpo e máquina são a extensão um do outro, o arco amplia a capacidade do corpo com o objetivo do jogo.



Figura 71. Capa do Jornal *O Estado de S. Paulo* - Edição de 17 de setembro de 2016.

Figura 72. Jornal *O Estado de S. Paulo* - Página A23, Edição de 17 de setembro de 2016.

A capa do *Estadão* destaca a imagem de um beijo. A legenda apenas descreve: “Beijo e vitória - Casal de canadenses do basquete em cadeira de rodas comemora. Paralympíada termina amanhã. ESPORTES / PÁG. A23”. A página indicada na legenda não faz nenhuma menção ao evento da foto de capa. O que temos na capa é uma “foto legenda” para chamar a atenção para as Paralimpíadas.

Com a ausência de informações verbais, os indícios a serem buscados estão todos na fotografia. A imagem é de afeto entre um casal, mas o que salta aos olhos é a simbiose dos corpos e dos mecanismos que são extensões para garantir a locomoção dos indivíduos. As máquinas se misturam aos humanos na cena. Os nomes dos envolvidos não são citados,

aparentemente vemos um homem com próteses de membro inferior sentado sobre a mulher em cadeira de rodas. Os gestos são de afeto e cumplicidade com o abraço e o beijo.

Silvânia Costa é a atleta retratada em matéria na porção inferior da página do *Estadão*. O jornal traz acima um atleta masculino em maior destaque em termos de imagem e texto. “Um salto na história paralímpica” é o título da matéria sobre o alemão Markus Rehm, chamado no texto de voador do salto. Toda a matéria destaca aspectos do desempenho do atleta. Gráficos, dados e imagens descrevem as capacidades do alemão no salto, destacando o uso da prótese.

Já a matéria sobre a brasileira traz o título “Amor à filha levou Silvânia Costa ao esporte”. A atleta foi medalha de ouro no salto em distância, categoria T11, para atletas cegas. A fotografia destaca um momento do salto e a expressão fica entre força e dor. Trata-se de uma fotografia da ação congelada, com foco na figura de Silvânia, seguindo uma linguagem e um padrão de imagem do fotojornalismo esportivo normalmente dispensados a este tipo de modalidade. Os óculos da atleta sugerem a deficiência visual. O crédito da foto é de Fábio Motta, do *Estadão*. As diferentes formas de encenar a maternidade.

O texto sobre Silvânia Costa é assinado por Constança Rezende e foca a narrativa na história de vida da atleta, na sua relação com a família. A todo momento retoma a ideia da maternidade e do cuidado com a filha: “divorciada e com filha para sustentar (...)”. O próprio desempenho de Costa é associado à sua condição de mulher sozinha que enfrenta a necessidade de cuidar da filha. Aqui há um exemplo de representação através da vinculação aos valores familiares, que reafirma o vínculo com a família e a prole. A narrativa transmite uma ideia de fragilidade onde o esporte é mais uma saída do que uma atividade profissional para essa mulher. Os sentidos do esporte são deixados de lado, o foco está na questão da mulher cuidadora, ainda que a atleta tenha conquistado o ouro na sua modalidade.

Na descrição proposta por M^a Dolores Cáceres Zapatero e Paloma Díaz Soloaga (2008), segundo Muñoz-Muñoz e Martínez-Oña (2015), a narrativa sobre Silvânia é contada a partir do amor maternal e da família. Díez (2011) também descreve a recorrência das representações através da vinculação aos valores familiares e ao vínculo com a família e a prole.



Figura 73. Capa do Jornal *O Estado de S. Paulo* - Edição de 18 de setembro de 2016.

Figuras 74 e 75. Jornal *O Estado de S. Paulo* - Páginas D4 e D5, Edição de 18 de setembro de 2016.

A foto na capa do jornal *O Estado de S. Paulo* aborda um momento de interação entre público e atletas das Paralimpíadas. Na foto, de autoria de Wilton Júnior, as atletas campeãs da bocha Evani Calado e Evelyn Oliveira aparecem cercadas por torcedores brasileiros. Em destaque, ao centro da página, o título “Paralimpíada vira hit entre as crianças” acompanha a imagem.

Em plano aberto, o fotógrafo enquadra uma mão com celular fotografando a pose entre atletas e público torcedor. A foto dentro da foto. Uma cena de interação com o Parque Olímpico e a paisagem de fundo. O texto repercute o contato entre público e paratletas e afirma que os jogos ajudaram a diminuir os preconceitos em relação a pessoa com deficiência. Com o uso da imagem de crianças entre os fotografados, o jornal defende a ideia de popularização entre o público infantil.

Alguns tipos de deficiência são menos visíveis. Já as atletas Evani Calado e Evelyn Oliveira possuem um tipo de deficiência mais visível, um certo tipo de alteração motora que modifica o corpo e torna necessário o uso da cadeira de rodas. A fotografia procura passar a ideia de aproximação e naturalização da figura das atletas junto aos torcedores. A imagem e o texto fal

A foto principal das páginas internas D4 e D5 da edição do dia 18 de setembro de 2016 também procura repercutir o que já foi dito na capa. A imagem em si reforça o significado de interação entre público e atletas paralímpicos. As atletas da bocha Evani Calado e Evelyn Oliveira aparecem cercadas de público/torcedores em uma imagem ainda mais aberta, um plano geral que apresenta uma porção ainda maior do Parque Olímpico. A foto aberta em duas

páginas, ao centro, coloca as paratletas como figuras centrais de todo o enunciado. Algumas pessoas tiram fotos com as atletas, outras tiram fotos das atletas e as campeãs da bocha sorriem para as pessoas ao centro da imagem, são elas as figuras centrais das páginas. O jornal descreve: “campeãs de bocha vivem dia de estrelas”. Já segundo Evelyn: “A medalha simboliza todo um trabalho realizado e ajuda a apagar essa imagem que a cadeira de rodas muitas vezes passa, de fragilidade”. Para atletas, os sentidos que estão em jogo são aqueles que dizem respeito ao potencial competitivo da pessoa com deficiência no ambiente do esporte. O jornal tenta naturalizar a imagem da pessoa com deficiência através desse momento de interação passado pela fotografia. O documento passa a ser ilustrativo de uma ideia.

A imagem das duas mulheres paratletas, Evani e Evelyn, representam no enunciado do jornal a ideia de inclusão da pessoa com deficiência. Termo destacado no título principal da página, “inclusão” representa aqui a noção de inserção da pessoa com deficiência para participação em atividades do meio social. As duas páginas são construídas de forma a destacar a experiência de aproximação de quem não tem nenhum tipo de deficiência da realidade da pessoa com deficiência. Ainda assim, parece reforçar as diferenças e as distâncias.

A matéria principal, assinada por Constança Rezende, Marcio Dolzan e Paulo Favero, força a percepção de que a realização dos jogos teria promovido a ideia de “inclusão”. O seguinte trecho abre a matéria principal:

“Mesmo que ainda não seja o ideal, é perceptível que o mundo está mais inclusivo para as pessoas com deficiência, principalmente se comparamos os dias atuais a décadas passadas. Nos Jogos Paralímpicos no Rio, isso é até mais visível. No Parque Olímpico, por exemplo, crianças se divertem e assistem aos eventos como se eles estivessem na própria Olimpíada, sem nenhum tipo de preconceito”. (Matéria *O Estado de S. Paulo* - Páginas D4, edição de 18 de setembro de 2016)

A forma de comparação nesse parágrafo expressa um equívoco no sentido de que demonstra um juízo de valor, quando, na verdade, tudo é esporte. Os sentidos do esporte, a profissionalização e o alto rendimento trazem os sentidos próprios das atividades esportivas. Não é exatamente o público que determina esses valores, é o jogo, a audiência pode vivenciar esses sentidos e ajudar a potencializar, mas o esporte sempre é esporte.

No entorno da imagem das atletas, fotografias e textos destacam formas e momentos de aproximação dos torcedores com atletas e as modalidades paralímpicas. A interação do público experimentando as modalidades na forma de “brincadeira”, pouco contribui para o conhecimento do jogo em toda a sua complexidade de sentidos.

Já quando há a fala de um atleta, o que fica em destaque é a necessidade de levar o esporte adaptado a uma popularização como forma de valorização. Também de utilizar a visibilidade de eventos como as Paralimpíadas para melhorar o conhecimento do público em relação ao valor esportivo implicado no paradesporto. Quando o público já conhece uma modalidade e os atletas que a praticam, a imprensa não precisa dedicar seu trabalho a explicar a modalidade e nem os motivos das deficiências dos atletas. O foco pode mudar para o desempenho e os resultados obtidos.



Figura 76. Jornal *O Estado de S. Paulo* - Página D1, edição de 19 de setembro de 2016.

Edneusa Dorta é a atleta que aparece no circuito de prova da maratona levando a bandeira do Brasil ao lado de seu guia Tito Sena. A maratonista levou o bronze, última medalha brasileira nos Jogos do Rio. A fotografia destaca, através de foco e enquadramento, as figuras de Edneusa e seu guia Tito. O gesto é de comemoração e a expressão de cansaço. Fundo e o entorno estão fora de foco, ainda que bem iluminados.

A foto também se enquadra no padrão defendido pelo *Guia* do CPB, já que se trata da ação no ambiente do esporte. A conquista de Edneusa fica registrada somente na imagem, sem receber nenhuma menção no texto que acompanha. Nesse sentido, a foto é ilustrativa, sem que outra informação seja acrescentada por dados textuais. A notícia faz um balanço no encerramento dos jogos com números comparativos de medalhas conquistadas. “País cresce em medalhas, mas cai em relação a 2012” é o título que, de alguma forma, coloca também a

conquista de Edneusa em menor grau de importância. O texto explica a relevância para a conquista de medalhas de ouro. No quadro geral, o bronze não atinge o objetivo desejado.

Por fim, sobre as nossas análises do caso do jornal *O Estado de S.Paulo*, se confirma a impressão de que há uma sub-representação das mulheres no esporte. Mulheres não estão em menor número apenas na porcentagem de participação nos jogos, mas também nas narrativas que retratam as competições, nesse primeiro veículo analisado.

Em alguns casos, imagem e texto são contraditórios. Enquanto as imagens conotam ação, alegria, comemoração ou ação, os textos falam em dificuldades por condições físicas ou familiares. Os textos provocam a imagem de fragilização das mulheres atletas, ainda que as imagens falem de êxito ou ação no esporte. Assim, reforçam estereótipos de gênero no sentido de invisibilidade da mulher enquanto atleta.

Mulheres ainda são retratadas com ênfase no seu papel familiar ou em imagens de vitimização. O esporte, nesses casos, é o pano de fundo ou o argumento inicial para se falar dessas mulheres. Em textos escritos por homens ou mulheres se repetem as mesmas formas de se referir aos feitos das atletas femininas.

CONCLUSÕES

O quadro de referência implicado no contrato de comunicação entre imprensa e audiência ainda se encontra envolto em limitações de comunicação quando se trata da pessoa com deficiência e seus feitos no espaço social partilhado. No nosso caso, o esporte paralímpico. Formas estereotipadas, desconhecimento dos potenciais e das capacidades dos corpos, julgamento da condição da pessoa com deficiência em relação a formas de participação social. O esporte paralímpico é um campo onde se trava uma luta por visibilidade e inclusão das pessoas com algum tipo de deficiência. O desconhecimento das modalidades do esporte adaptado e o uso frequente do discurso da inclusão de modo estereotipado limitam as partilhas de sentido. Nesse sentido, durante o desenvolvimento desta pesquisa, algumas hipóteses foram se consolidando.

Várias questões puderam ser levantadas a partir da análise dos jornais que compõem nosso *corpus*. Entre elas, a sub-representação feminina, a vitimização, a associação da imagem da mulher ao cuidado e à família, as diferenças de abordagens entre as conquistas femininas e os feitos masculinos. Um exemplo que gostaríamos de destacar é a recorrência do uso da imagem da atleta Marieke Vervoort nos jornais *O Globo* e *Estadão* como forma de abordar um tema polêmico como a eutanásia. Há um processo de vitimização e fragilização da mulher atleta com deficiência com bastante destaque para essa abordagem. A histórica de Marieke serve de pretexto para o uso de questões polêmicas como forma de envolver a audiência.

O fotógrafo como enunciador de uma mensagem visual se esforça muitas vezes para dissimular uma isenção ou uma neutralidade do seu *ethos*. A abordagem interdiscursiva faz emergir filiações ideológicas, discursos cristalizados, determinados posicionamentos. Nas palavras de Vilém Flusser (apud Carlos, 2016, p. 29), “a aparente objetividade das imagens técnicas é ilusória, pois na realidade são tão simbólicas quanto o são todas as imagens”.

A questão da sub-representação não é somente latente, ela aparece externalizada nos discursos e nas suas materialidades. Em grande parte dos enunciados onde aparecem fotografias das paratletas, ocorre um processo de valorização dos feitos masculinos na forma de organização da fala dos enunciados. As mulheres “aparecem” com menor frequência e em muitas das cenas onde estão inseridas, suas imagens parecem inferiorizadas em relação às imagens que retratam os homens do paradesporto. A questão da mulher na busca por direitos

sociais e políticos perpassa todos os momentos em que os discursos se referem à sua atuação de forma subvalorizada.

Questões históricas são resgatadas quando se fala das mulheres feridas de guerra, ponto que remete à própria fundação do esporte paralímpico. A história faz parte das relações com o esporte e atua revelando conflitos, resgatando tensões de ordem política. Na realidade, as encenações sobre o esporte sofrem influência dos cenários e de discursos externos. A realidade sócio-histórica adentra o ambiente do esporte e é reencenada através das relações entre esporte e sociedade. A exemplo das formas de preconceito de raça, de gênero ou mesmo a xenofobia. Nas relações com o paradesporto também tendem a aparecer as diferentes formas de capacitismo, perceptíveis através de formas de tratamento da pessoa com deficiência.

O esporte evolui com os feitos humanos, emprega as tecnologias disponibilizadas pela ciência e diferentes formas de conhecimento. A exemplo disso, a relação com o corpo ciborgue. O esporte adaptado é também vitrine para tornar visíveis as possibilidades do humano através do uso das ferramentas tecnológicas que promovem diferentes formas de interação do corpo com a máquina. Como na matéria do *Estadão* de 17/09/2016 que trouxe um texto que esmiúça a tecnologia das próteses do atleta do salto Markus Rehm. A matéria dá detalhes sobre a performance alcançada com as próteses. “Um salto na história paralímpica” é o título do texto que traz gráficos, imagens, tabelas que ressaltam os resultados obtidos com o uso de processos tecnológicos. Uma forma de relacionar a história da tecnologia, o potencial humano e o esporte. De forma menos detalhada, sem dados tão precisos, outro exemplo que encontramos foi o caso da ciclista Denise Schindler que tem uma prótese obtida por tecnologia de impressão 3D. Os recursos tecnológicos tornam possível algo impensável. A possibilidade de uma atleta com amputação participar em um esporte que só se torna possível pelo uso da prótese. Esse se constitui em um viés que expressa certo fetiche com a tecnologia. No sentido contrário, outros muitos exemplos de fragilidade do humano, quase sempre revelado na figura de uma atleta feminina.

Ainda que as imagens tragam em suas tramas uma imagem positiva das atletas, o texto é constantemente usado no sentido de tentar direcionar processos de vitimização. Há exemplos onde, sobre a imagem da mulher com diferentes impedimentos, se sobrepõe imagens de ação e vitória dos homens. Algum grau de conscientização se faz necessário para que se possa reavaliar as formas de construir opiniões sobre as mulheres do paradesporto. Cabe sempre reafirmar que o que é dito no espaço do esporte reverbera nos diferentes contextos sociais.

A questão da maternidade, por exemplo, quando proposta por Marcello (2004) na forma de um dispositivo nos modos de Foucault, discute que esse esforço discursivo para trazer à luz a ideia de maternidade se realiza por um constante movimento de algo ainda não encerrado por um modelo. A maternidade é algo que sempre retorna nos discursos sobre a mulher. Ideia que aparece associada a uma noção do que é ser mulher, como um requisito a ser cumprido e que atua em maior ou menor grau, dependendo da forma que esse dispositivo atua. Aqui neste trabalho, encontramos a figura da mãe que tem na maternidade a força que a impulsiona a buscar manter a si e a sua família através do esporte. Vemos também a mãe vitimizada pelo abandono, a mãe que teve a vida modificada pela maternidade através da mudança em seu corpo por causa da gestação. Nesse caso, a deficiência acionada pelo momento da maternidade. Como um marco na história da mulher, um antes e um depois.

As imagens fazem parte de um mundo não só apressado, mas movido por performances e rendimento. A lógica mercadológica comporta bem os padrões e rejeita a diversidade. Em um mundo de imagens, as formas de expressão corporal terminam por sedimentar modelos de comportamento e padrões estéticos. Ao mesmo tempo que negam a diversidade e limitam os espaços a serem ocupados por corpos diversos. A experiência social privilegiou ao longo do tempo narrativas de vitimização e limitação que ainda ecoam em atitudes capacitista em relação às pessoas com algum tipo ou grau de deficiência.

A questão da linguagem deve estar no centro dos debates. As mudanças começam pelas práticas discursivas e ver um jornal ou mesmo o *Guia* do CPB utilizarem o termo “pessoa deficiente” dá a dimensão do tamanho do desafio a ser enfrentado. Nós adotamos neste trabalho a ideia de que não existem pessoas deficientes, mas pessoas com algum tipo de deficiência. O corpo não é a deficiência o corpo comporta performances diferentes. Esse foi o posicionamento admitido desde o início desta pesquisa.

Com o presente trabalho, pretendemos propor um diálogo que comporte os dilemas que a imprensa enfrenta no contato com as práticas do esporte adaptado. Uma proposta para o diálogo entre linguagem, ideologia, corpo e iconicidade. Os fluxos de imagens através de um número ilimitado de canais que estão à nossa disposição fazem surgir noções de mundo. Os discursos imagéticos se apresentam em grande parte por uma memória visual que alimenta o nosso imaginário.

Nos questionamos como então propor rupturas nesses tecidos tão bem entrelaçados? Como reorganizar essas tramas onde se perpetuam esses sentidos que reforçam as formas de

controle sobre a mulher e seu corpo? Se é nas formas de dispersão que se fabricam as superfícies daquilo que é dito, é necessário atentar para as formas de organizar as falas. No caso das fotografias, assumir que as construções imagéticas são formas complexas que organizam saberes e visões de mundo, ainda que seu uso seja comumente direcionado por uma intenção imediatista, que faz uso das imagens muitas vezes de forma negligente.

A questão da discriminação da pessoa com deficiência está ainda por emergir. Os movimentos que mobilizam opiniões a respeito da diversidade de gênero, de raça ou mesmo das diferenças de classes sociais conquistaram um espaço dentro de um processo histórico que renova e realimenta essas lutas. Já os esforços para dar visibilidade e voz aos indivíduos com deficiência vem sendo negligenciados nos espaços de debate público. O esforço da pessoa com deficiência não é só pela inclusão nos espaços adaptados, mas é um movimento que busca romper com a ideia de corponormatividade. Poder ir e vir é essencial, só que não é suficiente para a participação nos diversos espaços sociais. Normalizar os corpos em sua diversidade é também incluir a pessoa com deficiência.

Os discursos midiáticos são capazes de mover barreiras impostas aos atletas do esporte adaptado, podendo influenciar opiniões e rompendo o senso comum responsável pela manutenção de estereótipos e formas discriminatórias. Nesse sentido, eventos como os Jogos Paralímpicos podem contribuir de forma significativa para a percepção dos corpos com deficiência. Podem ajudar a entender as possibilidades de desenvolvimento do potencial humano e dar visibilidade para as lutas por inclusão no sentido não apenas de uso do significado pela língua, mas esse sentido incorporado como um ponto fundamental para a experiência humana.

Ao mesmo tempo em que se deve reconhecer que os tipos de opressão se interseccionam em desdobramentos que envolvem raça, classe e deficiência, há questões de gênero para as quais o esporte parece impor barreiras mais difíceis de serem ultrapassadas. O campo esportivo ainda é um território limitado para o reconhecimento das diversidades de gênero e das sexualidades. O posicionamento em relação a uma visão binária para a classificação dos indivíduos impõe barreiras para a discussão sobre corpos diversos. A questão sobre o sexo biológico limita as formas de classificação em: predominantemente femininas ou masculinas. Este é um terreno ainda mais sensível quando se trata de adotar novas posturas dentro das categorias esportivas.

Sobre as competições paralímpicas, há ainda uma disparidade entre a expectativa dos agentes atuantes no campo do paradesporto e a real ocupação dos espaços midiáticos. Considerando que eventos de mídia são feitos para serem vistos, há muito ainda por ser feito. Ainda que tenhamos empreendido um esforço por não comparar a visibilidade do esporte paralímpico com o movimento olímpico, as diferenças ainda são bastante relevantes. O Brasil tem em torno de 46 milhões de habitantes que declaram ter algum tipo de deficiência, parcela significativa para não estar representada nos espaços midiáticos ou de decisão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDA, Manuel T.; CASTILLO, Estefanía; GIMÉNEZ, Francisco Javier; MORENO, Emilia. (Orgs.) Análisis de la participación española en los Juegos Olímpicos y Paralímpicos desde una perspectiva de género y discapacidad. In: **Libro de Actas del I Congreso Nacional “Mujer y Deporte Paralímpico”**. Ediciones Bonanza, Universidad de Huelva, 2019.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.

ALMEIDA, Rogério de. **O mundo, os homens e suas obras: filosofia trágica e pedagogia da escolha**. 2015. Tese (Livre docência) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

ANDÚJAR, Clara Sainz de Baranda. **Mujeres y deporte en los medios de comunicación. Estudio de la prensa deportiva española (1979-2010)**. (Tese Doutorado). Universidad Camilo José Cela, 2013.

AZEVEDO, Marco Antonio. **Feminismo, compaixão e justiça**. In.: Civilização: a sociedade e seus valores. Fronteiras do pensamento. São Paulo, 2017. p. 14-24

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 9 edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

BARTHES, Roland. **O que é o esporte**. Revista Serrote, n. 3. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2009.

BARRETO, Michelle Aline. **Esporte Paralímpico brasileiro: vozes, histórias e memórias de atletas medalhistas (1976 a 1992)**. (Tese) Unicamp. Campinas, SP: 2016.

BARROS, Thiago Henrique Bragato. **Por uma metodologia do discurso: noções e métodos para uma análise discursiva**. In: Uma trajetória da Arquivística a partir da Análise do Discurso: inflexões histórico-conceituais [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 73-95. I

BELTING, Hans. **Imagem, mídia e corpo: uma nova abordagem à Iconologia**. Revista Ghrebh, n. 8, jul. 2006

BERNARDES, Liliane Cristina Gonçalves. (Org.) **Avanços das Políticas Públicas para as Pessoas com Deficiência: uma análise a partir das Conferências Nacionais**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/pessoa-com-deficiencia/avancos-das-politicas-publicas-para-as-pessoas-com-deficiencia>. Acesso em: 29/9/2020.

BRAGA, Amanda. **Por onde nos leva a ordem do olhar? Semiologia e intericonicidade no discurso publicitário**. Revista Redisco v. 5, n. 1. Vitória da Conquista, 2014. p. 16-26.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Angela, JANOTTI JUNIOR, Jeder, JACKS, Nilda (Orgs.) **Mediação & midiatização**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 29-52.

BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Trad. Lieber, Andreas. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

CAFEO, Marta Regina Garcia. **Guerreiras ou Meninas: Análise das Representações das atletas Olímpicas na cobertura da Rio-2016 realizada pelo Jornal O Globo Rio**. Marta Tese apresentada ao Programa de pós-graduação em Comunicação da Faac - Unesp. Bauru, 2019.

CAILLOIS, Roger. **Os Jogos e os Homens**. Lisboa: Portugal, 1990.

CAMARGO, Isaac Antonio. **Um Recorte Semiótico na Produção de Sentido: imagem em mídia impressa**. Revista Domínios da imagem. Ano I, n. 1, Nov/2007. Londrina: UEL, 2007. p. 111-118

CARLOS, Neide Maria; MARQUES, José Carlos. Um olhar sobre a representação midiática das musas dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 no portal Lance!. In **40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM 2017**. Curitiba: Intercom, 2017. Disponível em <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0706-1.pdf>; acessado em 14/06/2020.

CASADEI, Eliza Bachega. Apontamentos metodológicos para análise de conteúdo em fotografias jornalísticas. In: CATALÀ DOMÈNECH, Josep M. **A forma do real**. São Paulo: Summus, 2011.

CASADEI, Eliza Bachega. **Podem as imagens estáticas contar histórias? Sintoma e temporalidade nas teorias da narrativa no fotojornalismo**. Brazilian Journalism Research, v. 11, n. 1. 2015. Brasília: UnB, 2015. p. 28-43.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio: Paz e Terra, 1982.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso In: PAULIUKONIS, Maria. Ap. Lino. e GAVAZZI, Sigrid. (Orgs.) **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-27.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, Hugo. **Análise do Discurso: Fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso FALE/UFMG, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick. O discurso político. In: EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, Willian (Orgs.). **Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso/ UFMG, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização. In: STAFUZZA, Grenissa e PAULA, Luciane. (Orgs.) **Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil**. Uberlândia:

EDUFU, 2010. p. 259-284. Disponível em: URL: <https://www.patrick-charaudeau.com/Um-modelo-socio-comunicacional-do.html>. Acesso em 30/6/2020.

CHELUCHINHAK, Aline B., CAVICHIOLLI, Fernando R. **A busca da excitação: a natureza e o comportamento humanos quanto ao consumo do esporte e do lazer.** In: Simposio Internacional Proceso Civilizador, Ano 2008, n. 11. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2008. p. 95-104.

Código de ética dos jornalistas. Associação de Repórteres Fotográficos e Cinematográficos no Estado de São Paulo, disponível em https://www.arfocsp.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=486&Itemid=421. Acesso em: 29 jun. 2019.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. Análise do Discurso e espetacularização em eventos de mídia: a Olimpíada de Berlim. In.: **Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade.** EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William. (Orgs.). Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

COSTA, Ana Alice Alcantara. **O Movimento Feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política.** Revista Gênero, v. 5, n. 2. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2005.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault.** Trad. Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos.** São Carlos: EdUFSCar, 2014.

COURTINE, Jean-Jacques. **Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso.** Trad. Flávia Clemente de Souza e Márcio Lázaro Almeida da Silva. Revista Policromias. Junho, 2016. Ano 1

CYFER, Ingrid. **Afinal, o que é uma mulher? Simone de Beauvoir e a questão do sujeito na teoria crítica feminista.** São Paulo: Lua Nova, 2015. p. 41-77.

CRENSHAW, Kimberlé. **Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas.** Trad. Carol Correia. In: Fineman, Martha Albertson & Mykitiuk, Roxanne (orgs.). The public nature of private violence. Nova York, Routledge, 1994. p. 93-118. Disponível em: [“Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas” de Kimberle Crenshaw — Parte 1/4 | by Carol Correia | Revista Subjetiva | Medium](https://medium.com/@carolcorreia/mapeando-as-margens-interseccionalidade-politicas-de-identidade-e-violencia-contra-mulheres-nao-brancas-de-kimberle-crenshaw-parte-1-4-by-carol-correia-revista-subjetiva-medium-1234567890) Acesso em: 10 ago. 2021.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha.** São Paulo: Editora 34, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tocam o real.** PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. 30 nov. 2012. Belo Horizonte: UFMG, 2012. p. 206-219

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da imagem.** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2013.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. **Betty Friedan: morre a feminista que estremeceu a América.** Revista Estudos Feministas, vol. 14, n. 1. janeiro-abril/2006. Florianópolis, 2006. p. 287-293.

DIJK, Teun A. Van. **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva.** Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2017.

DINIZ, Debora; Barbosa, Livia; Santos, Wederson Rufino. **Deficiência, direitos humanos e justiça.** Revista Internacional de Direitos Humanos - SUR. v. 6, n. 11, dez. 2009. São Paulo: p. 65-77

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** 2.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios.** Campinas, SP: Papirus, 1993.

ECO, Umberto. **Obra aberta.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

ECO, Umberto. A falação esportiva. In: _____. **Viagem na irrealidade cotidiana.** 9.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p.220- 226.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação.** Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.

EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William. (Orgs.). **Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade.** Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

ESPARZA, Hortensia Manuela Moreno. **Orden discursivo y tecnologías de género en el boxeo.** México DC: Instituto Nacional de las Mujeres, 2011.

FRASER, Nancy. Pragmatismo, feminismo e a virada linguística. In: BENHABIB, Seyla; BUTLER, Judith; CORNELL, Drucilla; FRASER, Nancy. **Debates Feministas: um intercâmbio filosófico.** Tradução: Veríssimo, Fernanda. São Paulo: Editora Unesp, 2018. p. 233-254

FRIEDAN, Betty. **A mística feminina.** 3ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade.** In: Cadernos de Formação RBCE, mar. 2010. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010. p. 71-83

GOELLNER, Silvana Vilodre. **História das mulheres no esporte: o gênero como categoria analítica.** (Comunicação Oral) Apresentado no XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte 2007. GT Memórias da Educação Física e Esporte. Recife: CBCE, 2007. Disponível em <http://www.cbce.org.br/docs/cd/resumos/226.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2020.

GOMES, Mayra Rodrigues. **As materialidades e seus discursos.** Revista Comunicação, Mídia, Consumo. v. 16, n. 46, maio-agosto/2019. São Paulo, 2019. p. 271-290.

GREGOLIN, M. R. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades.** Revista comunicação, mídia e consumo. v. 4, n. 11, nov/2007. São Paulo, 2007. p. 11-25.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores**. 3ª ed. rev. São Paulo: Annablume, 2004.

GUIMARÃES, Luciano. **O repertório dinâmico das cores na mídia: produção de sentido no jornalismo visual**. In: Revista Compós. Apresentado no Grupo de Trabalho Produção de sentido nas mídias, do XV Encontro da Compós. São Paulo: Unesp, 2006.

GUIMARÃES, Pedro Maciel. **No rosto, lê-se o homem: a fisionomia no cinema**. Revista Significação. v. 43, n. 46. São Paulo: USP, 2016. p. 85 - 105

GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999.

GUTIERREZ, Gustavo Luis; ALMEIDA, Antonio Bettine de; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; MENEZES, Rafael Pombo. **Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. Out-Dez/2013, São Paulo: USP, 2013 p. 583-596.

HAIBARA, Alice & SANTOS, Valéria Oliveira. 2016. **As técnicas do corpo**. In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/obra/técnicas-do-corpo>. Acesso em: 22 ago 2020.

HALFELD, Paula Crespo. **Uma análise semiolinguística dos diferentes contratos de comunicação no gênero Blog**. Revista Ecos de Linguagem. Jan-jun/2013, n. 02, Rio de Janeiro: LABSEM/UERJ, 2013. p. 56-80,

HARAWAY, Donna. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Organização e tradução Tomaz Tadeu – 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HASHIGUTI, Simone Tiemi. Gêneros híbridos e(m) discurso In.: **O corpo e a imagem no discurso: gêneros híbridos**. Org. Simone Tiemi Hashiguti. Uberlândia: EDUFU, 2019.

Hilgemberg, Tatiane. Jogos Paralímpicos: história, mídia e estudos críticos da deficiência. Revista Recorde, v. 12, n. 1, jan./jun. 2019. Rio de Janeiro, 2019. p. 1-19.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HUINZIGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.

KNUDSEN, Patrícia Porchat Pereira da Silva. **Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler Judith Butler Judith Butler**. Estudos Feministas, v. 18, n. 1, janeiro-abril/2010. Florianópolis, 2010. p. 161-170.

KOGAWA, João. **Qual via para a análise do discurso? - Uma entrevista com Jean-Jacques Courtine**. V. 59, n. 2 Alfa, São Paulo, 2015. p. 407-417.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

KUNZRU, Hari. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Organização e tradução Tomaz Tadeu – 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, Vozes, 2007.

LE BRETON, D. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Tradução: Luís Alberto Salton Peretti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução: Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Título original: Sociologie et anthropologie Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 11-45.

Libro Blanco del deporte de personas con discapacidad en España. Madrid: Grupo Editorial Cinca, 2018.

LÓPEZ DíEZ, Pilar. **Deporte, mujeres y medios de Comunicación. Sugerencias y recomendaciones**. Madrid: Consejo Superior de Deportes, 2011. Disponível em: <https://pilarlopezdiez.eu/documents/CSD.LibroDeporteymujeres.pdf> Acesso em: 22 set 2020.

MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular: introdução à fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. Freda Indursky. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Unicamp, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Os enunciados aderentes**. Trad. Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. PUC São Paulo. Delta: São Paulo, 2020. P. 1-22.

MALUF, Sônia Weidner, MELO, Hildete Pereira, PISCITELLI, Adriana, PUGA, Lucia (Orgs.) **Olhares Feministas**. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2007.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. **O conceito de dispositivo em Foucault: mídia e produção agonística de sujeitos-maternos**. Revista Educação e realidade. v. 29, n. 1, jan/jun 2004. p. 199-213.

MARCONDES FILHO, C. **Ser jornalista: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões**. São Paulo: Paulus, 2009.

MARQUES, José Carlos. **O que é o esporte? As contribuições seminais de Johan Huizinga e Roger Caillois ressignificadas por Roland Barthes.** Colóquio Internacional Roland Barthes. São Paulo, 2015.

MARTÍNEZ-OÑA, M. Mar; MUÑOZ-MUÑOZ, Ana M. Iconografia estereotipos y manipulación fotográfica de la belleza femenina. In: **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**. V. 21, n. 1, enero-junio/2015. Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense, 2015. p. 369-384.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia.** São Paulo: Contexto, 2008.

MASELLA, Paulo. **Do corpo como sintoma.** Revista Logos 25: corpo e contemporaneidade, Ano 13, 2º sem/2006. Rio de Janeiro: UERJ, 2006. p. 121-127.

MATOS, Maria Izilda Santos, SOIHET, Rachel (Orgs.) **O corpo feminino em debate.** São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia.** Título original: Sociologie et anthropologie. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MCEVILLEY, Thomas (1983) **Marina Abramović/Ulay.** New York: ARTFORUM, XXII/1 (setembro 1983); p. 52-55.

MELLO, Anahi Guedes. **Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 21, n.10. Rio de Janeiro, 2016. p. 3265-3276.

MEYER, Dagmar Estermann. **Gênero e Educação: teoria e política.** In: Louro G, Neckel JF, Goellner SV, organizadoras. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação.** Petrópolis (RJ): Vozes; 2003. p.9-27

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais; investigações em psicologia social.** Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

MUÑOZ-MUÑOZ, Ana M.; SALIDO-FERNANDEZ, Juana. **Tratamiento informativo de las esposas y novias (WAGS) de los deportistas en la prensa digital deportiva española.** Universidad de Granada, 2018. V. 27, n. 2. p. 331-340. Disponível em <https://doi.org/10.3145/epi.2018.mar.11>; acessado em 14/06/2020.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. **Considerações sobre o modelo de Análise do Discurso de Patrick Charaudeau.** Revista Ensaio, v. 6, n. 1, jan-jun/2004. Belo Horizonte, 2004. p. 66-71.

ONU Mulheres. **Diretrizes nacionais feminicídio: Investigar, processar e julgar Com perspectiva de gênero as mortes violentas de mulheres,** Curadoria Enap, Brasília, 2016. Disponível em https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/diretrizes_feminicidio.pdf consultado em 02/06/2021.

PAIVA, Raquel. **Comunicação e cultura das minorias.** In: PAIVA, Raquel, BARBALHO, Alexandre. São Paulo: Paulus, 2005.

PAPPOUS, Athanasios e SOUZA, Doralice Lange. **Guia para a mídia: Como cobrir os Jogos Paralímpicos Rio 2016**. Universidade de Kent/ Universidade Federal do Paraná: 2016. Disponível em <https://static.kent.ac.uk/media/news/2016/05/GUIA-paralimpicos.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2013.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda Santos, SOIHET, Rachel (Orgs.) **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

POMPEU, Gina Marcilio; XIMENES, Ana Araújo. **A racionalidade da teoria da justiça de Martha Nussbaum e os direitos humanos**. II Seminário Internacional Franco-Luso-Brasileiro a Teoria de Martha Nussbaum: entre o Crescimento Económico e o Desenvolvimento Humano, Janeiro 2017. Ano 4 (2018), nº 5. p. 85-118

PRINS, Baukje, MEIJER, Irebene Costera. **Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler**. Revista Estudos Feministas. v. 10, n. 1. Florianópolis, 2002. p. 155-167.

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

RODRIGUES, Michelle Gonçalves. **Resenha: LE BRETON, David, 2009. As Paixões Ordinárias: Antropologia das Emoções**. Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Ano 6, ed. 14, jan.-abr./2012. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 230-233.

SANTAELLA, Lucia. **O corpo como sintoma da cultura**. Revista Comunicação, Mídia e Consumo, v. 1, n. 2. São Paulo: ESPM, 2004. p. 139-157. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/17>. Acesso em: 27 jun. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A construção multicultural da igualdade e da diferença**. In: Anais do VI Congresso Brasileiro de Sociologia; 1995; Rio de Janeiro, 1995.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Revista Educação e Realidade, v. 2, n. 20, jul-dez/1995. Porto Alegre: UFRG, 1995. p. 71-99.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SOARES, Thiago Barbosa. **Uma noção com dois fundadores: Formação Discursiva**. Revista Capim Dourado - Diálogos em extensão, v. 1, n. 2, maio-agosto/2018. Palmas, 2018. P. 45-64.

SODRÉ, Muniz. **As Estratégias Sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.

SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel, BARBALHO, Alexandre. (Orgs.) **Comunicação e cultura das minorias**. Comunicação e cultura das minorias São Paulo: Paulus, 2005.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto, 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2019.

Sturza, Janaína Machado; Zeifert, Anna Paula Bagetti Zeifert. **As políticas públicas e a promoção da dignidade: uma abordagem norteadas pelas capacidades (capabilities approach) propostas por Martha Nussbaum.** Revista Brasileira de Políticas Públicas. Vol. 9. n. 1, Abril/2019. p. 115-127.

TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano.** 2. ed. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009

TEJERO, Javier Pérez; CALVO, Carmem Ocete. **Personas con discapacidad y práctica deportiva en España.** In: Libro Blanco del deporte de personas con discapacidad em España. Madrid: Grupo Editorial Cinca, 2018. p. 55-78.

TORRIJOS, José Luis Rojas. **La construcción de las noticias deportivas desde una mirada androcéntrica: de la invisibilidad a los estereotipos de la mujer deportista.** Revista de Comunicación Vivat Academia. Ano 13, v. 113. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2010. p.122-136.

VILLAÇA, Nizia Maria Souza. **Configurações corporais.** Revista Interfaces. v. 2, n. 19, julho–dezembro 2013. Guarapuava, PR: Unicentro, 2013.

WULF, Christoph. **Homo Pictor: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado.** São Paulo: Hedra, 2013.